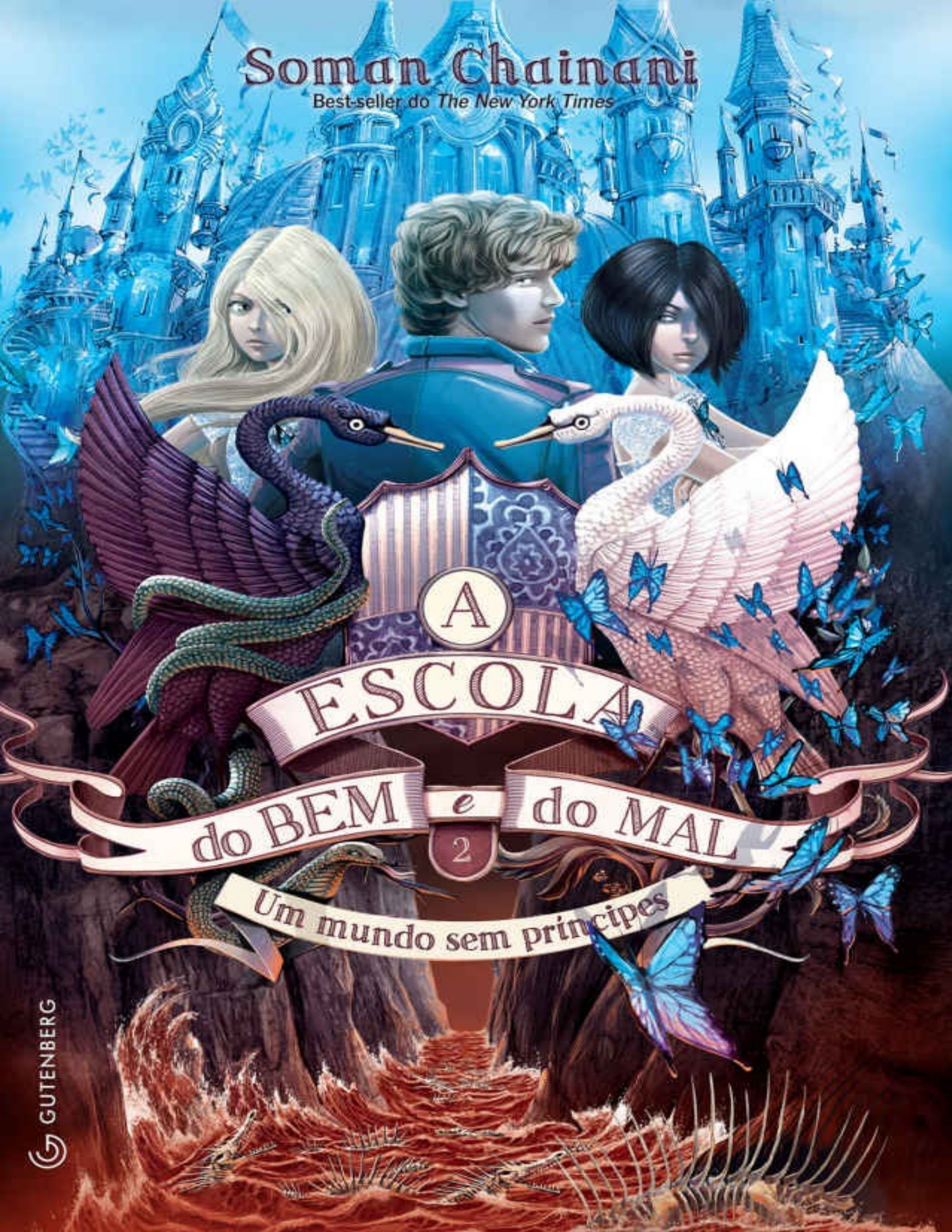
Soman Chainani

Best-seller do *The New York Times*



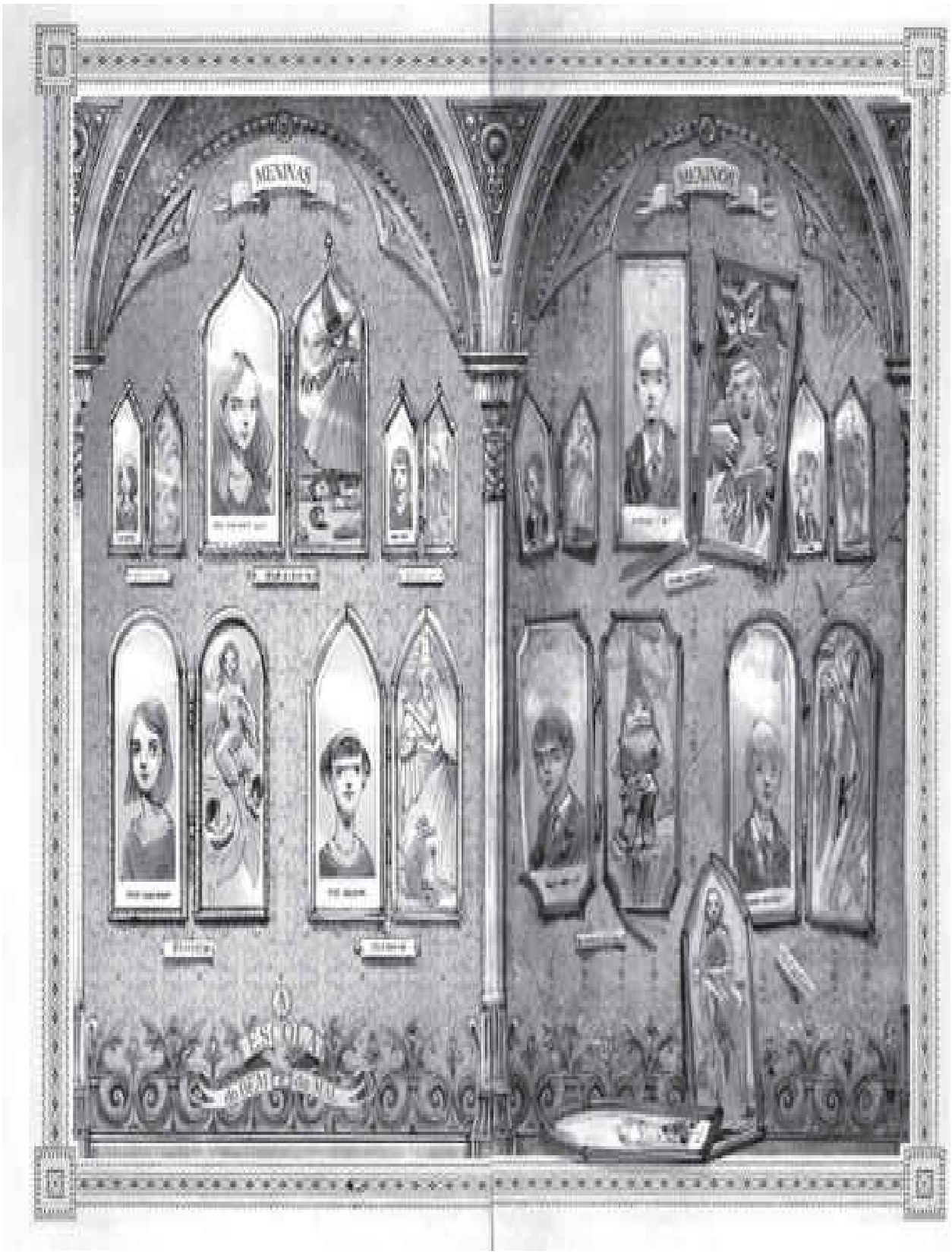
GUTENBERG

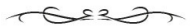
Soman Chainani



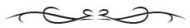
ILUSTRAÇÃO: IACOPO BRUNO

Tradução: Alice Klesck


MENINAS



Para Maria Gonzalez



Na Floresta Primitiva
Há duas torres erguidas
Na Escola do Bem e do Mal,
A Pureza e a Malícia.
Quem nelas ingressar
Não tem como escapar
Se um Conto de Fadas
Não vivenciar.

PRIMEIRA PARTE



1
Sophie faz um pedido

Sempre fica aquela sensação de mal-estar depois que sua melhor amiga tenta matar você.

Enquanto Agatha olhava para as estátuas douradas dela e de Sophie, que se elevavam na praça ensolarada, ela engoliu aquele sentimento.

“Não sei por que tem que ser um musical”, disse, espirrando por causa das flores em seu vestido rosa.

“Nada de suar nas suas fantasias!”, Sophie vociferou para um garoto que lutava com uma cabeça de cachorro bravo feita de gesso, enquanto uma garota amarrada a ele também cambaleava com sua cabeça de cão. Sophie flagrou dois garotos com roupas com carimbos em que se podia ler CHADDICK e RAVAN tentando permutar seus trajes. “Também *não é permitido* trocar de escola!”

“Mas eu quero ser do Bem!”, queixou-se Ravan, puxando sua túnica preta maltrapilha.

“Minha peruca dá coceira!”, resmungou Beatrix, cutucando seu aplique loiro.

“Minha mãe não vai me reconhecer assim...”, resmungou um garoto com uma máscara prateada reluzente com o rosto do Diretor da Escola.



“E NADA DE FICAR EMBURRADOS POR CAUSA DE SEUS PAPÉIS!”, Sophie rugiu, carimbando *DOT* na filha do ferreiro antes de colocar dois pirulitos de chocolate em suas mãos.

“Você precisa ganhar dez quilos até a semana que vem.”

“Você disse que seria algo pequeno”, disse Agatha, observando o garoto que balançava em uma escada enquanto pintava dois olhos verdes familiares na gigantesca marquise do teatro. “E de bom gosto, para o aniversário.”

“Será que *todos* os garotos desta cidade são tenores?”, chiou Sophie, inspecionando os meninos com aqueles mesmos olhos. “Certamente, a voz de *alguém* mudou, não? Certamente, *alguém* pode interpretar Tedros, o príncipe mais belo e encantador do...”

Ela se virou e viu o ruivo dentuço Radley de calças curtas apertadas, estufando o peito. Sophie sentiu repulsa e o carimbou com *HORT*.

“Isso não parece pequeno”, disse Agatha falando alto, ao ver duas meninas tirarem a lona da cabine da bilheteria, que tinha vinte rostos de Sophie estampados em tinta fluorescente neon. “E isso *não é* de bom gost...”

“LUZES!”, Sophie gritou para os dois garotos que estavam pendurados em cordas.

Agatha se virou diante da súbita luz cegante. Por entre seus dedos, ela olhou para cima, observando, atrás delas, a cortina de veludo incrustada com mil lâmpadas que anunciavam:

MALDIÇÃO! – O Musical

Estrelado, escrito, dirigido e produzido por Sophie

“Isso está sem graça demais para o final?”, perguntou Sophie, voltando-se para Agatha, que usava um vestido de baile azul-escuro, com delicadas folhas douradas, um pingente de rubi no pescoço e uma tiara de orquídeas azuis. “Ah, lembrei agora: você sabe cantar em harmonia de voz?”

Agatha inchou feito um carrapato. “Você perdeu a cabeça! Disse que seria uma homenagem às crianças raptadas, não algo burlesco! Não sei atuar, não sei cantar... e aqui estamos nós, fazendo um ensaio com figurino, para um show de futilidades, que nem sequer tem um roteiro apropri... O que é ISSO?” – apontou para uma faixa de cristais vermelhos atravessada sobre o vestido de Sophie:

Rainha do Baile

Sophie a encarava. “Você não espera que eu conte como nossa história aconteceu exatamente, espera?”

Agatha fez uma cara feia.

“Ah, Agatha, se nós próprias não fizermos, quem fará?”, Sophie gemeu, olhando para o gigantesco anfiteatro. “Nós somos as Destruidoras da Maldição de Gavaldon! As Assassinas do Diretor da Escola! Somos um mito, uma lenda! No aniversário de nosso sequestro desta cidade horrível, eles devem nos adorar! Deveriam estar nos homenageando! Deveriam estar curvados diante de nós, em vez de perambular com viúvas gordas e malvestidas!”

A voz dela retumbou pelas cadeiras de madeira vazias. Ao se virar, viu que a amiga a observava.

“Os Anciãos deram permissão a ele, não deram?”, disse Agatha.

O rosto de Sophie ficou sombrio. Ela se virou rapidamente e começou a distribuir as partituras e os roteiros para o elenco.

“Quando é?”, perguntou Agatha.

Sophie não respondeu.

“Sophie, quando é?”

“No dia depois do espetáculo”, disse ela, arrumando as guirlandas em um gigantesco pedestal de altar. “Mas isso talvez mude, quando eles virem o bis.”

“Por quê? O que há no bis?”

“Estou tranquila quanto a isso, Agatha.”

“Sophie, o que há no bis?”

“Ele já é um homem feito. Livre para tomar suas próprias decisões.”

“E esse espetáculo não tem nada a ver com tentar impedir o casamento do seu pai.”

Sophie se voltou para ela: “Por que você acharia isso?”.

Agatha olhou para a velha de véu, gorda e sem-teto, agachada sob o altar, com um carimbo de *HONORA*.

Sophie mostrou a música a Agatha. “Se eu fosse você, começaria a aprender a cantar.”

Quando elas voltaram da Floresta, nove meses antes, o tumulto havia sido assustador. Durante duzentos anos, o Diretor da Escola havia sequestrado as crianças de Gavaldon, levando-as para a Escola do Bem e do Mal. Mas, depois de tantas crianças perdidas para sempre e de muitas famílias arrasadas, as duas meninas tinham encontrado o caminho de volta. As pessoas queriam beijá-las, tocá-las, construir estátuas para elas, como se fossem deusas caídas na Terra. Para atender à demanda, o Conselho dos Anciãos sugeriu que elas realizassem sessões de autógrafos na igreja, após as missas de domingo. As perguntas nunca mudavam: *Eles as torturaram? Vocês têm certeza de que a maldição foi quebrada? Vocês viram meu filho?*

Sophie se ofereceu para enfrentar tudo sozinha, mas, para sua surpresa, Agatha sempre estava presente. De fato, naqueles primeiros meses, Agatha deu entrevistas todos os dias para o jornal da aldeia, deixando que Sophie a vestisse e a lambuzasse de maquiagem, e suportou educadamente as crianças que sua amiga abominava.

“Totens de doenças”, Sophie resmungava, passando eucalipto nas narinas, antes de assinar outro livro de histórias e contos de fadas. Ela notou que Agatha sorria para um menino enquanto autografava seu exemplar de *Rei Arthur*.

“Desde quando você gosta de *crianças*?”, rosnou Sophie.

“Desde quando elas começam a implorar para ver a Mãe quando ficam doentes”, disse Agatha, mostrando os dentes manchados de batom. “Ela nunca teve tantos pacientes na vida.”

Mas até o verão, a multidão havia definhado. Foi ideia de Sophie fazer os pôsteres.



Agatha ficou boquiaberta, olhando para o cartaz na porta da igreja. “*Beijo grátis?*”

“Beijos nos livros deles”, disse Sophie, fazendo bico com os lábios vermelhos, diante de um espelhinho de bolsa.

“Não é o que dá a entender”, disse Agatha, puxando o vestido verde justo que Sophie havia lhe emprestado. O rosa havia notadamente sumido do guarda-roupa de sua amiga, desde que elas tinham regressado, provavelmente por fazê-la se lembrar do tempo que passou como uma bruxa careca e banguela.

“Olhe, nós *já* somos notícia velha”, disse Agatha, puxando novamente as alças do vestido. “Está na hora de voltarmos a ser normais, como todo mundo.”

“Talvez eu deva ficar sozinha esta semana.” Sophie ergueu os olhos do espelho. “Talvez eles percebam sua falta de entusiasmo.”

No entanto, além do fedorento do Radley, ninguém apareceu naquele domingo, e nem na semana seguinte, quando os cartazes de Sophie divulgavam que haveria um presente “especial” que acompanharia cada autógrafo, muito menos na outra semana, quando ela também prometia um “jantar particular”. Até o outono, os avisos de DESAPARECIDO haviam sido retirados da praça, as crianças *já* tinham enfiado seus livros de contos de fada no armário, e o Sr. Deauville tinha posto um aviso de ÚLTIMOS DIAS na vitrine de sua loja, para que novas histórias chegassem da Floresta e ele as colocasse à venda.

Agora, as garotas eram apenas mais duas antigas lembranças da maldição. Até o pai de Sophie tinha parado de agir com sutileza. No Halloween, ele disse à filha que tinha recebido permissão dos Anciãos para se casar com Honora. Ele nunca pediu o consentimento de Sophie.

Enquanto voltava apressada do ensaio, em meio à chuva torrencial, Sophie olhou para sua estátua, que antes era imponente e brilhante, mas agora estava coberta de cocô de pombo. Ela tinha se esforçado muito por causa daquela estátua. Fez uma semana de tratamento com máscaras faciais de ovos de lesma e jejuns à base de suco de pepino, para que o escultor a retratasse com precisão. E agora, ali estava aquilo: um monumento transformado em privada de pássaros.

Deu uma olhada para trás, vendo seu rosto radiante na marquise distante do teatro, e cerrou os dentes. O espetáculo lembraria a seu pai quem era mais importante. O espetáculo tinha de lembrar isso a todos.

Enquanto saía da praça, passando pelas poças em direção às ruelas cheias de casinhas, ela via filetes de fumaça se erguerem das chaminés. Sophie olhava e sabia o que cada família teria para o jantar: porco à milanesa com molho ferrugem na casa dos Wilhelm, sopa cremosa de batata com carne na casa de Belle, lentilha com bacon e batata-doce na casa de Sabrina... Bem, por ela, tanto fazia; eles que morressem de fome. Enquanto seguia pela estradinha até sua casa,

ela sentiu o cheiro de uma cozinha vazia e fria, que lembrava a seu pai o que ele havia perdido. Só que na verdade a cozinha não estava nada vazia. Sophie inspirou novamente e sentiu cheiro de carne e leite, e foi correndo até a porta. Escancarou-a e...

Viu que Honora estava cortando costeletas de porco. “Sophie”, ela ofegou, limpando as mãos gorduchas. “Tive que fechar o Bartleby’s. Eu bem que gostaria que você me ajudasse um pouco...”

Sophie encarou-a diretamente. “Onde está meu pai?”

Honora tentou arrumar os cabelos armados que estavam sujos de farinha. “É... está montando a tenda com os meninos. Ele achou que seria muito bom se todos nós jantássemos junt...

“Tenda?” Sophie correu até a porta dos fundos. “Hoje?”

A menina saiu para o jardim. Sob a chuva forte, os dois filhos da viúva puxavam uma corda para amarrar em uma estaca, enquanto Stefan tentava prender a imensa lona branca em um terceiro mastro. Só que assim que Stefan conseguiu, a tenda se soltou, caindo em cima dele e dos meninos. Sophie os ouviu rindo, antes que seu pai colocasse a cabeça para fora, por baixo da lona. “Era exatamente isso o que precisávamos! Uma quarta pessoa!”

“Por que está armando essa tenda hoje?”, perguntou Sophie, com a voz gélida. “O casamento é só na semana que vem.”

Stefan ficou em pé e limpou a garganta. “*É amanhã.*”

“Amanhã?!” Sophie ficou branca. “Amanhã, *amanhã?!* Depois de hoje?”

“Honora disse que nós devemos fazer o casamento antes do seu espetáculo”, disse Stefan, passando a mão na barba recém-crescida. “Não queremos nos distrair dele.”

Sophie se sentiu enjoada. “Mas... como pode...”

“Não se preocupe conosco. Nós comunicamos a mudança da data na igreja, e Jacob e Adam, aqui, terão a tenda armada em breve. Como foi o ensaio?” Ele abraçou o garoto de 6 anos puxando-o para um lado de seu corpo parrudo. “Jacob disse que ele conseguiu ver as luzes de nossa varanda.”

“Eu também!”, disse Adam, de 8 anos, abraçando-o do outro lado.

Stefan beijou o alto da cabeça dos dois. “Quem poderia pensar que eu teria dois principezinhos?”, sussurrou ele.

Sophie observava o pai e sentia que seu coração estava na boca.

“Então, conte-nos: o que tem no seu espetáculo?”, perguntou Stefan, sorrindo para ela.

Mas, de repente, Sophie nem se importava mais com a peça.

O jantar era um belo assado, com brócolis cozido no ponto perfeito, salada de pepino e torta de mirtilo sem farinha, mas ela não tocou em nada. Manteve-se rígida, encarando Honora do outro lado da mesa apertada, enquanto garfos espetavam a comida e tilintavam.

“Coma!”, Stefan a incentivou.

Ao lado dele, Honora coçou seu pescoço longo, evitando o olhar de Sophie. “Acho que ela não gostou...”

“Você fez o que ela gosta”, disse Stefan, com os olhos fixos em Sophie. “Coma.”

Sophie não comia. O tilintar dos talheres cessou.

“Eu posso comer o porco dela?”, disse Adam.

“Você e minha mãe eram amigas, não eram?”, Sophie perguntou a Honora.

A viúva engasgou com a carne. Stefan fez cara feia para Sophie e abriu a boca para retrucar, mas Honora segurou seu punho. Ela limpou os lábios secos com um guardanapo sujo.

“Éramos melhores amigas”, disse ela, com um sorriso irritado, e engoliu de novo. “Durante muito tempo.”

Sophie gelou. “Eu me pergunto o que aconteceu entre vocês.”

O sorriso de Honora sumiu e ela olhou para baixo, para seu prato. Os olhos de Sophie se fixaram nela.

O garfo de Stefan tilintou na mesa. “Por que você não vai ajudar Honora na loja, depois que sair da escola?”

Sophie esperou que Adam respondesse, depois viu que o pai ainda olhava para ela.

“Eu?”, Sophie empalideceu. “Ajudar... *ela*?”

“Bartleby disse que minha esposa está precisando de uma mãozinha”, Stefan forçou.

Esposa. Foi tudo o que Sophie ouviu. Não bandida. Não megera. *Esposa*.

“Depois do casamento, e quando tiver passado o espetáculo”, acrescentou ele. “Acostume-se a uma vida normal.”

Sophie virou-se rapidamente para Honora, esperando que ela estivesse igualmente chocada, mas ela estava apenas comendo pepinos ansiosamente, com seus lábios secos.

“Pai, você quer que eu... que eu...” Sophie não conseguia dizer as palavras. “Faça manteiga *b-batida*?”

“Pra fortalecer um pouco esses braços finos”, disse seu pai, entre garfadas, enquanto Jacob e Adam comparavam seus bíceps.

“Mas eu sou famosa!”, Sophie deu um gritinho. “Eu tenho fãs... tenho uma *estátua* minha! *Não posso trabalhar!* Não com *ela*!”

“Então, talvez seja melhor você encontrar outro lugar para morar.” Stefan chupou um osso. “Enquanto estiver nesta família, você precisa contribuir. Ou os garotos ficarão felizes em ficar com seu quarto.”

Sophie resfolegou.

“Agora, *coma!*”, ele vociferou com tanta aspereza que ela teve de obedecer.

Enquanto observava Agatha colocando seu velho vestido preto largo, o gato Reaper ronronou de maneira suspeita, lambendo algumas espinhas de peixe no meio do quarto com goteiras.

“Está vendo? Sou a velha Agatha de sempre.” Ela bateu a tampa do baú com as roupas emprestadas de Sophie, arrastou para perto da porta e se ajoelhou para afagar o gato careca e enrugado. “Então, agora você pode voltar a ser agradável.”

Reaper chiou.

“Sou eu”, disse Agatha, tentando afagá-lo. “Eu não mudei nada.”

Reaper arranhou-a e saiu andando.

Agatha esfregou o arranhão em sua mão, em meio às outras feridas que tinha, que nem haviam cicatrizado direito. Depois despencou na cama, enquanto Reaper se encolheu em um canto verde mofado, o mais distante dela que conseguiu.

Ela virou para o lado e abraçou o travesseiro.

Estou feliz.

Ela ouvia a chuva batendo na palha do telhado e escorrendo para dentro do caldeirão preto de sua mãe.

Lar doce lar.

Plinc, plinc, plinc, fazia a chuva.

Sophie e eu.

Ela ficou olhando a parede vazia e rachada. *Plinc, plinc, plinc*...

Como uma espada na bainha batendo na fivela do cinto. *Plinc, plinc, plinc*. Seu coração disparou, seu sangue ferveu como lava, e ela soube que estava acontecendo outra vez. *Plinc, plinc, plinc*. A cor negra do caldeirão se transformou em suas botas pretas. A palha do teto passou a ser o dourado de seus cabelos. O azul do céu, através da janela, era o azul de seus olhos. Nos braços dela, o travesseiro se transformou em músculos bronzeados...

“Preciso de ajuda, querida!”, uma voz estridente gritou.

Agatha acordou em um solavanco, agarrada ao travesseiro molhado de suor.

Ela pulou da cama e abriu a porta, para ver a mãe arrastando dois cestos. Um estava cheio de raízes e folhas fedorentas, e o outro tinha girinos, baratas e lagartos.

“Mas que diabos...”

“Então, você pode finalmente me ensinar algumas poções lá da escola!”, disse Callis, com seus olhos esbugalhados, plantando um dos cestos nas mãos de Agatha. “Não temos muitos pacientes hoje. Temos tempo para praticar!”

“Eu lhe disse que eu não consigo mais fazer magia”, Agatha estrilou, fechando a porta atrás delas. “Nossos dedos não acendem aqui.”

“Por que você não me conta nada do que aconteceu?”, perguntou a mãe, remexendo em sua cabeleira negra. “Você poderia, no mínimo, me mostrar como fazer uma poção para causar verrugas.”

“Olhe, eu deixei tudo isso para trás.”

“Os lagartos são melhores quando estão frescos, querida. O que podemos fazer com eles?”

“Eu me esqueci desse negócio todo...”

“Eles vão estragar...”

“Pare!”

Sua mãe enrijeceu.

“Por favor”, Agatha implorou. “Eu não quero falar da escola.”

Callis delicadamente pegou o cesto das mãos dela. “Nunca fiquei tão feliz como quando a vi voltar para casa.” Ela fitou os olhos da filha. “Mas parte de mim se aflige, achando que você desistiu.”

Agatha ficou olhando para baixo, para seus sapatos volumosos, enquanto a mãe arrastava os cestos para a cozinha. “Você sabe como me sinto em relação a desperdício”, Callis suspirou. “Vamos torcer para que nossos intestinos suportem um ensopado de lagarto.”

Enquanto Agatha picava cebolas sob a luz da tocha, ela ouvia a mãe ronronando desafinada, como fazia todas as noites. Houve uma época em que ela adorava o refúgio do cemitério delas, da rotina solitária.

Ela pousou a faca. “Mãe, como sabemos que encontramos o ‘Felizes para Sempre’?”

“Hum?”, disse Callis, jogando algumas baratas no caldeirão, com suas mãos ossudas.

“As pessoas dos contos de fadas, é o que quero dizer.”

“Lá deve dizer, querida”, sua mãe apontou para um livro aberto, com a ponta aparecendo embaixo da cama de Agatha.

Agatha olhou para baixo, para a última página, onde havia um príncipe loiro e uma princesa de cabelos negros se beijando, eu seu casamento, emoldurados por um castelo encantado...

FIM.

“Mas, e se duas pessoas não conseguirem ver seu livro de histórias?” Ela ficou olhando para a princesa nos braços de seu príncipe. “Como eles sabem se são felizes?”

“Se precisam perguntar, provavelmente *não são*”, disse sua mãe, dando um sopapo em uma barata que não queria se afogar na sopa.

Os olhos de Agatha permaneceram no príncipe por mais um instante. Ela fechou o livro e o lançou ao fogo, embaixo do caldeirão. “Já é hora de nos livrarmos disso, como de todos os outros.”

Em seu canto, ela voltou a picar os ingredientes mais depressa.

“Você está bem, querida?”, perguntou Callis, ouvindo-a fungar.

Agatha enxugou os olhos. “*É a cebola.*”

A chuva tinha passado, mas um vento de outono soprava pelo cemitério iluminado por duas tochas, acima dos portões, que se mantinham flamejantes. Ao se aproximar do túmulo, suas pernas travaram e seu coração começou a retumbar em seus ouvidos, implorando que ela se afastasse. O suor escorria em suas costas quando ela ajoelhou no capim e na lama, de olhos fechados. Ela nunca havia olhado. Nunca.

Inspirando profundamente, Sophie abriu os olhos. Ela mal podia identificar a borboleta gasta na lápide acima das palavras.

MÃE E ESPOSA
AMOROSA

Como se fossem asas, duas lápides menores, ambas sem nada escrito, ladeavam a de sua mãe. Com as mãos cobertas por luvas brancas, ela arrancou um pouco do limo que brotava nas rachaduras de uma delas, por conta dos anos de abandono. Enquanto ela tirava o limo, suas luvas sujas foram encontrando sulcos mais profundos e macios na pedra. Havia algo gravado na lápide. Ela olhou mais de perto...

“Sophie?”

Ela se virou e viu Agatha com um casaco preto surrado, equilibrando uma vela em um pires.

“Minha mãe a viu da janela.”

Agatha abaixou-se ao lado dela e pousou a chama no meio dos túmulos. Por um bom tempo, Sophie não disse nada.

“Ele achou que ela foi culpada”, disse, olhando os dois túmulos não identificados. “Dois meninos que nasceram mortos. De que outra forma ele poderia explicar?” Ela ficou olhando, enquanto uma borboleta azul surgiu da escuridão e se abrigou no entalhe da lápide decaída de sua mãe. Sophie parou e sorriu levemente para a borboleta. “Um dia, aconteceu. Ela estava tão doente que ninguém achou que fosse durar, mas sua barriga ainda crescia. A Criança Milagrosa, diziam os Anciãos. Meu pai disse que o batizaria de Filip.”

Ela virou-se para Agatha. “Só que você não pode chamar uma menina de Filip.”

Sophie parou, com o rosto enrijecendo. “Ela me amou, independentemente do quanto eu a enfraqueci. Independentemente de quantas vezes ela o viu ir para a casa de sua amiga e sumir lá dentro.” Sophie relutou contra as lágrimas enquanto pôde. “Amiga dela, Agatha. A *melhor* amiga dela. Como ele pôde?” Ela chorou amargamente nas luvas sujas.

Agatha olhou para baixo e não disse uma palavra.

“Eu a vi morrer, Agatha. Arrasada e traída.” Sophie se virou do túmulo, com o rosto vermelho. “Agora ele terá tudo o que queria.”

“Você não pode impedi-lo”, disse Agatha, tocando-a.

Sophie se retraiu. “E deixar que ele se dê bem com isso?”

“Que escolha você tem?”

“Você acha que esse casamento vai acontecer?”, Sophie vociferou. “Vamos ver.”

“Sophie...”

“Ele é que deveria estar morto!”, Sophie estava vermelha como um pimentão. “Ele e seus principezinhos! Então, eu estaria feliz nesta prisão!”

O rosto dela estava tão horrendo que Agatha ficou imóvel. Pela primeira vez, desde que elas tinham regressado, ela teve um vislumbre da bruxa em sua amiga, ansiando por ser libertada.

Sophie viu o medo nos olhos de Agatha. “De-desculpe...”, ela gaguejou, virando para o lado. “Eu... eu não sei o que aconteceu...” Seu semblante se desfez de vergonha. A bruxa se foi.

“Sinto falta dela, Agatha”, Sophie sussurrou, tremendo. “Eu sei que nós temos nosso final feliz. Mas ainda sinto falta da minha mãe.”

Agatha hesitou, depois tocou o ombro da amiga. “Eu gostaria de poder vê-la outra vez”, Sophie chorava. “Eu faria qualquer coisa. Qualquer coisa.”

A torre torta do relógio bateu dez badaladas, no pé da colina, mas rangidos ecoavam em meio a cada uma delas. Nos braços uma da outra, as garotas

ficaram vendo a silhueta do Sr. Deauville passando pelo relógio, conforme ele empurrava um carrinho com o restante do que havia em sua loja fechada. Ele dava alguns passos e parava, relutando com o peso de seus livros de histórias esquecidos, até que sua sombra desapareceu, ao virar a esquina, e os rangidos se dissiparam.

“Eu só não quero acabar como ela, sozinha e... esquecida”, disse Sophie.

Ela se virou para Agatha, tentando sorrir. “Mas minha mãe não tinha uma amiga como você. Você abriu mão de um príncipe só para que pudéssemos continuar juntas. E pensar que eu posso fazer alguém feliz assim...” Seus olhos se encheram de lágrimas. “Eu nem mereço você, Agatha. Realmente, não. Depois de tudo que fiz.”

Agatha continuava quieta.

“Alguém bom deixaria que esse casamento acontecesse, não é?”, Sophie pressionou levemente. “Alguém do Bem, como você.”

“Está tarde”, disse Agatha, levantando. Ela estendeu a mão.

Sophie a pegou fracamente. “E eu ainda tenho que encontrar um vestido para o casamento.”

Agatha conseguiu dar um sorriso. “Está vendo? No fim das contas, você é boa.”

“O mínimo que eu posso fazer é ficar mais bonita que a noiva”, disse Sophie, seguindo em frente.

Agatha fungou e pegou a tocha no portão. “Espere. Eu vou acompanhá-la até em casa.”

“Que adorável”, disse Sophie, sem parar. “Assim eu posso continuar sentindo o cheiro dessa sopa de cebola que você tomou no jantar.”

“Na verdade, era sopa de lagarto e cebola.”

“Eu realmente não sei como nós somos amigas.”

As duas passaram pelo portão que rangeu, com as tochas iluminando o caminho e lançando suas sombras longas sobre o capim alto. Conforme elas desciam a colina esmeralda e se afastavam, uma rajada de vento foi entrando no cemitério e acendeu a chama da vela que estava sobre o pires sujo de lama. A chama cresceu e ficou próxima a uma borboleta azul, curiosamente pousada em um túmulo, e depois aumentou o suficiente para iluminar os entalhes nas duas sepulturas ao seu lado. Havia um cisne em cada uma.

Um branco.

Outro preto.

Com um rugido, o vento serpenteou entre as duas *lápides* e soprou a vela até

apagá-la.

2
Agatha também faz um desejo

Sangue. Ela farejava sangue.

Comer.

Irrompendo pelas árvores, a fera perseguia o cheiro deles, resmungando e babando. As quatro patas batiam com mais força na terra, cada vez mais depressa, arrancando plantas e arbustos, passando por cima das rochas, até que finalmente pôde ouvir a respiração deles e ver a trilha vermelha. Um deles estava ferido.

Comer. Através de um tronco oco, comprido e escuro, ela espreitava, lambendo o sangue deles, farejando o terror dos dois. A fera seguia devagar, pois eles não tinham para onde ir, e logo os ouviu choramingar. Aos pouquinhos, eles foram surgindo à vista, com suas silhuetas contornadas pelo luar, encurralados entre o fim do tronco e a parte grossa dos arbustos espinhosos. O garoto mais velho, ferido e pálido, segurava o menor junto ao peito.



A fera agarrou ambos, enquanto os meninos choravam. Aconchegada em meio aos espinhos, ela os embalou até que as crianças pararam de chorar e souberam que a criatura era do Bem. Logo, os meninos respiravam mais profundamente junto ao peito negro da fera, aninhados em seus braços que os

seguravam com cada vez mais força... mais força... até que os meninos acordaram, ofegantes...

E viram o sorriso ensanguentado de Sophie.

Sophie saltou da cama e esbarrou na vela ao lado desta, respingando cera de lavanda pela parede. Ela virou para o espelho e se viu careca, desdentada, pontilhada de verrugas...

"Socorro...", ela arfou, fechando os olhos.

Quando os abriu, a bruxa não estava mais ali. Seu lindo rosto a olhava de volta.

Em pânico, Sophie verificou sua pele branca, à procura das verrugas, limpando a camada de suor frio.

"Sou do Bem", ela se acalmou, quando não encontrou nada.

Mas suas mãos não paravam de tremer, sua mente estava disparada, incapaz de se livrar daquela fera; a fera que ela havia matado em outro mundo, a fera que ainda assombrava seus sonhos. Ela pensou em sua fúria, no cemitério... o rosto petrificado de Agatha.

Você nunca será do Bem, o Diretor da Escola havia alertado.

Sophie ficou com a boca seca. Ela iria sorrir no casamento. Trabalharia no Bartleby's. Ela comeria a comida que a viúva fazia e compraria brinquedos para seus filhos. Ela seria feliz ali. Assim como Agatha.

Qualquer coisa para não voltar a ser uma bruxa.

"Eu sou do Bem", ela repetia, no silêncio.

O Diretor da Escola estava errado. Ela tinha salvado a vida de Agatha, e Agatha havia salvado a sua.

Elas tinham voltado para casa, juntas. A charada havia sido solucionada. O Diretor da Escola estava morto.

O livro, fechado.

"Decididamente do Bem", Sophie se assegurava, acomodando-se de volta ao travesseiro.

Mas ela ainda sentia gosto de sangue na boca.

A névoa e os ventos da noite se dissiparam e amanheceu com um sol cegante, tão forte para novembro que o dia parecia abençoado para o amor. Cada casamento em Gavaldon era uma ocasião pública; porém, nesta sexta-feira, todas as lojas estavam fechadas e a praça estava deserta, pois Stefan era um homem popular. Sob uma tenda branca, atrás de sua casa, a cidade inteira se confraternizava tomando ponche de cereja e vinho de ameixa, enquanto três violinistas tocavam em um canto, exaustos por terem tocado em um enterro na

véspera.

Agatha não tinha certeza se sua bata preta surrada era apropriada para um casamento, mas combinava com seu humor. Ela tinha acordado infeliz e não conseguia identificar o motivo. "*Sophie precisa que eu fique feliz*", ela dizia a si mesma ao descer a colina. Porém, até a hora em que se juntou à aglomeração no jardim, seu rosto franzido tinha se transformado em cara feia. Ela precisava sair daquele astral, ou deixaria Sophie ainda mais deprimida...

Um lampejo de rosa surgiu em meio à multidão e lhe deu um abraço apertado, com seu traje bufante e cheio de babados.

"Obrigada por estar aqui, em nosso dia especial", disse Sophie.

Agatha tossiu.

"Estou *tão feliz* por eles, você não está?", Sophie disse, secando lágrimas inexistentes. "Será tão empolgante ter uma nova mãe, dois irmãos e ir à loja, todas as manhãs, para bater...", ela engoliu em seco e completou: "manteiga".

Agatha olhava Sophie boquiaberta, novamente com seu vestido preferido. "Você está de novo de... rosa."

"Assim como meu coração amoroso", disse a amiga, alisando as tranças presas com laços cor-de-rosa.

Agatha piscou. "Eles colocaram cogumelos no ponche?"

"Sophie!"

As duas viraram e viram Jacob, Adam e Stefan tentando consertar as guirlandas azuis tortas, acima do altar, na frente da tenda. Em pé, sobre as abóboras para poderem alcançá-las, os meninos a chamaram acenando.

"São uns amores, não são?", Sophie sorriu. "Me dá vontade de comer esses pestinhas e..."

Agatha viu os olhos da amiga gelarem de medo. Então, a sensação se foi, e o que restou foram as olheiras embaixo deles. Cicatrizes de pesadelos. Ela já tinha visto Sophie com elas.

"Sophie, sou eu", Agatha disse baixinho. "Você não precisa fingir."

Sophie sacudiu a cabeça. "Você e eu, Agatha. Isso é tudo o que preciso para ser do Bem", disse ela, com a voz trêmula. Ela segurou o braço de Agatha e olhou fundo nos olhos escuros da amiga. "Contanto que nós possamos manter morta a bruxa dentro de mim, posso suportar todo o restante, se eu tentar." Ela segurou Agatha com mais força e virou-se para o altar. "Estou indo, meninos!", ela gritou e, com um sorriso forçado, saiu correndo para ajudar sua nova família.

Em vez de se sentir comovida, Agatha se sentiu ainda mais infeliz. "*O que há de errado comigo?*"

Sua mãe chegou ao seu lado e lhe deu um copo de ponche, que ela tomou de um só gole.

“Eu acrescentei algumas minhocas luminosas”, disse Callis. “Para alegrar esse rosto azedo.”

Agatha cuspiu uma chuva vermelha.

“Francamente, querida. Eu sei que casamentos são algo podre, mas tente não parecer hostil.” Sua mãe assentiu à frente. “Os Anciãos já nos desprezam. Não lhes dê mais motivos.”

Agatha deu uma olhada para três homens barbudos e cheio de rugas, que vestiam capas cinzentas até os joelhos e cartolas pretas, e circulavam por entre os assentos, apertando as mãos das pessoas. O comprimento de suas barbas parecia indicar o quanto eram idosos, e a do mais velho descia para baixo do peito.

“Por que eles têm de aprovar todos os casamentos?”, perguntou Agatha.

“Porque quando os sequestros estavam acontecendo, os Anciãos culpavam as mulheres como eu”, disse sua mãe, catando caspa no cabelo. “Naquela época, se você não fosse casada até terminar os estudos, as pessoas achavam que você era bruxa. Então, os Anciãos forçavam os casamentos para todos que não fossem casados.” Ela conseguiu dar um sorriso torto. “Mas nem mesmo a força poderia obrigar um homem a se casar comigo.”

Agatha se lembrou de quando nenhum garoto da escola queria ir com ela ao baile. Até que...

Subitamente, ela se sentiu ainda mais desanimada.

“Quando os sequestros prosseguiram, os Anciãos abrandaram sua posição e só ‘aprovavam’ os casamentos. Mas eu ainda me lembro das combinações terríveis que eles faziam”, disse sua mãe, cravando as unhas no couro cabeludo. “Stefan foi o que mais sofreu.”

“Por quê? O que aconteceu com ele?”

Callis baixou a mão subitamente, como se tivesse se esquecido que a filha estava escutando. “Nada, querida. Nada que ainda importe.”

“Mas você disse...” Agatha ouviu seu nome, voltou-se e viu Sophie acenando da primeira fileira de cadeiras.

“Agatha, está começando!”

Lado a lado, na primeira fila, a alguns palmos do altar, Agatha ficava esperando que Sophie desabasse. Mas a amiga manteve o sorriso, mesmo quando seu pai se juntou ao padre, quando os violinistas começaram a tocar, e quando Jacob e Adam jogaram pétalas de rosas brancas no caminho, da mesma

cor que os terninhos que vestiam. Depois de meses brigando com o pai, brigando para ter atenção, brigando pela vida real... Sophie tinha mudado.

Você e eu, Agatha.

Tudo que Agatha sempre quis foi ser suficiente para Sophie. Para que Sophie precisasse dela, tanto quanto ela precisava de Sophie. E agora, finalmente, ela tinha ganhado seu final feliz.

Mas, em sua cadeira, Agatha não se sentia nada feliz. Algo a incomodava quanto a esse casamento. Algo que estava minando em seu coração. Antes que ela pudesse identificar, os violinistas foram desacelerando a melodia, e todos sob a tenda se levantaram para Honora entrar pelo corredor. Agatha observava Sophie atentamente, esperando que sua amiga fosse finalmente se trair. Mas Sophie não se alterou, nem mesmo ao olhar o penteado volumoso da madrasta, com seu traseiro rechonchudo e com o vestido bordado de algo que parecia cobertura de bolo.

"Queridos amigos e familiares", disse o padre. "*Nós estamos reunidos aqui para presenciar a união dessas duas almas...*"

Stefan pegou a mão de Honora e Agatha se sentiu ainda mais abatida. Suas costas se curvaram, seus lábios fizeram um bico...

Do outro lado do corredor, sua mãe a encarava. Agatha sentou-se ereta e deu um sorriso falso.

"No amor, a felicidade vem da honestidade, de se comprometer com aquele de quem *precisamos"*, prosseguia o padre.

Agatha sentiu que Sophie delicadamente pegou sua mão, como se as duas tivessem tudo que precisavam bem ali.

"Que vocês tenham um amor que os preencha, um amor que dure para sempre..."

A palma da mão de Agatha começou a suar.

"Porque vocês escolheram esse amor. Escolheram esse final para sua história."

Agora, sua mão estava pingando, mas Sophie não a largava.

"E agora, esse final é eternamente de vocês."

O coração de Agatha disparou. Sua pele queimava.

"E, se ninguém tem nenhuma objeção, essa união será selada para sempre..."

Agatha se inclinou à frente, sentindo o estômago embrulhado...

"Então, eu os declaro..."

Foi quando ela viu.

"Marido e..."

Seu dedo estava reluzindo em um tom de dourado radiante.

Ela deu um grito de pavor. Sophie virou-se surpresa...

Algo voou entre elas, lançando-as ao chão. Agatha girou e viu outra flecha passar zunindo junto ao seu pescoço, antes que ela saltasse. Ela ouviu crianças chorando, cadeiras caindo, pés correndo em alvoroço, enquanto a aglomeração disparava em busca de abrigo e dezenas de flechas douradas cruzavam o ar, abrindo buracos na tenda. Agatha virou-se, à procura de Sophie, mas a tenda se soltou dos mastros caindo por cima da multidão, que estava aos gritos, e a engoliu, até que ela não conseguia mais ver nada além de sombras se debatendo por trás da lona.

Ofegante, Agatha foi rastejando até o altar estilhaçado, com as mãos apalpando a lama e as guirlandas pisoteadas, enquanto as flechas aterrissavam à sua frente, abrindo rasgos. Quem estava fazendo isso? Quem destruiria um casamento?

Agatha gelou. Seu dedo estava brilhando ainda mais que antes.

Não pode ser.

Ela ouviu uma menina berrando adiante. Eram gritos que ela conhecia. Suando e tremendo, Agatha foi deslizando em direção às cadeiras viradas, empurrando um pedaço da tenda, afastando-a de cima dela, até sentir um raio de sol e sair no jardim da frente, esperando o massacre... Mas as pessoas só estavam ali em pé, em silêncio, imóveis, olhando a chuva de flechas chegando.

Flechas que vinham da Floresta.

Agatha se protegia horrorizada. Depois, percebeu que as flechas não miravam nela. Elas não miravam em nenhum dos aldeões. Independentemente de onde partiam, da Floresta, suas hastes curvavam-se no último segundo, apontando para um único alvo.

“Aaaaaiiiiiiiii!”

Sophie contornou a casa correndo, se abaixando e rebatendo as flechas com seus saltos de vidro.

“Agatha! Agatha, *socorro!”*

Mas não havia tempo, já que uma haste quase arrancou sua cabeça e Sophie correu morro abaixo o mais depressa que pôde, com as flechas indo em seu encalço por todo o caminho.

“Quem ia querer me ver *morta*?”, Sophie choramingava para os mártires nos vitrais, para as estátuas e para os santos.

Agatha sentou-se ao lado dela no banco vazio. Já haviam se passado duas semanas desde que Sophie tinha se escondido na igreja, o único lugar onde as

flechas não a perseguiam. Ela tentou fugir por várias vezes, mas as flechas voltavam zunindo da Floresta, vorazes, seguidas por lanças, machados, punhais e dardos.

Até o terceiro dia, ficou claro que não haveria escapatória. Quem quer que desejasse matá-la, iria esperar o tempo que fosse.

Em princípio, Sophie não via motivo para entrar em pânico. O pessoal da cidade lhe trazia comida (levando em conta sua "alergia fatal" a trigo, açúcar, laticínios e carne vermelha), Agatha lhe trazia as ervas e as raízes de que ela precisava para fazer seus cremes, e Stefan a tranquilizava, dizendo que ele não se casaria até que a filha fosse levada de volta para casa, sã e salva.

Com o pessoal da cidade inutilmente varrendo a Floresta à procura dos assassinos, o pergaminho da cidade apelidou Sophie como "A princesinha corajosa", por assumir o fardo de outra maldição, enquanto os Anciãos ordenaram que sua estátua recebesse uma nova camada de tinta. Não demorou para que as crianças voltassem a suplicar por autógrafos, o hino da vila foi alterado para dizer "Abençoada é nossa Sophie", e os aldeões se revezavam fazendo guarda na igreja. Havia até uma conversa sobre um espetáculo permanente de uma artista solo, assim que ela estivesse fora de perigo.

"*La Reine Sophie"*, uma celebração épica de três horas sobre os meus feitos", disse Sophie, em um rompante, inalando o perfume dos buquês de flores solidários que enchiam o corredor. "Um pouquinho de cabaré para agitar o sangue, um circo com leões selvagens e trapézio, e uma interpretação de *I am but a Simple Woman*, para concluir. Ai, Agatha, como eu desejei encontrar meu lugar nesta cidade estagnada e monótona! Tudo o que eu precisava era de um papel grandioso o bastante para mim!" Subitamente, ela pareceu preocupada. "Você não acha que eles vão parar de tentar me matar, acha? Essa é a melhor coisa que já me aconteceu!"

Mas os ataques pioraram.

Na primeira noite, bombas foram lançadas da Floresta e aniquilaram a casa de Belle, deixando sua família inteira sem um teto. Na segunda noite, brotou das árvores *óleo fervente*, inundando uma rua residencial inteira. Em meio às ruínas chamuscadas, eles deixaram sua marca, calcada em brasa no chão.

ENTREGUEM
SOPHIE

Na manhã seguinte, quando os Anciãos assumiram a praça para acalmar os aldeões revoltados, Stefan já tinha ido à igreja.

"Essa é a única forma que os Anciãos e eu temos para protegê-la", ele disse à

filha, segurando um martelo e cadeados.

Agatha não ia embora; então, ele a trancou também.

“Eu achei que nossa história tivesse terminado!”, Sophie gritou, ouvindo uma turba de aldeões do lado de fora, berrando: “Mandem ela de volta! Mandem ela de volta!”. A garota se amuou em sua cadeira. “Por que eles não querem você? Por que *eu* sempre sou a vilã? E por que sempre eu que fico *trancada*?”

Ao seu lado, Agatha olhava o santo de mármore acima do altar, tentando alcançar um anjo. Ele estava com o braço forte esticado e o peito estufado, como se fosse seguir o anjo em qualquer lugar que ele fosse...

“Agatha?”

Agatha saiu de seu transe e virou-se. “Você tem mesmo um jeito para arranjar inimigos.”

“Eu tentei ser do Bem!”, disse Sophie. “Tentei ser como você!”

Agatha começou a ter aquela sensação de enjoo novamente, a mesma que estava tentando conter.

“Agatha, faça alguma coisa!”, Sophie agarrou seu braço. “Você sempre conserta as coisas!”

“Talvez eu não seja tão boa quanto você pensa”, murmurou Agatha, se afastando e fingindo limpar o sapato. Em silêncio, ela sentia que Sophie a encarava.

“Agatha.”

“Hã?”

“Por que seu dedo acendeu?”

Os músculos de Agatha se retraíram. “O quê?”

“Eu vi”, Sophie disse baixinho. “No casamento.”

Agatha lançou-lhe um olhar. “Provavelmente, foi ilusão de óptica, pela luz. A magia não funciona aqui.”

“Certo.”

Agatha ficou na expectativa. Ela sentia que Sophie estava pensando.

“Mas os professores nunca religaram nossos dedos, não é?”, disse a amiga. “E a magia segue a emoção. Foi isso o que eles nos disseram.”

Agatha se remexeu. “E daí?”

“Você não pareceu feliz no casamento”, disse Sophie. “Tem certeza de que não ficou aborrecida com alguma coisa? Aborrecida o suficiente para fazer magia?”

Agatha olhou para ela. Sophie analisou seu rosto, vendo tudo.

“Eu te conheço, Agatha.”

Agatha segurou-se no banco.

“Eu sei que você estava triste.”

“Sophie, eu não tive a intenção!”, Agatha disparou...

“Você estava aborrecida com meu pai”, disse Sophie. “Por tudo o que ele me fez passar.”

Agatha a encarava com olhos arregalados. Ela se recuperou e assentiu.

“Certo. *Aham*, você me pegou.”

“Primeiro, eu achei que você tivesse feito um feitiço para impedir o casamento dele. Mas, agora, isso não faz sentindo algum, faz?”, Sophie disse com uma fungada. “Isso significaria que você mandou as flechas para *mim*.”

Agatha deu uma risada, evitando olhar para ela.

“Foi só uma ilusão de óptica”, Sophie suspirou. “Como você disse.”

Elas ficaram em silêncio, ouvindo os gritos da multidão de fora da igreja.

“Não se preocupe com meu pai. Nós estamos bem”, Sophie disse. “A bruxa não vai voltar, Agatha. Contanto que sejamos amigas.”

A voz dela estava mais pura do que Agatha jamais havia ouvido. Agatha ergueu os olhos, surpresa.

“Você me faz feliz, Agatha”, disse Sophie. “Só levei muito tempo para perceber isso.”

Agatha tentou continuar olhando para ela, mas tudo o que ela via era o santo, acima do altar, com as mãos estendidas em sua direção, como um príncipe estendendo os braços para sua princesa.

“Você vai ver. Nós vamos arranjar um plano, como sempre”, disse Sophie, retocando o batom rosa, em meio aos bocejos. “Mas, antes, talvez seja bom ter um sono de beleza...”

Conforme ela se encolheu no banco, como um gato, ajeitando-se em um travesseiro, Agatha viu que era o preferido da amiga, bordado com uma princesa loira abraçada a seu príncipe, embaixo das palavras “Para sempre”. Mas Sophie tinha consertado o príncipe com seu equipamento de costura. Agora, ele tinha cabelos escuros, olhos esbugalhados e... roupa preta.

Agatha viu a amiga adormecer logo depois, sem ter pesadelos pela primeira vez em semanas.

À medida que os gritos do lado de fora da igreja foram ficando mais ruidosos – “Mandem ela de volta! Mandem ela de volta!” – Agatha ficou olhando o travesseiro de Sophie, e seu estômago revirou-se com aquela sensação de enjoo.

Era a mesma sensação que ela tinha quando via um homem e uma mulher trocando votos de casamento. E a mesma sensação que teve quando segurou a

mão de Sophie, e que foi ficando cada vez mais forte, até que seu dedo acendeu com um segredo. Um segredo tão terrível, tão imperdoável, que arruinou seu conto de fadas.

Por um único instante, assistindo um casamento que ela jamais teria, Agatha desejou algo que nunca achou possível.

Ela desejou um fim diferente para sua história.

Um final com outra pessoa.

Foi quando as flechas vieram para Sophie.

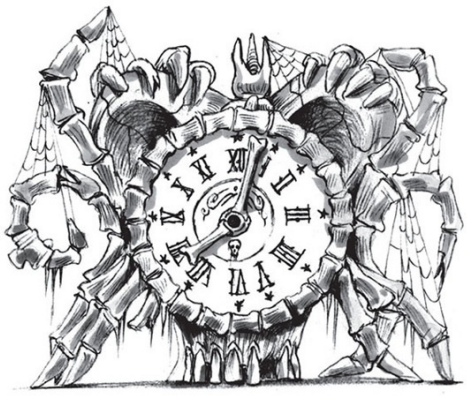
As flechas que não paravam, por mais que ela tentasse voltar atrás em seu pedido.

3
Farelos de pão

Naquela noite, eles primeiro derrubaram a casa de Radley com uma rocha que rolou das árvores, depois a torre torta do relógio que ressoou com gemidos falhos, enquanto os aldeões fugiam aos gritos pela praça. Logo, duas ruas inteiras ficaram em frangalhos, enquanto os pais se agarravam aos seus filhos, em poços e valas, vendo as pedras voarem pelo céu, passando pela lua como meteoros.

Às 4 horas da manhã, quando o ataque terminou, restava somente metade da cidade. Os aldeões, trêmulos, olhavam à distância para o teatro iluminado, e as luzes em suas cortinas vermelhas exibiam a mensagem reorganizada: ENTREGUEM SOPHIE OU MORRAM.

Enquanto Sophie dormia calmamente em meio a tudo isso, Agatha ficou sentada, presa dentro da igreja, ouvindo os gritos e as batidas. Entregando Sophie, sua melhor amiga morreria. Não entregando Sophie, a cidade inteira morreria. A vergonha ardia em sua garganta. De alguma maneira, ela tinha reaberto os portões entre os mundos. Mas para quem? Quem queria Sophie morta?



Tinha de haver um jeito de consertar as coisas. Se ela tinha reaberto os portões, certamente poderia fechá-los!

Primeiro, ela tentou fazer seu dedo acender novamente, focando em sua raiva, até ficar com as bochechas estufadas: raiva dos assassinos, raiva de si mesma, raiva de seu dedo imbecil apagado, que parecia até mais branco que antes. Mesmo assim, ela tentou fazer feitiços para repelir os invasores, que deu tão certo quanto o esperado. Ela tentou rezar para os santos dos vitrais, fez um pedido a uma estrela, esfregou todas as lâmpadas da igreja para que surgisse um gênio, e, quando tudo fracassou, ela pegou o batom rosa da mão fechada de Sophie e escreveu "LEVEM A MIM, NÃO ELA", na janela pouco iluminada. Para sua surpresa, ela recebeu uma resposta.

"NÃO", diziam as chamas que se acenderam na borda da Floresta.

Por um instante, Agatha viu um lampejo vermelho por entre as árvores, que depois sumiu.

"QUEM É VOCÊ?", ela escreveu.

"ENTREGUE SOPHIE", responderam as chamas.

"MOSTRE-SE", ela exigiu.

"ENTREGUE SOPHIE"

"VOCÊS NÃO PODEM TÊ-LA", Agatha escreveu.

Em resposta, uma bala de canhão explodiu contra a estátua de Sophie. A garota se remexeu atrás dela, murmurando algo sobre dormir pouco e ter espinhas. Tateando no escuro, ela acendeu uma vela sobre as vigas de madeira que emitia um brilho cor de bronze. Então, ela fez algumas posturas de ioga, comeu uma amêndoa, passou no rosto um creme feito com sementes de toranja, escamas de trutas e cacau, e virou-se para Agatha, com um sorriso sonolento, dizendo: "Bom dia, querida. Quais são os nossos planos?".

Porém, curvada na janela, Agatha apenas olhava através do vidro quebrado. Sophie também olhou para a cidade achatada, viu a massa sem-teto remexendo nos destroços, e a cabeça arrancada de sua estátua olhando-a, boquiaberta, dos degraus da igreja. O sorriso de Sophie lentamente desapareceu.

"Não há planos, há?"

CRACK!

As portas de carvalho tremeram quando uma marreta arrancou um cadeado.

CRACK! CRACK!

"Assassinos!", gritou Sophie.

Agatha levantou-se, apavorada. "A igreja é território sagrado!"

As tábuas de madeira estalaram. Os parafusos se soltaram e caíram no chão.

As garotas recuaram contra o altar. “Esconda-se!”, Agatha resfolegou, e Sophie correu ao redor do pedestal da sacristia como uma galinha sem cabeça...

“Uma chave!”, Agatha deu um gritinho. “Eles têm uma chave!”

Ela ouviu o trinco virar. Atrás dela, Sophie se remexia inutilmente, por entre as cortinas.

“Esconda-se agora!”, gritou Agatha...

A porta foi escancarada e ela girou para a soleira escura. Através da luz fraca da vela, uma sombra negra e corcunda entrou na igreja.

O coração de Agatha parou.

Não...

A sombra curvada deslizou pelo corredor, tremulando na luz flamejante. Agatha caiu de joelhos junto ao altar. Seu coração batia tão forte que ela nem conseguia respirar.

Ele está morto! Foi dilacerado em pedaços por um cisne branco e lançado ao vento! Suas plumas de cisne negro caíram sobre uma escola que ficava muito, muito distante! Mas, agora, o Diretor da Escola se aproximava sorrateiramente dela, muito vivo, e Agatha se acovardou contra o pedestal, com um gritinho...

“A situação se tornou insustentável”, disse uma voz.

Não era a voz do Diretor da Escola.

Agatha espiou, por entre os dedos, o idoso de barba comprida que estava à sua frente.

“Sophie precisa ser transferida para um lugar seguro”, disse um idoso menos idoso, atrás dele, tirando seu chapéu preto.

“E ela tem de ser levada esta noite”, disse o menos idoso, ao fundo, coçando a barba rala.

“Para onde?”, uma voz sussurrou.

Os Anciãos olharam para cima e viram Sophie na frisa de mármore, acima do altar, pressionada junto a um santo nu.

“FOI AÍ que você se escondeu?”, vociferou Agatha.

“Para onde irão me levar?”, Sophie perguntou ao mais idoso, em uma tentativa vã de se soltar da estátua nua.

“Já foi providenciado”, disse ele, recolocando seu chapéu, enquanto caminhava em direção à porta. “Nós vamos voltar esta noite.”

“Mas, e os ataques?”, gritou Agatha. “Como irão detê-los?”

“Já foi providenciado”, disse o outro, seguindo o mais idoso rumo à saída.

“Às 8 horas”, disse o menos idoso, seguindo atrás. “Somente Sophie.”

“Como sabe que ela estará segura?”, Agatha entrou em pânico.

“Tudo providenciado”, gritou o mais velho, e trancou a porta atrás dele.

As duas garotas ficaram em silêncio, pasmas, antes que Sophie soltasse um grito agudo e prolongado.

“Está vendo? Eu lhe disse!” Ela deslizou pela frisa e deu um abraço apertado em Agatha. “Nada pode estragar nosso final feliz.” Cantarolando aliviada, ela começou a arrumar seus cremes e pepinos na bela mala rosa, pois ninguém poderia saber quanto tempo levaria até que sua amiga a visitasse trazendo mais. Ela deu uma olhada nos olhos grandes e escuros de Agatha, fixos do lado de fora da janela.

“Não se aflija Agatha. Está tudo providenciado.”

Porém, enquanto Agatha observava os aldeões remexendo nas ruínas, com os olhos vermelhos fixos na igreja, ela se lembrou da última vez em que a mãe lhe disse que os Anciãos tinham “providenciado” as coisas. Ela esperava que, desta vez, eles tivessem resultados melhores.

Antes do pôr do sol, os Anciãos permitiram que Stefan viesse, a quem Sophie não via desde que ele a trancou ali dentro. Ele não parecia o mesmo. Ele estava barbado, suas roupas estavam imundas, seu corpo estava pálido e ele parecia ter emagrecido. Dois de seus dentes estavam faltando, e seu olho esquerdo tinha um hematoma. Com a filha protegida pelos Anciãos, os aldeões tinham claramente descarregado sua frustração em cima dele.

Sophie forçou uma expressão solidária, mas seu coração deu uma pontada de alegria. Não importava o quanto ela tentasse ser do Bem, a bruxa dentro dela ainda queria que seu pai sofresse. Ela olhou para Agatha, roendo as unhas em um canto, fingindo não ouvir.

“Os Anciãos disseram que não vai demorar”, disse Stefan. “Assim que aqueles covardes da Floresta perceberem que você está escondida, cedo ou tarde eles virão procurar. E eu estarei pronto.” Ele coçou seus poros pretos e notou que a filha se retraiu. “Eu sei que estou com uma aparência horrível.”

“O que você precisa é de um esfoliante de creme de mel”, disse Sophie, remexendo na bolsa de produtos de beleza, até que encontrou a bolsinha de pele de cobra. Mas seu pai apenas olhava lá para fora, vendo a cidade demolida, com os olhos cheios d’água.

“Pai?”

“A vila quer que nós a entreguemos. Mas os Anciãos farão qualquer coisa para protegê-la, mesmo com o Natal chegando. Eles são homens melhores que nós”, ele disse baixinho. “Agora, ninguém vende nada para mim. Como sobreviveremos...?” Ele enxugou os olhos.

Sophie nunca tinha visto o pai chorar. “Bem, não é culpa minha”, ela disparou.

Stefan exalou. “Sophie, tudo o que importa é que você chegue em casa a salvo.”

Sophie ficou remexendo na bolsinha procurando o creme de mel. “Onde você está ficando?”

“Outro motivo para que eu não seja benquisto”, disse seu pai, esfregando o olho roxo. “Quem está atrás de você destruiu as outras casas da nossa rua, mas não a nossa. Nossa loja de comida se foi, mas Honora ainda encontra um jeito de fazer comida para nós todas as noites.”

Sophie segurou a bolsinha com mais força. “*Para nós*?”

“Os meninos se mudaram para o seu quarto, até que tudo esteja seguro e possamos terminar o casamento.”

Sophie espirrou um monte de creme branco nele. Stefan sentiu o cheiro do creme de mel e instantaneamente começou a remexer em sua bolsinha “Aqui tem alguma coisa que os meninos possam comer?”

Agatha viu que Sophie estava prestes a desmaiar e interrompeu. “Stefan, você sabe onde os Anciãos vão escondê-la?”

Ele sacudiu a cabeça. “Mas eles me garantiram que os aldeões também não vão encontrá-la”, disse ele, vendo Sophie levar sua bolsa o mais longe que pôde dele, ao outro lado da igreja. Stefan esperou até que ela não pudesse ouvir. “Não temos que protegê-la somente dos assassinos”, ele sussurrou.

“Mas ela não vai durar muito tempo sozinha”, Agatha pressionou.

Stefan olhou pela janela, vendo a Floresta cercando Gavaldon, escura e interminável, na luz que ia sumindo. “O que aconteceu quando vocês estiveram lá, Agatha? Quem quer minha filha morta?”

Agatha ainda não tinha resposta. “E se o plano não der certo?”, perguntou ela.

“Nós temos que confiar nos Anciãos”, disse Stefan, desviando os olhos. “Eles sabem o que é melhor.”

Agatha viu a dor em seu rosto. “*Stefan foi o que mais sofreu*.” Foi o que sua mãe disse.

“De alguma forma, eu vou consertar isso”, disse Agatha, com a culpa forçando sua voz. “Eu vou mantê-la em segurança. Prometo.”

Stefan se aproximou e pegou seu rosto com as duas mãos. “E essa é uma promessa que eu preciso que você cumpra.”

Agatha encarou seus olhos amedrontados.

“Ai, meu bom Deus.”

Eles viraram e viram Sophie no altar, segurando a bolsa junto ao peito.

“Eu estarei em casa, até o fim de semana”, ela franziu o rosto. “E acho bom que minha cama esteja com lençóis limpos.”

Esperando o relógio marcar 8 horas da noite, Sophie sentou-se na mesa do altar, cercada de velas acesas, e ouviu sua barriga roncar. Ela deixou que o pai levasse seus últimos biscoitos de aveia sem manteiga para os meninos, pois Agatha praticamente obrigou-a. Os meninos certamente se engasgariam com eles. Isso fazia com que ela se sentisse melhor.

Sophie suspirou. *O Diretor da Escola estava certo. Eu sou má*.

No entanto, mesmo com todos os seus poderes e feitiçarias, ele não sabia que havia uma cura, uma amiga que a fazia ser do Bem. Contanto que ela tivesse Agatha, jamais voltaria a ser aquela bruxa horrenda.

Quando a igreja escureceu, Agatha resistiu em deixá-la sozinha, mas Stefan forçou-a. Os Anciãos haviam sido claros – somente Sophie – e agora não era hora de desobedecer suas ordens. Não quando eles estavam prestes a salvar sua vida.

Agora, sem Agatha ali, Sophie subitamente se sentiu ansiosa. Será que era assim que Agatha se sentia em relação a ela? Sophie a havia tratado muito mal naquela época, perdida em suas fantasias de princesa. Agora, ela não conseguia imaginar um futuro sem ela. Por mais difícil que fosse, ela suportaria os dias que viriam, no esconderijo, mas só porque sabia que teria sua amiga ao final de tudo isso. Sua amiga que havia se tornado sua verdadeira família.

Mas por que Agatha vinha agindo de forma tão estranha ultimamente?

No último mês, Sophie notou uma distância crescente entre elas. Agatha não ria tanto nas caminhadas, era frequentemente fria, e parecia preocupada com seus pensamentos. Pela primeira vez desde que elas tinham se conhecido, Sophie começou a sentir que tinha investido demais nessa amizade. Então, veio o casamento. Ela tinha fingido não notar a mão de Agatha suando, tremendo na sua, como se quisesse escapar. Como se guardasse um segredo terrível.

Talvez eu não seja tão boa quanto você pensa.

O pulsar do sangue martelava os ouvidos de Sophie. O dedo de Agatha não podia ter acendido, naquele dia.

Ou podia?

Ela pensou em sua mãe, que também teve beleza, perspicácia e encantamento... que também teve uma amiga em quem confiou por muito tempo... para depois ser traída por ela e morrer arrasada e sozinha.

Sophie afastou aquele pensamento. Agatha tinha aberto mão de um príncipe por ela. Quase deu sua vida por ela. Agatha encontrou um final feliz para elas, contra todas as probabilidades.

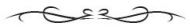
Na igreja fria e escura, o coração de Sophie batia descompassado.

Mas então, por que ela destruiria nosso conto de fadas?

Atrás dela, as portas da igreja se escancararam. Sophie se virou com alívio e viu as sombras esperando, com suas capas cinzentas e chapéus negros nas mãos.

Só que o mais idoso dos Anciãos estava segurando mais alguma coisa.

Algo mais afiado.



O problema de viver em um cemitério é que os mortos não precisam de luz. Não fosse pelas tochas tremulantes acima dos portões, o cemitério seria um breu completo, à meia-noite, e qualquer coisa além seria apenas uma sombra densa. Olhando através das cortinas rasgadas da viúva, Agatha avistou o brilho das barracas brancas, no pé da colina, armadas para abrigar os que haviam ficado sem teto após os ataques. Em algum lugar ali, os Anciãos estavam prestes a levar Sophie a um local onde ela estaria a salvo. Só lhe restava esperar.

“Eu deveria ter me escondido perto da igreja”, disse ela, e lambeu um arranhão novo feito por Reaper, que ainda agia como se ela fosse uma estranha.

“Você não pode desobedecer os Anciãos”, disse sua mãe, sentada rija na cama, de olho no relógio que havia sobre a lareira, com ponteiros feitos de ossos. “Eles têm sido civilizados desde que você parou com os raptos. Vamos continuar assim.” “Ora, por favor”, Agatha debochou. “O que três velhos poderiam me fazer?”

“O que todos os homens fazem em momentos de medo.” Os olhos de Callis estavam fixos no relógio. “Culpar a bruxa.”

“Aham. E nos queimar em estacas, também”, Agatha fungou, se jogando na cama.

A tensão ampliava o silêncio. Ela sentou e viu o rosto tenso da mãe, ainda olhando em frente.

“Você não está falando sério, mãe.”

O suor minava em gotas no buço de Callis. “Eles precisavam de um bode expiatório enquanto os sequestros não paravam.”

“Eles *queimavam* mulheres?”, Agatha perguntou chocada.

“A menos que fôssemos casadas. Foi isso o que os livros de histórias os

ensinaram a fazer.”

“Mas você nunca se casou...”, Agatha disse. “Como sobreviveu...?”

“Porque tive alguém para me defender”, disse sua mãe, observando os ossos marcarem 8 horas. “E ele pagou o preço.”

“Meu pai? Você disse que ele foi um traidor nojento que morreu em um acidente no moinho.”

Callis não respondeu, e continuou olhando em frente.

Um arrepio percorreu a coluna de Agatha. Ela olhou para a mãe. “O que você quis dizer quando falou que Stefan foi o que mais sofreu? Quando os Anciãos arranjaram seu casamento?”

Os olhos de Callis continuaram no relógio. “O problema com Stefan é que ele confia em quem não deve. Ele sempre acredita que as pessoas são do Bem.” O osso comprido passou do 8. Os ombros dela murcharam de alívio. “Mas ninguém é tão bom quanto parece, querida”, Callis disse com suavidade, virando-se para a filha. “Você certamente sabe disso.”

Pela primeira vez, Agatha viu os olhos da mãe. Havia lágrimas dentro deles.

“Não...”, Agatha resfolegou, com um comichão vermelho marcando seu pescoço.

“Eles dirão que foi escolha dela”, Callis respondeu.

“Você *sabia*”, Agatha disse, engasgada, correndo para a porta. “Você sabia que eles não iriam mudá-la de lugar...”

Sua mãe a interceptou. “Eles sabiam que você a traria de volta! Prometeram poupar você, se eu a mantivesse aqui, até que...”

Agatha empurrou-a contra a parede. A mãe se esticou para pegá-la, mas não conseguiu. “*Eles vão matá-la!”*, Callis gritou pela janela, mas a escuridão já havia engolido sua filha.

Sem uma tocha, Agatha cambaleou e tropeçou colina abaixo, rolando pelo mato frio e molhado, até trombar com uma barraca, lá embaixo. Murmurando seu pedido de desculpas a uma família que achou que ela fosse uma bala de canhão, a garota disparou rumo à igreja, em meio a dezenas de sem-teto que cozinhavam besouros e lagartos em fogueiras, embrulhando suas crianças em cobertas nojentas e se preparando para o próximo ataque, que jamais viria. Amanhã, os Anciãos estariam pesarosos pelo “sacrifício” corajoso de Sophie, sua estátua seria reconstruída e os aldeões prosseguiriam para um novo Natal, aliviados de outra maldição...

Com um grito, Agatha escancarou as portas de carvalho.

A igreja estava vazia. Havia longos e profundos arranhões pelo corredor.

Sophie tinha arrastado seus sapatos por todo o caminho.

Agatha ajoelhou na lama.

Stefan.

Ela lhe prometeu. Ela prometeu manter sua filha em segurança.

Agatha se curvou, com o rosto entre as mãos. Isso era culpa dela. Isso sempre seria culpa dela. Ela tinha tudo o que queria. Ela tinha uma amiga, ela tinha amor, ela tinha *Sophie*. E ela a havia trocado por um pedido. Ela era do Mal. Mais que do Mal. Era ela que merecia morrer.

“Por favor... eu a trarei para casa...”, ela disse, ofegante. “Por favor... eu prometo... farei qualquer coisa...”

Mas não havia nada a fazer. Sophie tinha sumido. Entregue a assassinos invisíveis, como um resgate pela paz.

“Desculpe... eu não tive a intenção...” Agatha chorava, com a saliva escorrendo. Como ela poderia dizer a um pai que sua filha estava morta? Como eles poderiam viver com sua promessa quebrada? Seu choro foi lentamente cessando e virando pavor. Ela não se mexeu por um bom tempo.

Agatha finalmente se levantou, nauseada, e cambaleou rumo à casa de Stefan. A cada passo que dava se afastando da igreja, ela sentia-se mais enjoada. Mancando pela estrada de terra, ela sentiu algo meio grudento e molhado em suas pernas. Sem pensar, ela limpou um grude do joelho e cheirou.

Creme de mel.

Agatha congelou, com o coração disparando. Havia mais que creme no chão à sua frente, esguichado em um rastro desesperado em direção ao lago. A adrenalina percorria seu sangue.

Roendo as unhas dos dedos dos pés, dentro de sua barraca, Radley ouviu estalos atrás dele e virou, bem a tempo de ver uma sombra roubando seu punhal e uma tocha.

“Assassino!”, ele gritou...

Agatha girou a cabeça e viu homens irrompendo das barracas para persegui-la, enquanto ela seguia a trilha de creme de mel como se fossem farelos de pão, em direção ao lago. Ela corria mais depressa, seguindo a trilha, mas logo as bolotas de creme foram ficando cada vez menores e borrifadas em todas as direções. Enquanto Agatha hesitou, procurando outro sinal que pudesse guiá-la, os homens chegaram ao lago, correndo ao leste e contornando a margem, em sua direção. Mas havia três vultos do outro lado do lago, vindo em sua captura, pelo lado oeste. Sob a luz de suas tochas, ela viu as três capas longas e as barbas...

Os Anciãos.

Eles iam matá-la.

Agatha girou, acenando com a tocha à sua frente, conforme os dois lados se encontraram. *Sophie, onde está você*...?

“Matem-no!”, ela ouviu um grito voraz, uma voz de homem, surgindo da multidão.

Agatha girou em choque. Ela conhecia a voz dele.

“Matem o assassino!”, o homem gritou novamente, enquanto a turba corria na direção dela.

Em pânico, Agatha correu em frente, balançando a tocha para as árvores. Algo pesado zuniu próximo à sua orelha, e outra coisa passou raspando por suas costelas...

Então, uma centelha surgiu à sua frente e Agatha apontou a chama de sua tocha para ela.

O saquinho vazio do creme de mel estava na beirada da Floresta, com suas escamas de pele de cobra cintilando.

Um golpe duro e frio atingiu suas costas. Agatha caiu de joelhos e viu uma pedra afiada caída ao lado dela. Virou-se e viu mais homens mirando pedras em sua cabeça, a menos de vinte metros de distância. Do outro lado, os Anciãos vinham a toda velocidade, empunhando suas tochas e prestes a verem seu rosto...

Agatha arremessou sua tocha no lago, ficando na mais absoluta escuridão.

Com gritos confusos, os homens balançavam suas tochas ensandecidamente, procurando o assassino. Viram uma sombra passar por eles em disparada, rumo às árvores. Como leões atrás da caça, a turba vingativa avançou, perseguindo-a cada vez mais depressa. Um homem se separou da multidão e, na hora em que gritava pedindo sangue, pegou o assassino pelo pescoço, a sombra virou-se para ele...

Stefan resfolegou em choque, somente o tempo suficiente para que Agatha pressionasse os lábios em seu ouvido.

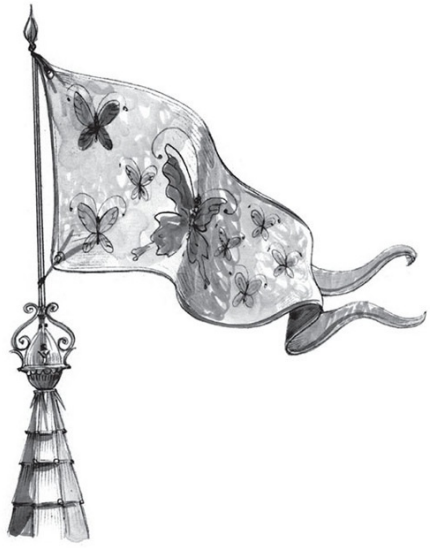
“Eu prometo.”

Então, lá se foi ela, adentrando o labirinto, como uma rosa branca mergulhando em uma cova.

4
Os capuzes vermelhos

Agatha ouviu os gritos dos homens diminuírem junto com a luz de suas tochas. Ajoelhada junto ao tronco molhado de uma árvore, na escuridão, ela cruzou os braços sobre seu vestido preto.

Alguns gritos foram ficando abafados com a distância. Agatha não se mexia, e sua coluna latejava no lugar onde a pedra tinha batido. Por todo esse tempo, ela havia se preocupado em salvar sua melhor amiga e voltar... Voltar para quê? Para os Anciãos assassinos? Para mais ataques assassinos? Para uma vila que queria se livrar de Sophie? Pensar que, há não tanto tempo assim, mulheres inocentes eram queimadas em praça pública, fez seu estômago revirar. *Como poderemos voltar para casa?* O futuro delas em Gavaldon era tão sombrio quanto a Floresta ao seu redor. Para ir para casa, ela não poderia salvar Sophie. Ela tinha que derrotar aqueles assassinos – seja lá quem fossem – e acabar com seus ataques de uma vez por todas.



Mas ela não tinha nem ideia de como começar a procurar a amiga. Ao longo de séculos, os aldeões tinham entrado na Floresta para procurar seus filhos perdidos, só para saírem do outro lado exatamente no lugar onde tinham começado. Assim como todas as crianças desaparecidas, ela e Sophie tinham visto o que havia além da Floresta: um mundo perigoso do Bem e do Mal, que não tinha fim. Elas tinham sido as sortudas por regressar, lacrando para sempre os portões entre a realidade e a fantasia... ou, assim ela havia pensado. Bastou um pedido e os portões foram reabertos.

Onde quer que Sophie estivesse, ela corria grande perigo.

Erguendo-se do chão, Agatha entrou na Floresta Sem Fim, com suas botinas esmagando as folhas mortas. Inclinando para a frente, ela tateava *às cegas*, sentindo as farpas dos troncos, os arbustos com teias de aranha... Sua cabeça bateu em uma árvore e uma sombra passou voando, despejou algo molhado em seu rosto e sumiu num chiado. Um coro de grunhidos e gemidos veio em resposta, por todo lado na Floresta, como um inimigo adormecido sendo chamado à luta. Tonta, Agatha limpou a gosma de seu rosto e tirou o punhal de Radley do bolso. Sons arrastados surgiram por baixo de seus pés.

Através das folhas mortas ela viu pupilas se abrindo e se fechando pela vegetação rasteira, com olhos verdes cintilando em um lugar e ressurgindo em outro. Agatha se encolheu junto a uma árvore, tentando não piscar. Aos poucos, seus olhos foram se acostumando, a tempo de ver oito sombras esguias se desenrolando no solo, formando um círculo ao redor dela, como espirais de fumaça.

Serpentes.

Não. Eram criaturas mais grossas que cobras, negras com cabeças chatas e espinhos afiados em cada escama. Elas foram se erguendo cada vez mais alto em volta de Agatha, se movendo em sua direção, sibilando e arreganhando as mandíbulas cheias de presas...

E, de uma só vez, todas elas cuspiram.

Montes de muco grudaram Agatha à árvore, e ela largou o punhal. Tentou se soltar, mas a gosma azeda entrou em sua boca e em seus olhos, e tudo o que ela podia ver era um círculo de silhuetas espinhentas. Todas miravam partes diferentes de seu corpo, depois se enroscavam em volta dela, com os espinhos espetando sua pele. Debatendo-se silenciosamente, Agatha viu a última delas, maior que as outras, descer de um galho e passar a cauda negra e fria ao redor de seu pescoço. Quando os espinhos começaram a perfurar sua garganta, a garota resfolegou, tentando respirar, mas a cabeça do monstro agora estava na altura de

seus olhos. O animal pressionou as narinas contra o rosto gosmento de Agatha, encarando-a com as pupilas verde-ácido... e começou a apertar. Agatha sufocou e fechou os olhos.

Não havia dor, ela apenas pressentia a chegada de uma lembrança: ela, sentada na margem de um lago, com a cabeça recostada no ombro de alguém, seus braços entrelaçados, o sol banhando sua pele, suas respirações compassadas. Agatha ouvia o silêncio da felicidade, o Para Sempre, em um momento único... Então, a dor perfurante inundou seu corpo e ela soube que o fim havia chegado. Agarrando o braço ao seu lado, Agatha olhou o reflexo na superfície do lago, para ver, uma última vez, o Final Feliz estampado em seu rosto.

Não era o rosto de Sophie.

A luz penetrou a escuridão. As serpentes gritaram e recuaram para baixo das folhas mortas.

Agatha abriu os olhos. Confusa, olhou em volta, procurando a fonte de luz. Através do véu de gosma, viu que a ponta de seu dedo estava brilhando, dourada, pela primeira vez desde o casamento. Ficou ao mesmo tempo aliviada e enjoada. Nas duas vezes em que aquilo havia acontecido, estava pensando *nele*.

A magia segue o sentimento, Yuba havia alertado. Ela tinha perdido o controle de ambos.

Dessa vez, porém, seu dedo não apagou. Agatha o ergueu, confusa. Concentrou-se na necessidade de se soltar da árvore, e subitamente o brilho pulsou com força, como se aguardasse instruções. O coração de Agatha batia mais depressa. Ela tinha entrado no mundo dos contos de fadas. Sua magia estava de volta.

Cheia de dor e presa a uma árvore, Agatha não estava exatamente em condições de se lembrar dos feitiços da escola. Mas, quando sua respiração se estabilizou, ela conseguiu dizer um encantamento básico para derretimento, e o muco e o sangue foram lavados, deixando seu vestido preto grudento e encharcado. Ainda assim, de alguma forma, estava viva. Com um gemido visceral, Agatha pegou o punhal de Radley e arrancou um pedaço da casca do tronco.

Brandindo o dedo aceso como uma tocha, procurou um caminho em meio às árvores nodosas, como Yuba lhe havia ensinado. Como todos os líderes de grupo da Escola do Bem e do Mal, o velho gnomo tinha usado a Floresta Azul, um território magnífico e tranquilo, destinado a passar pela Floresta Sem Fim, e preparar os alunos para o que viriam a enfrentar. Agatha se espremeu entre duas

árvores de raízes apodrecidas, tentando ignorar os cortes ardidos por todo o corpo. Agora, a Floresta Azul parecia uma piada cruel do Diretor da Escola.

Agatha passou por mais árvores cheias de teias, em direção a um vão na mata, torcendo para que fosse o caminho. Não se atreveu a gritar o nome de Sophie, sinalizando aos assassinos que estava em seu encalço.

A cada passo, Agatha experimentava uma sensação crescente de fracasso. Ela já tinha estado na Floresta Sem Fim em duas ocasiões, mas dessa vez era diferente. Não havia escola para salvá-la. Não havia Tedros.

A luz de seu dedo pulsou mais forte.

Tedros de Camelot.

Finalmente, disse o nome dele para si mesma, ali, sozinha na Floresta. A última vez que viu seu príncipe foi naquele crepúsculo em que ela beijou Sophie, um beijo que Tedros achou que seria dele. Enquanto a via desaparecer em pleno ar, ele lhe estendeu a mão, com um grito abafado: *"Espere!"*.

Agatha teve a chance de pegar sua mão. De ficar como sua princesa. Ela sentiu isso, enquanto seu corpo reluzia preso entre dois mundos.

Mas escolheu Sophie. E, então, se foi.

Tinha certeza de ter feito a escolha correta. Era o único final que poderia querer. Porém, quanto mais tentava esquecê-lo, mais seu príncipe vinha. Em sonhos, dia e noite... os olhos azuis sofredores... o corpo saltando... a mão grande e forte estendida para ela...

Até que, um dia, Agatha estendeu sua mão.

Apenas encontre Sophie, ela disse, lembrando-se da promessa à Stefan. Tudo o que ela queria era levar Sophie viva de volta para casa – a encantadora, maluca e hilariante Sophie. Ela nunca mais duvidaria de seu final feliz.

Enquanto olhava através de um emaranhado de galhos, na direção do vão nas árvores, Agatha ergueu o dedo aceso e viu que não havia caminho algum. Era uma fossa de lama avermelhada que se estendia de leste a oeste, até onde a vista alcançava. Ela pegou uma pedra e jogou na água. Não pareceu raso.

Subitamente, Agatha notou duas sombras na margem abaixo, cutucando a lama vermelha com cascos escuros: um veado chifrudo e sua fêmea. Depois de testar com mais alguns cutucões, o veado pareceu satisfeito e os dois entraram na lama, lado a lado, nadando em direção à margem distante. Aliviada, Agatha ergueu o vestido para segui-los.

Algo fisgou a fêmea, e Agatha cambaleou para trás, chocada. Três crocodilos brancos, com focinhos longos e espinhosos, surgiram da lama, estreitos e retangulares, com narinas imensas, dentes negros de tubarão, rasgando a fêmea

que se debatia. Eles a puxaram para baixo, ignorando completamente o macho, enquanto ele se debatia e lamuriava, seguindo para a outra margem.

Agatha não tentou atravessar.

Com lágrimas nos olhos, ela cambaleou para trás, ao caminho pelo qual tinha vindo, erguendo o dedo reluzente em meio ao labirinto de árvores. Onde estava sua amiga? O que tinham feito com ela? Tentando conter o choro, foi mancando até a beira da Floresta, sem enxergar nada além das sombras de galhos finos... filetes de nuvens escuras... um ardente brilho rosado...

Ela apontou o brilho do dedo sobre a coisa, pulsando como um alerta luminoso de “perigo”. Qualquer outra pessoa teria confundido com o olho de um animal. Mas Agatha sabia.

Só um animal produziria um rosa como aquele.

Ela foi correndo por entre as árvores, lutando contra a dor, seguindo o brilho rosa que ia enfraquecendo com a distância. Conforme foi se aproximando, ela começou a ver borrões de sangue nas árvores, como a trilha de um animal ferido. Passou por galhos quebrados e arbustos arrancados, com seus cabelos prendendo nas urtigas, até sentir um rastro de perfume de lavanda. Agatha pulou por cima de um tronco, com o coração quase explodindo no peito, e irrompeu numa pequena clareira...

“Sophie!”

Ela não respondeu. Virada para o outro lado, Sophie estava atrás de uma árvore distante, caída sobre os joelhos, com os braços acima da cabeça. O dedo indicador de sua mão direita pulsou o *típico* brilho rosado por mais algumas vezes e empalideceu.

“Sophie?”, Agatha chamou. O brilho dourado de seu próprio dedo também esfriou.

Sophie ainda não se mexia.

Agatha se aproximou da árvore, e seu pavor aumentou. Podia ouvir a respiração fraca da amiga. Lentamente, Agatha estendeu a mão e tocou seu ombro nu através do rasgo no vestido de Sophie.

Havia sangue ali.

Agatha virou-a. As mãos de Sophie estavam amarradas a um galho, com rédeas de cavalo. Havia cortes de faca em cada uma de suas palmas, das quais os Anciãos haviam tirado sangue e escrito uma mensagem no peito de Sophie.

LEVE-ME

Frenética, Agatha soltou Sophie com sua faca, tentando, em vão, pensar em um feitiço para lavar o sangue. Esfregou a pele da amiga com as mãos trêmulas.

“Desculpe...”, ela arfou, cortando a última rédea. “Nós vamos para casa, eu prometo...”

No instante em que estava solta, Sophie cobriu a boca de Agatha com as mãos gélidas. Agatha seguiu seus olhos arregalados e vermelhos...

Havia algo em todas as árvores à frente, tremulando com um brilho leitoso na escuridão. Agatha ergueu seu dedo aceso.

Pedaços de cartazes estalavam ao vento, como folhas mortas, presos aos troncos. Todos diziam a mesma coisa.



O rosto em todos os pôsteres era o de Sophie.

“Isso é impossível!”, Agatha gritou. “Ele está mor...”

Ela gelou.

Entre as árvores, viu lampejos de vermelho. Algo estava vindo.

Agatha agarrou o pulso de Sophie e arrastou-a para trás de um tronco. Abafando os gemidos dela com uma das mãos, Agatha espiou.

Por entre os galhos emaranhados, viu homens de capuzes vermelhos de couro, com buracos para os olhos. Carregavam flechas com as pontas em chamas, que iluminavam seus uniformes de couro preto sem mangas e seus braços nus musculosos. Ela tentou contá-los – dez, quinze, vinte, vinte e cinco... até que ela contou alguém cujos olhos violeta focavam nela. Sorrindo, ele ergueu seu arco.

“Abaixe!”, Agatha gritou...

As garotas mergulharam para a terra, e a primeira flecha chamuscou a

garganta de Sophie. Nenhuma das duas falava enquanto se arrastavam por raízes pretas retorcidas, e dezenas de flechas erravam por pouco, ateando fogo nas árvores, à esquerda e à direita. De mãos dadas, as meninas fugiram para dentro da mata, procurando algum lugar para se esconderem, com os capuzes vermelhos se aproximando, até que elas chegaram em um vão entre as árvores e finalmente avistaram um caminho sereno na Floresta sob o luar. Aliviadas, elas saíram correndo naquela direção, até pararem em uma bifurcação.

As duas trilhas eram estreitas e escuras, seguindo em direções opostas. Nenhuma das duas parecia mais esperançosa, mas, pelas leituras dos livros de histórias, as meninas sabiam.

Só uma das duas era a trilha certa.

“Para que lado?”, disse Sophie.

Agatha via o quanto a amiga estava abalada e fraca. Ela tinha de levá-la a algum lugar seguro. Voltando a ouvir as flechas, Agatha girou a cabeça de um caminho para o outro, com as árvores em chamas se aproximando... se aproximando...

“Agatha, para que *lado*?”, Sophie pressionou.

Os olhos de Agatha disparavam de um lado para o outro, inutilmente esperando um sinal.

“Olhe!”, Sophie resfolegou.

Agatha girou para o caminho da esquerda. Uma borboleta azul bateu as asas na escuridão, bem acima da trilha. Ela bateu as asas mais depressa e seguiu em frente, como se as impelisse a segui-la.

“Venha”, disse Sophie, subitamente forte outra vez, e disparando adiante.

“Nós vamos seguir uma *borboleta*?”, respondeu Agatha, correndo atrás de Sophie e passando pelos avisos de PROCURA-SE, nas árvores à frente.

“Não se preocupe. Ela está nos levando para fora daqui!”

“Como você sabe?”

“Rápido! Nós vamos perdê-la!”

“Você não sabe o que eu passei...”, Agatha disse, ofegante, bufando atrás.

“Não vamos brincar de quem passou o pior, está bem?”

A borboleta acelerou, como se estivesse se aproximando de seu destino, e fez uma curva, com as asas reluzindo em um tom cegante de azul. Sophie agarrou o punho de Agatha, arrastando-a mais depressa pela curva... até um beco sem saída, cheio de árvores caídas.

A borboleta tinha sumido.

“Não!”, Sophie gritou. “Mas eu achei... eu achei...”

“Que fosse uma borboleta *especial*?”

Sophie sacudiu a cabeça, com os olhos enchendo de água, como se a amiga não conseguisse entender. Então, acima do ombro de Agatha, ela viu um vulto iluminado por uma tocha, passando pelas árvores. Depois, mais dois...

Os capuzes haviam encontrado o caminho delas.

“Nós tivemos nosso final feliz...”, Sophie recuou, junto a um tronco. “Isso é tudo culpa minha...”

“Não...”, disse Agatha, olhando para baixo. “É culpa minha.”

O coração de Sophie se apertou. Era a mesma sensação que ela havia tido sozinha, na igreja, pensando em como sua amiga tinha mudado. Uma sensação de que nada no último mês havia sido casual.

“Agatha... por que está acontecendo tudo isso?”

Agatha olhava as sombras se aproximando da curva. Seus olhos estavam cheios de água.

“Sophie, eu... eu... eu... cometi um erro...”

“Agatha, vá devagar.”

Agatha não conseguia olhar para ela.

“Eu abri... abri nosso conto de fadas...”

“Eu não compreendo...”

“U-um pedido!”, Agatha gaguejou, corando. “Eu fiz um pedido...”

Sophie sacudiu a cabeça. “Um pedido?”

“Não tive a intenção... aconteceu muito depressa...”

“Um pedido para quê?”

Agatha respirou fundo. Encarou os olhos amedrontados da amiga.

“Sophie, eu pedi que estivesse com...”

“Ingressos”, disse uma voz.

As duas garotas viraram e repararam em uma lagarta incrivelmente magra, com a cabeça para fora de um tronco oco, de cartola, bigode curvo e vestindo um smoking roxo.

“Obrigado por chamarem o trem Campo Florido. Nada de cuspir, espirrar, cantar, fungar, balançar, xingar, estapear, cochilar ou urinar no Campo Florido. Infrações resultarão na remoção de suas roupas. Ingressos, por favor?”

Sophie e Agatha se olharam boquiabertas. Nenhuma das duas fazia a menor ideia de como chamar o Campo Florido.

“Olhe, moço”, Agatha pressionou, olhando para trás, vendo as sombras que se aproximavam do canto sem saída. “Nós precisamos ir agora mesmo, e não temos...”

“Deixe comigo”, Sophie sussurrou, virando-se. “É um grande prazer voltar a vê-lo, condutor! Lembra-se de mim? Nos conhecemos quando o senhor gentilmente acompanhou nossa turma até o Jardim do Bem e do Mal. E olhe que bigode adorável! Simplesmente *adoro* um belo bigode...”

“Sem ingresso, sem viagem”, disse a lagarta, recuando com desprezo.

“Mas eles vão nos matar!”, Agatha gritou, vendo os capuzes vermelhos surgindo...

“Circunstâncias especiais devem ser apresentadas por escrito, no Formulário Código 77, na Secretaria do Campo Florido, aberta às segundas-feiras alternadas, de 15 horas às 15h30.”

Agatha o agarrou na árvore. “Deixe-nos entrar, ou eu vou *comê-lo*.”

A lagarta ficou branca nas mãos dela. “OS NUNCA!”, ela gritou. Uma videira se projetou e tragou Agatha e Sophie para dentro dela, enquanto as flechas ateavam fogo à árvore.

As duas garotas caíram por um buraco em tons pastel, até que a videira lançou-as por cima de uma dioneia, uma planta carnívora, em direção a um túnel de névoa quente e cegante. Protegendo os olhos, as garotas sentiram a videira prendendo-as por cima do peito, como uma camisa de força, pendurando-as em um gancho. As duas espiaram por entre os dedos, para ver que estavam suspensas em pleno ar, em um ramo verde fluorescente que dizia:

LINHA ARBÓREA

“A borboleta chamou o trem de alguma maneira!”, Sophie gritou de seu ramo apertado, enquanto o trem as levava adiante. “Está vendo? A borboleta estava tentando nos ajudar!”

Saindo da névoa, Agatha ficou boquiaberta e sem palavras ao ver, pela primeira vez, o Campo Florido. Diante dela estava um sistema de transporte subterrâneo espetacular, quase do tamanho de metade de Gavaldon, feito inteiramente de plantas. Os troncos de árvores coloridos e cruzados formavam um caminho como trilhos, em uma caverna sem fundo, levando passageiros pendurados pelos ramos da videira, até seus respectivos destinos na Floresta Sem Fim. O condutor, empoleirado em um compartimento com uma janela de vidro, dentro do tronco verde da LINHA ARBÓREA, grunhia o nome de cada parada em um microfone de salgueiro, conforme os trens floridos iam passando por: “Maidenvale!”, “Torres de Avalon!”, “Runyon Lane!”, “Ginnymill!”.

Sempre que os passageiros ouviam o nome de sua parada, eles puxavam o ramo da videira com força; a videira presa ao redor da cintura se soltava e os deixava na estação, carregando-os até uma das muitas saídas que desembocavam

no Campo Florido e em terra firme.

Agatha notou que o tronco verde da linha delas estava abarrotado de mulheres bem-vestidas que conversavam alegremente; e havia outras muito estranhas para serem Sempre, enquanto na linha vermelha de ROSALINDA, que seguia em sentido perpendicular, só tinha alguns homens taciturnos e de aparência desleixada. Sob aquelas duas linhas de árvores, a LINHA DÁLIA fervilhava com grupos de mulheres belas e simples, enquanto na LINHA PEÔNIA, cor-de-rosa, só havia três homens anões amarrotados e sujos. Agatha não se lembrava de ter ouvido a lagarta dizer algo sobre homens e mulheres sentarem-se separadamente, mas ela não conseguia se lembrar de metade daquelas regras estúpidas.

Ela estava distraída por dois periquitos, com penas da cor de uma floresta tropical, que vieram voando com copos de suco de aipo e pepino e bolinhos de pistache. No tronco iluminado da árvore acima, uma orquestra de lagartos bem-vestidos entoava uma valsa barroca, com violinos e flautas, acompanhada por um coro de sapos verdes. Pela primeira vez, em semanas, Agatha conseguiu dar um sorriso. Sentiu o cheiro doce do bolinho e o comeu em uma só mordida, e depois tomou o suco verde.

Ao seu lado, presa em seu assento, Sophie fungava e cutucava seu bolinho.

“Você vai comer isso?”, perguntou Agatha.

Sophie enfiou o bolinho na mão dela, resmungando algo sobre manteiga ser coisa do diabo. “É fácil ir para casa”, disse ela, olhando Agatha devorar o bolinho. “Só precisamos pegar essa linha no sentido contrário, diretamente até...”

Agatha tinha parado de mastigar. Sophie lentamente acompanhou o olhar da amiga até as palmas de suas mãos furadas... das marcas sensíveis ao redor de seus punhos, deixadas pelas rédeas dos Anciãos... para as letras vermelhas desbotadas em seu peito...

“Nós não podemos ir para casa, não é?”, Sophie disse, num suspiro.

“Mesmo que provemos que os Anciãos mentiram, o Diretor da Escola ainda irá caçá-la”, disse Agatha, tristonha.

“Ele não pode estar vivo. Nós o vimos morrer, Agatha.” Sophie ergueu os olhos para a amiga. “Não vimos?”

Agatha não tinha resposta.

“Como foi que o perdemos?”, disse Sophie, parecendo confusa. “Como perdemos nosso final feliz?”

Agatha sabia que agora era a hora de terminar o que ela havia começado no

tronco. Mas, ao olhar nos olhos grandes de Sophie, ela não conseguiu suportar a ideia de partir seu coração. Tinha de haver um jeito de consertar aquilo sem que sua amiga jamais soubesse o que ela havia desejado. Seu pedido foi simplesmente um erro. Um erro que ela jamais teria de enfrentar.

“Tem de haver um meio de pegarmos nosso final de volta”, disse Agatha, determinada. “Nós só precisamos lacrar os portões...”

Mas Sophie olhava além dela, com a cabeça erguida. Agatha virou-se.

Atrás delas, o Campo Florido estava vazio. Todos os passageiros tinham desaparecido.

“Agatha...”, Sophie disse, estreitando os olhos para a névoa distante...

Agora, Agatha também os via. Os capuzes atravessavam os trilhos, vindo na direção do trem.

As duas garotas puxavam seus ramos, mas as videiras as prendiam com mais força. Agatha tentou fazer o dedo acender, mas não conseguia...

“Agatha, eles estão vindo!”, gritou Sophie, vendo os capuzes pulando na linha vermelha, dois trilhos acima.

“Puxe sua videira!”, gritou Agatha, pois foi assim que ela viu os outros fazerem, antes de descer. Porém, por mais que elas puxassem, o trem seguiu em frente com elas.

Agatha se remexia à procura do punhal de Radley e conseguiu cortar seu ramo e se soltar, vendo os capuzes vermelhos se aproximando. “Fique aí!”, ela gritou para Sophie, medindo a distância da videira de sua amiga. Pendurada por um ramo, Agatha se esquivava das imensas plantas carnívoras que tentavam abocanhá-la pelo buraco sem fundo, abaixo. Com um grito, ela chutou e rodopiou, entrando no túnel de vento, para pegar a amiga...

As mãos de Agatha erraram o ramo e ela colidiu contra Sophie, agarrando-a, como a uma árvore.

O tronco verde ficou laranja e começou a piscar. “INFRAÇÃO”, uma voz ranzinza rugiu, no alto-falante. “NADA DE BALANÇAR. INFRAÇÃO. NADA DE BALANÇAR. INFRAÇÃO...”

Um bando de periquitos verdes veio voando e começou a bicar o vestido de Agatha, tentando arrancá-lo. Ela deixou cair a faca. “Mas que...”

“Saiam de cima dela!”, Sophie gritou, batendo nos pássaros para afastá-los.

“INFRAÇÃO”, disse a voz ranzinza. “NADA DE ESTAPEAR. INFRAÇÃO. NADA DE ESTAPEAR.”

Os lagartos e sapos acima do trilho delas desceram pelos ramos verdes floridos e começaram a bicar a roupa de Sophie. Espantada, Sophie os socou,

mandando lagartas e flores para todo lado. Agatha inalou o pólen e espirrou.

“INFRAÇÃO. NADA DE ESPIRRAR. INFRAÇÃO.” Pássaros, lagartos e sapos de outras linhas desceram para arrancar as roupas das duas garotas, como punição.

“Nós precisamos descer!”, gritou Agatha.

“Eu sei! Só me restam dois botões!”, Sophie deu um gritinho, dando um peteleco no sapo.

“Não! Nós temos que descer *agora*!”

Agatha apontou para os capuzes vermelhos, balançando no trilho delas...

“Siga-me!”, ela gritou para Sophie, enxotando um monte de lagartos e se pendurando no ramo seguinte. Ela olhou para trás, para ver se Sophie ainda estava com um canário na gola. “Xô! Isso é feito à mão!”

“AGORA!”, Agatha rugiu.

Sophie resfolegou e saltou para o ramo de videira seguinte. Não conseguiu agarrá-lo e caiu gritando, na direção de uma planta carnívora. Agatha ficou branca de pavor...

Sophie caiu de barriga na LINHA HIBISCO, abaixo dela, que seguia paralela em alta velocidade. Com as mãos e pernas ao redor do tronco reluzente, ela olhou para cima, para Agatha, que respirou aliviada.

“Agatha, cuidado!”, gritou Sophie...

Agatha se deparou com um encapuzado, em sua vinha. Ele agarrou-a pelo pescoço.

Ouvindo os sons asfixiados de Agatha, acima, Sophie tentou ficar em pé no tronco, depois viu um túnel à frente, prestes a decapitá-la, e abaixou bem na hora em que o trem entrou veloz. Subitamente, ela ouviu um som tremulante e virou a cabeça para baixo, vendo a borboleta azul, pairando acima do trilho.

“Ajude-nos!”, Sophie suplicou...

A borboleta bateu as asas e seguiu voando em frente. Assim que o trem saiu do túnel, Sophie foi descendo pelo tronco para segui-la, vendo as sombras dos encapuzados estrangulando Agatha logo adiante. Frenética, Sophie tentou acompanhar a borboleta, mas dois encapuzados aterrissaram à sua frente, de arco e flecha nas mãos. Bem na hora em que eles fizeram mira, ela olhou para trás, apavorada, e viu o encapuzado prestes a quebrar o pescoço de Agatha...

A borboleta mergulhou e puxou o ramo da videira das mãos de Sophie. Em um instante, a videira se enroscou em sua mão, arrancou-a do lugar e enrolou-se na mão de Agatha, puxando-a para cima. Os encapuzados viraram-se, perplexos, lançando as facas e flechas para cima delas, mas a videira fez um movimento em

espiral, como um chicote, e lançou as duas garotas para o alto, em um rodamoinho de luz azul. O sopro de vento tragou as duas em direção ao portal de luz, em uma avalanche de pétalas soltas, puxando-as para cima, mais alto, mais alto...

...até um campo suntuoso.

Ajoelhando-se em um canteiro de lírios vermelhos e amarelos, Agatha e Sophie arfavam, com os rostos arranhados, cheias de pétalas nos cabelos e ainda vestidas, por pouco. Ambas olharam para baixo, para o buraco de onde tinham acabado de ser lançadas, cheio de flechas.

“Onde estamos?”, perguntou Sophie, procurando a borboleta.

Agatha sacudiu a cabeça. “Não sei...”

Então, ela viu um lírio vermelho cochichando para um lírio amarelo, e lançando olhares estranhos.

Ela já tinha visto flores falando dela uma vez, pensou. Em um campo exatamente como aquele, até que a pegaram pelo pulso e a puxaram para...

Agatha foi colocada em pé, cambaleante.

A Escola do Bem estava acima delas, reluzindo ao pôr do sol vermelho alaranjado, acima do lado cristalino da Baía do Meio do Caminho. Eram quatro torres de vidro que um dia foram divididas entre rosa e azul, e agora eram apenas azuis, com bandeiras ostentando borboletas da mesma cor, do alto de suas torres pontiagudas.

“Estamos de volta”, Sophie suspirou.

Agatha ficou branca como neve.

Estavam de volta àquele lugar que ela queria esquecer. De volta àquele lugar que tinha arruinado tudo.

Adiante, estavam as portas fechadas do castelo do Bem que ficava no alto da colina. Portões dourados com lanças pontudas bloqueavam o caminho até o Grande Gramado, e exibiam as palavras em arco:

ESCOLA PARA A ILUMINAÇÃO
E O ENCANTAMENTO DE MENINAS

Agatha abriu e fechou os olhos *várias vezes*, achando ter visto errado.

Ainda dizia “DE MENINAS”.

“Hã?”

Sophie levantou ao seu lado. “Que estranho.”

“Mas ‘Bem’ e ‘Meninas’ s*ão tão diferentes*...”, disse Agatha. “Talvez uma das ninfas tenha se confundido ou feito alguma brincadeira...”

Então, ela viu o que Sophie estava olhando. No meio da baía, o lago do Bem

entrava no fosso do Mal. Só que o fosso não estava preto como antes. Tinha um tom de vermelho-ferrugem, da cor do fosso da Floresta, e estava protegido pelos crocodilos brancos espinhentos que ela tinha visto comendo a corsa, e havia pelo menos vinte deles à espreita, com dentes negros e pontudos cintilando.

Agatha lentamente ergueu os olhos para a Escola do Mal, acima do fosso. Havia três torres em vermelho vivo, cobertas de espinhos e lanças, ladeadas por uma torre prateada, duas vezes mais alta que as outras. Em cima das quatro torres, bandeiras pretas tremulavam na névoa, bordadas com serpentes escarlates.

“Antes eram três torres do Mal”, disse Sophie, estreitando os olhos. “Não quatro...”

Vozes surgiram do outro lado da baía, e as duas garotas se abaixaram em meio aos lírios.

Da Floresta irromperam homens de preto saindo dos portões do castelo do Mal.

Eles estavam vestindo capuzes de couro vermelho.

“Os homens do Diretor da Escola!”, gritou Sophie, enquanto eles desapareciam em meio à névoa.

Agatha empalideceu. “Mas isso significa que...”

Ela girou de volta para a baía.

“Sumiu...”, disse Agatha, pois a altíssima torre prateada do Diretor da Escola, que um dia protegeu o ponto central entre o fosso e o lago, tinha simplesmente... desaparecido.

“Não sumiu *não*”, disse Sophie, ainda olhando a Escola do Mal.

Agora Agatha viu por que havia quatro torres, em lugar de três.

A torre do Diretor da Escola tinha passado para o Mal.

“Ele está vivo!”, Agatha gritou, olhando boquiaberta para a torre prateada. “Mas, como...”

Sophie apontou. “Olhe!”

Na única janela da torre envolvida pela névoa, uma sombra olhava para baixo, para elas. Tudo o que elas conseguiam ver de seu rosto era uma máscara prateada reluzente.

“É ele!”, Sophie disse baixinho. “Ele está liderando o Mal!”

“Agatha! Sophie!”

As meninas viraram-se, desviando dos lírios para ver a professora Dovey correndo do castelo do Bem, com seu vestido verde de gola alta.

“Venham *rápido*!”

Conforme as duas correram atrás dela, atravessando os portões dourados do Bem, Agatha deu uma olhada para trás, para a torre do Diretor da Escola, e para a sombra mascarada na janela. Tudo o que elas tinham de fazer era matá-lo outra vez e o erro delas estaria escondido para sempre. Elas voltariam para casa a salvo, Agatha manteria sua promessa a Stefan, e Sophie jamais saberia o que ela havia pedido. Olhando para cima, para a sombra que agora comandava o Mal, Agatha esperou que seu coração rugisse determinado, que a lançasse à batalha... mas, em vez disso, seu coração fez outra coisa.

Ele se agitou.

Como acontecia com uma princesa, nos livros.

Quando ela via seu príncipe.

5
A outra escola

Conforme ela e Sophie dispararam atrás da professora Dovey, entrando no corredor espelhado, Agatha tentou recuperar o fôlego. A professora era uma famosa fada madrinha que sempre a protegeu. Ela poderia dar algumas respostas.

“Quem são aqueles homens de capuz vermelho?”, perguntou Agatha.

“Como o Diretor da Escola sobreviveu?”, disse Sophie.

“Por que os Nunca estão do lado dele?”, disse Agatha.

“Quietas!”, estrilou a professora Dovey, apagando as pegadas com sua varinha de condão. “Nós não temos muito tempo!”

“Você não parece surpresa em nos ver”, Agatha sussurrou, mas a fada madrinha as conduziu para dentro do saguão deserto do Bem sem dar resposta alguma, trancando magicamente as portas atrás delas.

Apenas alguns meses antes, Sophie havia destruído o saguão, em sua vingança de bruxa, sobre Agatha e Tedros, estourando os vitrais, as escadas em espiral e o piso de mármore, deixando tudo em cacos. Mas as duas amigas perderam o fôlego diante da reconstrução de tudo. Onde antes havia duas escadas cor-de-rosa e duas azuis, agora todas as escadas eram do mesmo tom de azul real do castelo. Iluminadas por janelas altas, as escadarias subiam em espiral até as torres-dormitório, com nomes gravados em balaustradas ricamente decoradas: HONRA, CORAGEM, PUREZA e CARIDADE. Agatha abominava o tom de rosa princesinha das torres da Pureza e da Caridade, mas vê-las agora da mesma cor das torres dos príncipes lhe causava uma sensação inquietante.



Sophie lhe deu um cutucão, e Agatha virou-se e a viu olhando com curiosidade para o canto do saguão: o Obelisco das Lendas, uma coluna de cristal, cobria os retratos emoldurados. Dentro de cada moldura havia um retrato pintado de um antigo aluno, ao lado da ilustração de uma história do que aquela criança havia se tornado após a formatura. Mas, ao olhar para os Sempre nas molduras douradas do meio, que haviam se transformado em ajudantes e auxiliares, e para a fileira de baixo, dos que se transformaram em varredores e serventes, as duas meninas notaram algo peculiar...

“Onde estão os meninos?”, perguntou Sophie, pois todos os seus retratos tinham sido retirados.

Agatha virou-se para a escadaria da Honra: a frisa de cavaleiros e reis tinha sido substituída por uma frisa de princesas que empunhavam espadas e correntes. Sophie voltou-se para a escadaria da Coragem, que antes era decorada com caçadores vigorosos e seus cães fiéis – e que agora tinha caçadoras e cães decididamente femininos. As duas garotas viraram-se para os murais da parede oposta, que antes trazia escrito S-E-M-P-R-E... e agora dizia M-E-N-I-N-A-S.

“Esta é uma escola para meninas!”, disse Agatha, perplexa. “O que aconteceu com o Bem?”

“Não podemos encontrar o Diretor da Escola sem os *meninos*!”, gritou Sophie.

“Shhhhh!”, disse a professora Dovey, apressando-as para subirem a escadaria da Coragem. “Ninguém pode saber que vocês estão aqui!”

Enquanto as garotas seguiam seu elegante coque grisalho pelos arcos e murais azulados da Coragem, elas olhavam, pasmas, vendo que, onde antes havia paisagens de príncipes viris destruindo demônios e salvando princesas indefesas, agora havia outras paisagens: a Branca de Neve quebrando o vidro com os próprios punhos e saindo de seu esquife, a Chapeuzinho Vermelho cortando ela própria a garganta do lobo, a Bela Adormecida ateando fogo ela mesma em seu tear... Os príncipes de sangue vermelho, os caçadores, os homens que as salvaram... haviam todos desaparecido!

“É como se ninguém tivesse existido!”, sussurrou Agatha.

“Talvez o Diretor da Escola tenha matado todos eles!”, sussurrou Sophie.

Ela subitamente ouviu um tilintar suave e virou-se para ver três borboletas

azuis reluzindo no corredor, por trás de uma parede. As borboletas flagraram-na olhando e, com um *plim* agudo, abaixaram-se e sumiram.

"O que foi?", disse Agatha, olhando para trás.

"Andem!", ralhou a professora Dovey, e as duas saíram atrás dela, passando pela lavanderia, onde duas ninfas flutuantes de mais de dois metros de altura esfregavam espartilhos azuis ensaboados. Depois, passaram pelo Salão de Jantar, onde caldeirões enfeitiçados ferviam arroz com açafrão e sopa de lentilhas, e pelo Salão Comunitário da Coragem, perto da escada dos fundos. Exaustas e doloridas pelos tormentos que passaram na Floresta, Sophie e Agatha tentavam acompanhar o ritmo, mas a professora Dovey era mais ágil do que parecia.

"Para onde estamos indo?", ofegou Agatha.

"Para a única pessoa que pode mantê-las vivas", respondeu a fada madrinha, subindo rapidamente a escada.

De pronto, Sophie e Agatha correram mais depressa, subindo cinco lances de escada, até a porta branca solitária, no sexto andar.

"O escritório do professor Sader?", Agatha bufou. "Mas ele está morto!"

A professora Dovey passou os dedos sobre os pontinhos azuis na porta do antigo professor de história. Ela se abriu sem som algum, e Sophie e Agatha entraram atrás dela.

Junto à janela, havia uma mulher magra, com uma longa trança negra pendendo por trás de seu vestido roxo, com ombreiras pontudas.

"Alguém as viu?", ela perguntou.

"Não", disse a professora Dovey.

Lady Lesso virou-se para Sophie e Agatha, com seus olhos violeta cintilantes.

"Então, chegou a hora de saber o que elas fizeram."

"*Nós* fizemos isso?", disparou Agatha.

"Mas nem estávamos aqui!", disse Sophie, desviando da Reitora do Mal, junto à janela, para a Reitora do Bem, na antiga escrivaninha do professor Sader, que transbordava de livros abertos.

Lady Lesso olhava fixamente para seus rostos sujos de terra. "Neste mundo, as ações têm consequências. Os *finais* têm consequências."

"Mas o nosso conto de fadas terminou feliz!", disse Sophie.

A professora Dovey soltou um gemido.

"Por que vocês não nos contam como foi que terminou?", debochou Lady Lesso, com suas veias azuladas latejando.

"Nós matamos o Diretor da Escola e resolvemos sua charada!", disse Sophie.

“Foi assim que Sophie e eu fomos para casa!”, disse Agatha.

“Clarissa, mostre a elas como realmente termina”, rosnou Lady Lesso.

A professora Dovey jogou um livro na mesa. Era pesado e grosso, com capa de couro de carneiro, que estava respingada de lama. Agatha abriu na primeira página, que parecia toda encharcada. Uma caligrafia preta, ligeiramente borrada, mostrava as palavras no papel de pergaminho.

A história de Sophie e Agatha

Sophie virou a página, abrindo uma bela gravura dela e de Agatha, em pé, diante do Diretor da Escola.

Era uma vez, dizia a letra, *duas meninas.*

Agatha se lembrou da frase. O Storian havia escrito isso, quando elas invadiram a torre do Diretor da Escola. Folheando as páginas do livro, Agatha viu sua história e a de Sophie se desenrolando em uma série de gravuras brilhantes: Sophie tentando ganhar um beijo de Tedros... Agatha salvando a vida de Tedros de um ataque brutal... Agatha e Tedros se apaixonando... Sophie se transformando em uma bruxa vingativa... o Diretor da Escola esfaqueando Sophie... Agatha ressuscitando-a com um beijo de amor... e, depois, uma página bem grande... com uma imagem confusa de Tedros desesperadamente estendendo a mão para Agatha, enquanto ela e Sophie desapareciam, e três palavras abaixo do fechamento da história...

E elas sumiram.

Agatha sentiu as lágrimas transbordando por toda a dor e pelo amor que ela e Sophie tinham compartilhado para chegar em casa.

“É o conto de fadas perfeito”, disse Sophie, com um sorriso sufocado, cruzando com o olhar de Agatha.

Elas se viraram para as professoras, que pareciam mortalmente austeras. “Não acabou”, disse Lady Lesso.

As meninas olharam para o livro abaixo, confusas. As mãos sujas viraram a última página, e elas viram que havia algo do outro lado.

Uma gravura de Tedros, de costas, caminhando por uma névoa escura, sozinho.

E Sophie e Agatha viveram felizes para sempre, pois garotas não precisam de príncipes para amar e serem felizes...

Não, elas realmente não precisam de príncipes em suas histórias.

“Esse é de Maidenvale. Mas você consegue encontrá-lo em qualquer lugar. Estão contando essa história até em Netherwood.”

Sophie e Agatha ergueram a cabeça para a professora Dovey, franzindo os

rostos diante da bagunça na mesa.

“Todos só querem ouvir essa história.”

Então, as meninas viram que todos os livros abertos não estavam ali por acaso. Cada volume que havia lá sobre a mesa estava aberto na última página. Alguns tinham gravuras feitas a óleo, outros, em aquarela, alguns em grafite e caneta-tinteiro; alguns eram em um idioma que as meninas conheciam, outros, em textos que elas não entendiam. Mas todos terminavam suas versões de *A história de Sophie e Agatha* do mesmo jeito: Tedros sozinho e desnecessário, amuado na escuridão.

“Minha nossa, toda essa melancolia porque ficamos *conhecidas*?”, disse Sophie. “Vocês não podem estar surpresas. A Branca de Neve e a Cinderela são meigas e tudo mais, mas quem vai querê-las, quando podem ter a *mim*?”

Agatha não respondeu. Ela lentamente se aproximou da janela, e Lady Lesso deu um passo ao lado, sem dizer uma palavra. Na escrivaninha de Sader, a professora Dovey ficou na expectativa.

Da janela alta, Agatha observava o território que servia para treinamento de encantamento das duas escolas: a Floresta Azul se expandindo em várias tonalidades por trás dos castelos estava como sempre esteve, silenciosa e viçosa, apesar do frio de outono, caprichosamente cercada por seus portões dourados pontudos. Os sons vinham de além dos portões.

Em princípio, ela achou que fossem folhas secas cobrindo a Floresta Sem Fim de marrom e alaranjado, por baixo de árvores nuas e tortas. Então, ela olhou mais atentamente e viu que eram homens.

Milhares deles se aglomeravam junto aos portões da Floresta Azul, em um acampamento imundo de sem-teto, curvados em volta de fogueiras como aldeões miseráveis. Ela não conseguia ver seus rostos, mas via barbas desgrenhadas e faces enegrecidas, calças manchadas e pernas ossudas, casacos rasgados e cintas com reluzentes... emblemas.

Eles não eram aldeões. Eram...

“Príncipes!”, suspirou Sophie, olhando para fora.

“É ela!”, uma voz gritou da multidão. As cabeças viraram-se na direção da janela.

“É a bruxa!”

De uma só vez, uma multidão feroz correu até os portões da Floresta...

“Morte à Sophie!”

“Matem-na!”

“Matem a bruxa!”

Os homens dispararam flechas e catapultaram pedras na torre, mas os projéteis instantaneamente sumiam em um escudo encantado, uma bolha violeta que apareceu acima dos portões da escola. Enquanto a multidão rugia e fazia piquete, munida dos mesmos cartazes de PROCURADA que as garotas tinham visto na Floresta, um príncipe intrépido pulou nos portões pontudos. O metal dourado magicamente chiou como fogo e ele o soltou assustado, empalado nas lanças abaixo. Sophie girou, horrorizada.

“Como podem ser príncipes?”, ela gritou.

“Como podem ser príncipes?”, Lady Lesso imitou-a. “Aqueles príncipes estão ali por *sua* causa.”

As garotas se entreolharam, boquiabertas. “Nós não entendemos...”, Agatha disse.

A professora Dovey cerrou os dentes. O único momento em que ela tinha visto a fada madrinha tão furiosa assim foi quando ela desobedeceu uma professora, em seu primeiro ano, e quase incendiou o castelo.

“*Pense,* Agatha. Houve um dia em que você acreditou ser uma bruxa horrenda. Mas, em vez disso, seu destino era se tornar uma *princesa*, e encontrar o Para Sempre com o príncipe mais cobiçado de nossas terras. Teria sido a maior vitória do Bem! Uma recuperação de todos os valores que havíamos perdido! Imagine? Matar o Diretor da Escola, mandar sua amiga do Mal para casa, a salvo, e ficar aqui com Tedros, eternamente, como sua futura rainha. Tudo que você tinha a fazer era pegar a mão dele, antes de ter desaparecido. Esse teria sido um conto de fadas *correto*. Mas, em vez disso...”

Ela perfurou Sophie com o olhar. “Você a escolheu.”

“E fez muito bem!”, replicou Sophie. “Se você conhecesse alguma coisa de Agatha, saberia que ela jamais abriria mão de mim por causa de um *garoto*.” Ela voltou-se para a amiga, sabendo que, dessa vez, Agatha a defenderia. Mas, novamente, Agatha não o fez. Ela só engoliu em seco e ficou olhando para suas botinas enlameadas.

“O que aconteceu depois que nós partimos?”, perguntou Agatha.

“O despejo.”

As garotas se viraram para Lady Lesso, que estremeceu, ao se lembrar.

“Depois de seu beijo, os alunos tentaram voltar às suas escolas, mas as torres do Mal expulsaram as meninas Nunca. Sessenta delas voaram pelas janelas, mergulhando na baía, de escadas, salas de aulas, camas, banheiros, salões comunitários... Elas tentaram voltar, mas os portões do Mal impediram sua entrada. Todas as Nunca fugiram para o santuário do Bem, e as meninas Sempre

as acolheram, inspiradas por seu final feliz.”

“Assim que elas chegaram, as torres do Bem despejaram os meninos Sempre com a mesma rudeza”, prosseguiu a professora Dovey. “No momento em que todos tinham partido, o castelo magicamente mudou para o que é agora... Seus retratos foram removidos, os murais foram repintados, as frisas foram novamente entalhadas, como se espelhassem sua história. A Escola do Bem se tornou a Escola das *Meninas*.”

E, de fato, os timbres resplandecentes acima dos corações dela e de Lady Lesso, que antes eram cisnes prateados, agora eram borboletas azuis cintilantes. Agatha sacudiu a cabeça, confusa.

“Mas aqueles não são meninos Sempre da escola!”, ela apontou para fora da janela. “Aqueles são príncipes de verdade!”

“O que aconteceu aqui aconteceu por toda a Floresta Sem Fim”, disse a professora Dovey, solenemente. “Enquanto sua história se espalhava como uma praga e as princesas imaginavam um mundo sem príncipes, os homens eram magicamente expulsos de seus castelos e se tornavam sem-teto. Eles suplicavam às bruxas que interrompessem a maldição, mas elas também tinham ouvido *A história de Sophie e Agatha*. Agitadas pela força de seu elo, as feiticeiras uniram forças com as princesas e assumiram o controle dos reinos.”

“Bruxas e princesas são *amigas*?”, perguntou Sophie, incrédula.

“Ninguém achou que fosse possível, até seu conto de fadas”, disse a professora Dovey. “E, agora, os inimigos são os homens e as mulheres.”

Agatha pensou em momentos antes, no Campo Florido, nas mulheres conversando, em grupos, algumas bonitas e alegres, outras simples e esquisitas... e nos poucos homens desgrenhados e solitários...

“Mas nós não queremos que os príncipes virem desabrigados!”, gritou Agatha. “Não queremos que eles sejam inimigos!”

“Nós certamente não queremos que eles fiquem fedorentos”, murmurou Sophie.

“Vocês fizeram os príncipes serem irrelevantes”, retrucou Lady Lesso. “Vocês os tornaram impotentes, obsoletos. E, agora, fizeram com que eles buscassem um novo líder, por vingança.”

As garotas seguiram os olhos dela até o mar de cartazes de PROCURA-SE erguidos do lado de fora dos portões, exigindo a cabeça de Sophie por ordem de seu líder.

“O Diretor da Escola!”, Sophie disse. “Nós o vimos...”

“Ah, viram?”, debochou Lady Lesso.

“Ele está no castelo do Mal! Nós temos que matá-lo!”, Sophie se virou para Agatha. “Conte a ela!”

Agatha ignorou a agitação em seu estômago. “Mas ele não pode ter sobrevivido”, disse ela, quase que para si mesma. Ela ergueu os olhos. “Vocês também estavam lá, professoras. Todas nós o vimos morrer.”

“Realmente”, disse a professora Dovey. “Mas isso não significa que ele não tenha sido substituído.”

“*Substituído*?”, disseram as meninas.

“Naturalmente, Lady Lesso e eu acreditávamos ser as melhores candidatas”, disse a professora Dovey, alisando as asas de besouro de seu traje. “Sem-teto e odiados, os príncipes precisavam de líderes em que pudessem confiar. Nós lhes asseguramos que *A história de Sophie e Agatha* estava encerrada para sempre. Sob nossa proteção, o Storian recuperaria os meninos e meninas, restabelecendo o equilíbrio, assim como acontece com o Bem e o Mal. Mas, assim que tentamos fazer essa ponte de paz entre meninos e meninas...” Seu rosto esmaeceu. “Aconteceu algo estranho.”

Ela arrancou a última página do conto de fadas das duas e esperou que elas dissessem alguma coisa.

“Eles desenharam o Tedros mais alto do que ele é”, sugeriu Sophie.

“Não está faltando alguma coisa?”, perguntou a Reitora.

Agatha se lembrou do livro de história, embaixo de sua cama... do príncipe e da princesa casados...

“FIM”, disse ela. “Por que não diz FIM?”

A professora Dovey encarou-a e lentamente ergueu o livro até a luz. Abaixo da última linha do conto de fadas, as duas meninas viram a tinta desbotada bem na palavra...

Antes que fossem apagadas.

“O que aconteceu?”, perguntou Sophie, ofegante.

“Parece que seu livro foi reaberto”, disse a professora Dovey, desviando-lhe o olhar a todas as outras versões da história delas, espalhadas por cima da escrivaninha. O FIM também havia desaparecido de todas elas.

Sophie remexeu na pilha de livros. “Mas como podemos perder um final feliz!?”

“Porque uma de vocês desejou um final *diferente*”, disparou Lady Lesso, sem olhar para ela. “Uma de vocês quis um *novo* Para Sempre. E agora, uma de vocês colocou nossa escola à beira de uma *guerra*.”

“Isso é ridículo”, disse Sophie. “Eu sei que eu queria ser uma princesa, mas

não posso, não é? Eu vi o que aquele lugar fez comigo e não tenho desejo algum de passar mais tempo lá, mesmo que Gavaldon cheire a traseiro de cavalo e não tenha homens suportáveis. Portanto, se eu não desejei, certamente foi um enga...”

Mas agora ela via quem Lady Lesso estava encarando, e seu rosto perdeu a cor.

Sophie lentamente se virou para a amiga, encolhida em um canto. “Agatha, lá no tronco, você disse... você disse que cometeu um... não *foi isso que você quis dizer, certo?”*

Agatha não conseguia olhar para ela.

As mãos de Sophie estavam tremendo. “Agatha, diga que não foi isso que você quis dizer.”

Agatha tentou encontrar palavras, algo com que pudesse se redimir...

“Tudo isso...”, disse Sophie, ofegante. “Tudo que aconteceu... foi por *sua* causa?”

Agatha ficou vermelha como pimenta. Virou-se para Lady Lesso. “Como se conserta isso? Como eu consigo levar a Sophie de volta para casa em segurança?”

A professora do Mal deixou a pergunta pairando no ar, enquanto inspecionava suas unhas vermelhas e afiadas.

“É simples”, disse ela, erguendo os olhos. “Vocês têm de desejar ter um final feliz uma com a outra, ao mesmo tempo. Desejar isso uma à outra, e somente à outra, e o Storian escreverá novamente o FIM.”

“E nós deixaremos a Floresta?”, perguntou Agatha.

“Para nunca mais serem caçadas... contanto que o desejo seja *verdadeiro*.”

Agatha bufou. “Nós podemos consertar isso.” Ela se virou para Sophie. “Nós podemos ter nosso final feliz de volta! A vila não vai nos ferir!”

Sophie recuou. “De que final feliz você está falando?”

“Não faça isso”, disse Agatha.

“O que mais você poderia querer?”, disse Sophie.

“Foi um erro, Sophie...”

“Responda.”

“Sophie, por favor...”

Sophie a encarou fixamente. “O que foi que você desejou?”

“Nós podemos consertar isso agora”, implorou Agatha.

“Receio que vocês não possam.”

As duas meninas se viraram.

“O Storian precisa escrever FIM para selar seu desejo”, disse a professora Dovey. “E, no momento, ele está incapacitado.”

“O que você quer dizer?”, disse Agatha, zangada. “Onde está ele?”

“Onde sempre esteve”, disse Lady Lesso, retribuindo a cara feia. “Com o Diretor da Escola.”

“Hã?”, disse Agatha. “Mas você disse que ele foi substituído...”

Ela sentiu um aperto no coração.

O rosto que ela não conseguiu ver.

Agatha lentamente ergueu os olhos.

“Quem não quer seu fim selado?”, disse Lady Lesso, com a voz ronronada. “Quem quer um *novo* final para seu conto de fadas?”

Ela ergueu a última página da história das duas... havia um menino caminhando para dentro da névoa, sozinho...

“Quem ouviu o *pedido* de sua princesa?”

Agatha voltou-se para a janela. Um raio explodiu acima da torre do Diretor da Escola, do outro lado da baía, com um filete de trovão, e ela viu a sombra mascarada em um lampejo...

Cabelos dourados, um corpo musculoso, uma espada reluzente na bainha...

O céu escureceu e ele sumiu.

Agatha sentiu-se fraca. Todos os ataques... toda a destruição...

“Ele”, Sophie disse, encolhendo-se junto à parede. “Você pediu por... *ele*.”

Agatha procurou algo para dizer, mas bastou uma olhada para Sophie, que estava amuada com sua roupa cor-de-rosa suja, e ela soube. Não havia nada a dizer.

“Como?”, Agatha sussurrou. “Como ele conseguiu ouvir?”

“Porque você quis que ele ouvisse”, disse Lady Lesso, em um tom cortante, dirigindo-se à Agatha. “Desde o dia em que você partiu, Tedros acreditou que um dia você o chamaria. Desde o dia em que você partiu, ele e seus garotos assombram sua vila, tentando atravessar para Além da Floresta... até que seu desejo finalmente abriu os portões.”

Agatha empalideceu vendo Lady Lesso cercando-a. “Mas, desta vez, seu príncipe tem de se assegurar de que sua princesa o escolha. Ele precisa da garantia de que você não vai repetir seus erros. Então, Tedros roubou o Storian debaixo dos nossos narizes, sabendo que a torre do Diretor da Escola segue a caneta aonde quer que ela vá. Agora, ele vai impedir que o Storian escreva FIM para sua história... até que ela tenha seu *novo* final.”

A barriga de Agatha deu um nó. “Qual é o novo fim?”, disse ela, rouca.

Lady Lesso olhou diretamente para ela. “Matar Sophie.”

Sophie lentamente ergueu os olhos, vermelha e sensível.

“Tedros acredita que matar Sophie irá consertar seu conto de fadas, deixando-o como deveria ter sido”, disse a professora Dovey. “A bruxa morre. A princesa fica livre para o príncipe. Seu final é reescrito exatamente como Agatha desejou.”

Agatha não conseguia respirar diante do olhar fulminante de Sophie.

“Por que você não poupa Tedros desse trabalho?”, estrilou Sophie. “Mate essa bruxa você mesma.”

“Isso resolveria tudo”, suspirou a professora Dovey. As duas garotas se viraram.

“Oh, não”, disse a professora. “Eu disse isso em voz alta?”

“Ela logo morrerá”, rosnou Lady Lesso. “Tedros contava que Sophie viesse para cá, para proteger-se. Agora, ele e seu exército virão matá-la.”

“Exército?”, Agatha ficou branca. “Ele tem um exército?”

“Você já passou pela escola dele”, disse Lady Lesso.

Agatha girou a cabeça para a janela. Através das rajadas de vento, ela podia ver os capuzes vermelhos ao redor das torres do Mal, com uniformes de couro preto, emblemas com serpentes vermelhas e botas pretas brilhosas. Ela lentamente baixou os olhos até o portão na margem do castelo, com palavras em metal enferrujado, escritas no alto do arco:

ESCOLA PARA VINGANÇA
E INDENIZAÇÃO DE MENINOS

“Um pedido pode ter muitas consequências, não é?”, disse Lady Lesso, olhando de esguelha para Agatha. “Tedros prometeu dar metade do tesouro de seu pai a quem matar Sophie, como recompensa. É desnecessário dizer que tanto os meninos Sempre, quanto os meninos Nunca aceitaram o desafio.”

“Assim como todos os príncipes de fora”, disse a professora Dovey, olhando a massa de maltrapilhos sujos que enxameavam os portões. “Tedros sabe que não pode nos atacar só com sua escola. Nossos professores não entregariam Sophie sem uma boa briga.”

“Por isso ele está usando os príncipes para nos forçar”, disse Lady Lesso. “Eu lancei um escudo protetor ao redor de todo o perímetro de nossas escolas para mantê-los do lado de fora. Mas se os príncipes conseguirem entrar, Tedros terá homens o suficiente para invadir nosso castelo e matar Sophie.”

Agatha ficou olhando para a fortaleza vermelha, ainda anestesiada. “O Storian está em uma escola de meninos?”

“Ou liberte-o e leve Sophie para casa, viva... ou beije Tedros antes que ele a mate.” A professora Dovey cruzou com o olhar chocado de Agatha. “Beije seu príncipe com determinação e você ficará aqui, com *ele*, Para Sempre. Sophie terá desaparecido de vez da sua história para... e sumirá para casa, sozinha.”

“Para casa, *sozinha*?”, Sophie resfolegou, como se tivesse sido alvejada. “Para Gavaldon, *sozinha*? Enquanto ela fica... com *ele*?”

“Esses são os dois únicos finais que podem evitar a guerra”, disse a professora Dovey.

O único som na sala era o eco dos príncipes assassinos.

Sophie deu uma olhada horrível para Agatha e se encolheu como uma bola.

“Tedros”, Agatha disse, cerrando os dentes. Como ela pôde pedir por um garoto que tinha levado o amor tão longe? Como ela pôde desejar um garoto que seria capaz de matar sua melhor amiga? Seu velho *Eu* bruxa jamais deixaria que isso acontecesse.

“Terceira opção”, disse ela, partindo na direção da porta. “Vou dizer ao Tedros que ele é um babaca iludido.”

“*Não*!”

Agatha se virou.

“Você pediu por ele”, Sophie vociferou, vermelha de raiva. “E você quer que eu confie em deixar vocês dois *sozinhos*?”

Agatha se acovardou. Sophie parecia até mais bruxa que antes, no cemitério.

“Eu não vou interferir em sua briga de namorados, mas sugiro que Agatha resolva logo”, estrilou Lady Lesso. “Uma vez que Tedros faça os príncipes irromperem por meu escudo, todas as nossas vidas estarão em perigo.”

“Nós esconderemos você e Sophie na Floresta Azul, até que tenham um plano”, a professora Dovey disse à Agatha, pegando um chaveiro. “Nenhuma das meninas pode saber que vocês vieram.”

“Porque, ao contrário de suas duas professoras, elas acham que isso foi a melhor coisa que já aconteceu”, disse uma voz suave.

As duas professoras e as duas garotas viraram-se e se depararam com uma mulher alta e encantadora que entrava pela porta, de pele clara e suave, fartos seios no decote e um eletrizante vestido azul de professora, decorado com uma estampa de borboletas. Ela tinha uma cabeleira castanha que ia até o meio das costas, olhos verdes escuros e sobrancelhas grossas, uma linda boca rosada e os dentes ligeiramente separados.

“O escritório de meu irmão?”, disse ela, mordendo o lábio opulento. “Eu não sabia que aqui era o local onde fazíamos reuniões secretas.”

“É o único lugar onde não podemos ser ouvidas”, respondeu Lady Lesso, com a voz estranhamente hesitante.

“Bem, creio que eu deveria ter sido avisada quanto às nossas convidadas de honra”, a mulher disse ofegante, virando-se para Sophie e Agatha. “Afinal, elas são o motivo da existência desta escola magnífica.”

As duas garotas olharam-na, boquiabertas.

“Estivemos nos preparando meticulosamente para a sua chegada”, disse a estranha, franzindo as sobrancelhas arqueadas. “E por pouco não as perdemos.” Ela lançou um olhar para as duas professoras.

Agatha sacudiu a cabeça. “Mas como sabia que estávamos vindo..?”

“Minha nossa, vocês estão assustadoras”, disse a mulher, magicamente restaurando seus rostos e vestidos, com o dedo. Só que o vestido de Sophie perdeu seu tom rosado e ficou todo branco.

Sophie pegou a bainha. “O que aconteceu com meu...”

“Venham, meninas.” A mulher foi faceiramente até a porta. “Nós colocamos seus livros e suas grades de aulas em seus quartos.”

“Grades?” A professora Dovey saltou em um pé. “Você *não pode* estar pensando que elas vão frequentar as aulas, Evelyn!”

A mulher girou. “Enquanto estiverem na *minha* escola, elas v*ão frequentar as aulas e seguir as regras*, o que inclui permanecer na escola em tempo integral. Vocês certamente não têm objeções às *regras*, não é?”

Sophie e Agatha esperaram que as professoras realmente contestassem, mas Dovey e Lesso ficaram curiosamente quietas, olhando o par de borboletas azuis que haviam pousado na ponta do nariz de cada uma.

“Vejo que suas ex-reitoras deixaram de informá-las sobre a mudança mais importante em sua nova escola”, disse a estranha, sorrindo para as meninas. “Sou Evelyn Sader, Reitora da Escola para Meninas. Desculpem a pressa. Não quero deixar todos esperando. Sigam-me, por favor.”

E quando ela se virou e saiu pela porta, Sophie viu as duas borboletas pousarem em seu vestido e magicamente sumirem na estampa. Ela ofegou, surpresa. “Deixar *quem* esperando?”

Mais borboletas mergulharam em seu vestido, e a bela mulher não olhou para trás.

“O *seu* exército”, disse ela, como se tivesse acabado de ouvir a conversa inteira.

6
O nome dela é Yara

“Um exército dedicado à produção de histórias como a sua”, disse a Reitora Sader, batendo os saltinhos azuis de vidro pelo corredor aberto que ligava a Coragem à Honra. “Sua história foi apenas uma degustação do que princesas e bruxas podem fazer juntas. Aqui, você irá liderar uma escola inteira!”

“Uma escola...”, Agatha gaguejou, seguindo-a escada abaixo. “Nós precisamos ir para casa!”

“Sabe, as ex-reitoras e eu temos opiniões diferentes”, disse a Reitora Sader, enquanto borboletas voavam em todas as direções para depois desaparecerem em seu vestido. “Elas acham que vocês têm de deixar nosso mundo para encontrarem, juntas, seu final feliz. Eu acho que vocês têm de *ficar*.”



“Mas os meninos vão me matar!”, disse Sophie, trombando com força em Agatha, ao passar.

“Mmmm, digamos que você consiga invadir um castelo cheio de machos sedentos de sangue”, disse a Reitora, rebolando seu traseiro pelo saguão. “Digamos que você liberte o Storian, contra todas as probabilidades.” Ela parou do lado de fora das portas gélidas da Galeria do Bem. “O pedido não vai dar certo, a menos que você seja sincera.”

Ela olhou para Sophie. “Como você pode pedir por Agatha, se sabe que ela quer o príncipe?”

A Reitora virou-se para Agatha. “Como você pode pedir por Sophie, se teme a bruxa interior?”

Ela chegou tão perto que as garotas sentiram o cheiro do creme de mel em sua pele imaculada.

“Como podem pedir por alguém em quem não *confiam*?”

Os olhos de Sophie e Agatha se cruzaram na hora, torcendo para que a outra argumentasse. Nenhuma das duas o fez.

“A amizade de vocês precisa ser reatada antes que possam ir para casa. E aqui, vocês vão consertar o que foi rompido”, disse a Reitora Sader, com uma última borboleta entrando em seu vestido. “Os contos de fadas nos treinaram para acreditar que um belo laço como o de vocês não pode durar. Por quê? Porque um garoto tem que entrar no meio de vocês duas. Um menino tão ameaçado por sua história que está disposto a *matar* para destruí-la. Mas, em *minha* escola, nós ensinamos a verdade.” Ela abriu a porta para a escuridão total. “Que uma menina sem um menino é o maior final feliz de todos.”

Seu dedo magicamente acendeu uma tocha e a chama rugiu em vermelho, para um rufar de tambores. Agatha e Sophie deram um salto para trás.

Eram vinte fileiras de meninas que estavam ali, imóveis, de cabeças baixas, cada uma delas usando um véu branco, com calças em azul real, e um corpete leve bordado com o emblema de uma borboleta sobre o coração. Havia mais de cem delas se estendendo pelas exposições do museu, passando pelas portas abertas dos fundos, adentrando o vasto salão de baile, o Salão do Bem. Com os rostos obscuros, elas se mantinham sinistramente imóveis, braços erguidos e flexionados, com as mãos pousadas nos cotovelos opostos, como se estivessem evocando gênios. Acima delas, pouco abaixo do teto, pairavam mais duas meninas de véu em tapetes mágicos, batendo tambores cada vez mais depressa.

Na frente dessa parada havia uma menina solitária, sem mais ninguém em sua fileira. Seu véu era azul, em vez de branco, seus cabelos eram ruivos e a pele

clara de seus braços finos era pontilhada de sardas cor de morango. Ela lentamente ergueu os braços...

Os tambores cessaram.

Com um grito agudo, a menina soltou um estouro de fogo que chamuscou os tapetes mágicos e fez com que Agatha e Sophie se encolhessem de medo das chamas. Quando os tambores rufaram mais uma vez, a garota começou uma dança do ventre, pontuando cada movimento com um assovio ou um chiado.

“Apenas uma olhada para ela e Tedros vai se esquecer daquela que pediu por ele”, disse Sophie, friamente.

“Sophie, eu lamento muito.” Agatha aproximou-se da amiga. “Sinto, mesmo.”

Sophie se afastou.

“Eu jamais a perderia para um garoto”, Agatha disse. Mas, ao olhar a garota dançarina, ela subitamente sentiu uma pontada de ciúmes... Será que o Tedros a viu?

Ela afastou esse pensamento. Tedros queria matar sua melhor amiga e ela ainda estava pensando nele? *Ele é o inimigo, sua idiota!*

O rosto de Stefan a assombrava, implorando que ela levasse Sophie de volta para casa, em segurança. Onde estava a Agatha que faria qualquer coisa para proteger sua melhor amiga? Aquela que tinha o controle sobre os sentimentos? A que era do Bem?

A essa altura, as meninas das fileiras de trás tinham começado a imitar a dança da líder, fluindo com belos movimentos das mãos. Então, como em um floreio súbito, todas as meninas viraram-se umas para as outras e passaram a dançar em pares. As mãos se tocavam e entrelaçavam, antes que elas tocassem as costas e erguessem os braços, trocando os pares, sem jamais perder o toque das palmas. Com suas calças azuis de odalisca e seus véus brancos, elas pareciam anêmonas marinhas. Apesar do coração tumultuado, Sophie conseguiu dar um sorriso. Ela nunca tinha visto algo tão lindo. Mas, também, ela nunca tinha visto meninas dançando sem meninos.

Agatha não gostava da expressão de Sophie. “Sophie, eu preciso falar com o Tedros.”

“Não.”

“Eu já pedi desculpas. Você tem que me deixar consertar isso...”

“Não.”

“O tolo acha que eu quero você morta!”, disse Agatha, espantando uma borboleta azul de seu ombro. “Eu sou a única pessoa que pode fazê-lo enxergar a

razão.”

“Um príncipe que acha que é o Diretor da Escola, apostou metade de sua fortuna em minha cabeça, e você acha que ela verá a razão”, disse Sophie, deixando que a borboleta pousasse nela. “Fico surpresa que o Bem ganhe alguma vez, sendo *tão ingênuo assim.”*

Agatha deu uma olhada na direção da Reitora, que estava de costas para elas. Ela não poderia ouvir, com os tambores batendo e a dançarina gritando feito uma hiena, mas Agatha teve a estranha sensação de que ela conseguia ouvir tudo.

“Sophie, eu me perdi por um momento”, ela sussurrou. “Foi um erro.”

Sophie olhava a garota líder cuspindo outra labareda. “Talvez a Reitora esteja certa”, disse ela, sem sussurrar. “Talvez eu deva ficar aqui.”

“O quê? Nós nem sabemos de onde ela veio, muito menos como ela é Reitora! Você viu a expressão no rosto da professora Dovey. Você não pode confiar nela...”

“Nesse momento, eu confio mais nela do que em você.”

Agatha poderia jurar que viu a Reitora sorrir. “Você não está segura aqui, Sophie! Tedros virá atrás de você!”

“Deixe que venha. Isso é o que você quer, não é?”

“Eu quero você em casa, e viva!”, Agatha suplicou. “Quero que nós esqueçamos que um dia viemos à Escola do Bem e do Mal! Não quero Tedros!”

Sophie girou, ríspida. “Então, por que você pediu por ele?”

Agatha gelou.

“Que comecem os presentes!”, decretou a Reitora.

“Presentes?”, Sophie virou para Agatha, radiante. “Finalmente, uma boa notícia!” Ela foi para o lado da Reitora, enquanto as meninas de véus correram na direção das paredes, deixando um vasto corredor no meio.

Agatha seguiu cautelosa, lembrando o que esse mundo um dia fez a ela e à sua melhor amiga. Quanto mais elas ficassem ali, mais tempo estariam em perigo. Ela tinha de levar Sophie para casa *agora*.

Passando pela luz do sol de uma janelinha, ela notou que a exposição do museu havia mudado. As provas das façanhas dos meninos haviam sido todas retiradas e substituídas por relíquias do conto de fadas de Sophie e dela: o uniforme de Garota Sempre de Agatha, os cartazes das palestras de Sophie durante os almoços, o bilhete de Agatha para Sophie mandado durante a Prova dos Contos, o cacho de cabelo cortado de Sophie durante a punição na Sala da Condenação, e dezenas de outras, cada uma delas mantidas como relíquia em uma vitrine de vidro azulado.

Na parede principal, o mural do Para Sempre, que um dia celebrou o casamento de príncipes e princesas, agora estava coberto com uma lona azul-marinho bordada com borboletas. De fato, a única coisa remanescente era o antigo nicho das pinturas do professor Sader, no canto dos fundos. Como vidente que conseguia ver o futuro, o ex-professor de história havia feito desenhos de cada leitor que veio de Gavaldon para a Escola do Bem e do Mal. Sempre que Agatha precisava de respostas, ela voltava a essas pinturas, encontrando novas pistas. Tudo o que ela queria era estudá-las novamente, mas havia garotas de véus marchando em sua direção, pelo corredor, carregando um imenso vaso roxo.

"De Maidenvale", disse a Reitora Sader, com a voz açucarada e agora profunda e incisiva. "Uma urna da Princesa Riselda que, assim como centenas de outras, ouviu sua história e percebeu que ela seria mais feliz sem seu príncipe. Ela mandou queimar o trono dele e lhe oferta agora as cinzas."

As meninas ergueram a urna para Sophie e para Agatha, que olharam os entalhes de um príncipe magicamente ejetado para fora da janela do castelo e lançado aos crocodilos abaixo.

"Nós não queremos isso", Agatha disse, mal-humorada.

"Podemos colocá-la em meu quarto?", Sophie sorriu, virando-se para a Reitora.

"Quarto?", Agatha disparou. "Sophie, você não vai *ficar*..."

Então, duas garotas vieram marchando pelo corredor, com cortinas orientais de bambu.

"Das colinas de Pifflepaff", rugiu a Reitora. "Uma cortina com estampa de árvore, pintada à mão, da Princesa Sayuri, que leu sua história e se deu conta de que, sem príncipes, as princesas e bruxas são mais felizes."

Seus bambus lindamente pintados mostravam uma princesa e uma bruxa se abraçando, em um dos painéis, enquanto, no outro, um príncipe muito parecido com Tedros era esmigalhado por uma fera.

"Que coisa horrível", Agatha estrilou.

"Pode pendurar ao lado da minha cama", disse Sophie, para as duas garotas de véu. "O que mais?"

A Reitora apontou sua unha pintada de esmalte dourado para o corredor. "De Netherwood, uma tapeçaria de príncipes sem-teto..."

"Eu gostaria que as professoras Dovey e Lady Lesso soubessem apreciar alguém chique como você", Sophie disse, bajulando a Reitora, enquanto prosseguia a procissão de presentes com abusos aos príncipes, incluindo bonecos

de vodu de príncipes, espadas de príncipes roubadas, e um tapete feito de cabelo de príncipe. “As aulas começam hoje?”

A Reitora sorriu, enquanto se afastava. “Inclusive as *minhas*.”

“Não está falando sério?”, Agatha chiou para Sophie. “Agora você quer ir à *aula*?”

“Vamos torcer para que eles tenham reformado aquelas salas de doce”, Sophie ajeitou os cabelos com as mãos, se preparando para o dia. “Eu sou alérgica ao cheiro.”

“Sophie, há uma recompensa por sua cabeça...”

“E, por último, um presente meu”, declarou a Reitora Sader, diante do mural Para Sempre, que estava coberto por uma lona. “Alunas, sua antiga escola ensinou-lhes que o equilíbrio era suprimir o Bem ou o Mal. Mas, como pode haver equilíbrio entre os Sempre e os Nunca, até que haja equilíbrio entre meninos e meninas? Não é nenhum erro que nossas leitoras regressaram para se juntar à nossa escola, pois seu conto de fadas permanece inacabado.”

Ela olhou diretamente para as duas garotas. “E a batalha por seu fim apenas começou.”

Ela deixou cair a lona. Agatha e Sophie resfolegaram.

As palavras SEMPRE e NUNCA, gigantes e cintilantes, ainda estavam em meio às nuvens pintadas no alto do mural, em letras de forma douradas. O restante havia sido refeito.

Agora, a cena mostrava dois castelos de vidro azul ao redor de um lago, enquanto garotas de uniformes azuis se aglomeravam ao redor das sacadas da torre, pegavam sol às margens do lago e passeavam no território dentro dos portões. Algumas dessas meninas eram lindas, algumas eram horrendas, mas elas trabalhavam, moravam e passeavam juntas, sem divisão, como se as bruxas e as princesas sempre tivessem sido destinadas a serem amigas.

Também havia meninos nas pinturas, se é que se podia chamá-los assim. Com farrapos negros de camponeses e rostos terrivelmente distorcidos, eles catavam esterco, varriam as folhas na Floresta atrás do castelo e construíam as torres com turmas de detentos, antes de se recolherem aos cortiços imundos que contornavam os portões. Supervisoras femininas os conduziam como suas donas, e eles nem discutiam, como escravos resignados à eterna servidão. Os olhos de Agatha se ergueram ao topo da pintura, onde, iluminadas pelo sol, duas mulheres com diademas de cristal supervisionavam seu reino, da sacada mais alta...

“Somos nós”, Sophie resfolegou.

“É... essa escola”, disse Agatha, de cara feia.

“Seu verdadeiro Para Sempre”, disse a Reitora, parando no meio das duas. “Capitãs desses corredores consagrados, conduzindo as meninas a um futuro sem príncipes.”

Agatha fez uma careta diante da visão dos meninos Sempre e Nunca odiados e escravizados. “Essa escola *não é* nosso fim”, disse ela, virando-se para Sophie. “Diga a ela que nós temos que partir!”

Mas Sophie estava olhando a pintura, de olhos arregalados. “Como fazemos com que se torne realidade?”

Agatha ficou tensa.

“Do jeito que todos os heróis ganham seus finais felizes, querida”, disse a Reitora, tocando os ombros das duas. “Enfrentando o inimigo.” Ela sorriu para a janela, na direção da torre de Tedros. “E *matando-o*.”

Agatha e Sophie se olharam, surpresas.

“Minhas estimadas alunas!”, a Reitora abanou a mão para a multidão. “Deem as boas-vindas às nossas leitoras, que estão de volta à escola!”

Com um rugido, a turba arrancou seus véus e correu na direção das meninas.

“Vocês voltaram para casa!”, disse Reena, efusiva, abraçando Agatha junto à sardenta Millicent, enquanto Mona, com sua pele esverdeada, e Arachne, de um olho só, apertavam Sophie em um abraço...

“Eu não sabia que nós éramos amigas...”, disse Sophie, sufocada.

“Nós estamos do seu lado, contra Tedros”, disse Arachne, animada, de braço dado com Millicent, como se as Sempre e as Nunca subitamente fossem amigas de infância. “Todas nós!”

“Vocês são nossas heroínas”, Reena disse à Agatha, que notou que a princesa árabe estava com os quadris mais cheios. “Você e Sophie nos ensinaram a verdade sobre os meninos!”

Agatha procurou palavras, antes que alguém viesse como um raio, dando um gritinho, e desse um abraço nela e em Sophie. “Minhas colegas de quarto!”, Beatrix disse, animada. “Vocês não estão empolgadas? A Reitora colocou vocês duas *comigo*!”

Nem Sophie e nem Agatha tiveram tempo para assimilar esse cataclismo, pois elas estavam de olhos arregalados para algo mais alarmante... “Seu cabelo!”, Sophie gritou.

“*Nada de garotos* significa que não há necessidade de ficarmos parecendo umas princesas imbecis”, disse Beatrix, orgulhosamente afagando a cabeça raspada. “Imaginem quanto tempo eu desperdicei, no ano passado, com o Tedros, e com bailes e embelezamentos, o dia todo. Para quê? Agora eu leio,

estudo, aprendi a falar a língua dos gnomos... finalmente sei o que está se passando no mundo!

“Mas, e quanto ao Embelezamento?”, perguntou Sophie, angustiada.

“Isso já era, há muito tempo. Não tem mais bela ou feia na Escola de Meninas!”, disse Reena que, para pavor de Sophie, não estava usando um pingo de maquiagem. “Nós usamos calça comprida, não fazemos as unhas... até comemos queijo!”

Sophie engasgou e olhou em volta, à procura da Reitora, mas as borboletas a seguiam para fora da galeria. “Mas um pouco de batom pode...?”

“Você pode fazer o que quiser!”, disse Arachne, mostrando um borrado horrendo de blush, nas bochechas. “As Nunca podem se enfeitar, as Sempre não precisam. É tudo escolha sua!”

Millicent se aproximou sorrindo. “Faz *um mês* que eu não lavo meu cabelo.”

As garotas se retraíram, e Agatha foi agarrada por alguém que veio vibrando.

“*Oiiiiiiiiiiiiiiii!* Você está aqui! Minha melhor amiga no mundo todo!” Kiko deu um sorriso fingido para Sophie. “E você também.” Então, Kiko abraçou Agatha de novo, com os olhos castanhos amendoados marejados. “Você não imagina o quanto eu rezei para que você voltasse! Aqui está parecendo o céu! Espere até que você faça aula de história – é a Reitora que leciona e nós entramos nas histórias – e tem aula de dança, um jornal escolar, um clube do livro, e nós montamos uma peça de teatro, em vez de um baile, e podemos dormir nos quartos umas das outras e...”

Kiko não conseguiu terminar, porque agora havia bandos de garotas cercando Sophie e Agatha, cada uma delas também agindo como se fossem suas melhores amigas.

Agatha tentou afastar a horda e foi até Sophie, do outro lado da massa. “Nós temos de sair daqui ago...” Ela tropeçou e caiu no chão.

“Você poderia autografar o meu livro?”, perguntou Giselle, que tinha tosado o cabelo preto em um penteado moicano tingido de azul. Agatha foi engatinhando para trás, mas havia mais fãs clamorosas.

Enquanto as meninas estendiam livros, cartões e partes do corpo para que Sophie autografasse, Beatrix forçou as garotas a fazerem uma fila, para serem atendidas uma a uma. Sophie mal conseguia identificar quem era do Bem e quem era do Mal, já que uma porção das meninas Sempre tinha cortado o cabelo e deixado de ligar para a silhueta, enquanto um grande número de meninas Nunca estava fazendo experiências com maquiagem e dietas.

Enquanto isso, Agatha tinha finalmente se livrado de seu bando ruidoso. Mas

bem na hora que ela pegou o braço de Sophie, para acabar com aquela idiotice, ficou paralisada.

A dançarina veio até elas, com seu véu azul celeste. Alta e magra como uma garça, ela não andava, mas praticamente pisava nas pontas dos pés, já que os calcanhares de suas sapatilhas nunca tocavam o chão. Ela veio pelo corredor, passou pelas garotas boquiabertas, até parar diretamente na frente das duas leitoras. A menina levantou a cabeça, com seus cabelos ruivos esvoaçantes, e ergueu o véu do rosto.

Sophie e Agatha ficaram confusas.

Não se parecia com nenhuma menina que elas já tinham visto; no entanto, era quase familiar. Tinha um nariz pontudo, um maxilar forte, olhos próximos e azuis. Seu pescoço era estranhamente longo e sua blusa cortada revelava músculos abdominais perfeitos e ondulados, por baixo de sua pele clara e sardenta. A garota deu um sorriso delicado, olhos nos olhos delas, e soltou um grasnido baixinho que deu um susto em Sophie e Agatha. Então, ela soprou um beijo para elas, recolocou o véu e foi saindo do salão.

Todas as meninas ficaram olhando em silêncio, até que a aglomeração voltou a se empurrar na direção de Sophie e Agatha. Beatrix soprou seu apito.

“O que foi *aquilo*?”, Agatha disse a Kiko, enquanto dava um autógrafo, irritada.

“O nome dela é Yara”, sussurrou Kiko. “Ninguém sabe como ela entrou! Não fala, não come até onde sabemos, e some toda hora. Provavelmente não tem onde morar, a pobrezinha. Mas a Reitora deixou que ela ficasse por bondade de coração. Algumas pessoas acham que ela é metade stymph.”

Agatha franziu o rosto, pensando nos pássaros ossudos e carnívoros que odiavam os Sempre. “Como é que alguém pode ser metade stym...”

Ela perdeu a linha de raciocínio, porque Sophie tinha acolhido todas as garotas para si, sorrindo imperiosamente, dando autógrafos e beijos nos rostos, como se finalmente estivesse em casa.

“Posso ajudá-la a lutar contra os meninos?”, perguntou Arachne.

“Posso ser sua vice-capitã?”, gritou Giselle.

“Posso ser sua vice-vice-capitã?”, ecoou Flavia.

“Sente-se com meu grupo, no almoço!”, disse Millicent.

“Não, sente conosco!”, imitou Mona.

“Mas que glorioso voltar a ter *fãs*”, disse Sophie, ignorando a expressão horrorizada de Agatha e enfeitando um autógrafo com corações. “Aqui estou eu, tentando voltar para casa, onde ninguém me quer e, ao contrário, me deparo com

o paraíso, onde *todos* me querem.”

“Se você se sentir infeliz com a Beatrix, não se preocupe”, disse Kiko, notando o rosto melancólico de Agatha. “Você pode ficar comigo.”

Agatha virou-se para ela e Kiko subitamente entendeu. “Você não vai ficar, não é?”, disse Kiko.

A multidão silenciou ao redor dela.

“Agora, me conte sobre essa peça da escola”, disse Sophie, bem alto, para Reena. “Você já escalou a protagon...”

Ela parou, pois todas as alunas tinham acompanhado o olhar de Agatha para fora da janela. Do outro lado da baía, a névoa se adensava ao redor do terrível castelo vermelho.

“Se nós ficarmos, vamos começar uma guerra”, Agatha disse às garotas. “Todas vocês estariam em perigo.”

Ela virou-se para Sophie. “Você ouviu as professoras. Podemos consertar o que fizemos, sem que ninguém morra. Nem vocês, nem Tedros. Nem ninguém daqui. Nós fazemos um pedido, uma pela outra, e podemos esquecer que essa escola um dia existiu.” Ela tocou o ombro da amiga. “Será do Mal se nós ficarmos, Sophie. E você não é do Mal.”

Sophie lentamente olhou o mar de meninas sem culpa alguma, que sem dúvida morreriam nas mãos de Tedros e de seus encapuzados vermelhos. Só que Agatha tinha se esquecido do alerta da Reitora. Elas poderiam voltar para casa, contanto que ambas fossem sinceras no pedido. Mas Sophie sabia que Agatha não poderia ser sincera no pedido pela amiga. Agatha não poderia se esquecer dessa escola.

Porque uma amiga já não era mais suficiente para Agatha. Agatha queria um príncipe.

“Nós vamos nos esconder na Floresta Azul e arranjar um plano”, Agatha disse a ela baixinho, ansiosa para escapar antes que a Reitora voltasse. “Talvez possamos nos mogrificar para entrar na escola dos meninos.”

Desanimada, Sophie não disse nada.

Até que viu seus próprios olhos, na pintura da parede.

No topo do castelo, com sua coroa de cristal, ela se parecia com alguém que conhecia, com os mesmos cabelos louros, olhos cor de esmeralda e pele de marfim. Alguém que também tinha perdido seu final feliz para um menino. Alguém que havia morrido totalmente sozinha por causa disso.

“Você é linda demais para esse mundo, Sophie.”

Foi a última coisa que sua mãe disse.

Ela queria que eu o encontrasse, pensou Sophie, encontrasse esse mundo onde ela não acabaria como a mãe.

Um mundo onde ela e Agatha seriam felizes para sempre.

Um mundo onde um menino jamais poderia se intrometer entre elas.

Um mundo sem príncipes.

E somente um príncipe estava em seu caminho, pensou Sophie, cerrando os dentes, com as lágrimas brotando.

Um príncipe que Agatha certamente esqueceria, quando ele estivesse morto.

"Isso não é do Mal, Agatha", disse Sophie. "Essa escola é nossa única esperança."

Agatha se retesou. "Sophie, o que você..."

"Ele diz que *quer a mim*?", Sophie berrou para seu exército de prontidão. Ela mostrou os dentes para o castelo de Tedros.

"Então, deixe que ele *venha me pegar*."

As meninas deram vivas e se aglomeraram ao redor de sua nova líder.

"Morte a Tedros!"

"Morte aos meninos!"

Agatha empalideceu quando Sophie a encarou e sumiu na multidão.

Com um pedido ela originou uma guerra. Uma guerra entre dois lados que lutavam por seu coração. Uma guerra entre duas pessoas que ela amava. Uma guerra entre sua melhor amiga e um príncipe.

A alma de Agatha ardia de culpa, por uma promessa feita a um pai cujo coração ardia em chamas.

Preciso de ajuda, ela rezou, vendo Sophie mandando beijos para seu exército. Alguém que lhe dissesse quem era do Bem e quem era do Mal, dessa vez.

Quando se afastou da horda, ela notou um estranho brilho no canto, pairando perto do chão, no nicho escuro de pinturas de Sader. Lentamente, dois pares de olhos amarelos flutuaram em sua direção, como bolas de gude suspensas. Subitamente, mais duas reluziram perto daquelas, depois mais duas, enquanto sombras curvadas saíram de trás de uma coluna de mármore.

Os três ratos pretos reluziram diante de Agatha, como se ela tivesse dito palavras mágicas. Então, eles saíram correndo pelas portas dos fundos, para conduzi-la até seu mestre.

7
As bruxas preparam um plano

“Então, deixe-me entender isso direito”, Hester olhou, sentada em uma pia dourada, ao lado de Anadil, ambas vestindo a túnica preta dos Sempre. “Tedros quer matar Sophie. Sophie quer matar Tedros. E, a menos que você encontre um final com um deles *agora*, todo mundo nesta escola morre.”

Agatha assentiu levemente recostando em um dos cubículos de marfim, no banheiro da Torre da Honra, que tinha vaso e banheira combinando. Ela nunca achou que ficaria tão feliz na vida em ver duas bruxas. Ao contrário do restante das meninas, nenhuma das duas tinha mudado. O cabelo de Hester, com mechas pretas e ruivas, estava mais oleoso do que nunca, e a tatuagem com o demônio vermelho chifrudo que ela tinha em volta do pescoço estava novamente com a cor radiante, depois que um feitiço fracassado o empalidecera no ano anterior. Anadil, por sua vez, parecia mais branca que antes, se é que isso era possível para uma albina com cabelos e pele em tom branco fantasmagórico. Sentada na pia ao lado de Hester, ela balançava um lagarto para seus três ratos pretos, que pareciam iguais aos que tinham sido mortos na guerra entre o Bem e o Mal.



“Um príncipe e uma bruxa, dispostos a matar um ao outro por você”, disse ela, com rispidez em sua voz rouca. “Se fosse comigo, me sentiria lisonjeada.” Ela ficou olhando os roedores estriparem o lagarto e ergueu seus olhos caídos. “Ainda bem que eu não tenho sentimentos.”

“Isso é questionável. Quem substitui bichos mortos de estimação por outros idênticos?”, murmurou Hester.

“Olhem, estou faminta, suja, sem dormir, e um exército de garotos está tentando matar minha melhor amiga”, disse Agatha, com a voz falhando de estresse. “Eu só quero voltar para casa viva.”

“Contudo, você fez um pedido pelo Tedros”, disse Hester, em seu deboche afiado habitual. “Que na verdade faz parecer que você não quer ir para casa.”

Por um instante, Agatha não disse nada. “Ouçam, apenas me falem o que fazer e ninguém se machuca.”

“Como se fôssemos fadas madrinhas, Ani”, fungou Hester, soprando anéis de fumaça da ponta vermelha de seu dedo aceso.

Anadil desenhava um crânio na pia, com seu dedo verde aceso. “Só não somos tão antigas, nem tão serviçais.”

“*Por favor*”, suplicou Agatha. “Vocês são bruxas. Vocês têm de saber outro jeito de pegar um pedido de volta...”

“Ora, mas que fervorosa!”, Hester girou e usou o dedo aceso para desenhar um quadrado no espelho, deixando o rosto de Agatha bem no meio da moldura. “Olhem só para essa alma perdida e desamparada. Ainda usa preto e busca a

velha Agatha... a Agatha que arremessava pássaros decapitados e peidava na cara de todas as garotas Sempre, e adorava sua preciosa Sophie mais que a vida.” Hester cruzou com os olhos de Agatha refletidos no espelho e sorriu. “Mas ela se foi, princesa.”

“Isso não é verdade”, respondeu Agatha, mas os arranhões de Reaper queimavam em sua mão, como se fossem recentes.

“E pensar que um dia nós quisemos você em nosso grupo”, disse Anadil. “E agora, aqui está você, temendo ferir sua melhor amiga por causa de um *garoto*.”

“Que bom ver que vocês duas não mudaram”, murmurou Agatha, seguindo até a porta. “Isso me lembra por que não somos amigas.”

“No fim das contas, só um deles pode fazê-la feliz”, ronronou Hester, por trás dela. “A questão é: *quem*?”

Agatha se virou e viu as bruxas descerem das pias e começarem a rodeá-la como tubarões.

“Sophie ou Tedros?”, ponderou Hester.

“Tedros ou Sophie?”, Anadil provocou.

As duas bruxas recostaram na pia, lado a lado. “Isso exige muita reflexão”, disse Hester, olhando para Anadil. As duas cabeças giraram de volta para Agatha.

“TEDROS”, elas disseram em coro.

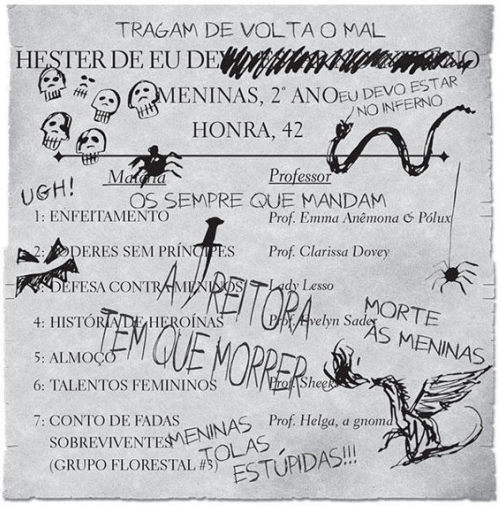
O coração de Agatha saltou e ela retrucou chocada. “Mas isso está errado! Eu não quero um príncipe!”

Hester deslizou descendo da pia, em um único movimento. “Ouça, sua idiotinha de olhos esbugalhados. A não ser que você beije Tedros, as escolas ficarão do jeito que estão”, ela estrilou, subitamente se parecendo com a garota perigosa que Agatha conhecia. “Beije-o e tudo estará resolvido. O príncipe com sua princesa, a bruxa sumida de vez. Os Sempre de um lado, os Nunca de outro. A Escola do Bem e do Mal de volta, a tempo para que eu seja capitã do 3º ano.”

Agatha cruzou os braços. “Entendo. Eu estou preocupada com a vida da minha melhor amiga e você está preocupada com a *escola*.”

“Você sabe o que fez a este lugar, sua vaca falastrona?”, disse Hester, em um rosnado, com os olhos negros revoltados. “Sabe o que nos fez passar?”

Ela arrancou um pedaço de pergaminho embolado do bolso. Agatha desamassou uma grade de aulas quase ilegível por baixo dos rabiscos.



Agatha ficou olhando, boquiaberta. “Mas... isso é sobre...”

“Meninas, sua tola imbecil! Tudo nesta escola é sobre ser menina!”, Hester gritou. “Você sabe o quanto eu tentei provar que sou mais que uma menina, e agora tenho de viver em um castelo cheio delas! Não se pode ter uma escola sem meninos! Até nós sabemos disso, e olha que nós preferimos nos matar a ter de tocar um deles!”

“Mas nós dançamos com eles no Baile do Mal”, Anadil corrigiu...

“Cale a boca”, rugiu Hester, virando-se de volta para Agatha. “Ninguém gosta de meninos! Nem mesmo as garotas que gostam de meninos conseguem suportá-los! Eles são fedorentos, falam demais, bagunçam tudo, e estão sempre com a mão dentro das calças, mas isso não significa que podemos ir à escola sem eles! É como os stymphs sem ossos! Como bruxas sem verrugas! Sem meninos A VIDA NÃO FAZ SENTIDO!”

Os ecos estremeceram o espelho.

Agatha ergueu a grade de aulas. “É... e os professores estão *tranquilos*, com isso?”

“Por que você acha que eles não estavam em sua recepção de boas-vindas?”, resmungou Hester, acalmando-se ligeiramente. “Eles estão tão felizes com isso quanto nós. Mas eles não têm escolha. Se resistirem, sofrerão o mesmo destino da Princesa Uma.”

Agatha viu que a professora de Comunicação com Animais não estava na programação. “Onde está ela?”

“A Reitora trocou sua matéria para Caça aos Animais, já que as meninas precisam ser autossuficientes e não dependerem dos meninos para ter alimento. É parte das cinco *Regras*”, bufou Anadil, abrindo a torneira da pia para aterrorizar os ratos. “Uma recusou-se a lecionar a matéria, é claro, alegando que

não mataria animais com quem ela passou a vida fazendo amizade.” Ela afagou seus ratos molhados trêmulos e olhou para cima. “Na manhã seguinte, uma escadaria a despejou na Floresta.”

“Ela provavelmente está melhor lá”, disse Agatha, ligeiramente aliviada por ter de aprender sobre uivos de corujas e latidos de cães da meticulosa princesa cor-de-rosa. Então, ela viu que Anadil ainda a encarava.

“Você se lembra do que há na Floresta?”

Agatha sentiu um aperto no peito. *Príncipes*. Príncipes vingativos e sedentos de sangue.

“Por que a Reitora *não a resgatou*?”, disse Agatha, com a voz rouca. “Eles vão matá-la...”

“Você acha que isso é ruim?”, rugiu Hester, novamente enfurecida. “Você sabe o quanto os Nunca detestam banheiros? Sabe o quanto nossa bile ferve só de estarmos perto de um, que dirá nos escondermos dentro de um, com sanitários de safira? É nessa proporção que não queremos frequentar aulas aqui.”

Seu olhar era tão odioso que Agatha engoliu o que pensava sobre o destino de Uma.

“Você quer que Sophie continue viva? Quer evitar a guerra entre meninos e meninas? Quer seu final feliz?” Os olhos de Hester fulminavam Agatha. “Beije Tedros.”

Agatha sentia o coração se soltando de suas amarras. *O final correto*, a professora Dovey havia dito.

As bochechas de Agatha ficaram vermelhas como um pimentão. Trair sua melhor amiga? Abandonar Sophie para *sempre*? Depois de tudo o que elas tinham passado?

“Não posso”, disse ela, amuando-se junto à porta do cubículo do sanitário. Subitamente, alguém tossiu ali dentro.

Hester mostrou os dentes afiados. “O quê?”

“Posso sair agora?”, disse baixinho uma voz.

“Você vai continuar aí dentro até admitir que é uma traidora de quem ninguém gosta e que estará melhor cortando a própria garganta do que voltar a mostrar a cara”, disparou Hester.

Silêncio.

“Agatha, posso sair?”

Agatha suspirou. “Olá, Dot.”

A porta do cubículo lentamente se abriu e saiu uma garota Sempre, que ninguém jamais viu, de cintura fina e cachos castanhos-claros. Agatha olhou-a

surpresa e deu uma espiada no cubículo, à procura de Dot.

O cubículo estava vazio.

Agatha lentamente virou-se de volta para a estranha. “Mas você... você está...”

“Faminta o tempo todo”, disse Dot, puxando-a em um forte abraço, antes que Agatha recuasse e a olhasse boquiaberta. Dot estava quinze quilos mais magra, com maquiagem de um brilho suave, batom vermelho e rímel cintilante. Seu cabelo castanho com mechas loiras estava bem cacheado e preso com fivelas amarelas cintilantes. Ela tinha até dobrado seu corpete azul-claro do uniforme, para deixar à mostra sua barriga lisa.

“Você não vai se livrar dessa escola, vai?”, Dot disse, mordiscando o que parecia ser couve-galega.

“Lá vamos nós”, gemeu Anadil.

“O papai sempre me disse que eu acabaria uma vilã gorda e solitária como ele”, disse Dot, com os olhos marejados. “Mas esse lugar me deixa ser quem eu quero ser, Agatha. Pela primeira vez em minha vida, eu me sinto bem aqui. E essas duas fazem com que eu me sinta mal por isso. Elas debocharam tanto de mim, por ser gorda, e agora me insultam, por ser magra.”

“Então, era melhor que você *morresse*”, disse Hester.

“Você só está com inveja porque agora eu tenho novas amigas”, Dot estrilou.

O demônio tatuado se desprendeu do pescoço de Hester, ganhou vida e disparou um raio na cabeça de Dot. A garota, alerta, mergulhou em uma banheira e o raio abriu um buraco na parede de mármore. Uma menina miúda que estava em sua cama, lendo *Por que os homens não importam*, espiou pelo buraco e saiu correndo de seu quarto.

Resmungando, Hester chamou o demônio de volta para seu pescoço. Dot olhou para Agatha da banheira, agora petiscando o que parecia ser uma cenoura em formato de estrela. “Ela está zangada porque todas as outras gostam da Reitora.”

“Eu gosto que ela não possa nos obrigar a vestir aquela palhaçada”, disse Hester, olhando o corpete azul de Dot fazendo uma cara feia. “A professora Sheeks secretamente nos ensinou um encanto que faz com que fiquemos cobertas de bolhas, em qualquer momento que vestimos o uniforme. Depois de dois dias de garotas aos berros, a Reitora desistiu.”

“Como foi que ela simplesmente assumiu?”, disse Agatha, desnorteada.

“Você tem de se lembrar como as coisas eram ruins entre meninos e meninas quando você foi embora”, disse Hester. “O príncipe mais cobiçado da escola

perdeu sua princesa para uma *bruxa* careca e banguela. Os meninos subitamente viram as meninas como inimigas – e as meninas viram os meninos como provocadores. Quando as escolas mudaram para Meninos e Meninas, já dava a sensação de estar dividida entre o Bem e o Mal. A Reitora *só piorou as coisas."*

"Mas de onde ela veio?", perguntou Agatha. "Ela diz que é irmã de Sader..."

"Tudo o que sabemos é que na noite em que as escolas mudaram para escolas de Meninos e de Meninas, a professora Dovey não conseguiu voltar para seu escritório", disse Anadil. "Ela e Lesso tentaram abrir por algumas horas e, quando finalmente conseguiram... a Reitora Sader estava sentada na escrivaninha."

"Mas, como ela entrou?", perguntou Agatha, franzindo o rosto. "E, por que não lutaram com ela?"

"Os professores homens tentaram", disse Anadil. "E, desde então, não foram mais vistos."

Agatha ficou olhando para ela.

"Enquanto Dovey e Lesso tinham o Storian, nós tínhamos uma chance de paz", pressionou Hester. "Mas, agora, a única esperança é você beijar Tedros, pois não há meio de lutar contra a Reitora."

Ela olhou nos olhos de Agatha.

"O castelo está do lado *dela*."

Enquanto Sophie seguia a Reitora pelo corredor azul da Torre da Honra até a Torre da Coragem, as meninas surgiam no seu caminho a todo momento, saudando Sophie como a uma capitã de navio.

"Morte ao príncipe!", disse uma garota espinhenta.

"Vida longa a Sophie e Agatha!", gritou uma menina elfa.

Sophie forçou um sorriso e tentou acompanhar a Reitora Sader pelo túnel de vidro acima do lago. Enquanto ela caminhava, a Reitora estreitava os olhos aos príncipes distantes, clamando nos portões da escola, testando o escudo de Lady Lesso com rochas e varas. Seus lábios grossos vermelhos se fecharam ligeiramente apertados, e ela caminhava mais depressa, com os quadris balançando, em um vestido que parecia bem mais apertado que os das outras professoras. Apressando-se atrás, Sophie olhava o reflexo da Reitora no caminho. Ela nunca tinha visto alguém tão bonita, nem mesmo sua mãe. Nas proporções exatas de um livro de história, com lábios rosados como pétalas, cabelos tão brilhosos e fartos, como se a Reitora tivesse sido desenhada em uma página e trazida à vida. O que ela usava na pele? *Nem raiz de cardo deixa os poros tão fechados assim*, pensou Sophie, comparando-os, no vidro polido, aos

seus.

Seu reflexo retorcido rosnou para ela, coberto de verrugas.

Sophie sufocou de pavor e fechou os olhos. Não... eu sou do Bem... agora eu sou do Bem...

Ela abriu os olhos e viu novamente o seu rosto claro e liso.

“Sophie?”

Com o coração disparado, Sophie virou e viu a Reitora franzindo o rosto, no fim do corredor aberto. Sophie se apressou para alcançá-la, com as pernas trêmulas, enquanto mais meninas passavam e a saudavam.

“Morte a Tedros!”

“Morte ao príncipe!”

“É... quando você diz matar Tedros”, Sophie começou a dizer, ansiosa, “não quis dizer que *e-eu o matasse*... ou que eu estaria envolvida em qualquer coisa... do *Mal*...”

“Dado seu histórico, eu achei que você fosse se animar com isso”, disse a Reitora.

Sophie limpou o suor. “Eu só, é... sei que tenho uma reputação um tanto assustadora... Mas eu mudei, sabe...?”

“Mudou?”, a Reitora olhou diretamente. “Na galeria, você parecia pronta a iniciar uma guerra.”

“Bem, é preciso transmitir uma postura de liderança”, disse Sophie, agora pingando de suor. “Mas, na verdade, meus dias de bruxa há muito passaram; portanto, talvez fosse melhor se alguém *atualmente* do Mal matasse o Tedros... eu até posso sugerir Hester, ou Anadil, sendo ambas vilãs odientas...”

“O garoto quer roubar sua única amiga e você está com medo de uma briga?”

Sophie lentamente ergueu os olhos para a Reitora, sorrindo, do lado de fora da entrada da Torre da Coragem.

“Talvez porque você não saiba contra o que está lutando.”

As portas se abriram magicamente e Sophie resfolegou.

As paredes de ambos os lados da escadaria cheia, que conduzia pelos cinco andares acima, estavam pintadas com murais estilosos feitos com estêncil, com desenhos colossais dos rostos sorridentes dela e de Agatha, aureoladas com coroas de estrelas, acima do título, em azul cintilante:

ESPERANÇA DE UM MUNDO MELHOR

No lugar do couro almiscarado e dos aromas de colônia, e das peles de animais da antiga Torre da Coragem, agora havia suntuosos jardins suspensos, que envolviam a escada de vidro azul e as colunas de mármore, com rosas

azuladas que banhavam em pétalas a turba de alunas que seguiam para a aula, antes que videiras penduradas erguessem-nas. Enquanto Sophie seguia a Reitora escada acima, as meninas imediatamente passaram para a esquerda, em fila única, desobstruindo o caminho e saudando-as com sorrisos afetuosos, conforme elas passavam. Através da amurada espiral, Sophie viu um bando de borboletas azuis voando de andar em andar, recolocando-se em pinturas para divertir as meninas que desciam – uma stymph, uma ninfa, um cisne. A Reitora lançou-lhes um olhar e, com um som agudo, elas voltaram voando para dentro de seu vestido.

Ela virou no terceiro andar e Sophie a seguiu a um salão fervilhando de atividade. Junto às paredes, garotas Sempre e garotas Nunca se aglomeravam, lado a lado, assistindo a uma cena fantasmagórica se desenrolar, acima das páginas de *A história revisada da Floresta, por um aluno*, para concluírem um trabalho. Acima de suas cabeças havia murais de uma escola idílica de meninas presidindo meninos escravizados, com marcas d'água dos rostos deificados de Sophie e Agatha, que se estendiam pelas longas paredes do dormitório.

Reena disparou até cada uma delas com pratos de ovos pochê e torradas de pão de centeio, enquanto Arachne distribuía canecas de leite achocolatado. Em um canto, grupos de meninas tocavam oboés, violinos e trombetas, embora Sophie não conseguisse identificar quem eram as Sempre e quem eram as Nunca, já que todas elas estavam com cabelos desgrenhados e nem um pingo de maquiagem. Em pé, em escadas de pintor sobre a escadaria, Mona e Millicent terminavam a pintura das rosas cor-de-rosa, nas balaustradas de um belo tom de azul, pingando tinta em duas garotas treinando esgrima com espadas de madeira, enquanto Kiko passou depressa, segurando folhas de pergaminho ("Essa noite tem reunião do clube do livro!"), antes de ser abafada por Giselle e Flavia, ensaiando uma canção ruidosa, de uma partitura. Por todo lado, as portas se abriam e se fechavam, enquanto as meninas vinham correndo de seus quartos, voltando da recepção de boas-vindas e saindo correndo com seus livros para a aula, rostos e axilas suados.

Sophie pensou nas escolas antigas – Nunca se enfeitando por horas e horas, todas numa competição terrível entre escolas, *o tempo todo*. E agora, ali estavam elas, apesar do suor e do desleixo, e do cheiro satânico de manteiga, todas vicejando juntas, felizes juntas... sem nenhum garoto à vista.

"Como a Agatha pode não querer isso?", suspirou ela.

"Algumas sempre resistirão às mudanças", disse a Reitora, ao seu lado. "Agatha é uma princesa e ainda acredita que precisa de um príncipe. Você

certamente conhece a força dessa fantasia.”

Sophie pensou em toda a esperança, toda energia, todo o tempo que ela dedicou aos seus sonhos de príncipe. A convicção que um garoto deslumbrante de sangue nobre a levaria para seu castelo branco e felicidade eterna. Agatha a provocou impiedosamente por isso, antes que o Diretor da Escola as raptasse. “Como se esse deus musculoso pudesse ao menos *entendê-la*”, Agatha debochou. “Nós estaríamos bem melhor juntas.” Ela deu sua habitual fungada de porco para se assegurar que soasse como uma piada. Mas Sophie sabia que ela estava falando honestamente. Agatha sempre achou que as duas eram o suficiente para um final feliz.

Contudo, será que sua amiga tinha caído em um feitiço? Teria Agatha começado a acreditar na fantasia da qual um dia ela havia debochado?

Sophie sentiu um nó na barriga. Será que ela e Agatha tinham *trocado de lugar*?

“Ela quer vê-lo”, Sophie disse baixinho.

O rosto da Reitora ficou sério, e ela desviou de Sophie por trás da escada, enquanto as meninas passavam. “Se ela o beijar, tudo estará perdido.”

“Ela jamais o beijaria... não se isso significa me perder...”

“Ela pediu por ele, Sophie”, pressionou a Reitora, segurando Sophie mais de perto. “Os pedidos são originados na alma. Negá-los só faz com que se fortaleçam.”

Sophie sentiu um gelo por dentro.

Aproximando-se, a Reitora segurou o rosto dela com as unhas douradas. “Ela não é a garota que você conheceu, Sophie. Há um espinho no coração dela. E ele tem de ser *arrancado*.”

Sophie se aconchegou no ombro da Reitora. “Eu só quero minha amiga de volta”, sussurrou ela.

“E você terá, quando o príncipe estiver morto.” A Reitora afagou-lhe os cabelos. “Vocês sempre ficarão juntas. Sem nenhum menino entre vocês, nunca mais.”

Os olhos de Sophie lacrimejaram. Queria se esconder eternamente nos braços da Reitora. “Diga-me o que fazer.”

“Mantenha-os separados”, ela respondeu, afastando-se bruscamente. “Faça com que Tedros lute conosco. Quando ele o fizer, você e seu exército estarão prontos.”

“Mas eu... não quero lutar...”, Sophie gaguejou, sentindo verrugas ardendo, com se estivessem ali. “Agora, eu... eu quero ser boa...”

“E deixar sua amiga beijar seu príncipe?”, disse a Reitora, olhando-a fixamente. “Deixar que ela venha a banir você para uma vida comum, em um mundo inconsequente?” Ela se aproximou mais. “Sem amiga... sem amor... esquecida?”

Sophie perdeu a voz.

“Esse não foi o fim de sua mãe?”, perguntou a Reitora, ainda mais perto. Seus lábios roçaram na orelha de Sophie. “E no que ela se tornou?”

Sophie perdeu a cor.

Uma mão agarrou a sua e ela gritou surpresa...

“Não se preocupe!”, Beatrix disse à Reitora, arrastando Sophie. “Eu vou mostrar seu quarto e seu uniforme, e o programa de aulas!”, ela passou o braço ao redor de Sophie e a levou pelo corredor. “Dá para acreditar que nós um dia brigamos por causa de um garoto?”

Sem palavras, Sophie olhou para trás, para a Reitora, junto ao mural da parede, sorrindo para ela, como uma mãe sorri para a filha. Conforme a Reitora recuou na escuridão do corredor, a última imagem que Sophie viu dela foi o brilho de seus olhos verdes, se misturando ao seu rosto no mural, coroados acima de um mundo sem príncipes.

Um mundo onde sua melhor amiga jamais voltaria a traí-la.

Sophie cerrou os dentes.

Contanto que Agatha não beijasse Tedros, elas tinham uma chance.

Agatha sentou-se na beirada da banheira, no silêncio confuso, derrubando um sabonete no chão. Ela só pensava em *onde* estaria, nesse momento, se não tivesse feito o pedido.

Sua mãe estaria preparando o almoço... alho e fígado, e o cheiro do caldeirão iria se misturar ao vento de cinzas, passando pelas janelas quebradas. Em sua cama, ela estaria se apressando para terminar o dever de casa de gramática, a ser entregue na lição da tarde. Encolhido num canto, Reaper estaria sentindo sua falta, porém, um pouco menos que ontem. Enquanto ela tomasse o restinho do guisado, ela ouviria os gravetos quebrando, os saltos de vidro na varanda... “Vamos a pé para escola?”, Sophie iria dizer. Elas desceriam a colina com seus casacos, um preto e um rosa, fazendo piadas sobre os meninos com cheiro de celeiro, da sala delas. “Deixe que eles tentem casar conosco”, Sophie diria, e ela daria uma risada, pois, houve um tempo que isso era verdade. Elas tinham uma à outra e nunca precisariam de mais.

“Como eu pude estragar isso?”, disse ela, com a voz falhando. Olhou para as três garotas, acima. “Como pude pedir por ele?”

“Porque você é uma princesa, Agatha.” Pela primeira vez, o rosto de Hester abrandou. “E por mais que você lute contra isso... você quer um príncipe.”

Agatha engoliu o nó em sua garganta. Ela ergueu o olhar, para Anadil, que assentiu ao lado de Hester e esperou que Dot falasse.

Ela não falou.

As duas bruxas lançaram centelhas nela.

“Ai! Está certo, *tudo bem*!”, Dot resmungou, mastigando um pedaço de aipo em formato de estrela. “Mesmo que signifique que eu tenha de voltar ao Mal e ser gorda e não ter nenhuma amiga de novo!”

Agatha balançou a cabeça. “Olhe, Sophie só precisa me perdoar e tudo ficará...”

“*Perdoá-la*?”, Hester disse. “Sua fiel Agatha, manchada pelo garoto que um dia foi dela... e você espera que a bruxa de Além da Floresta a *perdoe*? Ora, por favor. Por dentro, Sophie quer picá-la em pedacinhos.”

“Você não entende”, disse Agatha, calorosamente. “A Sophie mudou... ela é do Bem...”

Até os ratos de Anadil debocharam. “Ela é uma Nunca, Agatha”, disse Dot. “Não importa o quanto você a ame, não importa o quanto você tente modificá-la, Sophie terminará no Mal e sozinha.”

“E não capitã da turma”, murmurou Hester.

Anadil ajoelhou-se diante de Agatha. “Você jamais será sincera em seu pedido por Sophie, Agatha. Porque você e Sophie jamais serão felizes em seu mundo.” Pela primeira vez, os olhos de Anadil pareceram humanos. “Você sempre acabará aqui novamente, pedindo por seu príncipe. E Sophie sempre será a bruxa, mantendo vocês dois separados... até que você beije Tedros.” Sua mão branca e fria pegou o punho de Agatha. “Você não vê? Seu pedido estava *certo*.”

Agatha ficou sentada na banheira, em silêncio. Era como se ela tivesse sido capturada em outra charada. E, mais uma vez, somente o Diretor da Escola tinha a resposta. Dessa vez, Sophie não podia vir com ela.

“Preciso ver o Tedros sozinha”, disse ela, baixinho.

Dot assentiu. “É a única maneira para que você saiba se está destinada a ficar com ele.”

“E se eu não estiver?”, perguntou Agatha, pensando em todos os motivos por ela detestar seu príncipe, nesse momento. “E se eu ainda quiser voltar para casa, com a Sophie?”

“Então, nós vamos ajudá-la”, disse Anadil.

Agatha pensou no rosto de Sophie, no escritório de Sader, letal e gélida.

“Mas como o verei, sem que ela saiba? Nós estamos no mesmo *quarto*.”

“Deixe com a gente”, disse Hester, mordiscando a ponta de seu cabelo vermelho e preto. “Mas tem de ser essa noite. Não consigo sobreviver a outro dia de aula.”

Agatha sentiu um estranho alívio, como se estivesse em meio a uma tempestade e, subitamente, tivesse um vislumbre do olho. Depois de tudo isso, ela veria Tedros. Independentemente do que acontecesse, haveria esperança depois. Um caminho para a felicidade. Uma escolha feita.

Curvada na banheira, ela subitamente focou no sabonete em formato de estrela, que estava no chão. Ela ergueu o olhar ao pepino em formato de estrela, na mão de Dot.

“Era de se pensar que seria mais fácil que chocolate”, Dot suspirou, transformando outro sabonete em nabo. “Mas, por um tempo, tudo só se transformava em queijo gouda...”, Anadil cobriu a boca.

As meninas seguiram seus olhos arregalados até a borboleta azul que entrou voando pelo buraco aberto na parede.

Agatha fungou. “É só uma borbole...”

Hester calou-lhe com centelhas de seu dedo e Agatha resfolegou de dor. A bruxa tatuada a encarava, erguendo fumaça no ar com seu dedo aceso e vermelho.

“*Ela está ouvindo*.”

Agatha sacudiu a cabeça confusa.

Hester e Anadil contaram nos dedos... 5... 4... 3... 2...

A porta do banheiro abriu uma fresta e uma cabeça surgiu.

“Aí está você, Agatha”, disse a Reitora, enquanto a borboleta voltava à estampa de seu vestido. “A aula começa em cinco minutos e você não está de uniforme? Não é a melhor maneira de começar seu primeiro dia.”

Ela lançou um olhar sinistro para Hester e Anadil, como se isso incluísse a companhia delas. Seus olhos desceram até o buraco na parede, atrás delas, que foi instantaneamente tampado e consertado.

“A destruição de patrimônio é um traço um tanto *masculino*”, disse ela às duas bruxas, com seu tom glacial. Então, ela sorriu com aprovação para Dot. “Sugiro que vocês duas aprendam com sua colega de quarto como se comportarem como mulheres. Ou jamais saberão. O castelo talvez lhes ensine a mesma lição que ensinou aos *meninos*.”

Hester e Anadil abaixaram suas cabeças nervosamente, o que deixou Agatha ainda mais cautelosa com a Reitora. Ela se lembrou da estranha sensação de que

ela estivesse entreouvindo, na festa de boas-vindas...

Quando uma borboleta pousou no ombro de Sophie.

Agatha resfolegou. A borboleta da Floresta... aquela no Campo das Flores...

A Reitora esteve lá o tempo todo, levando-as até ali.

E ela tinha ouvido cada palavra.

“Vamos, querida?”, a Reitora segurou a porta aberta, com suas unhas compridas e afiadas.

Com os músculos tensos, Agatha seguiu-a porta afora, mas manteve os olhos fixos no espelho, bem a tempo de ver o reflexo de Hester erguer os olhos negros furiosos e fazer a mímica das palavras, como última ordem.

“*Esta noite.*”

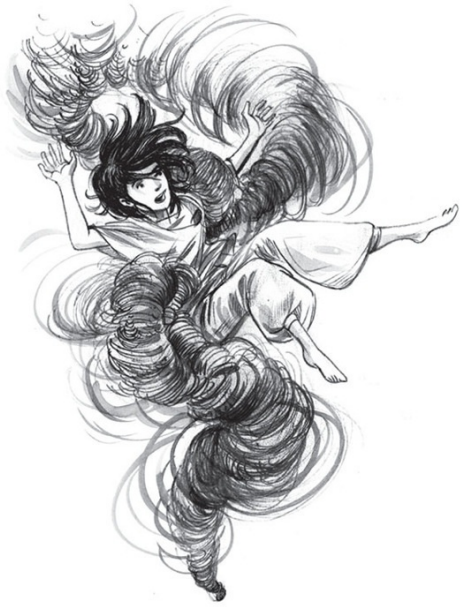
8
Imperdoável

“Chegaremos atrasadas para o nosso primeiro desafio!”, Beatrix franziu o rosto, junto à porta, com duas sacolas de livros na mão.

Sophie não se mexeu, olhando para Agatha.

“Agora você quer *ficar*?”, disse ela, desconfiada, sentada na cama do meio, com o uniforme escolar e uma tiara de cristal cintilando na cabeça. “Você disse que ficar seria do *Mal*.”

De costas, Agatha estava olhando a pintura na parede, que antes era uma visão rosada de príncipes beijando suas princesas e agora era um mural em tamanho natural dela beijando Sophie e ressuscitando-a, em uma explosão de luz azul. *Eu vou somente vê-lo. Não estou escolhendo. Só vou... vê-lo.*



“E quanto a ver Tedros?”, disparou Sophie, lembrando-se do alerta da Reitora. “E quanto a ver *seu príncipe*?”

Agatha não respondeu.

“Então?”, Sophie forçou.

Agatha virou-se, com seus membros brancos para fora do uniforme, a tiara escorregando do cabelo. “Ainda estou aqui, não estou?”

Sophie exalou e o eco da Reitora foi sumindo. Assim como o Diretor da Escola, a Reitora nem imaginava a força da amizade delas. Agatha jamais iria até Tedros. Elas já tinham passado por coisas demais.

“Você me perdoa?”, perguntou Agatha, surpresa pelo silêncio de Sophie.

Sophie ergueu o olhar, sorrindo para responder. Mas, subitamente, Sophie não estava mais vendo Agatha.

Subitamente, Sophie só via a garota que havia pedido um garoto. A garota que lhe apunhalara pelas costas. A garota que havia arruinado o Para Sempre delas duas.

E um velho fogo de suspeita voltou a arder por dentro.

Lutando contra aquilo, Sophie pensou, *perdoe*.

Mas seus músculos se retraíam.. seus punhos se fechavam...

O Bem perdoa!

Contudo, seu coração inchou diante da ira de uma bruxa...

Ofegante, Sophie pulou da cama e abraçou Agatha, derrubando a tiara da amiga. “Oh, Agatha, eu te perdoo! Eu perdoo por tudo! Eu sei que você jamais iria até ele!

Agatha ficou vermelha, desviando os olhos. “O que é esse negócio maldito?”, murmurou ela, com a tiara agora na boca, de alguma forma.

“Ora. São suas coroas de capitãs”, disse Beatrix, batendo o pé, impacientemente. “Você era a melhor Sempre, quando partiu, e Sophie era a melhor Nunca.”

“Bem, agora nós estamos do mesmo lado”, disse Sophie, radiante, e pegou a mão de Agatha.

Agatha sentiu a palma da mão suando e soltou para pegar um saco de livros de Beatrix.

“Mas suas classificações recomeçam hoje”, disse Beatrix. “Se algum dia chegarmos ao seu primeiro desafio.”

Enquanto Sophie seguia a cabeça careca de Beatrix para fora, ela deu uma olhada de volta para Agatha, que estava franzindo o rosto para as lombadas dos livros em sua sacola:

“Homens: a raça selvagem”

“Felicidade sem meninos”

“O guia da princesa para uma vida sem príncipe”

“Prontas para nossa nova escola?”, perguntou Sophie, segurando a porta aberta.

Agatha olhou para cima e fez o melhor que pôde para retribuir o sorriso.

A professora Anêmona deu a Agatha uma olhada carregada quando esta entrou se arrastando, com seu uniforme azul, para a aula de Enfeiamento, sem nada de sua agitação habitual. Vinte garotas atentas se endireitaram em fileiras caprichadas.

“Esta semana nós continuaremos a enfeiar tudo o que um príncipe espera de sua princesa”, bufou a professora Anêmona, com um vestido amarelo berrante sem qualquer joia chamativa, bustiê de plumas, arranjos de cabeça gritantes ou adereços de pele que ela costumava exibir. A sala de aula também teve todos os antigos acessórios de embelezamento removidos, incluindo uma estação espelhada Putzi, retratos de *antes e depois* de suas alunas de maior destaque, e as prateleiras infinitas de equipamentos de beleza. Agora, só restavam as carteiras de chocolate branco, um quadro negro de alcaçuz, e as paredes de bala puxa-puxa azul, com as marcas d’água dos rostos sorridentes de Sophie e uma bolha de marshmallow com o texto dizendo: *A beleza é um estado de espírito!*

“Recapitulando”, resmungou a professora Anêmona, novamente fazendo uma cara feia acusadora para Agatha, “primeiro, nós fazemos a dieta do enfeiamento, como pragas traiçoeiras, e incentivamos que uma menina coma tudo o que seu coração desejar... até doce.”

Agatha tossiu. A professora Anêmona abominava doce de tal maneira, que uma vez a puniu com duas semanas lavando louça, porque Agatha havia comido. No entanto, as garotas Sempre não pareciam abaladas por isso. Na verdade, Agatha até notou alguns buracos na mesa de chocolate de Reena, e subitamente, sua aparência mais rechonchuda não era mais mistério.

“Segundo, nós enfeiamos os cabelos e a preferência dos príncipes, por cabelos compridos e cachos brilhosos”, prosseguiu a professora, “incentivando as garotas que experimentem um estilo que transmita a sensação de ser o certo.”

Agatha viu sua careta ao olhar o penteado moicano azul de Giselle, a careca de Beatrix e o esfregão vermelho e sujo de Millicent – cabelos que a antiga turma da professora Anêmona tinha passado meses cuidando, até chegar à perfeição.

“Terceiro, nós enfeiamos a maquiagem como uma tolice patriarcal inteiramente desenhada para atrair homens”, continuou a professora, retraindo-se diante do mar de rostos não lavados, manchas orgulhosamente usadas e garotas

Nunca que curiosamente haviam aplicado maquiagem como crianças de 2 anos que tinham recebido autorização para usar tinta no rosto. “E hoje nós prosseguimos à nossa quarta unidade...” Ela virou para o quadro negro e as palavras surgiram, quando ela passou os dedos diante dele...

O COR-DE-ROSA DESEMBELEZADOR

A última letra surgiu com um rangido de unha no quadro negro, e as meninas tamparam os ouvidos. “Da leitura de ontem à noite”, disse a professora, irritadiça, “quais são os três motivos para que o cor-de-rosa seja exterminado?”

Agatha franziu o rosto. A professora Anêmona louvava o rosa.

“Sim, Beatrix”, disse a professora, pois Beatrix estava acenando, como se precisasse fazer xixi.

“Porque o rosa é uma cor associada à fraqueza, à impotência e à ansiedade. Mas professora Anêmona...”

“Outro motivo, Dot?”

“Porque o rosa é o oposto de azul, uma cor de força e serenidade, da qual os meninos se apossaram, sem dar qualquer opção às garotas”, disse Dot, toda orgulhosa, ganhando espalmadas de mão de sua panelinha de garotas Sempre. Hester acertou-lhe um tiro de bala puxa-puxa com seu estilingue, e Dot gritou.

“Professora Anêmona...”, Beatrix interrompeu...

“Você já teve sua vez, Beatrix! Arachne, a última razão?”

“Porque o rosa é um sinal de infecção ao redor de um corte. E olhos rosados significam que você tem fungo nos olhos...”

“Encare isso como um lembrete para que você leia seu dever antes de responder, Arachne”, estrilou a professora, acrescentando baixinho, “e um lembrete por que os Sempre e os Nunca devem estar em escolas diferen... O QUE FOI, BEATRIX!?”

“Professora Anêmona, porque *você* está usando rosa?”

A professora Anêmona seguiu os olhos dela até uma presilha rosa, em formato de coração, presa em seu cabelo louro rebelde. Suas bochechas ficaram estufadas, vermelhas como um pimentão, prestes a explodir...

Então, ela viu uma borboleta no parapeito da janela.

“Oh, minha nossa! Estou?” Ela magicamente trocou a cor da presilha para azul, com o dedo. “Estou ficando meio daltônica com a meia-idade. Agora, por favor, entreguem seus deveres de casa sobre os passos que *vocês* deram para o enfeiamento.”

Ela seguiu marchando por entre as fileiras de meninas para recolher os trabalhos, lançando um olhar feio para a borboleta, conforme ela saiu voando,

provavelmente porque ela só conseguia ouvir, não ver. Agatha observou as paredes argilosas azuladas, que um dia foram no mesmo tom de rosa do vestido preferido de Sophie, antes que a Reitora deixasse do seu jeito. Agatha nunca gostou de rosa (lembrava vômito de bebê), mas, por que a professora Anêmona *não decorava* sua sala de aula conforme seu gosto?

Ela deu uma olhada para Sophie na carteira ao lado, olhando fixamente a marca d'água com seu rosto, nas paredes feitas de bala. Aparentemente, as alergias eram curadas por celebridade.

"Agatha, eu andei pensando", disse Sophie, virando-se para ela. "Por que você acha que o Tedros não tentou vê-la?"

"O quê?"

"Você está aqui a manhã inteira. Nada de Romeu entrando escondido pela sua janela. Nada de abraço de namorado... ele nem lhe mandou um *bilhete*."

Agatha se retesou. "E isso importa?", disse ela, e fingiu ouvir a professora.

"Bem, isso é ainda mais motivo para não tentar vê-lo", Sophie suspirou, polindo sua coroa de capitã. "Quem pode saber se ele quer? De qualquer jeito, nós temos nossas três primeiras aulas juntas, depois temos programações diferentes. Eu me pergunto por que a Reitora nos separou. Acho que nem estamos no mesmo Grupo Florestal..."

A voz dela foi sumindo, enquanto Agatha olhava pela janela, para a Ponte do Meio do Caminho, escondida pela névoa cinzenta. Ainda estava pensando no que Sophie tinha acabado de dizer.

Por que Tedros não tentou me ver?

Uma fivela azul caiu em sua mesa e tilintou no chão. Ao tentar pegá-la, uma mão agarrou a sua... "Clarissa está furiosa", disse a professora Anêmona, em seu ouvido. "Você precisa selar seu fim com Sophie ou com Tedros imedia..."

Ela silenciou, pois a porta foi aberta e Pólux, o cão, entrou cambaleante – ou, melhor, sua cabeça entrou, balançando em um corpo de antílope que ele claramente não sabia usar.

"Desculpem o atraso", disse ele, erguendo o focinho. "Tive uma reunião particular com a Reitora, sobre a necessidade da remoção mais impetuosa do rosa. Na verdade, eu encontrei um fio dessa cor, no carpete do quarto andar, e mandei exterminar de uma vez."

Agatha e Sophie trocaram olhares, pois, sem dúvida, ambas estavam pensando a mesma coisa. Como metade de um cão de duas cabeças, Pólux frequentemente perdia a batalha pelo uso do corpo deles para seu irmão, Cástor, que lecionava no Mal. Como Cástor era um cão macho cruel, Agatha não estava

surpresa que ele tivesse sido expulso do castelo com os meninos. Porém, até agora, ela esteve quase certa de que Pólux fosse...

“Macho também?”, ela sussurrou para Hester, atrás dela.

Hester olhou a mandíbula fraca de Pólux, seu pelo escasso e suas narinas rosadas. “Eu diria que ele tem tanto rosa nele quanto há naquele carpete.”

“Minha cara professora Anêmona”, disse Pólux, com sua voz estridente. “Creio que tenha havido um infeliz incidente, envolvendo uma presilha cor-de-rosa, essa manhã. Será que eu não devo conduzir o desafio de hoje, caso não esteja em sua plena forma?”

A professora Anêmona o encarou sinistramente. “E quanto ao seu focinho rosa?”

Pólux pareceu ter sido estapeado. “Isso é uma característica herdada...”

“Já que escolher um desafio é uma liberdade que eu ainda tenho”, disse a professora Anêmona aos alunos, “a competição de hoje será...”

A porta se abriu novamente. “O QUE É AGORA?”

A Reitora entrou com um sorriso afetuoso. “Já que é o primeiro dia de suas capitãs, Emma, talvez seja mais apropriado que eu escolha o desafio, não?”

A professora Anêmona calou-se, *séria*, e sentou-se em sua escrivaninha de jujubas cítricas.

“Pólux, querido”, disse a Reitora, rebolando na frente da mesa da professora Anêmona, “Devemos lembrar às capitãs como são concedidas as avaliações?”

“Certamente, Reitora”, fungou Pólux. “Todas as alunas na Escola para Meninas são avaliadas nos desafios de turma, da primeira à última. Dos vinte alunos de cada turma, a que melhor se apresentar em um determinado desafio receberá a classificação de 1, e a aluna mais fraca receberá 20. Essas colocações irão determinar se vocês serão classificadas como Líder, Seguidora ou Mogrif, sendo essa última referente às meninas que passam por transformações em animais ou plantas.

As alunas murmuraram, talvez tendo esquecido que naquele mundo isento de Bem e de Mal, algumas delas ainda iriam terminar como salamandras ou samambaias.

“Por causa do aprimoramento de nossa nova escola”, prosseguiu Pólux, “a Reitora escolheu esperar até o início do 3º ano para a premiação. Portanto, sugiro que vocês continuem atentas às suas avaliações...”

“E, talvez, Pólux”, a Reitora murmurou suavemente, ao se sentar na escrivaninha, de costas para o rosto da professora Anêmona, “haja outro motivo para que agora seja um bom momento para que as meninas estejam atentas às

suas categorias, não?”

“Sala de Embelezamento”, Agatha murmurou, lembrando-se do spa de transformação medieval que um dia premiou as garotas que melhor se classificavam.

Hester sacudiu a cabeça. “Foi incinerada. Parte do desembelezamento.”

“É claro, Reitora”, disse Pólux. “Como vocês sabem, os príncipes fedorentos e malvestidos vêm ganhando força nos portões da Floresta, prontos para matar uma de nós. Hoje, com a chegada de nossas capitãs, eles sem dúvida irão redobrar seus esforços. Embora os feitiços de nosso castelo tenham mantido os príncipes lá fora, até agora *nós temos que estar alerta*s, caso os feitiços falhem. Dessa forma, começando esta noite, as duas alunas com as piores colocações até o fim do dia manterão guarda nos portões da Floresta, do anoitecer até o amanhecer.

Agatha fez uma careta, enquanto as garotas tagarelavam ao seu redor. No ano anterior, ser reprovada no Bem ou no Mal significava ser transformada em guarda para o lado oposto. Neste ano, as meninas reprovadas em suas lições contra os meninos seriam mortas por eles primeiro. Já era o tal “novo e aprimorado”.

“O primeiro desafio é chamado Sem Perdão”, disse a Reitora. “De modo a aprenderem a proteger umas às outras na guerra que se aproxima, vocês precisam aprender a resistir à atração dos homens. Cada uma de vocês irá enfrentar um menino fictício de seu passado, por quem já sentiu algo. Matem-no impiedosamente, mesmo que queiram perdoar. Agora ele é o inimigo, é assim que você é vista por ele. Quanto mais brutalmente você matá-lo, melhor será sua classificação.”

Agatha ficou tensa. Ela e Sophie enfrentariam o mesmo menino.

Beatrix foi a primeira. A Reitora apontou a unha afiada para o coração dela e, como se estivesse cravando uma faca, arrancou um facho de fumaça azul que se cristalizou como um fantasma e saiu do corpo de Beatrix como um ser sombrio. Chaddick, o Sempre robusto e de olhos cinzentos, que um dia a convidou para o baile, ajoelhou-se aos seus pés, com um belo sorriso, e sob a luz azulada estendeu a mão com uma rosa...

Beatrix cravou o dedo aceso em Chaddick e o transformou em pó.

“Ela mudou bastante, hein?”, Anadil disse aos seus ratos assustados, espiando de seu bolso.

A professora Anêmona estava pulando de raiva. “Evelyn, esse desafio é cruel, abominável e não tem nada a ver com Desembelezamento”, disparou ela,

ficando em pé junto à escrivaninha, “portanto, eu sugiro que você...”

Ela parou, porque garras de doce cresceram magicamente de sua mesa e agarraram seus ombros, prontas para expulsá-la.

“Sugere o quê?”, disse a Reitora.

“Continue”, disse a professora Anêmona, e as garras de doce sumiram para dentro da mesa.

As garotas voltaram a tagarelar, pedindo a vez, claramente do lado da Reitora. Enquanto isso, Hester encarava Agatha, com uma expressão de “eu te disse”.

À medida que mais alunas se alternavam enfrentando os fantasmas azuis de seus corações – Kiko se esforçou para despachar o ruivo Tristan, Giselle fez brotar tranças no bronzeado Nicholas, que acabou sendo enforcado por elas, Dot fracassou, quando só conseguiu dar uma espinha a Hort, com sua cara de doninha –, os pensamentos de Agatha se voltavam a Tedros. Ela mal conseguia admitir, mas Sophie estava certa. Seu príncipe teria vindo, de alguma forma, se quisesse vê-la. E se ela não tivesse recebido o bilhete? E se a Reitora o tivesse interceptado? Será que, ainda assim, ela deveria ir em frente com o plano das bruxas, essa noite...

Agatha engoliu um grito. *Será que fiquei maluca? Arriscar a vida da minha melhor amiga por um garoto que mal conheço?* Ela pensou no rosto animado de Sophie, no quarto delas, muito aliviada por terem feito as pazes. Isso não era algo sobre os Sempre e os Nunca. Isso não era uma batalha entre um príncipe e uma bruxa. Isso tinha a ver com ela e Sophie, se esforçando para perdoar os erros uma da outra, lutando para salvar uma amizade.

Agatha se retraiu diante da ironia. Ela tinha se esquecido da lição que Sophie quase morreu para aprender.

Seu príncipe era uma fantasia. Sua melhor amiga era real.

Agatha respirou fundo. “Sophie?”

“Mmmm?”, disse Sophie, dando autógrafos às escondidas para as garotas Sempre.

“Você tem certeza de que me perdoa?”

Sophie ergueu o olhar, focada e sincera. “Agatha, você retirou seu pedido. Era *só isso* o que eu queria.” Ela estendeu a mão e deu um apertão no punho da amiga. “Apenas dê uma chance a esse lugar, está bem?”

Agatha olhou nos olhos esperançosos de Sophie, a mesma esperança que ela via nas outras meninas dessa escola. “Há vida depois de meninos”, disse Sophie, com um sorriso tão radiante quanto sua tiara. “Você vai ver.”

Pela primeira vez, Agatha deixou a ideia entrar.

“Sophie é a próxima”, Pólux fungou atrás dela.

Sophie virou-se e viu a turma inteira olhando-a fixamente.

“Estamos fazendo um desafio?”, perguntou Sophie, confusa. “Quando abre a Sala de Embelezamento?”

Ela mal havia assimilado as regras, antes que Pólux a empurrasse à frente, com seu casco de antílope...

“Apenas mate-o depressa!”, Agatha estrilou com ela. “Você não pode chegar nem perto daqueles príncipes esta noite!”

“Mas eu não quero matar ninguém!”, Sophie choramingou, enquanto Pólux a empurrou, passando pela professora Anêmona, que estava fumegando em sua mesa.

Sophie assumiu seu lugar diante da Reitora, tentando se acalmar. Tudo o que ela tinha de fazer era matar um fantasma e estaria em segurança com Agatha – pelo menos por hoje.

A bruxa se foi.

A Reitora ergueu sua unha comprida pintada de dourado e puxou filetes de fumaça azulada de Sophie, lenta e suntuosamente, até que a fumaça começou a tomar forma... e dissipou-se no ar.

Sophie ficou radiante. “Como eu disse, sou 100% do Be...”

Uma dor percorreu seu peito e Sophie se dobrou. “Ai, meu Deus.”

Agatha se pôs de pé, em um salto. “Você está bem?”

Contudo, agora, havia fumaça vazando do peito de sua amiga, enquanto Sophie se encolhia com mais força, sufocando de agonia. Ela ergueu os olhos assustados para Agatha, com a fumaça saindo de dentro dela. “Agatha... me... ajude...”

Agatha voou até sua carteira, mas era tarde demais...

Sophie deu um grito e um raio vermelho explodiu de seu coração.

A turma bateu nos encostos de suas cadeiras, em choque. Agatha ficou paralisada.

Havia uma cabeça de fantasma saindo do peito de Sophie.

Só que não era de Tedros.

Era uma imensa fera negra, metade homem e metade lobo, com olhos diabólicos vermelhos, babando fumaça ao projetar as mandíbulas do peito de Sophie. Sophie não conseguia respirar, olhando a fera, agora nascida de sua própria alma.

Passo a passo, o fantasma foi saindo do corpo de Sophie, pousando em

garras afiadas como facas, e ficou ereta sobre duas pernas peludas, cabeça baixa, narinas tremulantes.

Então, a Fera ergueu os olhos para a classe e rosnou.

Irrompendo em meio às fileiras, a fera inspecionava o rosto de cada menina petrificada, à caça de alguém. Ela rugia sua rejeição repetidamente, estrilando agitada, babando de raiva, cada vez mais furiosa... até que de repente parou.

Lentamente, a fera virou-se para Agatha e sorriu com dentes manchados de sangue.

“Não!”, Sophie gritou...

A fera partiu pela sala até a mesa de Agatha e lançou as garras sobre ela, com um rugido odioso. Então, pulou de volta para dentro do coração de Sophie, com um único movimento, apagando sua luz infernal.

Sophie desmaiou e se encolheu no chão.

Ninguém se mexia. O peito de Agatha batia muito forte, embaçando sua visão, até que ele se acalmou o suficiente para que ela pudesse ver o que a fera havia magicamente escrito em forma de cicatrizes rosadas horrendas.

IMPERDOÁVEL

Com um som desagradável, as cicatrizes se contraíram e sumiram em sua pele.

Agatha tocou o peito cicatrizado com os dedos trêmulos e lentamente ergueu o olhar.

De joelhos, a professora Anêmona segurava Sophie delicadamente nos braços e a reanimou com a ponta acesa de seu dedo. Enquanto a professora acompanhou-a até seu lugar, Sophie respirava ofegante e tremia. “Não fui eu que fiz aquilo...”, ela disse sufocada, quase inaudível. “Não fui eu...”

“Shhh, Agatha sabe que você jamais iria atacá-la, querida. No calor do momento, sua alma apenas a confundiu com um menino”, a Reitora a tranquilizava, acarinhando seus ombros e os de Agatha. “Ainda assim, uma performance modelo, apesar de sua negligência.” Ela parou e sorriu para a turma. “Quem é a próxima?”

A professora Anêmona lançou um olhar rançoso para a Reitora e deixou a sala.

Em sua carteira, Sophie tremia tanto quanto Agatha, sem que nenhuma delas conseguisse olhar para a outra. Enquanto as alunas nervosas se alternavam, mal matando seus fantasmas, Agatha viu o restante da turma lhe dando olhadas como se elas confiassem na explicação da Reitora e ela também devesse confiar.

Sophie ergueu os olhos, entre lágrimas. “Agatha, você acredita nela, não

acredita? Eu a perdoo... eu juro...”

Mas Agatha estava encarando Hester, que tinha o mesmo semblante agourento que mostrara no banheiro, alertando que seu pedido não passaria impune.

“Por favor, vamos pegar o Storian”, disse Sophie, com a voz falhando. Agatha lentamente virou-se para ela.

“Agora *nós duas* vamos fazer nosso pedido honestamente, não vamos?”, Sophie suplicou. “Você disse que queria ir para casa.”

“Agatha”, disse uma voz.

Agatha olhou para Sophie e viu a Reitora, junto à janela.

“Você é a próxima, querida.”

Agatha perdeu tempo naqueles momentos, incerta quanto à forma como foi de um ponto a outro, até que ficou em pé diante da Reitora, na frente da sala, desatenta e assustada. Seu peito revolvia com o calor, como se a mensagem tivesse sido cortada sob sua pele e tatuada em seu interior. Pela primeira vez, ela não ouvia as vozes do Bem, dizendo que ela acreditasse na amiga. Em vez disso, ela ouvia as vozes das bruxas, dizendo-lhe que, pelo segundo ano, não houve nenhum Grande Erro no motivo para que ela tivesse vindo para a escola.

Pois, afinal, ela havia pedido a coisa certa.

A Reitora apontou o dedo para Agatha e arrancou fumaça com tanta força que ela tombou para trás. Os filetes de névoa azul foram se elevando e se aglutinando no ar, como uma nuvem suspensa, prestes a revelar seu fantasma...

A névoa enegreceu.

Os olhos da Reitora se arregalaram. Densa como nuvens tempestuosas, a fumaça começou a rodopiar cada vez mais rápido, afunilando-se em uma névoa mortalmente negra. Agatha recuou. “O que está acontecen...”

Raios irromperam do ciclone, com um vento negro soprando de seu redemoinho, derrubando as garotas pelo chão e esmagando a Reitora contra a escrivaninha de jujubas cítricas. O vento açoitou o puxa-puxa, antes de soprar todas as borboletas do vestido da Reitora, lançando-as como um canhão, janela afora. Girando e uivando impetuosamente, o vendaval negro arrancou a porta das dobradiças e grudou as meninas na parede, deixando apenas Agatha intocada. Sophie tentou engatinhar na direção de Agatha, para tentar salvá-la, mas o vento arremessou Sophie ao outro lado da sala, para dentro de um armário. Então, com o último impulso de sua força, ele pegou Agatha e tragou-a, aos berros, para dentro de sua nuvem.

Ofegante, girando, Agatha só sentia as paredes negras de vento, elevando-se

por todos os lados, bloqueando sua visão da sala. O vento a lançava de uma parede à outra com uma força infernal, dilacerando e engolindo sua coroa de capitã, com rugidos cada vez mais altos, estourando em seus ouvidos, até que, de repente, o vento parou, deixando-a num canto quieto e escuro.

As paredes negras ao seu redor começaram a se adensar em dimensão e luz, transformando-se na mesma sombra fantasmagórica em seus quatro lados... máscaras... máscaras prateadas gigantes...

Os olhos azuis fulminantes de Tedros brilhavam através de cada uma delas, olhando para baixo, em todas as direções.

“Esta noite”, ele rugiu, com a voz ressonante. “Atravesse a ponte.”

Minúscula, ao seu lado, Agatha buscava a voz. “Mas... mas...”

Tedros desapareceu. O vento negro soprou para dentro do coração dela com um relâmpago, deixando Agatha de volta na sala de aula silenciosa, sem um fio de cabelo fora do lugar.

As garotas lentamente ergueram o olhar, em suas poses desarrumadas e viram a sala inteira em pedacinhos, exceto pela professora Anêmona, a professora Dovey e Lady Lesso, boquiabertas, espiando da porta, que se fechou magicamente bem na cara delas.

“Quem era?”, perguntou a Reitora, levantando cambaleante, toda desgrenhada pelo vento. “Quem você viu?”

Agatha baixou os olhos para o vestido vazio da Reitora, sem borboleta alguma. No fim das contas, ela não conseguia ouvir tudo. Agatha a encarou de volta, desafiadora.

O rosto da Reitora se dissolveu num sorriso lento e enigmático, e surgiu um “20”, em larvas enfumaçadas, acima da cabeça de Agatha. “Por fracassar completamente no desafio”, declarou a Reitora, magicamente recuperando sua aparência, enquanto dava a classificação do restante (Dot tirou um “19”, com cheiro pútrido). Mil borboletas azuis se aninhavam na bainha do vestido da Reitora como uma porção de casulos, depois voaram para dentro da nova estampa.

Agatha sentou-se, vendo o olhar desconfiado das meninas, encarando sua capitã sem coroa. Enquanto isso, Hester e Anadil demonstravam a mesma expressão ansiosa, exigindo que ela respondesse suas perguntas depois da aula.

“Era o Tedros, não era?”, disse uma voz trêmula, ao seu lado.

Agatha não se mexeu.

“Agatha?”, Sophie disse, em tom agudo. “O que foi que Tedros disse?”

Agatha hesitou, depois ergueu os olhos para o rosto pálido da amiga...

Seu coração parou.

Havia algo no pescoço de Sophie. Pouco abaixo da gola.

Uma verruga preta.

“Agatha?”, Sophie se mexeu e a gola escondeu o sinal. “O que você viu?”

Agatha não encontrava a voz.

“Então?”, disse Sophie, com a expressão ficando sinistra.

Agatha escondeu suas mãos trêmulas. “Você estava cer-certa”, gaguejou ela, tentando parecer envergonhada. “Ele... ele disse que jamais viria atrás de mim.”

Sophie olhou-a incrédula. “Ele... disse?”

Lentamente, os olhos esmeralda se transformaram em círculos cortantes, desconfiados. Agatha ficou na expectativa, sentindo que eles cortavam sua alma, enlaçando sua mentira, prestes a puxar com força...

“O que foi que eu disse, Agatha?”, Sophie respirou, furiosa. Ela pegou a mão da amiga. “Eu lhe disse que meninos são do Mal.”

Agatha olhou-a estarrecida.

“Não se preocupe, Agatha. Nada poderá nos deter, se trabalharmos juntas”, prometeu Sophie, com sua coroa de capitã reluzindo. “Nós pegaremos a caneta dele. Teremos nosso final feliz de volta. Igual à última vez.

Com o coração disparado, Agatha olhou além dela, para a Ponte do Meio do Caminho, que conduzia à neblina.

Dessa vez, ela sabia que elas não iriam juntas.

“Esta noite?”, Sophie sorriu para ela, esperançosa.

Horrorizada, Agatha retribuiu o sorriso, ouvindo a voz do príncipe, como se fosse a sua.

“Esta noite.”

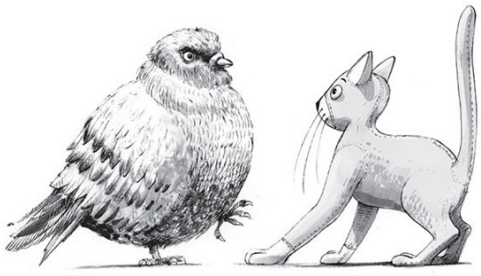
9
A volta dos sintomas

“A verruga era de que tamanho?”, Anadil ajoelhou no nicho atrás da escada da Honra, perfilada de roseiras azuis. “Você tem *certeza* de que viu?”

Agatha assentiu, roendo as unhas, para fazer os dedos pararem de tremer. “Ela diz que me perdoa. Diz que quer ir para casa...”

“Tarde demais.” Agachada ao seu lado, Hester esmagou uma rosa. “Você não se lembra? Uma vez que os sintomas começam, ela não consegue controlar sua maldade. Você tem de beijar Tedros antes que ela se transforme em bruxa, ou *todas nós* estaremos mortas.”

Agatha tremia mais, inundada pelas lembranças da careca de Sophie, da bruxa assassina matando lobos, aniquilando torres e fazendo um inferno com as alunas. Naquela época havia alertas precedendo a transformação dela: pesadelos, explosões de raiva... então, veio a primeira verruga. Dessa vez, Agatha não as notara, mas elas estavam ali novamente. As cicatrizes embaixo dos olhos de Sophie, no casamento. Seu olhar punitivo no escritório de Sader. Seu sorriso sinistro na festa de boas-vindas. Ela negara tudo, achando que a amiga havia mudado. Mas Sophie não a perdoara por ter desejado um príncipe, e jamais a perdoaria.



Agora, o príncipe era sua única esperança.

“Quanto tempo?”, Agatha olhou para Hester. “Quanto tempo, até que ela se

transforme?”

“A Fera foi apenas um alerta”, disse Hester, pensando com afinco. “Ela ainda não feriu ninguém de verdade.”

“Primeiro, surgirão novos sintomas”, concordou Anadil. “Mas a Hester está certa. Estamos seguras, até que ela machuque alguém.”

Dot chegou, mastigando batata-doce. “Isso significa que Agatha pode vir ao Clube do Livro, essa noite?”

“Significa que Agatha ainda pode beijar o Tedros essa noite”, Hester rugiu, puxando Agatha em direção ao salão lotado. “Mas nós temos que agir normalmente. Ninguém pode saber que ela vai vê-lo...”

“Espere um segundo...”, disse Agatha.

“Hester, um beijo e nós estamos de volta ao Bem e o Mal”, sorriu Anadil, se aconchegando à amiga, enquanto elas seguiam por entre as meninas. “Treinamento para Corcundas, Armadilhas Mortais, Mingau de Girino...”

“Espere aí...”, Agatha começou a dizer.

“Nunca ficaria tão feliz, como ao ver a reabertura da Sala de Condenação”, Hester riu debochada, para Anadil.

“Vocês duas, ouçam...”

“O Clube do Livro debatendo sobre o tema *Sem príncipes, mas fabulosas*”, disse Dot, vindo atrás, com a boca cheia de batata-doce. “Eu detestaria que ela perdesse...”

Agatha girou. “Será que é possível vocês três escutarem uma *única* palavra?”

“Por isso que uma aliança de bruxas não é feita com quatro”, disse Hester. “Mais um motivo para que você tenha que beijar Tedros.”

“Isso que eu estou tentando dizer a vocês! Ele não disse como eu devo vê-lo!”, Agatha rugiu, antes de olhar em volta e ver se tinha alguma borboleta entreouvindo. Ela baixou o tom de voz. “Só disse que eu devo atravessar a ponte.”

“A Ponte do Meio do Caminho?”, disse Anadil. “Tem certeza que não ouviu errado?”

“Talvez ele tenha dito ‘geladeira’”, disse Dot, retribuindo o aceno de duas Sempre que estavam passando. “Tem uma geladeira mágica na cozin... *eeeeiiii*!” Ela pegou a calça de harém que Hester tinha acabado de rasgar. “Por que fez isso?”

“Por tentar ser uma Sempre e uma Nunca, ao mesmo tempo, sua pateta mal alimentada”, Hester chiou e virou-se para Agatha. “A Dot está certa, ele não pode ter dito ‘ponte’.”

Agatha fez uma careta. “Mas foi isso que ele...”

“E se for uma armadilha?”, perguntou Dot, transformando o pedaço rasgado da calça em espinafre.

Hester e Anadil ficaram olhando para ela.

“Ouçam”, disse Dot, jogando o cabelo para trás. “Agora, eu tenho autoestima, portanto, se vocês agirem como cretinas, eu vou me mudar para o quarto da Reena e...”

“Lampejos de inteligência, não é que ela tem?”, murmurou Anadil.

“Inspirados e fugidios”, resmungou Hester, e virou de volta para Agatha. “*Pode*, sim, ser uma trama da Reitora. Não dá exatamente para montar uma escola sem príncipe, se sua capitã está ansiando por um príncipe, dá? Até onde você sabe, ela pode ter evocado Tedros para pegar você tentando vê-lo.”

“Mmmm, imaginem se elas descobrissem que sua Grande Garota Esperança tentou abandoná-las por um *garoto*”, ronronou Anadil, olhando as meninas que iam passando. “Você será servida no jantar, com um belo molho béarnaise.”

O sangue de Agatha gelou. “Ainda vou encontrar o Tedros, essa noite?”

“Você não tem escolha, tem?”, Hester disse, mais suavemente, estreitando os olhos por cima do ombro. “Você certamente não pode dormir ao lado *dela*.”

Agatha virou e viu Sophie vindo apressada até ela, com uma expressão nervosa, como se temesse ficar sozinha, depois da última aula. Três borboletas passaram por ela em direção a Agatha e as bruxas...

“Mas eu estou no quarto dela!”, resfolegou Agatha, virando de volta. “Como vou sair sem que ela e Beatrix vejam...”

Hester e Anadil já estavam levando os dedos acesos aos lábios. Com sorrisos travessos, elas assopraram fumaça das pontas dos dedos, em tufos de fumaça vermelha e verde, que foram dançando na direção de Agatha, formando as letras de uma única palavra...

FRACASSE

As borboletas irromperam por entre as letras, ziguezagueando em vão, tentando ouvir alguma coisa.

“As bruxas vão nos ajudar a pegar o Storian?”, Sophie disse, parando atrás dela.

Agatha virou e quase gritou. Sophie estava com o pescoço coberto por um xale com estampa de cachorrinhos.

“É da Kiko”, Sophie disse, melancólica. “Mas está um gelo nesse lugar, e você sabe como eu pego resfriados, pouco tecido adiposo e tudo mais. Mas meu

pescoço está coçando terrivelmente... esse tecido deve ser terrivelmente vagabundo...”

Ela viu Agatha olhando para o xale, boquiaberta e pálida. “Como se você fosse a rainha da Haute Couture”, disse Sophie, franzindo o rosto. “Então? Qual é o nosso plano para essa noite?”

Com as pernas bambas, Agatha se ateve ao próprio plano. As bruxas estavam certas. Era só fracassar no resto dos desafios do dia e ela estaria em segurança, com seu príncipe, antes que surgissem mais sintomas.

Com Hester e Anadil em aulas diferentes no segundo tempo, Agatha sentiu-se ainda mais aterrorizada de sentar ao lado de Sophie, que ficava o tempo todo coçando por debaixo do xale.

Assim como a professora Anêmona, a professora Dovey foi surpreendida pela Reitora, cuja presença evitou que a antiga instrutora de Boas Ações abordasse Agatha. Mas a professora Dovey parecia saber exatamente o que Agatha tinha em mente, porque ela ficava encarando, enquanto ela refazia o sistema de classificação.

“E talvez seja bom repetir”, disse ela, em voz alta, em sua escrivaninha de bombons, “as alunas que fracassarem vão ficar de guarda no portão da Floresta, sozinhas, sem as professoras...”

“Elas *sabem* disso, Clarissa”, gemeu a Reitora.

“O que significa que ficarão completamente *sem supervisão* na Floresta...”

“Clarissa!”

A professora Dovey prosseguiu, lançando um último olhar urgente à Agatha.

Poder sem Príncipe era só uma versão disfarçada do antigo curso que a professora Dovey lecionava, de Boas Ações, com a única diferença da pintura de jujubas numa parede de doce de abóbora, mostrando o rosto de Agatha com a bolha de texto com: *Meninos nascem escravos!*

Agatha se conteve para não destruir o desenho. Será que não era suficiente que sua melhor amiga estivesse se transformando numa bruxa mortal? Agora ela era uma garota propaganda para a escravidão masculina? A professora Dovey parecia compartilhar da mesma repulsa, pois ela ignorou o maxilar retraído da Reitora, enquanto ela falava.

“Um menino não está destinado a ser mais subjugado que uma menina. Verdade, as meninas têm mais compaixão e sensibilidade que a maioria dos meninos. É por isso que, às vezes, meninos e meninas parecem completamente incompatíveis...”

Em sua cadeira de caramelo, Agatha olhava rapidamente para Sophie, para

ter certeza de que as verrugas não tinham brotado, nem que seus dentes haviam caído. Mas fora parecer estar com coceira, Sophie estava tranquila e adorável como nunca. Agatha se esticou para ver se tinha mais verrugas por baixo do xale... Sophie flagrou-a e Agatha fingiu que estava com o dedo no nariz.

Sophie passou um bilhete. *Devemos usar a ponte essa noite?*

Agatha sorriu vagamente. Para chegar a Tedros, ela tinha que, de alguma forma, fracassar nesse desafio, sem provocar a desconfiança de Sophie.

"De modo a sobreviverem, os meninos aprendem a projetar força acima da emoção", a professora Dovey prosseguiu. "Por isso que eles desejam suavidade numa menina. Ao continuarem suaves, vocês deixam que eles sejam vulneráveis para o único momento das vidas deles. Compreender um menino é sua maior esperança para domá-lo."

"E fazer dele um escravo", interrompeu a Reitora, cruzando as pernas. "Como todos nós sabemos, meninos reagem melhor ao espancamento e à privação de alimento."

"Meninos reagem ao incentivo e bom senso, Evelyn", retrucou a professora Dovey. "E a uma fé no amor entre princesa e príncipe."

As bochechas claras da Reitora ficaram vermelhas e as paredes da sala de aula sacudiram. "Clarissa, o que as meninas precisam é do direito de serem felizes sem os porcos selvagens e execráveis..."

"O que as meninas precisam é o direito de saber o que faz os meninos dignos de amor. O que as meninas precisam é o direito de escolher seus próprios finais, não os finais de sua Reitora", disse a professora Dovey, elevando o tom de voz. "O que as meninas precisam é o direito de saber por que essa Reitora nem deveria estar aqui!"

A Reitora se pôs de pé, de um salto. Braços de doce magicamente se lançaram da parede atrás da professora Dovey e a jogaram para fora da sala de aula, com uma força tão grande que a porta foi batida atrás dela, arremessando fragmentos de abóbora por cima de todas as carteiras.

Agatha ficou branca, obrigando-se a permanecer na cadeira. As meninas olhavam chocadas à sua volta.

"Pois bem", disse a Reitora, virando para a turma. "Vamos prosseguir com o desafio?"

Murmurando, as meninas se aquietaram, como se a professora Dovey estivesse esperando, diante de um desrespeito tão espalhafatoso. Agatha também se esforçou para parecer indiferente, sabendo que sua fada madrinha gostaria que ela chegasse até seu príncipe, a qualquer custo. Mas o que isso significava? Será

que ela conhecia a Reitora Sader do passado?

Ela subitamente notou Sophie ao seu lado, agora com a mão inteira no xale, coçando vorazmente, sem ter notado o incidente inteiro.

Agatha ficou ligeiramente mais pálida e voltou a se concentrar em fracassar no desafio.

Magicamente fazendo surgirem dúzias de caules em pés de feijão do teto de melado, a Reitora Sader explicou que, para o teste de Voo da Fé, cada aluna seria vendada e deixada no alto de um pé de feijão, e deveria ouvir as instruções gritadas pelas colegas de turma para se balançar por outros troncos e regressar à própria mesa. Quem voltasse à mesa mais depressa, receberia a classificação máxima.

Beatrix tinha todas as meninas da turma torcendo para que ela voltasse à sua carteira. Arachne e Reena instruíram uma à outra até terminarem, assim como Millicent e Mona. Apavorada de haver outro episódio do Mal, Sophie cuidadosamente obedeceu aos gritos de suas colegas de turma, ávidas para permanecerem em suas graças, depois do incidente da Fera, e ganhou o desafio em tempo recorde.

Ao sentar-se, Sophie abanou tufos de cabelo caídos em seu vestido. Ela ergueu o olhar e viu Agatha trêmula, como se estivesse passando mal. “Ah, é bem fácil, Agatha”, disse Sophie, abanando mais cabelo. “Apenas ouça minhas instruções e você ficará bem.”

Com a mente ocupada por cabeças carecas, verrugas escondidas e mais sintomas de bruxa que estariam por vir, Agatha mal conseguia se concentrar em fracassar no seu desafio. Ainda assim, ela conseguiu fingir confusão, surdez e dislexia, e se assegurou de que a Reitora visse seu bico de decepção, quando ela ficou em penúltimo lugar (Dot acidentalmente se lançou pela janela, ganhando a *lanterna*).

“Mas eu gritei bem alto”, Sophie resmungou, coçando o pescoço, enquanto ela seguia com Agatha, pelo corredor. “Agatha, você tem que se sair bem no próximo, ou ficará de guarda essa noite!”

Agatha assentiu, forçando uma expressão abatida. Quando Sophie virou, ela parou e tentou espiar embaixo do xale...

Sophie virou de volta e Agatha se curvou. “Desculpe, eu vou peidar.”

“Pelo menos, vamos partir com nossa dignidade!”, resfolegou Sophie.

Elas estavam atrasadas para Defesa Contra Meninos, significando que Agatha teve de sentar do lado oposto da sala, de onde estavam Hester e Anadil, que pareciam desesperadas para falar com ela. Mas Lady Lesso parecia ler os

pensamentos de Agatha, pois Sophie entrou e a ex-professora de Maldições e Armadilhas Mortais ficou diante da porta, estreitando seus olhos cor de violeta, olhando-a de cima a baixo...

“Eu estou com alguma espinha?”, murmurou Sophie, mordendo sua caneta de pena ao sentar, e dando um pulo ao encostar na cadeira congelada. Franzindo o rosto, ela sentou novamente e deu uma olhada geral na sala de pirulitos que era uma réplica da antiga sala de aula do Mal de Lady Lesso, incluindo até os picolés açucarados pendendo do teto. Então, ela viu Agatha boquiaberta, parecendo ter sido apunhalada. “Agatha, você está agindo de maneira muito estranha”, disse Sophie, descartando sua caneta mordida.

Agatha estava com falta de ar.

Os dentes de Sophie tinham ficado pretos.

“Só está-tá f-frio aqui...”, Agatha gaguejou.

“E você me deu umas olhadas tão tontas, por causa desse xale”, disse Sophie, se curvando e desviando dela.

Agatha acenou freneticamente para Hester e Anadil, fazendo mímica com os lábios dizendo “Sintomas! Sintomas!”, até que ela viu Sophie olhando e fingiu abanar moscas. Verrugas, cabelos caindo, dentes apodrecendo... *Será que ela sequer conseguiria chegar até Tedros, antes que a bruxa viesse?*

Talvez a Reitora soubesse que ela tinha deixado clara a sua posição, com a professora Dovey, pois ela não estava na sala para supervisionar a aula de Lady Lesso. Em vez disso, ela mandou Pólux, que sentou nos fundos, com uma borboleta no ombro, fazendo estranhos sons fungados, como se esperasse que sua presença fosse reconhecida.

“Meninos são criaturas vis e sujas, motivo pelo qual garotas Nunca não se *casam* com eles”, disse Lady Lesso, lançando olhares repelentes às meninas Sempre, enquanto ela batia seus saltinhos pelo corredor. “Mas isso não é motivo para matá-los.”

“A menos que eles ataquem, é claro”, disse Pólux.

Lady Lesso ergueu os olhos como se tivesse sentido o cheiro de um gambá, depois olhou para baixo. “Matar mancha sua alma permanentemente, seja você uma Sempre ou uma Nunca. Você só pode matar pela pura defesa pessoal, ou para matar seu Nêmesis e ficar em paz. Nenhuma dessas condições será vivenciada nessa escola.”

“A menos que aconteça uma guerra, você quer dizer”, Pólux bufou.

“Talvez seja hora de outro extermínio”, Lady Lesso disse, sem dirigir-se a ninguém em particular.

O cão não voltou a interromper. Ainda assim, Lady Lesso lançou um olhar preocupado ao passar por Agatha, e a colocou quase no fim da classificação do desafio, como se quisesse garantir que Agatha fracassasse.

“Para seu desafio, vocês irão se defender contra Mogrifs. Os meninos sem dúvida podem contar com a mutação de formas para a invasão, portanto, vocês precisam estar preparadas para fazer o mesmo”, disse a professora, apertando sua trança. “Contudo, estejam alertas, a transformação nos permite acessar nossos instintos mais profundos, de modo a sobrevivermos. Se vocês estão maculadas pelo Mal, o processo pode ser corrompido.” Seus olhos roxos perfuravam Pólux. “Que isso seja um alerta para todos vocês que falam casualmente da *guerra*.”

Para derrotar os Mogrifs fantasmas, cada garota precisa se transformar em um animal. Um ano atrás, as líderes de seu Grupo Florestal lhes ensinaram a se transformarem em um animal de escolha própria, usando a visualização. Era um feitiço relativamente fácil, como ensinado no primeiro ano, junto com feitiços de Água e Clima (embora a Mogrificação envolvesse uma ruga extra na roupa). Agora, o desafio parecia ser encontrar o Mogrif certo para vencer seus oponentes masculinos.

Colocada diante de uma serpente, Hester levou mordidas cruéis, sendo um caranguejo, antes que se transformasse em um ágil mangusto e a dominasse; o pelicano desajeitado de Beatrix abandonou a luta contra uma piranha; a porquinha de Dot fugiu no instante em que viu o carneiro correndo em sua direção (“Eu achei que meninos gostassem de coisinhas bonitinhas”, ela grunhiu com um *oinc*, e correu até sua pilha de roupas).

Agatha estava confusa, pensando em como poderia se sair pior. Então, quando Lady Lesso evocou um urso batendo no peito e o colocou à sua frente, ela só ficou ali em pé, coçando a cabeça. “Eu... eu me esqueci...”

“Esqueceu-se de mogrificar?”, disse Pólux, desconfiado. “A menina que passou uma parte importante de seu primeiro ano como uma barata?”

“Leitores têm mentes de peneira”, Lady Lesso suspirou, tentando não parecer satisfeita. “Certamente, ninguém consegue igualar tanta incompetência.”

“Imagino que eu esteja de guarda esta noite”, disse Agatha, sentando ao lado de Sophie.

“M-mas isso quer dizer que nós não podemos pegar o Storian!”, Sophie empalideceu, revelando dentes ainda mais enegrecidos.

Agatha segurou sua cadeira.

“Isso não faz sentido”, disse Sophie, amuada. “Você geralmente é tão boa em

desafi...", Seu rosto se iluminou. "Espere! E se eu também fracassar, Agatha! Então, eu posso ficar de guarda com você! Nós podemos invadir a escola dos meninos e voltar para casa!"

"Não!", Agatha gritou. "Sophie, essa ideia é terrí..."

Mas Sophie já tinha saído correndo até a frente da sala, decidida a perder sua batalha. Quando viu o rosto de Agatha, Lady Lesso provavelmente adivinhou o plano de Sophie, pois ela produziu um pombo obeso como seu oponente. Sophie se transformou num gato felpudo e rosado e esquivou-se de suas bicadas fracas.

"Ó, Fera poderosa", miou Sophie, como se estivesse fazendo um teste para uma peça da escola. "Eu não sou páreo para ti!"

Agatha viu a expressão nervosa de Hester, do outro lado da sala. Se Sophie ficasse de guarda com ela, essa noite, como ela poderia escapar até seu príncipe?

"Piedade, ó bruto!", o gato que era Sophie gritou para o pombo cambaleante. Sacudindo dramaticamente a pata até a cabeça, Sophie pisou em suas roupas e visualizou a si mesma como humana, pronta para reivindicar o último lugar...

Só que nada aconteceu.

O gato de Sophie franziu o rosto e tentou novamente o feitiço, mas agora suas patas estavam ainda mais peludas. O pombo saiu voando e pousou em sua cabeça. As meninas riram, exceto Agatha, que sabia como Sophie era capaz de fazer uma encenação.

"Eu não consigo...", Sophie resfolegou para Lady Lesso. "Não consigo voltar..."

"Apenas concentre-se!", Lady Lesso estrilou, com uma porção de risadinhas em volta, se transformando em gargalhadas.

Contudo, independentemente dos olhos que se fechavam ou abriam, Sophie não conseguia se transformar de volta. "Não sou eu...", ela disse, gaguejando. "Alguma coisa está impedindo...", o pombo fez xixi nela. "Socoooooorro!", Sophie gritou, abafada pelos urros e gargalhadas. Até Agatha teve que fungar.

"Basta de tanta idiotice!", disse Lady Lesso, jogando um feitiço nela, para acabar com aquele teatro.

O gato de Sophie olhava para ela, sem se modificar. Dessa vez, quando Sophie tentou falar, só o que saiu foi um *miau*.

O riso parou.

De rosto vermelho, Lady Lesso apontou novamente o dedo para transformar Sophie. Sophie miou mais alto. Os olhos de Lady Lesso ficaram ensandecidos, e ela virou-se para a borboleta pousada em Pólux. "Encontre Evelyn, e..."

No entanto, a porta já estava aberta e a Reitora entrava de dedo estendido.

Murmurando um encanto estranho, ela apontou para Sophie, que começou a se transformar novamente em humana. Mas antes que Agatha e o restante da turma pudessem relaxar, o processo parou de repente, deixando Sophie presa em algo entre gato e humana, chiando de dor.

Lady Lesso ficou branca. “Tem algo errado...”

De dedo apontado, a Reitora murmurava mais depressa, mas o corpo de Sophie ricocheteava de humano para gato, de gato para humano, em um violento cabo de guerra, enquanto ela alternava entre gritos e miados.

“Evelyn, só está piorando...”, Lady Lesso pressionava...

A Reitora apontou mais diretamente para Sophie, mas toda vez que seu corpo tentava crescer, ele encolhia de novo. Centelhas voavam em volta, enquanto Sophie se transformava, cada vez mais depressa, a alma presa entre forças, num borrão sem forma. O pombo curioso tremulava perto demais, e desapareceu na névoa.

Agatha começou a ficar tonta, a forma da amiga se modificando loucamente, passando por humana, animal... até que finalmente Agatha viu algo dentro de Sophie ganhar. Na visão embaçada de chamas, uma sombra foi ficando mais clara... a pele murchou e apodreceu... verrugas pretas e inchadas... a cabeça careca reluzindo... surgindo do fogo renascido...

Agatha fechou os olhos em choque...

A Reitora sacudiu as duas mãos e lançou uma explosão de luz, fazendo Sophie voar contra a parede e bater atrás da mesa.

Agatha lentamente abriu os olhos, num silêncio assustador. Enquanto fumaça serpenteava acima da bancada congelada, ela e o restante das meninas olhavam por cima.

“Eu... eu devo ter apagado”, disse Sophie, piscando seus longos cílios, novamente vestida. “Eu só me lembro de tentar me transformar de volta... e de algo me impedindo...” Ela olhou em volta, em busca do pombo que não estava à vista. “Mas eu não o feri! Isso certamente significa que agora eu estou de guarda!”

Lady Lesso parecia ter engolido a própria língua. “Isso significa... que sua alma é...”

“Enferrujada com antifeitiços”, disse a Reitora. “Você não concorda, Lady Lesso?”

Lady Lesso se retesou, com uma estranha fraqueza destilando em seus olhos habitualmente frios. Ela parecia assustada, pensou Agatha, quase... *triste*. “Sim, é claro”, ela murmurou para a Reitora.

Agatha notou que os olhos da professora passaram por ela e desviaram.

“Mas eu ainda... fracassei?”, disse Sophie, esperançosa.

“Ao contrário, primeiro lugar”, disse a Reitora, antes de sair rebolando.

Sophie abriu a boca para reclamar, mas Lady Lesso rapidamente passou o restante das avaliações e saiu da sala, quando as borboletas entraram para sinalizar que a aula havia terminado.

Enquanto as meninas saíam, Agatha não se mexeu, pensando na sorte que havia tido, pela Reitora ter salvado Sophie da incompetência de Lesso. “As professoras simplesmente têm inveja da Reitora”, Beatrix suspirou, indiferente.

Enquanto as garotas deixavam a sala, Agatha, nervosa, observava Sophie de costas para ela, juntando suas coisas. A chegada da Reitora tinha sido realmente uma sorte. Pois as meninas não tinham visto o que ela vira: a bruxa renascida, seus sintomas completos. Se a Reitora *não tivesse interferido a tempo*...

Tedros, pensou Agatha, seguindo sorrateiramente até a porta. *Apenas vá até Tedros*...

“Agatha, eu não vou ficar de guarda com você”, disse Sophie, atrás dela. “Você não iria até Tedros, iria?”

Agatha parou subitamente. “O quê? Por que você está dizendo isso?”

“Porque você fica me olhando como se eu fosse uma bruxa.”

Agatha virou e viu Sophie se aproximando dela, com olhos frios. Agatha sentiu o peito suando, as pernas amolecendo, sintomas que diziam que ela estava prestes a desmaiar, como havia desmaiado antes, nos braços de Tedros. Mas bem na hora em que ela caiu nos braços mortais da bruxa, em lugar de seu príncipe...

“Seus dentes... seus dentes...”, ela disse à Sophie, se recuperando. “Eles estão normais...”

Sophie ficou olhando, muda. “Meus dentes? Do que você...” Seu rosto ficou sério. “Agatha, aquilo era *tinta*. Minha caneta deve ter vazado... eu estava com ela na boca...”

“Mas seu cabelo...”, Agatha insistiu. “Eu vi que estava caindo...”

“Ele ficou preso na porcaria do pé de feijão!”, Sophie vociferou. “E você achou que *eu* estivesse me transformando numa bruxa, outra vez? Que eu iria atacar *você*? Depois de tudo que nós passamos!”

Agatha só conseguiu dar um gemido.

“Eu conto com você esta noite, Agatha”, disse Sophie, com o rosto repleto de mágoa. “Mesmo que você não confie em mim.”

Vendo Sophie sair, puxando seu xale desgrenhado, Agatha murchou, sentindo-se culpada.

Contudo, ela se lembrou da verruga... a verruga que ela decididamente vira... a verruga que não podia ser explicada... enquanto Sophie se afastava, arrancando o xale, Agatha correu atrás dela para ver o que havia por baixo...

Uma mão puxou-a para trás.

“Lesso está mentindo”, disse Hester, fechando a porta, para que elas ficassem sozinhas. “Você a ouviu. A alma de Sophie está corrompida pelo Mal que não perdoa! Por isso que ela não conseguia se transformar de volta! Por isso que a Fera saiu de dentro dela! Isso explica tudo!”

“Mas... mas o que isso significa?”, disse Agatha, rouca.

“Significa que a mudança agora é permanente!”, Hester pressionou. “Quando Sophie se transformar em bruxa, ela nunca mais voltará! Eu lhe disse que ela queria vingança!”

“Mas você mesma disse! Ela não feriu ninguém! E os sintomas *não estão* piorando em nada...”

“Ah, mas eles estão piorando, sim. A Reitora simplesmente não está vendo”, disse Hester, desviando o olhar. “Você precisa beijar o Tedros essa noite!”

Agatha sacudiu a cabeça, ainda pensando no rosto magoado de Sophie. “Eu não posso. Não posso ir até ele, Hester. Tenho que confiar na minha melhor amiga.” Ela murchou, exalando. “Provavelmente, nem era uma verruga. Só estou sendo paranoica, como eu fui com o cabelo e os dentes dela. *Todas nós* estamos apenas sendo paranoi...”

Agatha, porém, agora via para onde Hester estava olhando.

Atrás da mesa, o pombo fantasma estava deitado, junto à parede.

Só que não era mais um fantasma.

O sangue escorria de sua carcaça estirada no chão feito de doce.

10
Dúvida

“Ela está se transformando numa bruxa! Está se transformando e não sabe disso!”, disse Agatha, entrando apressada com Dot, no corredor aberto da Caridade.

“Ah, mas ela sabe, sim”, estrilou Dot. “Ela só está se fazendo de inocente. Por que você acha que ela está usando aquele xale ridículo?”

“Nós temos que dizer à Lady Lesso... ela saberá o que fazer...”

“Não! Você viu o que aconteceu com a professora Dovey. Não podemos colocar as professoras em perigo!”

“Sophie era do Bem, quando estávamos em casa, Dot!”, Agatha gritou. “Ela estava *feliz*...”

“Você quer vê-la feliz? Espere até que ela faça com você o que fez com aquele pombo!”

Por sorte, Agatha não viu Sophie pelo restante da tarde. Com os desafios do dia concluídos, as aulas das duas divergiam até os Grupos Florestais, portanto, enquanto Sophie tinha Talentos Femininos, com Anadil e Hester, Agatha se apressava para a aula de História das Heroínas, com Dot.

“Você não pode ficar sozinha com ela outra vez!”, disse Dot, enquanto elas se aproximavam da massa de garotas entrando no Salão do Bem. “Esconda-se no quarto de Hester, depois das aulas!”



Agatha só via o olho aberto do pombo... o sangue escorrendo em sua direção... Parou diante de uma coluna safira, puxando o ar. “Tudo isso é por causa do meu pedido.”

“Não, isso é tudo porque você escolheu o final errado, da última vez.”

Agatha ergueu o olhar para o reflexo de Dot no vidro polido.

“Você ouviu a Hester. Essa noite é sua última chance de fazer o que seu coração realmente quer”, disse Dot. “Ou Sophie será uma bruxa pelo resto da vida.”

Agatha sentiu um aperto na garganta, temendo pronunciar as palavras. “E se... eu o beijar?”

“Ela irá para casa, para o pai, em segurança, como você prometeu. A bruxa será trancada por dentro.”

Por um instante, Agatha não disse nada. Finalmente, ela virou-se. “Como eu escapo do dever de ficar de guarda, essa noite? A outra garota dirá à Reitora...”

“Será?”, Dot pegou o braço dela. “Só porque eu sou popular e uso purpurina

não significa que sou uma aluna melhor.”

“Nós estamos de guarda... juntas?”

“Caso você não tenha notado, eu tenho fracassado em todos os desafios, me saí pior que você. E eu estava me esforçando para conseguir!”

Agatha olhou para ela assustada. “Mas mesmo que eu escape... e se eu não conseguir entrar no castelo dos meninos?”

“Você vai conseguir.”

Dot apertou seu braço, e Agatha entendeu o que não foi dito.

Porque nossas vidas dependem disso.

O Salão do Bem tinha o mesmo cheiro de maresia e a névoa úmida do ano anterior, com o salão de festas envolvido em algas esmeraldas e ferrugem azulada, como uma catedral afundada na água do mar. Murais de mármore lascado exibiam nas paredes a história da Grande Guerra, terminando com o triunfo do Diretor da Escola do Mal sobre seu irmão do Bem. Enquanto Agatha sentava no banco, ela achou estranho que a Reitora não tivesse mudado os murais para refletiram a morte do Diretor da Escola, nem a Expulsão dos Meninos. Ela certamente ia querer que a história fosse revisada com sua própria imagem, não?

Mais estranho ainda era História ser a matéria que a Reitora lecionava, sendo que ela não aparecia nas aulas, deixando Pólux se virando diante de metade da escola.

“Nossa Reitora teve negócios urgentes, então eu me ofereci para apresentar uma revisão abrangente da Brutalidade Masculina através dos tempos, enfatizando a perseguição daqueles que não demonstram traços masculinos convencionais.”

Ele fechou os lábios apertados. “Mas a Reitora preferiu que, em vez disso, cada uma de vocês apresente sua linhagem.”

Agatha tentava focar nos caminhos que levavam à escola dos meninos, mas pegou-se atenta nas apresentações das meninas. Todos os alunos na Escola do Bem e do Mal vieram de famílias de contos de fadas, exceto Sophie e ela, as duas Leitoras não encantadas que foram raptadas de Gavaldon. Agatha lembrou-se de que a mãe de Hester agora era uma bruxa falecida que havia tentado matar João e Maria, e a avó de Anadil era a notória Bruxa Branca que usava ossos de menininhos. Mas agora Agatha também descobria que a avó de Beatrix havia sido a donzela que enganara Rumplestiltskin, Millicent era bisneta da Bela Adormecida e seu príncipe, e Kiko era filha de um dos Garotos Perdidos da Terra do Nunca e uma sereia.

Enquanto as garotas Sempre geralmente mencionavam pai e mãe, as Nunca só falavam de um, ou de nenhum, sendo o pai de Arachne um ladrão de rainhas; a mãe de Mona, de pele verde, tinha ganhado fama aterrorizando Oz; o pai de Dot foi o xerife de Nottingham que nunca encontrou seu rival, o Robin Hood.

“Por que as Nunca jamais mencionam pai e mãe?”, Agatha perguntou depois que Dot sentou-se.

“Porque vilões não nascem do amor”, disse Dot, observando Reena contar sobre como haviam se conhecido os seus pais, que eram da realeza. “Nós somos feitos pelos motivos mais errados, nenhum dos quais é manter uma família unida. Lady Lesso costumava dizer que as famílias vilãs vinham de experiência pessoal. Aposto que a de Sophie é pior que as nossas.”

“Mas Sophie teve pais amorosos...”, a voz de Agatha foi sumindo.

“*Stefan foi o que mais sofreu*”, sua mãe dissera, sobre o casamento de Stefan com a mãe de Sophie. Será que o casamento dele havia sido infeliz, desde o início? Será que Sophie havia nascido “por todos os motivos errados”? Agatha olhou para Dot, que pareceu intuir seus pensamentos.

“O Diretor da Escola queria casar com ela por um motivo”, Dot alertou.

Agatha se lembrou do juramento dele, ao partir... seus olhos vermelhos, reivindicando Sophie como sua noiva...

“*Você jamais será boa, Sophie. Por isso que você é minha*.”

Agora, enquanto Agatha pensava em sua melhor amiga voltando a ser uma bruxa, ela se perguntava, ansiosamente: será que o Diretor da Escola estava certo? E, por que a Reitora *não conseguia ver isso*?

“Quer dizer, como é que alguém pode sequer acreditar na conversa fiada da Reitora?”, disse Agatha, tentando se distrair. “Reinos de mulheres não podem durar sem homens. Como é que eles... *é... cresceriam*?”

“É disso que nós gostamos.” Dot sorriu. “*Escravos*.”

O único outro momento memorável da aula veio quando Yara, a dançarina da festa de boas-vindas, veio até a metade do caminho, com seu andar de magricela e músculos contraídos, agindo como se fosse perfeitamente rotineiro matar aula a manhã inteira e entrar quando bem entendesse.

“Gostaria de falar sobre seus ascendentes, Yara?”, Pólux perguntou.

Yara girou com um grasnido e sentou-se.

“Ciganos, sem dúvida”, murmurou Pólux.

Enquanto Agatha olhava o rosto bicudo de Yara, seu cabelo arruivado e as sardas cor de morango, ela sentiu que nunca tinha conhecido uma garota tão estranha... no entanto, tão familiar.

“Ela entra e sai, como se fosse um bicho de estimação da escola”, sussurrou Dot. “É porque ela não sabe falar. A Reitora sente pena dela.”

Agatha dispensou o almoço no Salão de Jantar, para se encontrar com Hester e Anadil, no alto da Torre da Honra (Dot recusou participar, citando uma porção de obrigações sociais). No local onde o telhado aberto um dia abrigou um jardim de cercas-vivas, dedicado às cenas da história do Rei Arthur, as cercas-vivas haviam sido refeitas, em homenagem à Rainha Guinevere... esposa de Arthur e mãe de Tedros, que abandonara ambos e nunca mais havia sido vista.

“Não se admira que o Tedros queira nos atacar”, disse Hester, tomando mingau caseiro, enquanto olhava as cenas esculpidas da rainha esguia.

“Como é que a Reitora pode achar que ela é uma heroína?”, disse Agatha. “Ela abandonou o filho!”

“Pelo contrário, a Reitora conta que Guinevere se libertou da opressão masculina”, disse Anadil, observando seus ratos batendo uns nos outros com lascas de pedra remanescentes de uma gárgula que Tedros matou. “Convenientemente, ela ignora que tenha partido para se juntar com um cavaleiro matusquelo.”

Agatha olhava os desenhos que retratavam Guinevere como uma santa. “*Você não espera que eu conte a história como foi, espera*?”, Sophie provocara, quando elas estavam em casa. Todo conto de fadas podia ser distorcido para servir a um propósito. O Bem podia ser transformado em Mal, o Mal em Bem, trocando e destrocando, exatamente como havia sido, na guerra entre as escolas, um ano antes. Mesmo agora, Sophie estava jurando que era do Bem, embora tudo na história das duas dissesse à Agatha que ela era do Mal.

“Não há proteção entre as duas escolas, somente ao redor da área dos portões”, Hester estava dizendo a Anadil. “Mas, mesmo assim, ela não pode nadar até Tedros, com aqueles crocodilos no fosso...” “Crocodilos?”, perguntou Agatha, virando-se para elas.

“Aqueles crocodilos brancos espinhentos. Eles só atacam meninas”, disse Anadil, impaciente.

Agatha pensou no poço da Floresta... a corsa arrastada pelos crocodilos, enquanto o macho nadava, intocado. Ela ficou duplamente aliviada por não ter tentado atravessar.

“E ela não pode usar a rede de esgotos, já que está bloqueada”, disse Hester. “Ela não pode nem usar o portão oeste da Floresta...”

“O portal da ponte ainda é aqui em cima?”, perguntou Agatha, olhando o telhado.

Hester franziu o rosto. “Eu lhe disse, Tedros não pode ter dito ‘ponte’...”

A porta atrás delas se abriu e borboletas entraram voando, bem na hora em que as garotas falavam alegremente sobre o quanto gostavam de piqueniques no telhado, embora a chuva encharcasse suas roupas e estragasse a comida.

Com o castelo de vidro sendo encoberto pela sombra, Agatha seguiu para a aula de Talentos Femininos, cada vez mais nervosa quanto àquela noite. Porém, ao contrário do restante do corpo docente, a professora Sheeba Sheeks nem se deu ao trabalho de lecionar. Antes uma temida professora de talentos vilanescos, agora ela estava diante da sala de pirulitos, com seu vestido de veludo vermelho, espinhas nas duas bochechas, segurando uma carta em papel timbrado com uma borboleta cintilante.

“A Reitora me colocou como encarregada dessa pe-peça...”, ela gaguejou. “*Peça escolar*.” Ela recostou na parede. “Os testes para o elenco começarão na noite do dia 15, no Salão de Jantar.”

“Qual é o espetáculo?”, perguntou Beatrix.

Mas a professora Sheeks estava abalada demais para responder. Piscando palidamente, ela olhou os pirulitos coloridos, as Nunca sentadas com as Sempre, e a ordem para dirigir um espetáculo exclusivamente feminino... “A Escola do Diabo!”, ela resfolegou, e fez as garotas lerem *A arte das astúcias femininas* pelo restante da aula.

Enquanto as outras garotas folheavam as páginas, Agatha olhava a fortaleza de névoa, acima da Baía do Meio do Caminho, tão densa que ela mal conseguia enxergar os trovões por detrás. Em mais algumas horas, ela teria a chance de reescrever seu conto de fadas, de uma vez por todas. Mas será que ela realmente conseguiria ir até o fim? Mesmo com Sophie se tornando mortal, será que ela conseguiria beijar Tedros sabendo que era para sempre?

Agatha subitamente notou um pedaço de pergaminho preso embaixo da cadeira de Arachne. Duas garotas tinham trocado bilhetes na aula anterior. Agatha empurrou com a botina e pegou. Ela reconheceu as duas caligrafias.

SOPHIE: Tem algum jeito para que uma menina chegue à escola dos meninos?

BEATRIX: Não, claro que não. Por quê?

SOPHIE: Só para ter certeza.

Agatha amassou o papel. Sophie estava marcando em cima.

Ao correr para a Floresta Azul para sua última aula, Agatha sentiu a cabeça latejando, meio perdida sobre como chegar a uma escola sem roteiro algum, e garantir que Sophie não a visse. Passando apressadamente pela Galeria do Bem,

ela notou duas silhuetas, através de uma fresta aberta na porta. Agatha teve um vislumbre de um cabelo ruivo...

“Eu lhe dei duas semanas”, estrilou a voz da Reitora.

“Mas eu tentei!”, disseram baixinho.

“Se você quer ficar aqui, precisa encontrar um jeito de...”

A Reitora parou repentinamente e girou. O portal estava vazio.

Estranho, pensou Agatha, saindo do corredor. Pois ela estava bem certa de que a voz conversando com a Reitora era a da mesma garota que todos achavam não poder falar.

A Clareira, que um dia havia sido um local de almoço movimentado, usado pelo Bem e pelo Mal, agora estava coberta de capim. Conforme Agatha passou pelo Túnel das Árvores do Bem, viu um esquilo morto apodrecendo no campo vazio e um arco rosado desbotado ali perto, da mesma cor do que a Princesa Uma costumava usar no cabelo. O Túnel do Mal, agora passagem para a escola dos meninos, tinha sido lacrado com rochas – se pelos meninos, ou pelas meninas, Agatha não sabia. Ainda assim, as professoras se sentiam amedrontadas para levar as meninas para suas refeições, o que deixava Agatha inquieta quanto a atravessar a Floresta Azul, que se estendia diretamente abaixo das torres dos meninos.

Um ano antes, a Floresta Azul era um paraíso tranquilo, com portões, com todas as folhas, flores e mato em tons distintos de azul, destinada a lembrar os alunos que era apenas uma simulação de uma Floresta mais perigosa. Porém, agora, enquanto Agatha se apressava pelo portão, bateu uma brisa de inverno e ela pôde ouvir os cânticos de guerra dos príncipes daquela Floresta: *“Morte às meninas! Morte às meninas!”*

No campo de samambaias cobalto, as meninas foram divididas em seus Grupos Florestais para a matéria Sobrevivendo a Contos de Fadas. Kiko e Beatrix seguiram a ninfa da árvore do Grupo 9 até o Riacho Azul, Anadil e Hester foram pela trilha da ninfa aquática do Grupo 4 até a Mata Turquesa, enquanto Agatha tentava enxergar a bandeira do Grupo 3 através do mato alto. Sentindo a chegada das meninas, os cânticos dos príncipes da Floresta ficaram cruéis e obscenos, incitando que Mona, Arachne e o restante do Grupo 12 começassem a arremessar abóboras azuis por cima do portão, para acertá-los. Os príncipes selvagens reagiram disparando flechas, mas estas foram consumidas pela proteção encantada acima do perímetro do portão.

Sob nuvens negras, Agatha sentia que a guerra estava prestes a começar. Beijar Tedros não somente salvaria as meninas da bruxa de Sophie. Também as

salvaria de um massacre, caso os príncipes encontrassem um meio de atravessar o escudo protetor.

Mas como ela poderia deixar Dot sozinha, de guarda, contra os príncipes sedentos de sangue? No entanto, abandonar seu posto essa noite era a única forma de encontrar Tedros sem que Sophie soubesse...

“Sabe da maior?”

Agatha virou-se e viu Sophie vindo em sua direção, embrulhada numa capa azul bem grossa. “Eu posso olhar você de guarda!”

Agatha cambaleou para trás. Não tinha nenhuma outra garota por perto. – O q-quê?

“Eu não aguentava mais usar aquele xale medonho. Todos aqueles cachorrinhos... pensei que eu fosse começar a latir, a qualquer momento”, Sophie suspirou. “A Beatrix gentilmente me emprestou sua capa da sala e eu olhei da janela e vi onde você estava fazendo a guarda! Falando nisso, você sabia que o bisavô de Beatrix que fez o vestido de noiva da Branca de Neve? Aquela menina pode ser doida, mas seus tecidos são fabulo...” Ela viu o rosto de Agatha e limpou a garganta. “De qualquer forma, agora eu posso ter certeza de que você está a salvo dos príncipes, a noite toda.” Sophie cutucou-a. “*Uma bruxa não faria isso, faria?”*

“Mas... mas...” Agatha ficou olhando a capa que cobria quase a pele toda de Sophie, e soube o verdadeiro motivo para que ela tivesse trocado o xale por ela. “E q-quanto ao seu sono embelezador...”

“Você ficaria me vigiando de guarda, Agatha.” Sophie deu um apertão no ombro dela. “Pra que serve uma amiga?”

Agatha gelou com o toque de Sophie. Em algum lugar, um pombo arrulhou.

“É... perdão... amiga chamando...”, Agatha resfolegou disparando para longe dela.

Ainda bem que Sophie não estava em seu Grupo Florestal, portanto, quando Agatha encontrou Kiko, Dot e o restante do Grupo 3, no Campo de Samambaias, ela agarrou Dot. “Verrugas... capa... transformação”, Agatha gaguejou ofegante. “Você estava certa! Ela *sabe*!”

“Achei que eu tivesse dito para você ficar longe dela, essa noite!”, Dot estrilou.

“Ela está nos vigiando, essa noite! Lá do nosso quarto!

“*O quê*!”

“Precisamos bloquear sua visão, de alguma forma...”

“E eu aqui achando que você tinha fracassado sem querer”, uma voz disse,

com sarcasmo.

Agatha virou e viu Sophie olhando para ela, em choque.

Procurou palavras, mas o olhar de Sophie se tornou cada vez mais gélido, conforme ela ia recuando para dentro dos arbustos, até sair correndo.

“Você está mortinha”, disse Dot.

Agatha sentiu o estômago revirar, vendo Sophie desaparecer. “Mas ela... ela parece tão magoada...”

“Quantas vezes você vai cometer o mesmo erro, Agatha? Ela é uma boa *atriz*.”

Agatha sentiu um aperto ainda maior na barriga, sabendo que Dot estava certa.

“*Cof, cof*.”

As duas meninas viraram e se depararam com uma velha gnomo, de cabelos brancos compridos, pele enrugada e um vestido horrendo, chapéu lilás pontudo e sapatos de saltos oscilantes. Agatha tossiu. Era como se Yuba, que um dia havia sido seu professor de crochê, tivesse se transformado numa dona de casa desmazelada.

“Estou vendo que nossa Leitora decidiu esse Mexerico de Sobrevivência”, disse a mulher gnomo, numa voz respeitável, parecida com a de Yuba, só que mais alta. “Meu nome é professora Helga e eu receio que nós teremos que deixar nossas apresentações apropriadas para mais tarde. Não posso segurar o grupo inteiro, por conta da chegada de alguém. Agora, quanto à lição de hoje...”

Agatha franziu o rosto e cutucou Kiko. “É... essa não é...”

“Nós também achamos isso”, cochichou Kiko. “Mas qualquer homem teria sido expulso, portanto, não pode ser Yuba! Além disso, as garotas me desafiaram a verificar.”

“Verificar?”

“Não pergunte. Mas pode confiar quando eu digo que ela é mulher”, disse Kiko.

“Venham, garotas”, disse Helga conduzindo as alunas Floresta adentro, com seu longo bastão branco. “Ano passado, vocês aprenderam a diferenciar uma planta comum de um humano Mogrificado! Hoje, nós vamos aprender a saber se é um Mogrif menino ou um Mogrif menina! Atualmente, isso é extremamente útil...”

Agatha foi atrás, sabendo que só havia uma coisa útil para meninos ou meninas, nesse momento.

Quantas verrugas Sophie estava escondendo por baixo daquela capa.

Oito horas depois, às dez em ponto, Agatha estava de volta à Floresta Azul com Dot, sendo vestida com uma armadura de aço, por Lady Lesso e a professora Dovey. Agatha tentou, repetidamente, cochichar com elas, mas ambas mandaram que ela se calasse, de olho nas borboletas azuis que circulavam acima como zangões, acesas pelas tochas acima do portão de entrada, ao norte. Ainda assim, as meninas sentiam a frustração das professoras, pois elas remexiam bruscamente na peça peitoral das armaduras e nas ombreiras, como se estivessem preparando arreios de cavalos.

"Eu não sei como os meninos usam isso", Dot resmungou, enquanto Lady Lesso enfiava um capacete em sua cabeça. "É pesado, coça e é *fedorento*."

Agatha não conseguia mais suportar. "Professoras, a Sophie sabe que eu vou ver o Te..."

Lady Lesso pisou em seu pé e Agatha calou-se. Dot não podia estar certa quanto a essa mulher ter família. Se Lady Lesso algum dia tivesse um filho, ele a mataria durante o sono.

O maxilar de Agatha se contraiu mais, enquanto a professora Dovey ajustava seu capacete bolorento. De que adiantava uma fada madrinha, se você não podia *falar* com ela? Irritada, Agatha deixou seus pensamentos fluírem para o que aconteceu depois das aulas. Quando as garotas regressaram de seus Grupos Florestais, ela tinha ido deitar no quarto de Hester. Já fazia quase dois dias que ela não fechava os olhos... semanas, desde que ela se sentira segura, por um instante sequer. Ela não se lembrava de ter adormecido, só dos pensamentos misturados de capas e verrugas... a sensação de uma chuva vermelha e fervente... o pinicar de espinhos... um gosto de sangue...

O corpo de Agatha deu um tranco. *Acorde!*

A dor irrompeu em seu estômago, arrastando-a para baixo, e algo dentro dela nasceu. Uma semente pura e branca, depois um rosto embaçado e branco, cada vez maior, até que ela viu os olhos azuis de um menino, perfurando-a...

"*NÃO*!", ela se debateu e acordou nos braços de Hester.

"Shhh... foi só um sonho...", Hester tranquilizou-a. Anadil parecia preocupada, ao seu lado.

"M-mas... foi um sonho com meu Nêmesis...", Agatha gaguejou. "Era o Tedros... seu rosto..."

"Os Sempre não têm sonhos com Nêmesis, Agatha", Hester suspirou, colocando uma bandeja de carne e batatas refogadas diante dela.

"Mas eu senti gosto de sangue... eu o vi..."

"Só vilões sonham com seu verdadeiro inimigo." Anadil serviu uma caneca

de cerveja de gengibre, na qual um de seus ratos prontamente mergulhou. “Princesas como você sonham com seu verdadeiro amor, lembra-se? Por isso que você viu o rosto dele.”

“Mas... digamos que seja uma armadilha...”, Agatha disse, frenética. “Digamos que Tedros não seja meu final feliz...”

“O único fim restante é se todas nós morrermos!”, rugiu Hester, com a tatuagem de demônio se remexendo. “A Sophie está prestes a voltar a ser bruxa, Agatha! Você mesma disse isso! A essa altura, ela provavelmente está coberta de verrugas!”

Assustada, Agatha voltou a focar, enquanto Hester e Anadil explicavam o plano para invadir a Escola de Meninos.

“Não há garantia de que você chegará ao Tedros”, Hester alertou, no final, “mas é nossa melhor esperança. Portanto, lembre-se, primeiro espere até que...”

“Tem certeza de que eu não devo usar a Ponte?”, cutucou Agatha.

O demônio de Hester explodiu de seu pescoço e voou nela, e Anadil precisou derrubá-lo.

Agora, enquanto as professoras prendiam as últimas peças das armaduras, nela e em Dot, Agatha tentava se lembrar de cada passo do plano de suas amigas.

A professora Dovey olhava as borboletas acima. “A noite é longa”, ela disse a Agatha, vagamente. “Tome *cuidado*.”

“Lance sua luz ao céu, se o escudo protetor se romper”, Lady Lesso ordenou à Dot, enquanto ela amarrava sua espada. “Não se atreva a encarar os príncipes, sozinha.”

“Por que ela estaria sozinha?”, a voz da Reitora murmurou, enquanto ela se aproximava, por trás delas. “Agatha estará com ela a noite toda.”

“Claro que estará”, Lady Lesso se retesou rapidamente, sem olhar para a Reitora. “Mas Dot tem fama de tomar decisões apressadas e ter um comportamento idiota.”

“Eu tenho”, disse Dot, mastigando um pedaço da armadura, transformado em repolho.

A Reitora sorriu. “Vamos tomar nossos postos?”

Agatha viu Lady Lesso e a professora Dovey lançarem o mesmo olhar assustado, mas esperançoso, como se a estivessem mandando numa busca, da qual talvez ela não regressasse.

“Aposto que os meninos mijavam nesse troço. Por isso que está fedorento”, Dot resmungou através do capacete, enquanto ela e Agatha seguiam de

armaduras, atrás da Reitora, em direção ao portão sul, deixando as professoras para trás. Agatha ouvia o burburinho dos príncipes aumentando, abafado por seu coração disparado.

“Reitora Sader?”

“Sim, Agatha?”

“E se a Sophie estiver novamente se transformando numa bruxa?”

“Não vejo motivo para preocupação”, a Reitora respondeu, sem se virar.

“Mas, suponhamos que você não consiga ver?”, Agatha pressionou. “Suponhamos que nós possamos ver o que você não pode?”

“Bem, querida.” A Reitora deu uma olhada para trás. “Às vezes, nós vemos aquilo que *queremos* ver.”

Ela sorriu e seguiu adiante, em direção aos cânticos dos príncipes.

Agatha ficou paralisada no capim, já que sua última esperança de ajuda se fora.

Agora, só ela poderia deter a bruxa.

“Olhe, Agatha!”

Agatha virou para Dot, que estava parada atrás dela. Lentamente, Agatha seguiu seu olhar até as torres iluminadas pelo luar, acima da Floresta, com todas as janelas escuras, menos uma.

Os olhos esmeraldas de Sophie olhavam para baixo, para ela, através das sombras, reluzindo como estrelas maculadas.

Agatha forçou um sorriso, contendo as lágrimas.

Um dia, Sophie entenderia porque ela tinha feito isso.

Ali, na Floresta Azul, distante de casa, Agatha silenciosamente disse adeus à sua melhor amiga.

Então, ela virou de volta e seguiu em frente.

Seu príncipe estava esperando.

11
Traições

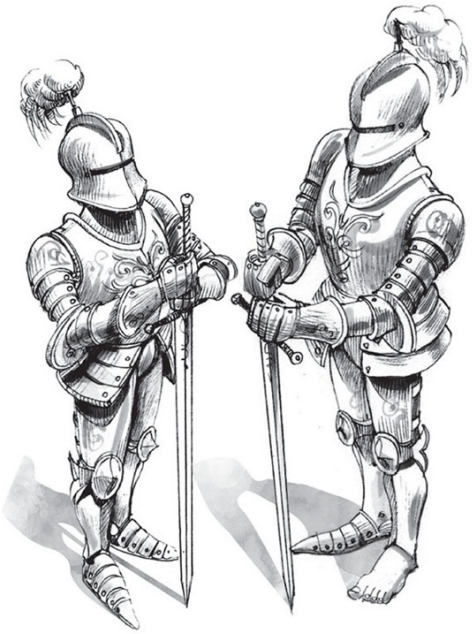
“Vocês duas são muito codependentes”, Beatrix bocejou da cama, estreitando os olhos para Sophie que estava empoleirada no parapeito da janela de vidro azul.

“Só quero ter certeza de que ela está a salvo.” Sophie espreitava as duas cavaleiras de armaduras, uma baixa e outra alta, em pé, no canteiro das abóboras azuladas, perto do portão da Floresta.

“Você parece... um... príncipe...”, disse Beatrix, antes que sua respiração ficasse mais pesada, inabalada pelos cânticos furiosos que ecoavam lá fora.

Sophie mal via a fonte desses cânticos, acima dos portões com pontas de lança, apenas fragmentos dos rostos distorcidos dos príncipes com suas roupas esfarrapadas. Nada nesse mundo jamais foi certo. Príncipes podiam se tornar tão assustadores quanto ogros. Princesas podiam se transformar em vilãs. Melhores amigas podiam se tornar inimigas.

Os olhos de Sophie se encheram de água. Depois de voltar para casa, ela só quis ser do Bem. Ela não era perfeita, é claro, seu pai podia atestar isso – mas ela tinha sido uma amiga de verdade para Agatha e tentado viver segundo seu exemplo. Todos os dias, ela lutara para afastar os pensamentos do Mal, as iras e tempestades que se erguiam em seu coração. E o que ela ganhou com isso? *Traída por um príncipe. Rotulada como bruxa. Evitada como uma praga*. E agora, Agatha estava a um beijo de distância de abandoná-la para sempre. Sophie limpou os olhos, fungando. E agora, quem era do Mal?



Mas as horas passaram e nem Dot nem Agatha se afastavam das abóboras, suportando as ameaças dos príncipes e suas armas disparando e sendo absorvidas pelo escudo acima dos portões. Meia-noite veio e foi. Depois, 2 horas... 4 horas...

Agatha não fez qualquer movimento em direção ao castelo de Tedros.

Finalmente, quando a lua mergulhou para o nascer de um novo sol, Agatha ainda estava no mesmo lugar, e Sophie ficou vermelha de vergonha. Essa escola transformara elas duas em desconfiadas. Depois do que acontecera durante os Grupos Florestais, Agatha deve ter recobrado o bom senso. Era natural que ambas tivessem dúvidas em relação à outra, Sophie consolava-se. Mas a amizade delas era mais forte que a dúvida. Em breve elas pediriam uma pela outra, honestamente, prontas para deixar esse lugar para trás. Logo elas estariam de volta em casa, como Agatha prometera, e Tedros ficaria no passado para sempre.

Pousando a cabeça no vidro, Sophie percebeu o quanto estava exausta. A adrenalina a mantivera acordada por dois dias consecutivos, mas agora seus pensamentos estavam fragmentados e fluíam a um sonho...

Sua mão enluvada catando mato de um túmulo abandonado... uma borboleta entalhada em sua lápide... dois cisnes entalhados nas sepulturas ao lado... um cisne branco... um cisne negro... negro como a sombra arrancada por seu gêmeo do Bem... negro como plumas mortas espalhadas pelo chão... negro como o céu pesado...

Os olhos de Sophie se abriram. O céu acima da Floresta tinha ficado negro como piche – as tochas haviam apagado, o luar se escondera. Os príncipes

uivavam aturdidos, antes que a tocha e a lua subitamente voltassem, deixando-os emudecidos com a passagem do eclipse. Mas Sophie sabia que não era nada de eclipse. Era uma Praga de Apagão. Ela tinha usado uma vez, na Prova dos Contos do ano passado...

Era o feitiço favorito de Agatha.

Sophie pulou em pé – mas nenhuma das cavaleiras tinha se movido em seu posto. Sophie gemeu e despencou na cama. Chega de paranoia. Hora de dormir. Ela puxou as cobertas, mas sentiu que hesitou. Lentamente olhou para a janela outra vez.

A cavaleira mais alta tinha perdido um sapato da armadura. O sapato estava claramente visível, a um palmo de distância, mas nem a cavaleira alta, nem a baixa fizeram qualquer esforço para pegá-lo.

Sophie olhou mais atentamente e viu que Agatha, descalça, estava com dificuldade de se manter em pé, enquanto Dot tentava erguê-la. Porém, quanto mais Dot tentava ajudar, mais Agatha se remexia, até que as duas cavaleiras caíram no chão, e a espada de Dot escorregou da bainha, enquanto ela berrava, horrorizada. Dot pulou para pegá-la, mas era tarde demais – Agatha caiu de cara na espada, que cortou seu pescoço.

Sophie abriu a boca para gritar, vendo a cabeça de Agatha rolando para fora de seu capacete...

A imensa cabeça de Agatha, uma abóbora azul.

Sophie gelou. Dot lentamente olhou para cima, lá da Floresta, coberta de polpa e sementes.

O sangue ferveu nas veias de Sophie.

Ela havia sido enganada.

“Até a hora em que Dot restabelecer a luz, você deve estar na Mata Turquesa”, Hester havia repassado com Agatha, repetidamente. “Sophie não conseguirá vê-la através das árvores. Apenas faça uma Mogrificação e se transforme em algo pequeno, para chegar até o Tedros, o mais rápido que você puder.”

Contudo, quando a luz voltou acima dos príncipes, Agatha estava correndo em direção ao castelo das meninas. Uma coisa era certa, Agatha ainda não confiava suficientemente em sua magia para mogrificar, devido ao que acontecera no casamento de Stefan. Outra coisa era que os meninos certamente protegiam sua escola contra a entrada de magia, já que eles haviam passado um ano inteiro na Cavalaria, estudando Defesa do Castelo.

Acima de tudo, porém, ela sabia o que havia escutado. Independentemente

do que as bruxas haviam dito, seu coração tinha *fé em Tedros.*

Descalça, sorrateiramente entrando de volta no castelo das meninas, Agatha sabia que só havia um caminho que levava à Ponte do Meio do Caminho. Um bando de borboletas patrulhando zuniram pelo vestíbulo, antes que Agatha escorregasse por trás do obelisco de retratos das meninas, e subisse os degraus da Honra, passasse pelos quartos escuros do dormitório, pelas salas de aula de doce, pela biblioteca de dois andares da Virtude e pela porta de vidro jateado que conduzia ao telhado.

As cercas-vivas de Guinevere tinham um brilho esverdeado e frio sob o luar, iluminando a silhueta esguia da rainha, em cada cena. Embora ela fosse pequena quando a mãe de Sophie morreu, Agatha se lembrava que ela tinha os mesmos quadris estreitos e porte ossudo, tão diferente de Callis, Honora ou outras mães de Gavaldon, que viviam à base de carne e purê de batatas. Juntas, ela e a rechonchuda Honora deviam formar um quadro estranho como melhores amigas, pensou Agatha.

Exatamente como ela e Sophie.

Agatha afastou sua culpa. *Quantas vezes você vai cometer o mesmo erro?*

Forçando-se adiante, ela mantinha os olhos fixos na água. Esse era o portal secreto do ano passado, que levava até a ponte entre as escolas. *Encontre o lugar que tem água...*

Do outro lado do telhado, uma tocha subitamente cintilou, no andar mais alto da torre de vidro da Caridade. O escritório da Reitora. Sader sabia que ela havia escapado da guarda?

Agatha conteve seu pânico e rapidamente seguiu por entre as cercas-vivas – Guinevere regendo de seu trono, Guinevere com os Cavaleiros da Távola Redonda, Guinevere decapitando um gigante, com uma espada... *Como se ela tivesse regido Camelot sozinha*, pensou Agatha, sentindo-se estranhamente protetora do pai de Tedros. De olho no escritório da Reitora, Agatha não notou qualquer sinal de água, conforme se aproximava de um paredão de espinhos roxos, no fim da coleção de empalhados. Mas bem quando tinha perdido a última esperança e se virado para voltar, ela ouviu o borbulhar da água, por trás da parede de espinhos.

Num lago reluzente com estrelas refletidas, Guinevere banhava o bebê Tedros, em seu robe de batismo. Agatha sentiu-se comovida pela visão de seu príncipe, indefeso, nos braços da mãe... até que ela viu o rosto desta. Embora as folhas suavizassem os detalhes, estava perfeitamente claro o que a então rainha de Arthur achava de seu novo filho. Olhando para Tedros, a boca de Guinevere

estava retorcida de ódio.

Ela não estava dando um banho nele. Ela o estava afogando.

Agatha ficou branca. Independentemente do que acontecesse esta noite, ou do que acontecesse em sua história, a partir dali, Tedros jamais poderia ver isso.

Ela virou-se e viu a chama da tocha banhando o escritório da Reitora, a porta sendo aberta... Com uma prece, Agatha pulou no lado de Guinevere e instantaneamente sentiu o calor do clarão de luz branca...

Um instante depois, ela estava em pé, seca, na arcada de cristal azulado da Ponte do Meio do Caminho, ofegante de alívio. Mas ao olhar para a extensão de pedras, longa e estreita, que conduzia à Escola de Meninos, o alívio de Agatha desapareceu.

Agora ela via por que as bruxas haviam dito para não usar a ponte.

As plumas rosadas de Sophie tremulavam ao vento, conforme seu falcão voava atravessando o céu, rumo à Escola de Meninos. Ela tinha ficado com medo de se mogrificar novamente, após o incidente com o gato, mas a ira afastava qualquer medo. Ela tinha que chegar a Tedros antes que Agatha o beijasse.

Lágrimas de raiva pingavam nas asas de Sophie. Ela tinha perdido sua mãe. Tinha perdido seu príncipe. Não podia perder a única amiga também. Por que todos que ela amava tentavam deixá-la?

Eu não posso perder a Agatha, rezava. Não a única pessoa que a manteve no Bem. Não a única pessoa que manteve sua bruxa morta.

Agatha, não.

Gralhando angustiada, ela disparou na direção das torres dos meninos...

CRAC!

Um choque elétrico irrompeu por ela que mergulhou do céu. Sophie tentou bater as asas, mas cada centímetro de seu corpo estava paralisado. *Escudo contra Mogrif,* Sophie resfolegou. Lançada na direção da costa do Mal, suas penas foram violentamente esfoladas até a pele, seu bico se transformou em lábios, seu corpo voltou a ser humano, evitando qualquer retorno ao de um pássaro – antes que ela caísse de barriga sobre a vegetação morta, a quinze metros da entrada do túnel do Mal. Os gemidos de Sophie foram abafados na terra molhada, suas pernas estavam pegajosas e frias. Por um momento, ela ficou grata que o escudo a revertera sem qualquer problema, devido ao que havia acontecido na aula de Lesso. Então, a ficha caiu.

Ela estava sem roupa, toda suja de terra, do lado de fora da Escola de Meninos.

Como ela pôde ser tão imbecil? Claro que eles tinham feito um feitiço contra Mogrifs! Tedros não iria simplesmente deixar sua torre desprotegida! Ela estava amedrontada demais para se mexer ou olhar em volta. Quanto tempo levaria até que os meninos viessem atrás dela? E agora? Como ela poderia deter Agatha e Tedros? E como ela conseguiria *roupas*?

Sophie forçou-se a não desmaiar, nem vomitar. Ela só precisava encontrar algumas samambaias ou vinhas folhosas; ela já tinha feito trajes usáveis com muito menos. Determinada, ela olhou para o campo pantanoso acima e gelou.

No chão, sob seu rosto, havia um pedaço de pele escamosa, escurecida e enrugada, como pele de cobra descartada, só que duas vezes mais comprida e grossa. Os olhos de Sophie lentamente se moveram para a outra pele, alguns metros adiante. Depois, mais duas...

Sophie ergueu a cabeça. Ela estava cercada de peles de cobras. Mais do que conseguia contar.

Apesar da escuridão, ela viu suas donas se erguendo do lodo. Olhos verdes ácidos reluziam nas cabeças chatas e negras, os troncos grossos, semelhantes a enguias, forrados de espinhos em todas as escamas. Sophie recuou e viu mais delas, erguendo-se atrás de si. Elas se enroscavam e se elevavam mais alto, num círculo perfeito, encurralando-a pela direita e pela esquerda, pela frente e por atrás, por cima e por baixo. Com sorrisos idênticos, elas silenciosamente tremulavam as línguas, olhando-a fixamente, vendo a intrusa, esperando que ela se movesse.

Só havia uma coisa a fazer.

Sophie estendeu seu dedo aceso – as cobras instantaneamente avançaram e prenderam seu corpo ao chão, de braços e pernas abertas, pronta para o sacrifício. Agulhas cortavam seus punhos e tornozelos, enquanto as serpentes soltavam gritos agudos horrendos, abafando os gritos dela. Sophie ouviu vozes de meninos ecoando pela entrada do túnel, seguindo o alarme, e soube que estava perdida.

“Por que eu não posso matá-la?”, disse uma voz de doninha.

“Volte ao seu posto de guarda”, retrucou uma voz mais áspera e mais profunda.

“Mas eu ouvi primeiro!”, a voz de doninha choramingou. “Acho que é ela...”

“Cale a boca!”, rugiu a voz profunda. “Meninos, preparar armas!”

As unhas de Sophie se curvaram na terra. *Por favor, eu não quero morrer...*

Mas agora ela via o brilho das espadas e as sombras dos capuzes vindo pelo túnel. Eles estavam a alguns segundos de distância.

Subitamente, emergindo da dor, uma lembrança voltou como uma canção...

A pele de cobra sob suas mãos, enquanto o professor Manley falava das propriedades mágicas em uma aula de Enfeiamento... sons de suas gargalhadas malignas na torre alta, enquanto ela cobria o corpo com a mesma pele de cobra... os gritos dos Sempre e dos Nunca, por toda parte... "*Para onde ela foi?*", "*Onde está a bruxa?*"

"Mas eu quero matar Sophie!", disse a voz de doninha, invocando um coro de gargalhadas debochadas.

"Como se você conseguisse matar um sapo", disse o garoto de voz profunda. "Ou uma garota por quem tem o coração mole."

"Não tenho o coração mole por ninguém!"

A ponta do dedo de Sophie reluziu, conforme as agulhas espetaram na palma de sua mão. Ela resfolegou de agonia, tentando lembrar-se do feitiço.

"Shhh! Eu a ouço!"

As peles de cobra tremularam no solo, ao redor dela...

"Preparar... apontar..."

Centenas de peles se ergueram no ar, acima das serpentes...

"*Atacar*!"

Quatro garotos enormes de capuzes vermelhos e uniformes pretos saíram em disparada do túnel, de espadas em punho...

"Com mil demônios!", rugiu o líder de voz grave, com um distintivo dourado afixado em sua capa de cobra. Na fossa de terra, as serpentes confusas chiavam umas para as outras – sem nada preso abaixo delas. O líder lançou um feitiço e todas as cobras fugiram com chiados agudos. Ele arrancou o capuz, revelando cabelos pretos espetados, maçãs do rosto brancas e fantasmagóricas, veias azuladas pulsantes e olhos letais, cor de violeta. "Spiricks imbecis."

Com os cortes das agulhas ardendo, Sophie suportou a dor, invisível sob o monte de peles descartadas.

Um último capuz saiu do túnel. "Vocês acham que sou molenga?", gritou o garoto com voz de doninha, arrancando sua máscara. "Esperem até que eu ganhe o tesouro! Só esperem!"

Sophie conteve um engasgo. Hort tinha crescido durante o tempo que ela passou fora. Agora tinha pelos no queixo, cabelos pretos mais rebeldes e olhos castanhos miúdos que já não pareciam mais os de um garotinho. "Vou comprar um caixão de ouro pro meu pai. Ele esperou um túmulo por dois anos. Foi morto pelo próprio Peter Pan, o meu pai." Ele olhava o buraco vazio. "Você vai ver, Aric! Eu que vou matar a Sophie. Você não conhece meu talento de vilão!"

“Transformando-se em lobisomem por três segundos de uma vez?”, disse Aric, e seus capangas riram.

“Isso não é verdade!”, Hort uivou, correndo atrás deles, em direção ao túnel. “Agora eu duro muito tempo! Vocês vão ver!”

Ao vê-los partirem, Sophie suspirou aliviada...

Aric girou de volta, empunhando a espada. Sophie ficou imóvel como um cadáver, enquanto ele olhava, estreitando seus olhos cor de violeta, para o lugar onde ela estava deitada nua.

“O que foi capitão?”, seu capanga perguntou.

Aric ficou ouvindo o silêncio.

“Venha”, ele finalmente resmungou, e levou sua tropa para dentro do castelo dos meninos, com Hort, o menor, seguindo atrás.

Nenhum deles viu o lampejo rosado reluzir no pântano atrás, transformando peles invisíveis numa capa invisível.

A Ponte do Meio do Caminho tinha sido explodida.

Lá das torres, Agatha só vira a neblina em redemoinho, encobrindo seu ponto central. Agora, em pé na neblina fria e espessa, ela olhava, abaixo, a rocha irregular ao redor do buraco enorme. A Ponte havia sido destruída com tal força que as rochas de ambos os lados pendiam vacilantes em direção ao fosso cor de ferrugem abaixo. Lascas de rocha se soltaram de ambas as pontas caindo nos focinhos agitados dos crocodilos brancos abaixo, que sentiam a presença de uma menina acima.

Que imbecil ela fora ao ignorar as bruxas, pensou Agatha, cerrando os dentes e disparando cegamente neblina adentro, rumo ao portal. Ela deu uma olhada para cima, vendo o céu e os raios. Ela tinha no máximo uma hora para encontrar outra rota que não fosse a tubulação de esgoto, o fosso, ou...

Uma borboleta surgiu à sua frente, saindo da névoa, e deu um chiado com a descoberta. Agatha resfolegou e atirou nela com seu dedo aceso, mas errou, e ela tomou um impulso e entrou no portal, voltando em direção à Reitora.

Agatha gelou de pavor. Se ela fosse flagrada ali, sua história com Tedros teria terminado, antes mesmo de começar. A bruxa de Sophie mataria os dois.

Com as mãos trêmulas, ela lentamente olhou de volta para o castelo dos meninos, do outro lado da ponte quebrada.

“Atravesse a ponte”, Tedros havia ordenado.

Não tem como, pensou Agatha, em pânico.

Atravesse a ponte.

Atravesse.

Agatha encarou o buraco explodido. Ano passado, contra todas as probabilidades, ela tinha feito o que ninguém mais conseguira fazer: transitar entre o Bem e o Mal. Tedros tinha fé de que ela conseguiria fazer isso outra vez.

Atravesse a ponte.

Com o coração disparado, Agatha seguiu em direção ao vácuo quebrado. Conforme seus pés descalços se curvaram sobre a borda de pedra do penhasco, ela estendeu a mão, rezando para estar certa...

Nada além da brisa fria e vazia.

Contraindo o maxilar, Agatha estendeu mais as pontas dos dedos, tirando pé direito da pedra, só para sentir mais ar passando por seus dedos. O suor escorria por suas costelas. Se ela se esticasse mais, cairia no fosso. Os crocodilos espinhentos se agitavam em ondas vermelhas abaixo, se chocando uns nos outros, todos querendo comer primeiro.

Agatha sentiu as lágrimas aflitas brotarem, sabendo que a Reitora estaria ali a qualquer momento. Só lhe restava uma chance...

Confiar em Tedros com sua vida.

Agatha exalou lentamente. Seu pé esquerdo escorregou acima da beirada, enquanto ela se inclinava à frente com o pé direito, rendendo-se à fé. Os dedos do pé direito escorregaram mais pela pedra, depois o tornozelo, as mãos procurando e nada... nada... Seu pé saiu da beirada, e com um grito ela tombou na direção do fosso, sacudindo cegamente as mãos...

E sentiu alguma coisa.

As palmas das mãos de Agatha bateram em alguma coisa dura, uma barreira invisível, e ela ricocheteou para trás, caindo na Ponte, do lado das meninas.

Na barreira oculta, um reflexo embaçado surgiu. Seu próprio rosto, nítido, olhava para ela.

“Meninos com meninos
Meninas com meninas
Volte já ao castelo
Ou será destruída.”

Agatha empalideceu de surpresa. Por que tudo nessa escola era tão pior que antes?

“Eu lhe disse, ano passado, não disse? Bem com Bem, Mal com Mal”, seu reflexo sorriu. “Mas você se achou melhor que as regras. Agora, olhe onde você se meteu.”

“Deixe-me passar”, Agatha exigiu, olhando ansiosamente para trás, à procura da Reitora.

“Nós seremos mais felizes desse lado”, disse seu reflexo. “Meninos estragam *tudo*.”

“E uma bruxa vai estragar ainda mais”, retrucou Agatha. “Eu vou salvar as duas escolas...”

“Então, tudo tem a ver com o Bem, agora, é isso?”, seu rosto sorriu. “Não tem a ver com uma menina que quer um *menino*.”

“Eu disse deixe-me *passar*.”

“Tente o quanto quiser. Você não vai me enganar de novo”, disse seu reflexo. “Você é obviamente uma menina.”

“E o que faz uma menina?”, perguntou Agatha.

“Todas as coisas que um menino não é.”

Agatha franziu o rosto. “E o que faz um menino?”

“Todas as coisas que uma menina não é.”

“Mas você ainda não me disse o que um menino ou uma menina *são*.”

“Eu sei que alguém que pede por um menino tem que ser uma menina”, seu reflexo disse, confiante.

“E por quê?”

“Porque meninas querem meninos, meninos querem meninas, e você pediu por um menino, portanto, isso faz de você uma menina. Agora, de volta para o seu castelo, ou...”

“E o que seria alguém que beijou uma menina?”

“Beijou uma menina?”, disse seu reflexo, subitamente cauteloso.

“Beijou uma menina para ressuscitá-la, como todos os melhores príncipes”, disse Agatha, zangada.

Seu reflexo olhou zangado também. “*Decididamente*, um menino.”

Os lábios de Agatha se curvaram. “Exatamente.”

Sua imagem resfolegou, mais uma vez enganada – e sumiu em pleno ar.

Agatha deu uma olhada para o fosso vermelho revolvendo abaixo, com seu abismo mortal. Tremendo, ela esticou o pé descalço no ar e, dessa vez, sentiu pisar num degrau invisível.

Agatha baixou o olhar, para si mesma, flutuando magicamente acima dos crocodilos, que se revolviam furiosos. Incrédula, ela deu mais um passo acima do abismo, depois outro, até atravessar ao outro lado da ponte de pedras, atendendo ao chamado de Tedros.

Agora, Sophie nunca conseguiria pegá-los.

O medo foi saindo do peito de Agatha, dando lugar à esperança. Tedros a salvara da bruxa e agora ela iria salvá-lo.

Com a barriga tremulando pelo encontro por vir, Agatha saiu correndo em direção ao castelo dos meninos, armada com a mais profunda fé em seu príncipe.

Bem atrás, nas sombras da arcada azul da Escola das Meninas, os olhos verdes da Reitora Sader perfuravam a neblina. Mas ao ver sua aluna sumindo dentro das torres apodrecidas, ela nem se mexeu.

Sophie correndo atrás de Agatha. Agatha correndo atrás de seu príncipe.

Duas amigas que um dia foram inseparáveis, agora, cada uma para um lado.

A Reitora deu meia-volta e seguiu faceira para seu castelo.

Cuidado com o que desejam, meninas.

Seu sorriso com os dentes separados foi um lampejo na escuridão.

De fato, muito cuidado com o que desejam.

12
A convidada não convidada

“Espere!”, gritou Hort, correndo atrás de Aric e seus homens, pelo túnel serrilhado, no formato de um focinho de crocodilo. “Nós não deveríamos procurar pela margem?”

Ele correu para acompanhar os outros, enquanto o túnel ia ficando cada vez mais estreito.

“O escudo anti Mogrif não seria acionado à toa! As spiricks devem ter captado alguma...”

Mas Aric e os meninos já tinham desaparecido no saguão. Hort olhou para trás, o túnel escuro, tentado a ir procurá-los, mas sua cabeça estava coçando por conta dos piolhos, e sua barriga roncava. “Aposto que as meninas têm refeições decentes”, ele resmungou, virando para o castelo.

Uma explosão rosa de luz fritou seu crânio e ele caiu no chão, batendo a cabeça numa pedra.

Quando os olhos de Hort tremularam e abriram, ele se viu esparramado e de cueca, nada mais. Como costumava perder as roupas com frequência, Hort nem ligou muito, até olhar para cima. “Mas que é iss...!”



Seu uniforme vermelho e preto magicamente foi flutuando para longe dele, em direção à luz das tochas do castelo dos meninos, antes que fosse engolido em pleno ar e desaparecesse.

Quando ela entrou no decaído vestíbulo dos meninos, Sophie se assegurou de que a capa cobrisse cada pedacinho do uniforme apertado de Hort (por um instante, ela entrou em pânico, achando que tinha aumentado de tamanho – depois se lembrou do peito magro de Hort e de seu traseiro chato). Por baixo da capa, ela ficaria encoberta, se não vomitasse, por conta do fedor do castelo.

Pior que o Mal, pensou ela, *como meias suadas mergulhadas em vinagre*. Ela sabia que só podia ser por causa da falta de banho dos garotos Nunca, pois os meninos Sempre eram quase mais meticulosos com higiene que as meninas. Ano passado, mesmo após uma sessão dupla de esgrima, eles tinham chegado ao almoço com os cabelos molhados, cheirosos, como se todos tivessem feito uma visita coletiva ao spa, depois da aula. Como podiam estar sobrevivendo a esse buraco de rato?

Além da camada extra de sujeira e algumas goteiras, o saguão do Mal parecia o mesmo. Através da antessala minguada, ela viu três escadas tortas e pretas seguindo acima, até as três torres, com entalhes escritos MALÍCIA, INJÚRIA e VÍCIO. Acima dos caibros, gárgulas demoníacas vigiavam, com tochas acesas em suas bocas. Mas quando Sophie entrou na luz, ela viu que os meninos tinham deixado sua marca.

Colunas caindo aos pedaços, decoradas com duendes e demônios pendurados, onde antes se lia N-U-N-C-A, agora dizia M-E-N-I-N-O-S, e a estátua de ferro de uma bruxa careca e banguela havia sido decapitada. No fundo da sala da escada, a porta que conduzia ao Teatro das Fábulas havia sido lacrada com um número absurdo de barras e cadeados, impedindo qualquer acesso ao Túnel das Árvores, atrás do teatro. Os olhos de Sophie desviaram para as paredes chamuscadas, nas quais milhares de fotografias de ex-alunos ostentavam apenas rostos de meninos, tanto os Sempre, quanto os Nunca. Um ano atrás, o retrato dela estava ali, entre os vilões dessa mesma parede. Agora, o de Tedros a substituíra, com seus cabelos dourados e seu sorriso presunçoso. Sophie sentiu um aperto no coração, diante da semelhança. *Nós teríamos sido tão perfeitos juntos*.

Gritos fracos ecoavam acima, bem ao alto, com o som do estampido de botinas. Sophie tirou os olhos de Tedros, lembrando de como tudo lhe havia sido tirado... seus sonhos, sua inocência, sua dignidade. Ele não lhe tiraria Agatha também.

Segurando a capa invisível bem apertada, Sophie seguiu os ecos subindo a escadaria da Malícia, mas não sem antes jogar um feitiço e atear fogo ao rosto do príncipe.

Agatha esperava que Tedros estivesse esperando por ela, uma vez que ela subisse os trinta lances de escada podre, da Ponte até a torre dos sinos. Afinal, ela tinha atravessado a ponte, como mandada, e viera até ele, arriscando sua vida e a de outras pessoas. Mas a cúpula redonda estava deserta, encoberta pela sombra da torre arranha-céu do Diretor da Escola. *O que ele está esperando?* Pensou Agatha, erguendo o olhar para, para a janela distante.

Com menos de uma hora até que Sophie acordasse, Agatha não tinha tempo para o mau planejamento de um príncipe. Se Tedros não viesse até ela, ela sabia que a levaria até ele.

Um castelo cheio de meninos acaba de uma, entre duas maneiras. Ou seus habitantes canalizam a agressão para a ordem, a disciplina e a produtividade, ou degeneram, transformando-se em gorilas hormonais. Quando Sophie entrou no quinto andar do Salão da Malícia, ela viu que a escola de Tedros havia se transformado na última.

Aos gritos, meninos de cuecas pretas se penduravam nas vigas e se aglomeravam em cada centímetro do salão abafado, como se ficar na companhia da transpiração um do outro fosse preferível a ficar em seus quartos. O piso chamuscado de pedra tinha restos de banana, farelo de pão, gema de ovo, ossos de porco, penas de galinha e manchas de leite; as paredes de tijolos cinzentos estavam grafitadas com infantilidades contra as meninas – QUEM PRECISA DE MENINAS, EU ODEIO MENINAS, e caricaturas de meninas Sempre e Nunca sendo devoradas por lobos, jogadas de torres e lançadas do alto de navios. Escondida junto à parede, Sophie se aproximou, esperando nada menos que os fedorentos e vis meninos Nunca... até que ela viu que não se tratavam de meninos Nunca.

Chaddick, cabeludo e parrudo, estava pendurado no teto, gritando e chutando, enquanto o belo moreno Nicholas, lançava feitiços num rato encurralado no canto. Tarquin, com seu nariz de nobre e o musculoso Oliver se alternavam socando as barrigas de tanquinho um do outro; Hiro, com seu rosto de bebê, liderava um concurso de arrotos; e o quieto Bastian batucava em bongôs, todos parando para acompanhar Chaddick que começava a entoar "*Nós somos homens, poderosos e livres*."

Sophie piscou, perplexa. O que tinha acontecido com os garotos Sempre, tão lindos e cavalheiros? O que acontecera aos futuros príncipes?

“Unidos pela força e a fraternidade”, berravam os meninos, “*autoridade de Deus e além...*”

Uma porta foi escancarada. “Se nós não voltarmos a ser Bem e Mal, em breve, eu vou matar todos vocês”, disse Ravan, de pijama, com o cabelo preto ensebado e a pele mais oleosa que nunca. “Já basta estarmos sem comida, nós perdemos nossos professores e estamos no único andar desse castelo fedorento com banheiros que ainda não entupiram. Tudo que vocês têm que fazer é matar uma bruxa... *uma maldita bruxa*, e estão ocupados demais, fazendo uma festa!”

Vex, com suas orelhas pontudas, disse, ao lado dele, “Matar bruxas não é dever do *Bem*?”, ele bocejou.

“Homens, em primeiro lugar!”, gritaram, em coro, os meninos Sempre.

“Queremos ficar acordados a noite toda e nunca tomar banho? Queremos fazer a maior bagunça e nunca limpar? Queremos marcar nosso território como cães?”, rugiu Chaddick. “Quem vai nos impedir?”

Não se admira que esteja tão fedorento, pensou Sophie, invisível no canto. Ela estreitou os olhos, olhando pela janela, para a torre imensa do Diretor da Escola. Como ela chegaria *lá em cima*? E como chegaria até Tedros, a tempo? Ela sentiu um nó no estômago. Imagine se Agatha já estivesse com ele!

Sophie lentamente relaxou. Ela ainda estava ali, não estava? O que significava que Agatha ainda não tinha beijado seu príncipe. Seu pulso acelerou com a esperança. Talvez Agatha nem tivesse conseguido chegar à escola dos meninos.

Ela protegeu os ouvidos dos gritos e das batidas ensurdecedoras dos meninos Sempre, conforme um número cada vez maior deles começou a levantar as cabeças sonolentas.

“Estão me ouvindo!”, uivou Chaddick, batendo no peito. “Quem vai nos impe...”

Um feitiço roxo colidiu contra ele, fechando sua boca com um zíper. Sophie girou e viu Aric passar marchando, com os olhos violetas brilhando, seguido por quatro de seus capangas de traços fortes. Os meninos assustados se endireitaram na frente de suas portas, com a mão na cabeça em saudação, enquanto Aric andava pelo corredor, inspecionando cada um. Só Chaddick não ergueu a mão. Aric se aproximou e olhou em seus olhos cinzentos.

“Permita-me lembrá-lo que por conta de seu fracasso em matar Sophie na Floresta, Mestre Tedros o *substituiu* como capitão”, disse Aric, com o distintivo dourado reluzindo. “E, infelizmente, nem eu nem meus capangas temos a mesma tolerância para a idiotia como tinha nosso predecessor.”

Gritos foram ouvidos da masmorra abaixo.

“Meus meninos adoram punir um Sempre. Mas um Sempre ex-capitão?” Aric sorriu para Chaddick. “A Sala de Condenação teria uma reabertura apropriada, de fato.”

Vermelho, Chaddick forçou uma saudação incoerente. “Assim é melhor”, disse Aric, abrindo o zíper da boca do rival.

“Como você e seus capangas invadiriam o escudo protetor de Lady Lesso, se nenhum dos príncipes consegue?”, vociferou Chaddick. “Por que devemos confiar em você?”

“Porque eu tenho um investimento nessa guerra, e é bem maior que o de qualquer outro”, disse Aric, friamente, afastando-se.

“Se você invadiu o escudo, então, por que não pegou as princesas também?”, gritou Nicholas. “A essa altura, nós poderíamos ter matado a Sophie!”

“É”, berrou Vex, “por que o Tedros não beijou a Agatha?”

“Por que não voltamos ao Bem e o Mal?”, gritou Ravan.

Todos os Nunca pulavam com “*Mal! Mal! Mal!*”, até que Aric rugiu e eles se calaram.

“Como vamos saber se só a Sophie é nossa inimiga...”, ele disse zangado. “*Ou se a Agatha também é?*”

Os meninos Nunca olhavam-no, boquiabertos. “M-mas Agatha pediu por Tedros”, disse Ravan, ansioso. “Ela quer consertar seu conto de fadas... ela quer consertar nossas escolas...”

“E como vamos saber que o pedido dela não é uma armadilha?”, disse Aric. “Essas são as duas garotas que disseram que seu conto de fadas não *precisa* de um príncipe. Duas garotas cujo beijo *expulsou* os homens dos reinos. Duas garotas que agora querem transformar todos vocês em *escravos*!”

Os meninos ficaram em silêncio mortal.

Os olhos do capitão lentamente desviaram para um canto. “Elas podem estar em nosso castelo, *nesse momento*...”

O coração de Sophie parou, e o suor escorria pelas pernas.

“Tramando seu ataque...”

As íris violetas de Aric se fixaram nela... uma gota de suor escorreu da capa invisível de Sophie. “Ouvindo essas palavras...”

Os olhos dele desceram, bem na hora em que a gota de suor atingiu o chão...

“EU A PEGUEI! PEGUEI SOPHIE!”

Os meninos giraram e viram Hort de cuecas, arrastando uma menina de uniforme azul pelo corredor, com a cabeça encoberta pelo capuz vermelho.

Contudo, sua prisioneira demonstrava pouca resistência, na verdade, parecia até arrastá-lo, deixando Hort bufando...

“Eu disse a vocês! Eu disse que tinha alguém lá fora! Ela pegou minha roupa e queimou o retrato de Tedros, e eu a vi no escuro, e eu que ganho o tesouro, porque eu a peguei...” Ele arrancou o capuz revelando Agatha.

“Não é Sophie”, Hort engoliu em seco.

Sophie abafou um grito.

Aric se aproximou de Agatha, mostrando os dentes. “Como foi que você *entrou*?”

Agatha deu uma olhada no distintivo do capitão e manteve-se firme. “Leve-me até o Tedros *agora*.”

“E por que eu deveria dar ouvidos a uma *intrusa*?”, rugiu Aric, com o dedo acendendo em roxo. “Por que devo confiar numa amiga da *bruxa*?”

“Porque eu estou aqui para salvar vocês dela”, disse Agatha, secamente.

O rosto de Aric mudou e o salão caiu em silêncio.

“Sophie está se transformando em bruxa novamente. Dessa vez, para sempre.” A boca de Agatha começou a secar, sua voz começou a falhar. Ela hesitou por um longo momento, até que finalmente ergueu os olhos.

“A vida de todos vocês está em perigo, a menos que eu veja Tedros.”

Sophie gelou atrás de Agatha, paralisada pelo que ouvia.

“Quanto tempo nós temos?”, disse Chaddick, saindo de trás de Aric.

“Até que ela descubra que eu estou aqui”, respondeu Agatha, com um vergão vermelho se espalhando pelo pescoço.

Os meninos murmuravam, enquanto Sophie continuava encurralada no canto, com os olhos cheios de lágrimas.

Aric olhava para Agatha, estudando seu rosto. O brilho de seu dedo apagou e ele saiu andando pelo corredor. “Siga-me.”

Agatha seguiu andando atrás dele, sob sua sombra.

Sophie foi logo atrás, notando que as pernas da amiga estavam tremendo. Ela sabia que elas estavam pensando a mesma coisa.

Agatha podia não ter beijado o príncipe ainda, mas o final feliz das duas se fora para sempre.

Agatha acompanhou o passo de Aric, passando por uma passarela de pedras vermelhas, até a torre do Diretor da Escola, mantendo os braços cruzados com força, diante do vento. “Tedros sabia que eu estava vindo”, disse ela, assentindo na direção da torre. “Por que ele não estava me esperando?”

Aric não respondeu. Com seus olhos violetas cruéis e sua voz profunda e

eloquente, ele fazia com que Agatha se lembrasse dos melhores vilões. *Como foi que ele invadiu o escudo de Lesso?*, pensou ela, com uma porção de outras perguntas inundando sua mente. Com o caminho até a torre, ela viu uma chance de tê-las respondidas.

“O que aconteceu com seus professores?”

“Depois que os castelos mudaram e que a Reitora Sader apareceu, nossos professores correram para a ponte para lutar contra ela.” Aric fez uma pausa. “Eles nunca conseguiram fazer a travessia.”

“Por quê? Para onde eles...”

Uma batida ruidosa atrás de Agatha fez com que ela e Aric virassem. Uma pedra solta tinha caído da amurada do castelo, alguns passos atrás.

“Eu devo ter esbarrado”, disse Agatha, acanhada.

Aric estudou cuidadosamente a pedra e recomeçou a caminhar.

“O que aconteceu à Ponte?”, pressionou Agatha. “E os stymphs...”

“Um dos motivos para que eu odeie tanto as princesas, é que elas não encontram respostas por conta própria”, lamentou Aric.

Agatha silenciosamente ficou para trás. Contrastando com o céu do amanhecer, o castelo dos meninos reluzia em vermelho, enquanto do outro lado da baía, o castelo das meninas brilhava em seu tom safira, como uma visão do céu e do inferno. Agatha olhou por cima da amurada, para a costa dos meninos, onde os crocodilos brancos se banqueteavam com restos de esqueletos espalhados pela margem. Agatha ficou imaginando que criaturas teriam sido massacradas daquela maneira... então, ela viu um crânio intacto, perto da margem. Nem precisava mais perguntar sobre os stymphs.

Um grito agudo voou atrás dela.

Agatha girou rapidamente. Não havia ninguém ali.

“O que foi?”, Aric gritou, olhando para trás.

Agatha estreitou os olhos para a passarela. “Provavelmente um rato”, disse ela, ávida para seguir em frente.

Conforme eles se aproximavam da torre do Diretor da Escola, Agatha olhou para a janela lá do alto, do tamanho de uma ervilha, encoberta pela névoa. “Como vamos chegar lá em cim...”

Aric deu um assovio e uma corda imensa de cabelo louro trançado foi jogada para fora da janela, e bateu na Ponte, abaixo. O capitão olhou de esguelha para Agatha e agarrou a corda. “Espero que princesas saibam escalar.”

Fazendo uma cara feia, Agatha pulou na corda, os pés descalços nos cabelos ressecados. Erguendo-se até a janela mais distante, Agatha não hesitou nem

mesmo com os crocodilos agitados no fosso, nem mesmo com a estranha sensação de algo embaixo dela, pesando na corda. Ela subia cada vez mais, com o vento batendo, determinada a impedir uma bruxa... mas a cada puxada para o alto, os pensamentos em Sophie perdiam a importância, algo mais profundo a impulsionava. Seu reflexo vira o que ela não conseguira admitir. Isso não era mais pelo Bem. Era por um garoto.

A velha menina do cemitério se afastou, conforme Agatha entrava na neblina, seu coração se abrindo para um novo final. Seus dedos tinham bolhas, enquanto o suor encharcava suas costas, mas Agatha continuava subindo. Agora ela estava bem perto, tão perto do fim... subindo mais, mais alto, como o príncipe de Rapunzel... encontrando cada vez mais força... até que ela finalmente viu a torre pontuda, através das nuvens.

Acima dela, Aric suavemente pulou da trança ancorada na janela e desapareceu na entrada dos aposentos do Diretor da Escola. Agatha esperou que a corda parasse, depois subiu o último pedaço, ergueu a cabeça para olhar lá dentro...

Dois meninos sem camisa batiam suas espadas numa luta calorosa, um deles, de capuz vermelho, o outro, moreno, de máscara prateada. Eles esquivavam e recuavam, avançavam e batiam em prateleiras de livros que perfilavam as paredes cinzentas, derrubando volumes de histórias com capas coloridas pelo chão de pedras. O garoto claro abriu um pequeno talho no peito do moreno, o moreno fez um pequeno talho na panturrilha do mais claro, deixando marcas gêmeas, enquanto suas espadas se chocavam mais uma vez.

Agora era o menino claro que atacava, levando o moreno em direção a uma mesa de pedra junto à parede do fundo, sobre a qual havia um livro grosso aberto na última página. Correntes de ferro pendiam de ambos os lados do teto, mantendo algo no lugar, em cima do livro de histórias... um filete de aço parecido com uma agulha de tricô, com uma ponta mortalmente afiada... uma caneta encantada que não conseguia se soltar...

Os olhos de Agatha se arregalaram.

O Storian.

Agatha ficou olhando o menino claro enfrentando o moreno, reagindo, os olhos do que vestia o capuz estavam fixos na caneta acorrentada. Defendendo os golpes do oponente, o moreno tropeçou num livro e hesitou. O mais claro passou direto por ele, na direção da caneta...

“Aric”, o moreno sorriu, vendo o capitão. Assustado, o claro girou para trás.

“Ele está dizendo que quer proteger o Storian comigo”, disse o moreno. Ele

tirou o capuz do garoto claro, revelando Tristan, com seus cabelos ruivos, nariz comprido e rosto coberto de sardas. “Achei que eu devia testar suas habilidades.”

“Nem devia estar aqui em cima, mestre”, disse Aric, encarando Tristan, que olhava ansiosamente para os sapatos. “Ele vem e vai, quando quer. Merece ser punido...”

“Deixe-o. Ele não se entrosa com os outros meninos, não é?”, disse o moreno, tirando a máscara prateada de Diretor da Escola. Tedros sacudiu o suor de seus cabelos dourados e guardou a espada, a Excalibur. Ele deu uma olhada em sua imagem no cabo espelhado – seu corpo estava maior, mais rijo que há um ano, seu rosto coberto por uma barba por fazer, o maxilar retesado. Ele virou-se de volta para Aric. “Precisamos nos assegurar de terminar as coisas direito, dessa vez, e proteção extra não fará mal. Além disso, até que Sophie esteja morta, é bom que eu tenha companhia. Como o Diretor da Escola ficou aqui em cima, sem cortar a garganta de tédio, eu não faço a menor id...”

A voz dele foi sumindo. Havia uma sombra diante da janela, com imensos olhos castanhos olhando na escuridão, como os olhos de um gato.

Aric limpou a garganta. “Mestre, nós a encontramos invadindo...”

A frieza de seu olhar o calou. De peito nu, Tedros passou por ele, em direção à janela. A cada passo, ele lentamente olhava a sombra recuar... os cabelos pretos curtos... a pele branca como a neve... lábios finos, rosados, num sorriso aterrorizado...

Junto à janela, Agatha estava na expectativa, com o pescoço ardendo ainda mais vermelho que antes. O rosto de Tedros estava mais rude do que ela se lembrava, sua presença era mais misteriosa, a inocência de menino... se fora. Mas no fundo de seus olhos, ela ainda podia vê-lo. O menino que ela lutou para esquecer. O menino que aparecia em seus sonhos. O menino sem o qual sua alma não podia viver.

“Pegue o Tristan e vá”, Tedros disse, finalmente, sem olhar para Aric.

Aric franziu o rosto. “Mestre, eu tenho que insistir em...

“É uma *ordem*.”

Aric agarrou Tristan pela garganta e o empurrou pela corda abaixo, deixando o príncipe sozinho com sua princesa.

Ou assim pensou ele.

Invisível sob sua capa, Sophie ainda estava ofegante por conta da escalada pelos cabelos. Ela se agachou mais, sob a mesa de pedra, o Storian relutando para se libertar acima do livro de sua história com Agatha. Apesar de seu gritinho na Ponte – ela tinha arranhado a perna em um tijolo quebrado – de

alguma forma, ela havia conseguido chegar a Tedros viva e sem ser descoberta. Porém, conforme Tedros se aproximou de Agatha, o alívio de Sophie se transformou em pânico. Vendo o príncipe e a princesa, olhando profundamente nos olhos um do outro, ela soube que sua história já havia acabado.

Agatha tinha escolhido um garoto.

E não havia nada que ela pudesse fazer para impedir.

“Você está... aqui”, disse Tedros, tocando o braço de Agatha, como se não tivesse certeza se ela era real.

Sentindo a mão dele, o pescoço de Agatha enrubesceu brutalmente. Ela não conseguia formular as palavras... ele tinha que recuar... ele precisava de uma...

“Camisa”, ela disse, rouca.

“O quê? Ah...”, Tedros ficou vermelho e pegou uma camisa preta sem mangas que estava no chão, e a vestiu. “Eu só... eu não achei que...” Os olhos dele percorreram a sala. “Você está aqui... sozinha?”

Agatha franziu o rosto. “É claro...”

“*Ela* não está aqui com você?” Tedros olhou para fora da janela, para a corda que pendia.

“Eu vim aqui, como você pediu”, disse Agatha, confusa. “Eu vim por você.”

Tedros olhou-a, estranhamente. “Mas isso... como pôde...” Os olhos dele ficaram sérios, como se uma porta tivesse se fechado por dentro. “*Você*. Você me fez passar um inferno.”

Agatha respirou fundo, pois já estava preparada para isso. “Tedros...”

“Você a beijou, Agatha. Você a beijou, em vez de me beijar. Você sabe o que aquilo fez comigo? Sabe o que aquilo fez com *tudo*?”

“Ela salvou minha vida, Tedros.”

“E arruinou a minha”, disse ele, furioso. “Durante a minha vida inteira, as garotas só gostaram de mim pela minha coroa, minha fortuna, minha aparência, nada do que eu conquistei. Você foi a primeira garota que viu algo além disso tudo... que viu algo dentro de mim que valia a pena gostar, por mais imbecil, impetuoso e cabeça dura que eu possa ser.” Tedros parou, ouvindo a própria voz falhar. Quando ele ergueu novamente o olhar, seu rosto estava frio. “Mas, toda noite, eu tinha que dormir sabendo que não era o suficiente. Eu tinha que dormir sabendo que a minha princesa escolheu uma *garota*.”

“Eu não tive escolha!”, Agatha insistiu.

Tedros olhou de cara feia e virou. “Você poderia ter segurado a minha mão. Poderia ter ficado aqui e ter deixado que ela fosse para casa.” Ele olhou para a última página do livro, sob o Storian... sua própria sombra curva, seguindo pela

escuridão, sozinho. “Não diga que você não teve escolha. Você teve, *sim*, escolha.”

“Uma escolha que um menino jamais entenderia.” Agatha olhava para as costas dele. “Durante toda a minha vida, eu fui uma aberração, Tedros. Ninguém deixava seus bichos de estimação se aproximarem de mim, muito menos os filhos. Quando fiquei mais velha, eu me enfurnei num cemitério, porque podia me esquecer das coisas que eu não tinha. Como alguém com quem conversar. Ou alguém que quisesse conversar comigo. Eu comecei a dizer a mim mesma que ser sozinha era um verdadeiro poder. Que nós todos acabamos morrendo e apodrecemos como girinos, portanto, qual é o sentido, então...” Ela parou. “Então, Sophie apareceu. Quatro horas em ponto, depois da escola. Eu esperava por ela ao lado da porta, todos os dias, como um cachorrinho, minha mãe dizia... ansiando por aquela hora, antes do pôr do sol, quando nós estávamos juntas. Eu via o céu escurecer... o jeito como ela ficava enrolando, como se também não quisesse ir para casa, mesmo que fingisse que estar ali era uma Boa Ação. Ela fez com que eu me sentisse amada, pela primeira vez na vida.” Agatha sorriu, ouvindo a leveza em sua voz. “E eu soube que, no fim, tudo ficaria bem independentemente de como nossas histórias se desenrolassem. Sempre teríamos uma à outra, em nossa pequena vila sem sentido, e esse era o final mais feliz que eu podia imaginar. Porque ela era minha amiga, Tedros. A única que eu conheci. E eu não podia imaginar a vida sem ela.”

Tedros não se mexia, ainda de costas. Lentamente, ele virou, com o rosto mais brando.

“Então, por que você pediu por mim?”

Agatha baixou o olhar. Ela conteve as palavras pelo maior tempo que pôde, receando dizê-las em voz alta.

“Porque agora eu sei que preciso de mais que uma amiga.”

O silêncio recaiu sobre eles, rompido somente pelas fungadas que Agatha sabia que eram dela, embora parecessem vir de longe.

Ela sentiu o braço de Tedros no seu, e ergueu o olhar aos seus olhos azuis luminosos.

“Eu estou aqui, Agatha”, ele disse. “Bem aqui.”

Agatha sentiu as lágrimas ardendo em seus olhos. “Ela nunca vai me perdoar por isso”, disse ela, com a voz rouca, tremendo sob seu toque terno. “A Sophie está novamente se transformando em bruxa. Ela vai matar nós dois.”

Os olhos de Tedros faiscaram. Ele avançou até a janela, sacando a espada... “Nós precisamos dos príncipes...”

“Não!”, Agatha disse, agarrando-o pela camisa.

“Mas você disse...”

“Nós podemos acabar com isso. Nós podemos... reescrever a nossa história.”

A boca de Agatha secava. Seu rosto ficou rosado. “E-ela irá para casa. Como você queria que ela fosse. Ninguém precisa morrer.”

O rosto de Tedros lentamente se acalmou, com uma expressão compreensiva.

Com o olhar fixo no dele, Agatha tirou Excalibur de seus dedos calejados, com seu cabo dourado na mão dela. Ela viu o temor nos olhos de Tedros, sentiu o suor na palma da mão dele, e deixou que sua mão ficasse junto à dele, por mais um momento. Os olhos deles ficaram fixos, enquanto Agatha deu um passo atrás, com a lâmina apontando para ele. Tedros observava, com as narinas tremulantes, as veias do pescoço pulsando, como um tigre arisco. “Confie em mim”, ela sussurrou, segurando a espada com mais força...

Então, ela girou na direção do Storian, acima da mesa, e o soltou de suas correntes. Tedros avançou naquela direção, surpreso...

A caneta encantada saltou aliviada para o livro de histórias, elaborando uma nova última página. De sua ponta, fluía uma tinta cintilante, uma visão de um príncipe e uma princesa, nos aposentos de sua torre, de mãos dadas, posicionados para selar o FIM com um beijo.

Tedros ficou imóvel, olhando a pintura. Ele ouviu a espada tilintar no chão, atrás dele. E lentamente virou para ver o rosto de Agatha, fortemente vermelho.

“Você ficaria aqui para sempre?” Tedros engoliu em seco. “C-comigo?”

Agatha estendeu a mão trêmula e o tocou, assim como no desenho do livro de história.

“O Storian só irá escrever FIM se eu for honesta”, disse ela, baixinho. “E tudo em meu coração me diz que é com você.”

Tedros ficou com os olhos marejados. “É sempre a princesa que tem seu final para o conto de fadas”, disse ele, pegando o rosto de Agatha. “Dessa vez, parece que é o meu.”

O silêncio se adensou, enquanto Agatha o puxou pela cintura, com o som do Storian escrevendo a página, atrás deles. Ele podia ver as duas sombras se unindo, com o desenho do aço brilhante do Storian... sentia a respiração ofegante dela, que o puxava para perto. Os músculos de Tedros relaxaram, enquanto sua princesa o segurava com mais força... mais força... levando os lábios dele aos dela...

Ele deu um tranco para trás. Havia uma sombra escura no aço da caneta.

Tedros girou para trás...

Nada além da caneta.

“Ela está aqui”, disse ele, resfolegando, recuando. “Ela está aqui, em algum lugar.”

“Tedros?” Agatha franziu o rosto, confusa...

Tedros procurava atrás das prateleiras de livros. “Onde está ela! Onde está Sophie?!”

“Ela não está aqui!”, Agatha disse, estendendo os braços para ele...

Ele se afastou bruscamente. “Eu n-não... não posso, se aquela bruxa estiver viva...”

Os olhos de Agatha faiscaram. “Mas ela partirá para sempre!”

“Ela é uma *bruxa!*”, Tedros agitou-se. “Enquanto Sophie estiver nessa terra, ela encontrará um meio de nos separar!”

“Não! Você não pode feri-la! Tedros, essa é a única maneira de...”

“Da última vez, eu a deixei viver por sua causa, e ela levou *você*”, retrucou Tedros. “Não posso cometer o mesmo equívoco, Agatha. Não posso perdê-la outra vez!”

“Ouça-me!”, disse Agatha, ficando vermelha. “Eu estou disposta a abrir mão de tudo que eu conheço por você! Nunca mais verei minha casa! Nunca mais verei minha mãe!” Agatha o pegou pelos ombros. “Ela não faz mais parte de nossa história. Foi por isso que você me disse para vir, essa noite. Porque você não queria feri-la. Porque você sabe que *eu* sou o suficiente.” Ela o apertou mais, olhando em seus olhos. “Deixe-a ir para casa. Por favor, Tedros. Porque eu não vou deixar que você toque nela.”

Mais uma vez, Tedros a encarou de forma esquisita. “Eu me esqueci de como você é estranha.”

Agatha o puxou num abraço, repleta de alívio. “Uma princesa estranha”, sussurrou ela, junto ao peito dele. “Já era hora de termos uma dessas.”

“Que conta histórias estranhas.”

“Tipo o quê?”, Agatha sorriu, inclinando o rosto para o beijo dele...

“Que eu lhe disse para vir aqui, essa noite”, disse o príncipe.

Agatha deu um impulso para trás, afastando-se dele, e seu sorriso sumiu.

O único som na sala era o som das fungadas de uma menina invisível, que subitamente parou.

Aric irrompeu pela passarela. *Não se pode confiar em mulheres*. Ele tinha aprendido essa lição ainda jovem. A distância, ele via as pernas brancas de Tristan entrando no castelo. *Que homem inútil. Nem deveria ser chamado de hom...*

Ele parou.

Aric ajoelhou-se lentamente, e olhou para um tijolo quebrado na amurada da passarela, sujo de sangue fresco.

O dedo de Aric acendeu e ele lançou uma centelha na direção do castelo, para chamar seus homens.

Não se lembrava de ter visto Agatha sangrando.

Escondida sob a mesa, Sophie olhava Agatha recuar de Tedros, cujos olhos azuis se apagavam.

“Você me *d-disse* para vir”, Agatha gaguejou. “Você me disse para atravessar a Ponte...”

“Nós explodimos a Ponte, portanto, você não pode tê-la atravessado”, Tedros retrucou. “Só a magia de uma bruxa poderia ter trazido você aqui.”

“Mas e-eu... vi você, Tedros! Na sala de aula... na janel...”

“*O quê?*”, Tedros debochou.

“Eu vi... seu... seu...”, a voz de Agatha foi sumindo, substituída pelo eco da voz da Reitora.

“Às vezes, nós vemos o que queremos ver.”

Um fantasma. Seu coração tinha criado um fantasma, exatamente como aconteceu com todas as outras garotas.

Só que ela acreditou que seu fantasma fosse real.

Lentamente, Agatha ergueu os olhos para seu príncipe, que apontava o dedo para ela, reluzindo em dourado.

“Você nunca veio”, ela sussurrou.

“Como você chegou aqui, Agatha?”, disse Tedros, bloqueando a visão do Storian com seu corpo. Seu dedo aceso ficou apontado para ela, visivelmente trêmulo. “Como você atravessou a Ponte?”

Agatha recuou, também com seu dedo brilhando, para se defender. “Confiando em você”, disse ela, com a cabeça girando. *As flechas. As placas de PROCURA-SE. Os príncipes no portão*.

“Isso nunca teve a ver comigo...”, disse ela. “Isso era para se vingar da Sophie...”

“Você não vê? Da última vez, você também achou que conhecia seu coração”, disse Tedros. “Eu estou fazendo isso por você, Agatha. Por *nós*.”

“Por que você não pode confiar em mim?”, disse Agatha, quase chorando. “Por que ela tem que morrer?”

Tedros olhou para os seus dedos acesos, um apontando para o outro.

“Porque um dia, você pode mudar de ideia novamente”, disse ele, baixinho.

Então, ergueu os olhos repletos de dor.

“Um dia, você pode pedir por ela, e não por mim.”

“Por favor, Tedros”, suplicou Agatha. “Por favor, deixe-a partir...”

“E se eu tentar ferir você, agora?” Os olhos de seu príncipe estavam arregalados, assustados. “Ela se mostraria? Ela salvaria você?”

“Ela não está *aqui*! Eu escolhi você, Tedros!”

“Dessa vez, me escolher não será o bastante, Agatha.”

Tedros olhou-a profundamente, como fizera em seu sonho.

“Dessa vez, eu vou me assegurar.”

Agatha resfolegou.

Em um lampejo, de momento, Sophie viu sua chance e lançou um feitiço rosa entre os dois – Agatha saltou, pensando que havia sido Tedros; Tedros desviou, achando que havia sido Agatha. Instantaneamente, dez capuzes vermelhos irromperam pela janela, com flechas apontadas para Agatha, que recuou em choque, cercada por todos os lados. Olhou para Tedros, fulminante, o rosto em *fúria*...

“Você é um *animal*”, ela disse com os dentes cerrados. “Eu jamais escolherei você. Está me ouvindo? *Nunca!*”

Ela lançou um feitiço e a luz do amanhecer na janela magicamente apagou, deixando a torre no breu total. Um instante depois, a luz voltou... mas Agatha tinha desaparecido.

Tedros virou para a janela, mas a corda e a passarela estavam desertas, sua princesa se fora. Ele poderia ter tido seu FIM. Mas deixou que sua obsessão pela bruxa novamente o envenenasse. Agora ele estava sozinho com a caneta, seu Felizes Para Sempre arruinado por suas próprias mãos.

“Ela disse a verdade”, sussurrou ele. “Eu sou... eu sou um tolo...”

“Nem tanto.”

Tedros virou. Aric baixou o olhar, para o Storian, enquanto ele terminava uma pintura cheia de nuanças no livro de história: uma imagem de Tedros e Agatha lançando feitiços, um no outro, cercados por capangas armados. Só quanto Tedros se aproximou mais é que ele viu que havia mais alguém na pintura... alguém embaixo da mesa, sorrindo alegremente, sob sua capa invisível...

Os olhos de Tedros e Aric desviaram lentamente para debaixo da mesa, mas Sophie já partira há muito tempo.

“Agatha estava mentindo o tempo todo, mestre”, disse Aric. “As duas estavam aqui para matá-lo.”

Tedros caiu em silêncio, olhando a pintura, boquiaberto de choque. Ele viu seu rosto pálido refletido no Storian, esperando seu movimento seguinte. E desviou os olhos.

“Os príncipes”, disse ele, rouco. “Está... está na hora de você deixá-los entrar, não?”

Aric sorriu. “Eu diria que sim.”

Tedros ficou ouvindo, enquanto ele seguia com os capangas.

“Aric.”

Ele ouviu seu capitão parando atrás dele.

“Diga-lhes que a recompensa não é mais por uma cabeça.”

Tedros virou-se, repleto de raiva.

“Agora é por *duas*.”

Quando o dia amanheceu, uma mosca frenética e de olhos esbugalhados se espremeu por debaixo da porta trancada do Teatro das Fábulas, no castelo dos meninos, e seguiu pelo Túnel das Árvores, inteiramente bloqueado por rochas. Zunindo em pânico, a mosca apressada contornou pedra por pedra, até chegar de volta à Clareira.

Com as lágrimas escorrendo, a mosca que era Agatha voou para as torres das meninas, em direção ao seu quarto, no topo da torre azul da Honra, apavorada com o que encontraria. Passando pela janela aberta e machucando a asa, ela despencou na cama da amiga... a amiga que ela havia traído pelos meninos, a amiga que ela havia trocado por um príncipe, a amiga que ela jurava ser uma bruxa mortal...

Mas ao subir pelo lençol, Agatha ficou imóvel, aterrorizada. Pois ela vira o que quisera ver, do começo ao fim.

Sophie dormia sorridente, como na mais tranquila das noites.

Seu pescoço claro e nu não tinha verruga alguma à vista.

SEGUNDA PARTE



13
O Clube do Livro do Salão de Jantar

A luz do sol refletiu no relógio de vidro pintado com uma princesa e uma bruxa dançando uma valsa. Agora já passava de 7 horas, e o nascer do sol tinha sido substituído por uma manhã fria de dezembro.

Deitada na cama, Sophie olhava Agatha dormir. Beatrix tinha descido para tomar café. As duas estavam sozinhas.

Os tornozelos e punhos de Sophie ainda doíam, onde as spiricks a prenderam; suas panturrilhas latejavam da corrida invisível fugindo da escola dos meninos: até a antiga sacada dos professores, passando pela Clareira, por dois guardas dos Sempre, entrando no Túnel de Árvores das meninas, e de volta ao seu quarto, enquanto Agatha, a mosca, ainda relutava no túnel dos meninos, apinhado de pedras. Ela tinha enfiado a capa com o uniforme de Hort embaixo da cama de Beatrix, e entrou embaixo dos lençóis, bem na hora em que ouviu Agatha zunindo na janela...



E agora, elas estavam ali, tranquilamente humanas, lado a lado, como tantas vezes antes.

Só que tudo tinha mudado.

Sophie olhava o rosto de Agatha, procurando a menina do cemitério que ela um dia conhecera. Mas ela só via um nariz de princesa... uma pele de branca de neve... lábios delicados que buscaram um príncipe...

Um príncipe que não a beijara.

Por minha causa.

Sophie ficou com muita vergonha. Ela havia impedido que o desejo de Agatha se tornasse realidade. Ela tinha partido o coração da amiga.

Sophie conteve as lágrimas. Ela se esforçara tanto para ser do Bem, mas, naquele instante, perdendo Agatha – naquele momento insuportavelmente real – ela teve de ser do Mal novamente. Agora ela tinha arruinado um final feliz, como a bruxa que fora um dia.

E, no entanto, quando a culpa já a dominava, Sophie subitamente sentiu um fio de esperança...

Eu preciso de mais que uma amiga, Agatha dissera.

Então, e se ela pudesse fazer com que Agatha voltasse a ser feliz? E se ela mostrasse a Agatha que ela não precisava de Tedros? Que a amizade delas era maior que qualquer Para Sempre, com um príncipe?

E se eu ensinar a Agatha o que ela um dia me ensinou?

Dessa forma, manter Agatha longe de Tedros valeria a pena, pensou Sophie, com a esperança aumentando. Tudo que ela tinha feito, na noite anterior, teria valido a pena. Porque Agatha desejaria o FIM com ela, e seria sincero.

Se ao menos eu pudesse ter Agatha de volta.

Agatha abriu os olhos. Ela viu Sophie a encarando e se retraiu.

“Como foi ontem à noite?”, perguntou Sophie, limpando a garganta.

“Ah. On-ontem à noite?” Agatha se virou e começou a pegar as peças de seu uniforme no chão. “Foi demorado, sabe... a Dot fala muito...”, ela hesitou. “Você não... é... ficou nos observando, ficou?”

“Peguei no sono”, disse Sophie, olhando Agatha atentamente. “Mas não houve com que se preocupar, houve?”

O corpo inteiro de Agatha enrijeceu.

“Nossa, mas que cheiro de fornalha”, Sophie caminhava abotoando uma das capas de Beatrix, que ela vestira por cima do uniforme. “É fumaça da cozinha, sem dúvida. Mas, pelo que sabemos, as garotas Nunca agora estão comendo bacon...”

“Sophie?”

“Mmm?”

“Eu tenho que lhe dizer uma coisa.”

Sophie ergueu os olhos lentamente.

Gritos horripilantes irromperam pelo corredor, assustando as duas meninas. Agatha girou para a porta e escancarou-a. Fumaça espessa invadiu o quarto, enquanto sombras de meninas e borboletas em fuga passavam por elas, com ninfas de cabelos neon seguindo atrás, gritando alarmadas.

“O que está acontecendo!”, Sophie resfolegou, agarrando o braço de Mona.

“Os príncipes! Eles romperam o escudo protetor!”

Sophie e Agatha viraram uma para a outra, perplexas.

A voz de Pólux bradou num megafone distante: “Todas as meninas para a galeria! Usem as passarelas abertas, não o saguão! Eu repito, não usem o saguão!”.

Agatha e Sophie saíram correndo atrás de Mona, tossindo com a fumaça ácida, e seguiram em direção à passarela que ia da Honra para a Coragem.

“De onde está vindo a fumaça?”, Sophie disse, abanando. A passarela azul à sua frente estava entupida de gente com borboletas as sobrevoando.

“Venha!”, disse Agatha, arrastando-a de volta, na direção da escada. “Vamos pelo saguão...”

“Mas o Pólux disse para não usarmos o saguão...”

“Desde quando você ouve o *Pólux*?”

Conforme elas desciam cambaleantes pela escada da Honra, Agatha teve um lampejo da Baía do Meio do Caminho, através das paredes de vidro. A distância, príncipes imundos e armados passavam por um buraco no escudo, acima do portão da Floresta, chegando à costa da Escola de Meninos. Agatha gelou, o pavor aumentando. Depois dos acontecimentos do dia anterior, isso não podia ser coincidência. Sophie deu um encontrão nela por trás, mas Agatha relutava cegamente para descer o último lance de escada e entrar no saguão.

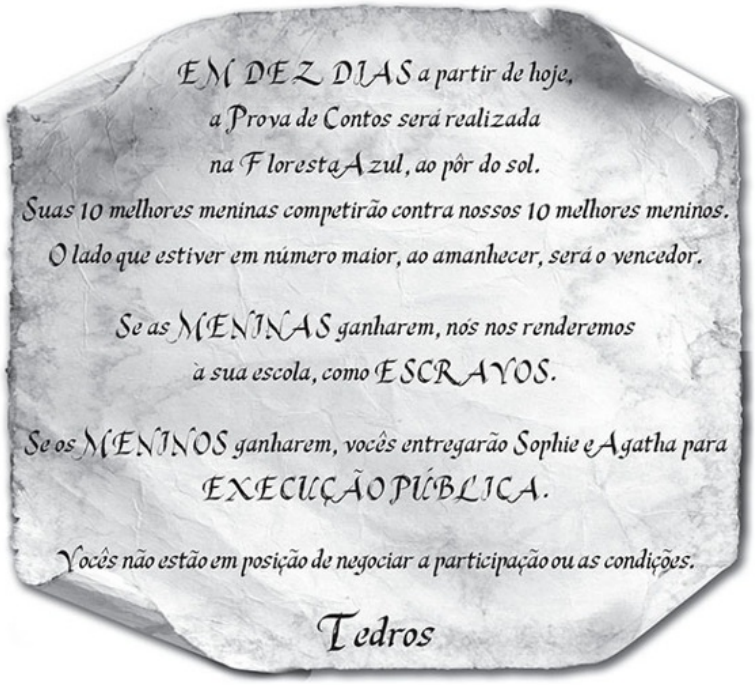
Toda a fumaça que invadia as torres vinha dali. O teto solar tinha sido alvejado e estilhaçado, e cada parede com as letras M-E-N-I-N-A-S tinha sido cravejada com centenas de flechas com pontas de fogo. As ninfas flutuavam em círculos ao redor das escadarias das quatro torres, lançando feitiços de água para extinguir os pequenos focos de incêndio, enquanto uma porção de borboletas, mortas na linha de fogo, ainda queimava pelo chão.

“Isso não faz sentido”, disse Sophie, segurando a mureta de vidro. “Por que eles atirariam no saguão...”

Mas quando os primeiros focos de incêndio apagaram, as meninas viram que cada uma das flechas tinha sido espetada com alguma coisa: pergaminhos que tinham sido arrancados, restando só pedaços do papel sob a ponta das flechas.

“Sophie, olhe.”

Sophie seguiu os olhos de Agatha até uma parte do chão que estava na sombra, atrás da escada. Havia um pergaminho caído, já queimado, mas ainda intacto. Enquanto as ninfas varriam as cinzas e arrancavam as flechas do saguão, Agatha rapidamente pulou por cima da balaustrada e o pegou. O pergaminho estava lacrado com um selo de cera cor de sangue, com o desenho de uma cobra. Sophie abaixou-se ao lado dela e olhou por cima do ombro, enquanto Agatha desenrolava as beiradas do pergaminho. As duas se esconderam atrás da escada.


EM DEZ DIAS a partir de hoje,
a Prova de Contos será realizada
na Floresta Azul, ao pôr do sol.
Suas 10 melhores meninas competirão contra nossos 10 melhores meninos.
O lado que estiver em número maior, ao amanhecer, será o vencedor.

Se as MENINAS ganharem, nós nos renderemos
à sua escola, como ESCRAVOS.

Se os MENINOS ganharem, vocês entregarão Sophie e Agatha para
EXECUÇÃO PÚBLICA.

Vocês não estão em posição de negociar a participação ou as condições.

Tedros

Sophie segurava a folha com tanta força que os nós de seus dedos ficaram azulados.

“Agatha?”, disse ela, erguendo o olhar. “O que você ia me contar?”

Mas Agatha ainda estava olhando o pergaminho.

A expressão sombria voltou aos seus olhos. Suas bochechas perderam o corado. A menina do cemitério estava de volta e seu pedido havia sido esquecido. Ela ergueu os olhos para Sophie, com uma expressão triste e vazia.

“Eu devia ter ouvido você”, disse, com a voz falhando.

Sophie parou, cautelosamente. “Você foi até ele?”

Agatha limpou as lágrimas, sem conseguir olhar para ela.

“E ele atacou você, não foi?”, disse Sophie.

Agatha chorou com mais força. “Como você s-sa-sabe...”

“Eu avisei você”, Sophie sussurrou. “Eu avisei o que os meninos fazem.”

Agatha desmoronou em seus braços, aos prantos. “Desculpe... me

desculpe...”

Sophie abraçou-a com força, afastando a culpa.

Impedir seu beijo, ontem à noite, não foi um ato do Mal. Não, foi tudo pelo Bem.

Sua amiga tinha voltado para ela.

Da janela do Diretor da Escola, Tedros olhava os capangas de capuzes vermelhos de Aric policiando a turba de príncipes junto ao rombo no escudo protetor roxo, deixando entrar somente os maiores e bem armados. Em pé, ao lado dele, Aric contraiu o maxilar.

“Com todo respeito, mestre, essa Prova é um jogo de covarde”, ele zombou. “Com nosso número, nós deveríamos invadir o castelo delas...”

“Depois de ontem à noite, não. Aquelas garotas são astutas demais para que nós lutemos em seu território”, disse Tedros. “Além disso, as meninas teriam suas professoras lutando com elas. Uma prova nos coloca em território comum.”

“Território comum!”, disse Aric, rispidamente. “Eu rompi o escudo com os príncipes porque você me garantiu uma *guerra*.”

“A finalidade disso é salvar nossa escola da intenção que as duas garotas têm de destruí-la. Não um massacre barato e vil.”

“Quando nossos professores voltarem, eles irão puni-lo por tudo que você fez”, Aric vociferou...

Tedros o jogou contra o parapeito da janela e a cabeça de Aric ficou pendurada para fora. “Lembre-se de seu lugar, seu selvagem. Eu que o deixei entrar nessa escola. E posso colocá-lo para fora.”

Aric olhava de olhos arregalados.

Tedros o puxou para cima e virou o rosto. Em silêncio, os dois garotos observavam mais príncipes ferozes subindo pelo buraco no escudo rompido.

“Você deve ser um feiticeiro e tanto, para quebrá-lo”, disse Tedros, finalmente. “Lady Lesso lançou esse escudo, pessoalmente.”

Aric não respondeu.

“Aric, eu quero os melhores lutadores com você e eu”, disse Tedros, virando para ele. “Quem ganhar terá meu tesouro, como prometido.”

Aric lhe deu um sorriso tímido. “Como quiser, mestre.”

Uma sombra se moveu na parede e Aric virou, para ver Tristan perto do Storian acorrentado. Como um cão, Aric mostrou os dentes, e Tristan se acovardou.

“Ora, deixe-o em paz”, suspirou Tedros. “Eu preciso da ajuda dele na guarda. Principalmente depois de ontem à noite.

Os olhos dele foram ao outro lado da baía, até a Escola das Meninas, cintilando como uma cidade de safira. Ele podia ver o resto da fumaça se dissipando nas torres. Os comunicados da prova haviam sido entregues.

“Ela estava mentindo quanto a Sophie estar ali, o tempo todo?”, perguntou Tedros.

“Há dúvida em sua voz, mestre.”

“É por causa do jeito como ela me olhava... me tocava... como se estivesse sendo sincera...”

“Ela o *atacou*. E sua bruxa estava lá para terminar o serviço”, rugiu Aric. “Por que acha que ela libertou a caneta? Sua morte selaria a história delas e espalharia essa lição por aí. Um mundo sem príncipes. Um mundo com meninas como mestras... e meninos como escravos. Fim.” O capitão olhava fixamente para Tedros. “Se eu não tivesse chegado para salvá-lo...”

Tedros baixou os olhos. “Eu sei disso.”

“É algo difícil de admitir. Um filho revivendo os erros de seu pai. Ambos os amores... perdidos para outro.”

Tedros ergueu a cabeça lentamente.

“O que ele teria feito?”, disse Aric, com os olhos violeta o observando.

Tedros deu as costas, com a raiva explodindo em seu peito, mais uma vez. Ele voltou o olhar, para os príncipes bárbaros marchando para dentro de seu castelo.

“Ela *me atacou*”, sussurrou ele, como se finalmente acreditasse que isso era verdade.

“Ele atacou *você*?”, Hester perguntou à Agatha, sentando no chão da galeria, junto com Anadil, Dot e o restante das garotas, esperando a chegada da Reitora e das professoras.

“Convencido de que eu havia levado a Sophie para matá-lo”, disse Agatha, amargamente. “Tentou algum feitiço estranho... juro que pareceu rosa, mas foi rápido demais para ver. Quase me acertou, antes que seus capangas chegassem.”

“Capangas?”, disse Dot, pasma. “*Tedros?*”

“E um feitiço *rosa*?”, disse Anadil, com seus três ratos igualmente atônitos. “Você certamente viu errado. Se um menino está usando um feitiço rosa, isso seria magia negra muito séria.”

“Eu não descartaria isso, em relação a ele”, Agatha estremeceu.

Boatos sobre a prova rapidamente se espalharam, com as meninas discutindo calorosamente quem seria escolhida para competir contra os meninos. Com Sophie no banheiro, lavando o rosto (“Com ou sem ameaça de morte, eu não vou ficar cheia de cravos”), Agatha aproveitou a chance para contar às bruxas, tudo que havia acontecido desde que anoitecera.

“Ele que é do Mal, não Sophie”, disse Agatha, pensando nos olhos assustadores de seu príncipe, sua busca pela vingança. “Aquele sonho estava me alertando.”

“Então, Sophie não está se transformando?”, disse Hester, confusa.

Agatha sacudiu a cabeça.

“E não tem verruga?”, disse Anadil.

Agatha baixou o olhar, envergonhada.

“Mas você jurou que viu uma!”, estrilou Hester. “E quanto à Fera? E quanto a...”

“Pela última vez, nada disso fui eu!”, Sophie disse, de cara feia, sentando-se entre elas. “E essa é a primeira vez que estou ouvindo falar de uma verruga. Nossas cabeças a prêmio, por causa de uma... *verruga*?”

As meninas olhavam-na boquiabertas, exceto Agatha, que não conseguia encará-la.

“Nós quase perdemos uma à outra, ontem à noite, Agatha”, disse Sophie, mais suave. “Mas você precisa acreditar em mim. Contanto que sejamos amigas, eu estou *feliz*. Contanto que sejamos amigas, não existe bruxa.”

“Eu deveria ter roubado o Storian para nós, quando tive a chance”, murmurou Agatha, mexendo em suas botinas. “Sem dúvida, eu faria meu pedido honestamente agora. Você e eu já teríamos partido há muito tempo.”

Sophie corou, surpresa.

“Olhe, isso não faz sentido”, Hester estrilou. “Nós vimos aquele pombo *morto*...”

“Não me importa que blá-blá-blá você viu ou ouviu”, Sophie retrucou. “Alguém obviamente queria que vocês pensassem que eu sou do Mal. Alguém que quer a Agatha contra mim.”

“Mas, quem?”, perguntou Agatha, aliviada por haver outra pessoa a culpar por ela trair sua melhor amiga. “A Reitora precisa que nós sejamos amigas para lutarmos contra os meninos...”

“Talvez tenha sido Lesso ou Dovey, que invocou seus sintomas”, disse Dot, transformando uma placa descritiva em abacate. “Elas sempre acharam que Agatha deveria ficar com Tedros.”

“Talvez tenha sido Anêmona ou Sheeks”, disse Anadil, amarrando os rabos de seus ratos. “Elas querem que volte a ser o Bem e o Mal, ainda mais que nós.”

“Ou, talvez, tenha sido alguém que me quer longe”, disse Sophie, virando para Hester. “Alguém que quer ser *Capitã* da Classe.”

Hester respondeu com um peido violento, recusando-se a reconhecer o peso das palavras.

“Olhem, não importa quem foi. Agora, nós todas estamos do mesmo lado. Contra *Tedros*”, disse Agatha, pegando a mão de Sophie. “E nós não vamos entrar nessa prova.”

Sophie sentiu-se comovida. Fazia muito tempo que elas não pareciam amigas. “Agatha está certa”, disse ela. “Nós temos que impedir que a prova aconteça.”

“Nós?”, Hester recostou numa vitrine de vidro. “Eu acho que uma prova contra os garotos parece delicioso.”

“Já não era sem tempo que tivéssemos um pouquinho de sangue derramado”, disse Anadil, e os ratos emaranhados deram um gritinho concordando.

“Eu até que gostaria de um escravo”, disse Dot.

“Isso não é um jogo, suas idiotas! Se nós perdermos, Agatha e eu *morremos*!”, Sophie rugiu. “A Reitora precisa recusar...”

Borboletas passaram por baixo da porta da galeria, que logo foi aberta com a chegada da Reitora, bem-arrumada como nunca, seguida por suas professoras desgrenhadas, de aparência melancólica. A professora Dovey e Lady Lesso pareciam mais sinistras que todas.

“Como vocês já ouviram, os meninos exigem uma prova”, proclamou a Reitora, com as tochas acendendo magicamente ao seu redor. “E embora as professoras discordem, eu não vejo motivo para negar as condições deles.”

Sophie e Agatha engasgaram.

Agatha virou-se para Lady Lesso e a professora Dovey, que pareciam igualmente amedrontadas, como se soubesse que tivesse dado tudo errado, mesmo que as borboletas eternamente presentes as impedissem de saber como.

“Os desafios da turma continuarão até a prova, com as oito alunas melhores colocadas escolhidas para a equipe.” Os olhos brilhosos da Reitora recaíram sobre Sophie e Agatha. “Claro que as vagas de nossas duas capitãs estão garantidas, já que são suas vidas que estão em jogo.”

As duas meninas empalideceram ligeiramente. “Mas não há meio de derrotar os meninos, Agatha! Eles são mais velozes, fortes, *cruéis*”, sussurrou Sophie. “Nós temos que ir para casa agora, ou seremos mortas!”

“Não há como ir para casa!”, Agatha respondeu. “Tedros ainda está com o Storian!”

Sophie gemeu e murchou junto a ela.

Então, se endireitou, arregalando os olhos.

Agatha viu seu rosto e se encolheu de pavor. “Sophie, você não pode estar pensando em...”

“Você mesma disse! Agora, o nosso pedido vai funcionar!”, Sophie sussurrou. “Nós podemos escrever FIM, para sempre, dessa vez! Tudo que precisamos é daquela caneta!”

“Você está louca! Há um exército de meninos sedentos para nos matar! E mesmo que por mera sorte nós conseguíssemos passar por eles, Tedros jamais nos deixará chegar perto daquela torre! Não tem jeito de...”

“Tem de haver, Agatha”, Sophie pressionou. “Ou nós duas vamos morrer diante de uma plateia bem grande.”

Agatha sentiu o estômago revirar. Ao seu redor, ela via outras garotas cochichando, assimilando a realidade de uma competição letal contra os meninos.

“Para aquelas dentre vocês que estiverem tramando uma classificação ruim para evitar a seleção para a equipe, é bom repensarem”, disse a Reitora, enquanto algumas borboletas flutuavam de volta para seu vestido. “Afinal, suas classificações irão determinar seus créditos do terceiro ano, e os mais baixos provavelmente tornar-se-ão animais ou plantas.” As meninas pararam de papear, como se a Reitora tivesse entreouvido seus planos. “Finalmente, dado ao fracasso do escudo protetor de Lady Lesso, as ninfas assumirão a guarda noturna ao redor do local.”

Lady Lesso olhava para as pontas de aço de seus sapatos, com o rosto claro enrubescendo.

“Todas as aulas e eventos prosseguirão normalmente”, continuou a Reitora, “incluindo nossa peça teatral, a ser exibida na noite da prova.” Ela sorriu para a professora Sheeks, que não retribuiu o sorriso.

“Esta noite, temos Clube do Livro!”, Dot disse, ruidosamente, acenando para suas amigas. “Clube do Livro no Salão de Jantar...”

Anadil cutucou seu traseiro com o sapato e Dot gritou.

“Dado o atual estado do castelo, as aulas serão retomadas amanhã”, concluiu a Reitora, com as tochas enfraquecendo em volta dela. “Eu sugiro que vocês descansem para as semanas difíceis pela frente. Os meninos não serão derrotados sem uma boa briga.”

Meninas murmurantes seguiram as professoras para fora. A professora Dovey e Lady Lesso ficaram perto de Agatha, claramente desesperadas para falarem com ela, mas a Reitora as levou embora, junto com o restante.

Agatha se curvou desanimada, quando viu Lesso e sua fada madrinha saírem, igualmente desesperada pela ajuda delas. Ela ouviu as bruxas papeando adiante.

“Aposto que Yara poderia derrotar os meninos”, disse Dot. “Já viu os músculos dela?”

“Yara?”, Hester debochou, abanando uma borboleta. “Ninguém a vê há dias. Pelo que sabemos, um crocodilo pode tê-la devorado.”

“Você realmente acha que ela é meio stymph?”

“Ela é meio *alguma coisa*”, murmurou Anadil, com os ratos indo atrás dela, passando pela porta gelada.

Agatha seguia na frente, com Sophie ao seu lado.

“Olhe, nós ainda temos dez dias para pegarmos a caneta, Agatha”, incitou Sophie, vendo o rosto moroso da amiga. “Um pedido e nós estaremos a salvo dos meninos, para sempre.”

Agatha franziu ainda mais o rosto e Sophie sabia o motivo.

Depois de ontem à noite, a chance de pegar a caneta era tão pequena quanto a chance que elas tinham de ganhar a prova.

“Agora, elas jamais irão pegá-lo”, resmungou Tedros, prendendo o Storian tremulante com seu pé. Tristan tinha substituído o tijolo que faltava, lacrando a caneta embaixo do piso da torre.

Eles ainda ouviam o Storian se debatendo.

“Ajude-me a mover a mesa”, disse Tedros, e Tristan avidamente puxou seu lado da pesada peça de mármore para cima do tijolo solto, abafando a caneta. Enquanto Tedros arrumava a mesa, Tristan aproveitou para, escondido, raspar a bota no tijolo e deixar uma marca arranhada.

“Pronto.” Tedros olhou para o livro da história de Sophie e Agatha, aberto em cima da mesa. “Deixe que elas escrevam ‘FIM’, agora.”

“*ESCRAVOS*?”, a voz de Ravan ecoou lá fora. “SE NÓS PERDERMOS, ACABAREMOS COMO ESCRAVOS?”

Tedros debruçou para fora da janela e ficou observando os meninos Sempre e os Nunca, e muitos príncipes novos lotando as passarelas entre as torres, enquanto os capangas de Aric confrontavam-lhes com porretes.

“NÃO PODEM PERMUTAR NOSSAS VIDAS NUMA PROVA QUALQUER SEM VALOR!”, Chaddick berrava, inutilmente arremessando pedras na torre do Diretor da Escola.

“Você prometeu guerra!”, gritou um novo príncipe, apontando o dedo para Tedros.

“*Guerra! Guerra! Guerra!*”, gritavam meninos e príncipes, enquanto lutavam contra os capangas, levando-os de volta, para dentro da torre.

Tedros mordia o lábio. “Tire o Bem e o Mal, e os meninos só querem tesouro e sangue.”

“Olhe, eles precisam de você, lá embaixo”, disse Tristan. “Você tem que tornar isso uma escola de verdade outra vez. Como as meninas fizeram.” Ele sorrateiramente deu uma olhada no tijolo marcado. “Além disso, você talvez queira tirar um cochilo... ou tomar um banho, ou até...”

“Eu estou cheirando tão mal assim?”, perguntou Tedros, cheirando a si mesmo.

As bochechas de Tristan ficaram vermelhas como seu cabelo. “N-não...”

Uivos ecoavam abaixo, enquanto eles olhavam os capangas fugindo de Hort, que os perseguia com as mãos cheias de cocô de rato em chamas, chiando como uma doninha. Tedros murchou, desanimado.

Subitamente, os olhos do príncipe se arregalaram. “Tristan, você está certo! Eles precisam *mesmo* de mim!”

Tristan animou-se, aliviado, praticamente empurrando o príncipe em direção à janela – até que Tedros lançou seu brilho dourado para o castelo, chamando Aric.

“Mas eu posso ficar de guarda sozinho!”, insistiu Tristan.

“Deixe que Aric faça isso.” O príncipe puxou a larga trança de cabelo louro do chão e jogou para fora da janela. “Você e eu temos um trabalho a fazer.”

“Um t-tra-trabalho?”, Tristan gaguejou.

“Venha.” Tedros o empurrou para a corda. “Nós vamos trazer os professores de volta.”

Localizado no primeiro andar da Torre da Caridade, o Salão de Jantar das meninas era redondo, com um ringue de touradas, e bem iluminado, cheio de mesas de vidro de formatos diferentes. Dot o escolhera especificamente para as reuniões do Clube do Livro porque as panelas encantadas da cozinha proviam ponche e sanduíches, enquanto as borboletas espiãs da Reitora se mantinham distantes, pois eram afugentadas pelo tilintar dos pratos, os aromas fortes e as conversas simultâneas.

Precisamente às oito e meia, Dot desceu a escada, esperando uma boa turma, depois que *Vergonha: a vida secreta do príncipe encantado* tinha atraído uma porção de novos membros, na semana anterior. Hester tinha mencionado uma

reunião após o jantar, para dar apoio a Agatha e Sophie, mas Dot não quis dar-se ao trabalho. Com seus dentes escovados, maquiagem retocada e as perguntas prontas para serem discutidas, Dot limpou a garganta, pegou a maçaneta da porta e notou um aviso pregado.

CLUBE DO LIVRO
CANCELADO INDEFINIDAMENTE
devido às dificuldades com má nutrição,
eterna desordem e à síndrome do intestino irritável
Com amor,
Dot

Dot deu um gritinho e escancarou a porta. “Mas que diabo...”

Reunidas junto à parede da sala deserta, Anadil, Hester, Agatha e Sophie estavam sentadas juntas.

“Você vai, ou não, nos ajudar?”, perguntou Sophie, olhando para Hester.

“Tudo bem”, Hester resmungou. “Mas só porque eu prefiro não ver a Agatha morrer. Você, eu pagaria para ver executada publicamente.”

Sophie resfolegou.

“Olhe, a Sophie está certa. Essa é a nossa única esperança de escaparmos vivas”, disse Agatha, embora ainda parecesse incerta se uma decapitação pública seria pior do que voltar ao castelo dos meninos. “A essa altura o Tedros provavelmente já escondeu o Storian. Nós precisamos de um feitiço que nos permita ficar naquela escola pelo tempo suficiente para encontrá-lo.”

“Invisibilidade?”, disse Anadil.

“Nós duas? Fácil demais de sermos flagradas”, disse Sophie, sabendo que Aric certamente já encontrara seu rastro.

“Que tal cruzar novamente a barreira da Ponte?”, Hester disse a Agatha.

“Eles certamente terão guardas por lá, depois de ontem à noite”, disse Agatha...

Ao mesmo tempo, todas elas notaram Dot à porta, com o rosto vermelho e encarando. “Síndrome do intestino irritável?”

“Pareceu adequado, dada a sua predileção por se esconder em banheiros”, disse Anadil.

“Mas vocês não podem cancelar o Clube do Livro!”, Dot choramingou, desmoronando. “Assim que eu fiz amigas!”

“E nós precisamos de privacidade, portanto, agora, esse é seu Clube do Livro, que é apropriado, já que nós somos as suas verdadeiras amigas. Agora, sente-se e cale a boca”, Hester disparou. Dot obedeceu, ainda fungando.

“Tem de haver um meio de conversarmos com a Dovey e a Lesso”, urgiu Sophie, “ou mesmo a professora Sheeks...”

“É perigoso demais”, disse Agatha, pois ela ainda estava para ver qualquer professora livre das subordinadas da Reitora. “A Reitora até desconfia do que estamos tramando e vai nos prender aqui. Vocês ouviram. Ela acha que nós podemos ganhar essa prova!”

“Vocês não podem simplesmente mogrificar?” Dot gemeu.

“Não”, Sophie e Agatha disseram, simultaneamente.

Agatha ficou olhando para a amiga.

“Quer dizer, eu não sei nada sobre a escola deles, já que nunca fui até lá, mas é óbvio, certo?”, Sophie tagarelou, começando a suar. “Os meninos se protegeriam contra isso.”

Agatha olhou-a com mais intensidade. Sophie sentia as bochechas vermelhas como pimentão...

Agatha virou-se de volta para as bruxas. “Está vendo, a Sophie entende. Nós precisamos de algo inesperado.”

Sophie suspirou, sorrindo culpada. Um dia, ela contaria a Agatha onde ela havia estado na noite passada. Um dia, quando elas estivessem a salvo, em casa, mais fortes e felizes do que nunca.

“Vamos nos encontrar aqui, toda noite, até que tenhamos um plano”, disse Hester, depois notou que Dot estava sacudindo a cabeça. “Se você ainda está emburrada por causa desse seu Clube do Livro idiota...”

“Não é isso”, disse Dot, franzindo o rosto. “Vocês não acham estranho que o Tedros tenha *atacado* Agatha?”

Sophie se eriçou. “Ele tentou matá-la, ano passado...”

“Porque *você* estava lá, ano passado, estragando as coisas”, Dot disparou. “O Tedros ama a Agatha! Ele jamais a atacaria, com sua magia.” Dot transformou um garfo caído em um pé de couve, pensando com afinco.

“Parece que está faltando uma peça.”

Dot ergueu os olhos e viu Agatha olhando para ela.

“A única peça que está faltando é como entrar escondido na escola dos meninos”, estrilou Sophie, e conduziu a conversa de volta ao plano. “Nós temos que vasculhar a biblioteca, em busca de feitiços...”

Agatha tentava prestar atenção, mas seus olhos ficavam voltando para Dot...

“Agatha?”, Sophie franziu o rosto. “Então, você pode vir?”

Agatha despertou, prestando atenção. “Claro... é claro...”

De repente, ela notou algo no punho de Sophie, por baixo da capa...

pequenos cortes iguais, do mesmo tamanho, com uma casca ainda bem fina. Tomada por uma sensação familiar, Agatha tentou olhar mais de perto, mas surgiu uma onda de ruídos lá fora e as meninas viraram, bem na hora em que as portas foram escancaradas e Pólux entrou cambaleando, com a cabeça em cima de uma avestruz morta, fazendo uma cara de desconfiado para um Clube do Livro que parecia não ter nenhum livro.

14
O feitiço perdido de Merlin

Com a chegada da época natalina, as borboletas usaram a noite para puxar guirlandas douradas e pequenas luzes em volta do pinheiro mais alto da Floresta Azul, como se uma Prova de Contos mortal não impedisse as tradições festivas.

Durante a madrugada, os meninos tinham urinado na árvore, de suas janelas, e ateado fogo nela.

Enquanto Lady Lesso dava as classificações, Sophie passou um bilhete para Anadil e Hester, sobre os caminhos até a escola dos meninos. Na fileira seguinte de carteiras, Agatha inclinou sua cadeira para trás, estreitando os olhos para ver as marcas fracas nos punhos de Sophie.

Era só meio-dia, mas as eliminatórias para a prova já estavam a pleno vapor. Cada um dos desafios da turma envolvia o assassinato de príncipes que as professoras elaboravam para serem os mais vis possíveis, voando para cima das meninas, com caras de zumbis e gritos horrendos. De fato, as professoras até pareciam ter perdido toda relutância, e até a professora Anêmona sancionou as mortes mais terríveis. Agora havia vidas em jogo e as professoras investiram inteiramente na busca da melhor equipe possível.



Sophie e Agatha resolveram agir com entusiasmo ao longo de tudo, para que a Reitora *não desconfiasse de seus planos* iminentes de fuga. E Sophie realmente interpretou bem o seu papel, despachando meninos fantasmas com uma vingança alarmante, torcendo pelas colegas de turma e permanecendo imune aos

assustadores sintomas de bruxa que a haviam atormentado, dias antes. Até mais, Agatha notou que Sophie tinha voltado ao seu jeito animado de antes, carinhosamente pegando em seu braço entre as aulas, imaginando o regresso delas para Gavaldon e agindo como se a visita de Agatha a Tedros simplesmente nunca tivesse acontecido.

"Os anciãos não vão nos ferir, se não tivermos mais ataques... e eu simplesmente vou ficar mais na sua casa do que na minha...", Sophie dizia, enquanto elas caminhavam até a aula de Lesso. "Talvez eu até consiga ter meu espetáculo, finalmente!"

"Contanto que você não me inclua nele", Agatha resmungou, antes que o sorriso de Sophie a fizesse cair na gargalhada.

Agatha queria desconfiar, perguntar a Sophie como ela a perdoara com tanta facilidade, mas Sophie só parecia bastante aliviada e feliz em ter sua melhor amiga de volta.

Por tudo que ela tinha causado com seu pedido, Agatha até tinha mais motivação que Sophie, para deixar essa escola. Ela fervia a cabeça, tentando encontrar um meio de entrar na torre de Tedros, mas não dava em nada. Sua frustração veio à tona nas eliminatórias para a prova, quando ela partiu para cima dos garotos como uma velha bruxa, apunhalando fantasmas, ateando fogo neles e olhando friamente enquanto eles eram transformados em pó. Até o terceiro desafio, todos os motivos que ela tivera para odiar Tedros voltaram com força total – sua arrogância, sua negligência, sua imaturidade de cabeça quente...

E, no entanto... por que a pergunta de Dot ainda a perturbava?

Não havia peça nenhuma faltando, Agatha dizia a si mesma. Tedros a atacara. Tedros arruinou o conto de fadas deles dois.

Seu pedido de alma por ele tinha sido errado.

Ainda assim... Agatha flagrou-se inclinando a cadeira, mas a mão de Sophie estava distante demais para ver. Ela reclinou ainda mais, apoiada só numa das pernas da cadeira, até que o tampo congelado da carteira de Hester ficou na frente do pulso de Sophie, ampliando a imagem, como uma lupa. Os olhos de Agatha se arregalaram ao reconhecer os ferimentos leves na pele clara da amiga, marcados por vários pontos perfurados como agulhas.

Cortes de spiricks.

Onde Sophie tinha encontrado spiricks?

Na Floresta, é claro, Agatha lembrou a si mesma. Lá que eles também a atacaram, não? Mas os ferimentos de Sophie pareciam tão recentes...

Sophie virou-se para ela e a cadeira de Agatha quase virou. "Vem até a

biblioteca comigo?”, Sophie sorriu, ajudando-a a levantar. “Dez minutos antes da quarta sessão. Nós podemos procurar feitiços de espionagem!”

Agatha retribuiu o sorriso e pegou sua bolsa, afastando as spiricks da cabeça.

Chega de dúvidas. Chega de desconfiança, pensou ela, seguindo sua melhor amiga escada acima.

Ela já tinha aprendido sua lição com a verruga.

Velas pretas queimavam perfiladas nas paredes do Salão do Mal, com chamas amarelas esverdeadas, da cor dos olhos de serpentes.

No meio do salão, doze caixões brancos estavam enfileirados, cada um deles com o corpo de um professor homem do Bem ou do Mal. O professor Espada, moreno, de bigode, que lecionava Esgrima aos garotos Sempre; o professor Manley, careca e espinhento, que lecionava Enfeiamento aos meninos Nunca; o experiente professor Lukas, que lecionava Cavalheirismo; Castor, que liderava o Treinamento de Capangas, a cabeça de seu irmão Pólux faltando do corpo de cão de duas cabeças que eles dividiam; Beezle, o anão do Mal, de pele vermelha, ao lado de um bando de líderes de Grupos de Florestais – dentre eles, um ogro, um centauro, e um duende; até Albemarle, o pica-pau que um dia havia entalhado todas as classificações do Bem... todos respirando em sincronia, com seus rostos adormecidos tranquilos.

No chão, diante deles, Tristan estava esparramado, cercado de livros abertos de feitiços, da Biblioteca do Mal. “Nós estamos acordados a noite toda”, ele bocejou, alisando os cabelos ruivos. “A magia da Reitora é forte demais.”

“Bem, nós todos seremos escravos, se não quebrarmos a magia dela”, Tedros murmurou, folheando as páginas de *Chega de dormir*. “Você não sabe como essas duas são juntas. Se os garotos não entrarem nessa prova e começarem as eliminatórias agora, elas farão picadinho da gente.” Ele pegou outro livro. “Mas precisamos dos nossos professores de volta, se tivermos alguma chance de ganhar.”

“Que tal se eu for dar uma checada no Storian?”, Tristan disse, rapidamente. “Só para ter certeza de que...”

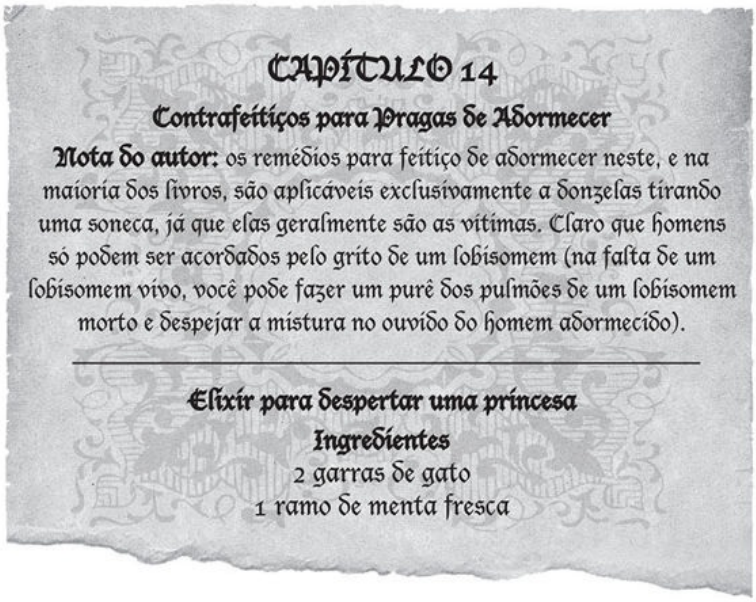
“Olhe, é um feitiço para dormir. Tem que ter uma cura.”

“Só se você tiver um lobisomem à mão”, Tristan fungou, jogando de lado *Feitiços para belas adormecidas*.

Tedros fechou seu último livro um instante depois. Viu as olheiras embaixo dos olhos de Tristan, escondendo suas sardas. “Tudo bem”, o príncipe cedeu e levantou-se. “Vamos voltar...”

Ele subitamente reparou no livro que Tristan tinha jogado de lado, aberto

numa página coberta de teias de aranha. Tedros o puxou para mais perto, com o pé.



CAPÍTULO 14

Contrafeitiços para Pragas de Adormecer

Nota do autor: os remédios para feitiço de adormecer neste, e na maioria dos livros, são aplicáveis exclusivamente a donzelas tirando uma soneca, já que elas geralmente são as vítimas. Claro que homens só podem ser acordados pelo grito de um lobisomem (na falta de um lobisomem vivo, você pode fazer um purê dos pulmões de um lobisomem morto e despejar a mistura no ouvido do homem adormecido).

Elixir para despertar uma princesa

Ingredientes

2 garras de gato

1 ramo de menta fresca

“Lamento informar”, disse Tristan, impaciente, “mas Sader nos disse, no ano passado. Lobisomens só moram em Bloodbrook...”

“Que engraçado.” Tedros ergueu o olhar, com os olhos brilhando. “O Hort não é de lá?”

Sophie jogou *O manual de sorrateiros e espiões* numa pilha de livros descartados e estreitou os olhos para o coliseu dourado de dois andares, da Biblioteca da Virtude, dominado por um relógio solar. “Nós levaremos meses para olhar todos esses livros!”

“Todos têm os mesmos feitiços”, disse Agatha, sentada em sua mesa, folheando *Feitiços de detetive, Volume 2*. “Invisibilidade, disfarces, mogrificações avançadas – nada que eles não esperem. Nós precisamos ficar na escola dos meninos por um tempo suficiente que dê para invadirmos a torre de Tedros. Talvez levemos dias.”

“Dias? Com esses príncipes sujos? Vamos morrer sufocadas pelo cheiro”, Sophie gemeu. Ela olhou para a tartaruga gigante, atrás da bancada da recepção, adormecida, num toco enorme da biblioteca. “Essa coisa algum dia fica acordada?”

Ela virou e viu Agatha olhando algumas borboletas que entraram voando. “Não se aflija”, disse Sophie. “Nós somos a equipe perfeita, lembra? Pense em como você entrou escondida na prova do ano passado.”

“Isso é diferente, Sophie. Nós precisamos de ajuda”, disse Agatha, rapidamente. “E enquanto a Reitora estiver ouvindo, não vamos conseguir.”

Com a programação de aulas separando-as, Sophie seguiu para Talentos Femininos, com Anadil, e Agatha foi com Dot para História das Heroínas.

“Nada, ainda?”, disse Dot, olhando para o rosto de Agatha, sentada ao lado dela, nos bancos calcificados do Salão do Bem. “Meu pai saberia o que fazer, mas ele está fugindo de Maid Marian. Ela está escravizando todos os homens da Floresta de Sherwood, e descobriu que Robin tem um olho parado.” Dot suspirou. “Eu mesma poderia ter dito isso a ela.”

Kiko colocou a cabeça ao lado da cabeça de Agatha, do banco de trás. “Ebaaa! Você finalmente vai assistir à melhor aula! Pena que você não estava aqui, na primeira semana. Nós entramos na história da Cinderela – sabia que ela só se casou com o príncipe depois que ele passou a papelada de seu reino para ela? Depois, ela mandou que o jogassem no calabouço e ela mesma passou a governar, fingindo que o casamento era feliz. No fim das contas, os garotos estavam encobrindo a verdade dos contos de fadas há séculos, só para fazer com que as meninas pareçam fracas e imbecis. Aí, nós entramos na história da Cachinhos de Ouro, e vimos quando ela domesticou os três ursos, depois os transformou em casacos de pele, depois entramos na história da Branca de Neve, quando ela envenenou aqueles anões sexistas, com as maçãs...”

“Hã?”, disse Agatha, confusa. “Pra começar, nada do que você disse parece com a verdade. Segundo, como você *entra* nas histórias?”

Kiko deu um sorriso malicioso. “Você vai ver.”

A Reitora entrou pelas portas duplas com as batidas dos saltinhos ecoando pelo chão de pedra. “Além de atacar nossa equipe, os meninos sem dúvida vão encher a Floresta Azul de armadilhas mortais – assim como faremos *nós*”, disse ela, rebolando os quadris pelo corredor, até o pedestal de apoio dos livros. “Mas talvez a mente de um menino seja a armadilha mais mortal, meninas. Quando a dignidade deles está em jogo, eles vão recorrer a táticas desesperadas, perversas e inimagináveis. Vocês precisam estar preparadas.”

Do suporte de livros, ela tirou um texto volumoso – *A história revisada da Floresta, por um aluno,* de August Sader – e abriu numa página do meio. A voz desencarnada da Reitora rugiu no salão, como se viesse do livro:

“Capítulo 26: ‘Ascensão e queda do Rei Arthur’.”

Numa pequena nuvem de névoa, uma cena tridimensional surgiu à vista, acima da página do livro... um diorama vivo e silencioso do Rei Arthur e sua coroa de ouro, um robe noturno, andando pelos corredores de Camelot.

Agatha mal conseguia enxergar, lá do banco dos fundos. “É tão pequeno...”

“Espere”, disse Kiko, atrás dela.

A Reitora levantou o livro e, com seu sorriso de dentes separados, soprou a cena fantasma. Com um *vum*, a cena se transformou em um milhão de estilhaços que caíram em cima das alunas, como uma chuva de vidro. Agatha protegeu os olhos com as mãos e sentiu seu corpo flutuar pelo espaço, até que seus pés tocaram o chão. Ela lentamente espiou por entre os dedos...

O Salão do Bem havia desaparecido junto com os bancos e o restante das meninas. Ela estava em pé, num gabinete de madeira escura, e o ar à sua volta era pesado e enevoado, dando uma sensação vaporosa ao ambiente, como se não fosse exatamente real. Ela estreitou os olhos e viu um homem grisalho barbado, de porte vigoroso, num robe noturno de pele de lobo e uma coroa dourada inclinada na direção dela...

Agatha resfolegou. Kiko estava certa. Ela estava *dentro* da cena do livro.

Ela estendeu a mão pelo ar enfumaçado, na direção de uma parede pintada com estampas miúdas em bronze, e seus dedos passaram direto, como os de um fantasma. O Rei Arthur passou direto por ela, lampejando e distorcendo ligeiramente, como um fantasma, com os pés descalços no carpete rosado, rumo ao fim do corredor. Agatha o reconheceu pelo maxilar quadrado e os olhos azuis cristalinos que ele tinha passado adiante, assim como a espada de cabo dourado presa em seu robe. A mesma espada que ela havia tirado das mãos de seu filho, duas noites atrás.

“Arthur conheceu Guinevere na Escola do Bem e do Mal, antes de se tornar rei”, narrava a voz da Reitora. “Desde o dia em que eles se conheceram, ele sabia que ela o desprezava. Ainda assim, ele a forçou ao casamento, pois meninos são criaturas brutas, implacáveis – e ninguém foi mais que Arthur.”

Agatha olhou atentamente para o rei fantasma. Será que alguma coisa disso era verdade? Ou só outra história distorcida da Reitora?

Ela observava Arthur se aproximar da última porta do corredor, cauteloso para não fazer barulho...

“No entanto, Guinevere tinha uma condição: a cada noite, ela e o rei dormiriam em quartos separados”, prosseguiu a Reitora. “Arthur não pôde negar o pedido, pois Guinevere se portava como uma esposa perfeita e lhe deu o filho que ele sempre quis. No entanto, o rei não conseguia dormir. Noite após noite, Arthur tentava olhar dentro do quarto da rainha, mas sua porta estava sempre trancada. Até que uma noite...”

Agora, Agatha via o que o rei tinha visto. Naquela noite, a porta da rainha tinha uma fresta aberta. Seguindo atrás de Arthur, Agatha se inclinou acima dele e espiou...

Bem na hora em que Guinevere saiu escondida pela janela, deslizou pela cortina e sumiu na noite.

“Na manhã seguinte, a rainha estava no café da manhã, sorrindo e acordada como sempre”, dizia a voz da Reitora. “Arthur não disse nada do que tinha visto.”

A cena sumiu em volta de Agatha, instantaneamente substituída por uma caverna empoeirada, cheia de recipientes borbulhantes de laboratório, prateleiras de frascos e vidros escuros, e dúzias de cadernos escritos pela metade. Arthur estava discutindo com um homem bem velho e esquelético, com uma barba branquíssima que batia na barriga.

“Arthur tentou invisibilidade, rastreamento de trilhas, mogrificação – tudo que ele tinha aprendido na Escola do Bem – mas ainda assim não conseguiu descobrir para onde Guinevere desaparecia, toda noite. Merlin, seu conselheiro da vida inteira, recusou-se a ajudar, insistindo que questões do coração estavam além de magia...”

Merlin saiu como um raio de sua caverna. Arthur foi atrás dele, mas parou subitamente. Ele olhou mais atentamente para um dos cadernos abertos de Merlin e o pegou nas mãos...

“Então, Arthur viu algo que Merlin vinha fazendo em sua toca...”

Os olhos de Arthur se arregalaram...

“Algo tão ousado, tão perigoso que ele soube que era sua única chance...”

Com as mãos trêmulas, Arthur arrancou a página.

A cena passou a uma figura encapuzada, numa Floresta, galopando e passando por Agatha, num cavalo negro, camuflado pela noite.

“Naquela noite, Arthur mandou que os guardas lacrassem as janelas de Guinevere. Encoberto por um capuz, ele saiu pela sala ao lado e encontrou um cavalo esperando...”

O cavalo parou em uma clareira escura, um breu. Agatha viu um homem magro, sob a sombra, sair sorrateiramente de trás de uma árvore e lentamente se aproximar do cavalo. Mas totalmente encoberto por sua capa e capuz, o Rei Arthur não desceu do cavalo. Ele apenas esperou, enquanto o homem das sombras foi chegando cada vez mais perto... mais perto... cada um deles sem conseguir enxergar o outro... até que Agatha finalmente viu o luar banhar a pele morena clara do homem, seu nariz curvo, seu uniforme de cavaleiro.

“Era Lancelot. O amigo que Arthur amava tanto que chamava de irmão. O homem que Guinevere vinha ver, toda noite.”

Lancelot aproximou-se do cavalo, o capuz da capa ainda encobrindo o rosto

de quem o montava. Lancelot hesitou, sentindo algo errado... então, ele viu pés delicados em sapatilhas, para fora da capa. Agatha ficou olhando aqueles pés femininos, confusa, enquanto Lancelot sorria amorosamente e se aproximava mais do cavalo. Agatha observava, enquanto Lancelot estendia os braços para cima... gentilmente puxando o capuz... revelando os olhos azuis cristalinos do Rei Arthur...

Agatha sentiu-se asfixiada.

Os olhos dele não eram mais os de um homem.

Num flash, Arthur sacou a lâmina, cravando na barriga de Lancelot. O cavalo saiu em disparada, levando o rei de volta para o castelo.

A cena se dissipou em vapores e Agatha estava de volta no Salão do Bem, com sua turma atordoada, em silêncio.

“O feitiço transformou o Rei Arthur em menina?”, gritou Beatrix, espantada. “Um menino... se tornou... uma *menina*?”

“Só pelo tempo suficiente para que o rei visse que sua rainha o fizera de tolo”, disse a Reitora. “Mas até que Arthur tivesse revertido o feitiço e regressado a Camelot, Guinevere havia partido. Ele mandou que seus homens fossem eliminar Lancelot, mas o cavaleiro também tinha desaparecido. Nem ele, nem a rainha jamais voltaram a ser vistos.”

Agatha não conseguia respirar, ainda questionando tudo que ela tinha acabado de ver. Contudo, ela precisava que essa história fosse verdade. Ela precisava disso para salvar sua vida e a de Sophie... ela precisava...

“O feitiço!”, ela disparou, erguendo-se, em um salto. “Onde está o feitiço de Merlin?”

“Perdeu-se, como todos os seus feitiços, é claro”, respondeu a Reitora, fechando o livro. “Mas o feitiço não é bem o ponto, querida.” Ela olhou para Agatha com um sorriso amável. “É que um menino foi esperto e disciplinado o suficiente para encontrá-lo.”

Enquanto Agatha murchava, as meninas tagarelavam fervorosamente ao redor dela, dissecando cada momento da viagem que fizeram através do tempo.

“Eu lhe disse que era uma aula boa”, Kiko sussurrou atrás dela.

Mas Agatha ficou ainda mais amuada, pois a aula só lhe rendera becos sem saída. A única esperança dela e de Sophie era que os garotos estúpidos que ela vira do outro lado da baía, sem esperteza ou sabedoria, também tivessem chegado a um beco sem saída.

“Eu quero participar da equipe da prova”, disse Hort, ainda de cueca, a voz ressoando pelo Salão do Mal. “Essa é minha condição.”

“Desculpe, Hort, mas precisamos de meninos mais fortes”, disse Tedros, depois que ela tinha mandado Tristan para essa negociação. “Por isso que nós trouxemos os príncipes. Só Aric e eu não temos que passar pelas eliminatórias...”

“Você precisa de um grito de lobisomem? Precisa do meu talento vilão? Então, me dê um lugar na equipe”, Hort estrilou. Ele olhou para a cueca. “E um uniforme novo.”

“Olhe, é só um grito...”

“Não, olhe você! Meu pai disse que vilões não conseguem amar e eu tentei amar”, disse Hort, com os olhos miúdos colados no chão. “Correndo atrás de Sophie como se eu fosse um Sempre, quando sou apenas... bem, olhe para mim.” Ele esfregou as bochechas cobertas de penugem. “Fiz papel de tolo... envergonhei meu pai. O mínimo que eu posso fazer é ganhar o tesouro e enterrá-lo. Você compreende isso, não é?” Ele ergueu os olhos para Tedros. “Tentando fazer com que ele se orgulhe de mim, mesmo estando morto?”

A expressão de Tedros abrandou. Ele via o rubor no peito de Hort, seu lábio inferior tremendo. O menino nascera sem nada da boa sorte de Tedros, no entanto, eles eram tão parecidos.

“Ninguém irá lutar como eu”, Hort suplicou, parecendo um esquilo trêmulo. “Ninguém.”

O príncipe cruzou os braços, tentando bravamente ignorá-lo. “Hort, essas meninas me querem *morto*. Isso não é como no ano passado. Essa é uma prova de verdade, com todas as nossas vidas em jogo, e eu sou o líder dessa escola, responsável pela segurança dos meninos. Eles já estão revoltados com o fato de que talvez acabem como escravos...”

Hort estava choramingando como um cãozinho se casa. Tedros cerrou os dentes.

“Então, como seria se eu apenas... se eu... se... se...”

Os ombros do príncipe caíram, enquanto ele exalou. “Aric vai me matar.”

Hort mostrou seus dentes amarelos e afiados. Ele girou para os professores adormecidos, soltando um grito tão primitivo que seu corpo inteiro deu um tranco e se contorceu, e tão alto que Tedros inclinou-se junto à parede, cobrindo os ouvidos. Quando o príncipe ergueu o olhar, Hort não era mais humano. Ele tinha se transformado num lobisomem de pelo escuro, músculos enormes, sobre duas pernas, rugindo até finalmente ficar sem fôlego.

“Eu lhe disse que estou durando mais tempo”, rugiu Hort, ouvindo orgulhosamente os gritos dos meninos aterrorizados, lá em cima, arrancados do sono.

Eles não foram os únicos que despertaram.

Lentamente, os professores se mexeram em seus caixões, um a um. Manley foi o primeiro a levantar, bochechudo, com o rosto papudo tremulando sob a luz das tochas.

Tedros sorriu e estendeu a mão. “Professor, bem-vindo de volta à Escola dos Meni...”

“Mas que bela bagunça você arranjou. Um castelo cheio de estranhos imundos. Uma prova com condições ridículas. Condições que vão nos encurralar, já que essas meninas concordaram”, debochou Manley, caminhando até a porta. “Escravos das meninas? Imaginem como ficariam as histórias, com o Storian nas mãos da Reitora Sader. Homens morrendo ao final de cada história. Homens numa sequência de perdas pior do que a do Mal.”

“Porém, um prêmio de consolação, se nós *ganharmos*”, disse o professor Espada, encarando os dois meninos, enquanto suas botas pontudas pisavam no chão. “Ganhem essa prova e aquelas duas Leitoras malditas morrem. O conto de fadas das duas é instantaneamente desfeito... nossas escolas voltam ao Bem e o Mal, como elas sempre foram.”

“Então, temos dez dias para endireitar esse navio”, disse Albemarle, o pica-pau, seguindo atrás dos outros líderes dos Grupos Florestais. “Eu vou preparar as programações.”

“Eu vou aprontar as salas de aulas”, disse o professor Lukas, que leciona Cavalheirismo.

“E EU VOU ACORDAR ESSE BANDO DE FRACASSADOS”, rugiu Cástor, sacudindo seu pelo.

Bezzle arrotou alegre e saiu correndo atrás dele.

“Mas... e quanto a *mim*?”, perguntou Tedros, atrás deles.

“Você pode competir para a Prova, como todo mundo”, Manley disparou a resposta.

“*Competir*?”, Tedros disse.

“E quanto a m-mim?”, gaguejou Hort, encolhendo à forma humana. “Ele di-disse...”

“Ele não manda mais nada.” A voz de Manley ecoou, conforme ele desapareceu por baixo da escada do salão.

Hort encarou Tedros traído. O príncipe ficou vermelho, procurando a voz. “Mas como... como eles souberam...”

Cástor girou para a porta, enfurecido e de olhos vermelhos.

“SÓ PORQUE ESTAMOS DORMINDO, NÃO QUER DIZER QUE NÃO

PODEMOS OUVIR.”

Durante cinco noites, Sophie, Agatha e as bruxas se reuniram no Salão de Jantar para o Clube do Livro, discutindo possíveis esquemas para pegar o Storian e fazer o pedido para voltarem para casa. Entretanto, nenhum deles parecia isento de sérios riscos. A cada dia que passava, Agatha ficava mais duvidosa de cada novo feitiço. Sophie cada vez mais afiada com ela, e ambas cada vez mais convencidas de que a Prova aconteceria conforme planejado. Juntas, elas decidiram que na noite de sexta elas escolheriam um plano, pois o tempo estava se esgotando.

Oito e meia, Agatha e Dot desceram ao Salão de Jantar, freneticamente comparando feitiços, só para encontrarem Sophie, Hester e Anadil em pé, do lado de fora da porta.

“Temos um problema.” Hester deu um passo para o lado, revelando o cartaz colado acima do aviso do Clube do Livro.

TESTES PARA A PEÇA, ESTA NOITE

Uma representação da História dos Feitos Femininos

Observação: se ninguém aparecer, não haverá peça.

*exceções nos desafios, para os que não aparecerem.

Professora Sheeks, Diretora da Peça

*exceções nos desafios são proibidas pela Reitora.

Pólux, Supervisor da Diretora da Peça e Consultor Criativo

“Não podemos nos mudar para outro lugar?”, perguntou Dot.

“Esse é o único lugar aonde as borboletas não vêm”, disse Sophie, preocupada. “Nós já perdemos uma semana. Precisamos de um plano esta noite.”

As meninas caíram em silêncio.

“Creio que vamos fazer o teste para *Uma representação da História dos Feitos Femininos*”, Agatha disse mal-humorada. Então, ela viu a expressão empolgada de Sophie e franziu o rosto. “Você não vai ganhar um *papel*.”

Dez minutos depois, Sophie estava pulando na frente da cortina, num palco improvisado no Salão de Jantar, apresentando um monólogo com sotaque inexplicável. “Ouça-me Prrríncipe Humperdink! Não se iluda com minha beleza e meus encantos. Sou uma mulher simplesss. De mente simplesss, coração simplessss, mas não interrrprete isso como um espírito simplesss.”

Ela baixou o olhar, para a professora Sheeks e a cabeça de Pólux, em cima da mesa, ambos olhando e piscando.

“Achei que foi até bom”, pavoneou Pólux.

Uma mão a puxou para trás da cortina.

“Foi sutil demais?”, disse Sophie, olhando a fila insignificante de garotas esperando a vez.

“A única coisa sutil é sua chance de viver”, disse Hester, fumegando. “Nós estamos decidindo sobre um plano e vamos decidir agora. Todo mundo fala sua melhor ideia.”

“Eu descobri um Feitiço de Arremesso de Aranha que cola você no teto”, disse Anadil, recostando na janela. “Dá para ficar escondida nas tubulações de ventilação durante vários dias.”

“E onde eu vou tomar banho?”, disse Sophie. “Aonde eu vou comer?”

“Você come?”, disse Anadil, boquiaberta.

“Nós poderíamos mandar meu demônio roubar a caneta”, refletiu Hester. “Ele certamente vai passar pelo escudo.”

“E se ele for pego? Se o seu demônio morrer, você também morre”, respondeu Sophie. “E agora que estou pensando nisso, é uma ideia adorável.”

“E se eu transformar vocês em legumes?”, disse Dot. “Os meninos não comem legumes.”

Todas olharam para ela.

“Agatha?”, disse Sophie. “Você certamente achou algo, não?”

Durante todo aquele tempo, Agatha estivera quieta, remexendo em suas botinas, pois estava contando que as bruxas encontrassem algo perfeitamente seguro. Mas agora ela teria de enfrentar o que sempre suspeitou.

“Não há nada seguro, não importa o que escolhermos”, disse ela. Ela olhou para Sophie com os olhos cheios d’água. “Isso é culpa minha... nós vamos nos dar mal naquela Prova, e é culpa minha...”

“Mas... mas... nós não podemos morrer, Agatha”, disse Sophie, com a voz rouca. “Não depois que finalmente ficamos amigas de novo.”

Agatha sacudiu a cabeça. “Eles vão nos encontrar, Sophie. Qualquer um desses feitiços... eles vão nos encontrar...”

Ela parou, pois seus olhos captaram alguma coisa do lado de fora da janela.

“Agatha?”, Sophie perguntou.

Agatha pôs as mãos no vidro, enquanto as bruxas se aglomeravam ao seu redor.

“Ah, é só a Helga”, Sophie bufou, olhando a gnomo desgrenhada de vestido lilás, correndo pela Floresta Azul, até sua toca, perto do riacho. “Mas é estranho. Ela parece mais magra... eu não sabia que gnomos fazem dietas. E o cabelo dela também está diferente! Parece um... parece um...”

Agora, todas as garotas estavam com os narizes colados no vidro, chocadas.

“Não pode ser”, Hester resfolegou.

Conforme a gnomo entrou na toca de Helga, com o vestido e o chapéu de Helga, um rosto que não era o de Helga espiou pelo buraco, para assegurar-se de que ninguém tinha visto.

“Era uma menina, durante as aulas... tem sido uma menina, todos os dias”, disse Dot. “É impossível!”

Mas não era, pensou Agatha, com um sorriso desafiador, igual ao da Reitora. Pois ela tinha visto o feitiço que tornava isso possível, tinha perdido e agora encontrado.

O feitiço que escondera Yuba no castelo inimigo todo esse tempo.

E o feitiço que agora ajudaria Sophie e ela a fazerem o mesmo.

15
As cinco regras

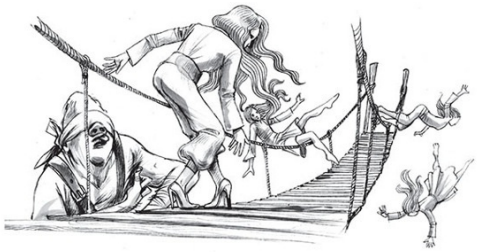
“Eu não entendo”, Sophie cochichou para Agatha. “O que tudo isso tem a ver com entrar na escola dos *garotos*?”

Agatha ignorou-a, encarando Helga, a gnomo, colada a uma cadeira de balanço, com seus cabelos brancos compridos cobertos de fragmentos de alface. “Ou você nos conta como faz, ou nós vamos entregá-la à Reitora.”

“Acho essas acusações profundamente ofensivas”, retrucou Helga, com a voz tensa e aguda. “Todos os homens foram expulsos...”

“Nós vimos você, Yuba”, disse Hester, de braços cruzados, ao lado de Dot. “Nós vimos seu *rosto*.”

“Yuba? Eu? Absurdo”, Helga disse, de cara feia, esforçando-se para pegar um negócio branco, que estava fora de alcance. “Agora, saiam de uma vez, antes que eu mesma chame a Reitora.”



“Por favor! Nós precisamos de sua ajuda”, implorou Agatha.

“Mas como ela pode nos ajudar com *meninos*? E por que vocês não param de chamá-la de Yuba?”, Sophie importunava, apontando a gnomo deselegante. “Eu sinto que está faltando alguma coisa...”

“Um *cérebro”*, murmurou Hester.

Com as borboletas geralmente dormindo àquela hora, as meninas esperaram um tempo, até depois de meia-noite, antes de se revezarem para irem escondidas até a Floresta Azul (Anadil foi pega por Pólux e precisou abortar o plano). Não

havia como se espremer para entrar no buraquinho minúsculo da gnomo que elas haviam visto, mas Dot tinha revirado a terra ao redor e o restante pisoteou com força, assustando Helga em sua toca. Enquanto as bruxas amarravam a gnomo à cadeira, Agatha remexia nos pequenos móveis e prateleiras de livros, à procura de sinais de habitação masculina. Mas os lençóis cheios de fru-fru e a abundância de vasos de flores e papel de parede decididamente tinham um toque feminino.

Sophie franziu o rosto ao cheirar um vaso de flores. “Mas que estranho...”, disse ela. “Nunca conheci uma garota que gostasse de *hortênsias*.”

Agatha fungou para Helga, como se essa idiotice fosse prova suficiente. “Nós sabemos sobre o feitiço de Merlin, Yuba. Nós vimos em nosso livro. Sabemos que você usou.”

“A Reitora revisou todos os textos do irmão, para refletir sua própria agenda”, Helga disparou, corando. “Além disso, o que eu sei sobre os feitiços de Merlin?”

“Só o que você mesmo ensinou ao Merlin”, disse uma voz.

Todos viraram para Dot, na frente de uma prateleira de livros, olhando *Minha vida na magia*, de Merlin de Camelot. Ela o segurou aberto na primeira página, olhando a gnomo.

Para Helga e Yuba
Grande Mestre que tive

“Deveria ser *mestres*, não?”, disse Dot.

O ambiente caiu em silêncio.

Agatha ajoelhou-se diante da velha gnomo. “Sobrevivendo a Contos de Fadas. É o que você leciona.” Ela pegou a mão enrugada de Helga. “E nós não podemos sobreviver ao nosso, sem você.”

As pupilas cinzentas de Helga colaram no chão, sem conseguir olhar a aluna, por um longo tempo. Lentamente, seu cabelo branco comprido retraiu para dentro de seu crânio, ficou curto e crespo. As rugas de seu rosto se aprofundaram magicamente e a pele engrossou, assumindo um tom bronzeado, de onde brotou uma barba branca. As bochechas murcharam, seu nariz achatou, as sobrancelhas ficaram mais cheias, o corpo tomou um formato de barril... até que finalmente, Yuba, o Gnomo, ergueu os olhos para suas antigas alunas, com o mesmo vestido lilás e os saltos oscilantes.

“Se importam se eu me trocar?”, ele perguntou baixinho.

Sophie ficou olhando boquiaberta para sua antiga professora de Grupo Florestal, transformada em um garoto. Ela virou para Agatha, impressionada.

“É *assim* que você quer nos colocar na escola dos meninos? Transformando-nos em... gnomos?”

Agatha bateu com a cabeça na parede.



Em um sofá de lã empoeirado, Agatha, Sophie, Hester e Dot seguravam canecas de chá de nabo, olhando de um lado pro outro, enquanto Yuba andava pela sala, com seu casaco verde de cinto, e chapéu laranja de cone.

“A ironia de lecionar é que nós frequentemente ensinamos o que já não sabemos mais fazer. Embora há 115 anos eu venha ensinando sobrevivência na Floresta Sem Fim, eu não duraria nem mais um dia fora desses portões”, disse o gnomo, sem se esforçar para disfarçar a voz. “Quando a expulsão aconteceu, eu precisava permanecer aqui em segurança, até que o equilíbrio fosse restaurado. O disfarce como Helga foi a única forma. Ninguém jamais me descobriria. Ninguém teria a menor pista.” Ele encarou Sophie e Agatha, espremidas, uma ao lado da outra. “Porém, devido ao que vocês fizeram às regras do Bem e do Mal, eu não estou surpreso que estejam de volta para arruinarem as regras de Meninos e Meninas.”

Sophie aproximou-se de Agatha. “Eu realmente não vejo como nos transformar em gnomos pode arruinar qualquer...”

Agatha deu-lhe uma cotovelada e Sophie calou a boca.

Yuba deu um gole ruidoso em seu chá e recostou na cadeira de balanço. “Gnomos são diferentes de outras criaturas da Floresta, por dois motivos”, disse ele. “De seu trabalho em aula, Hester certamente pode nos dizer o primeiro.”

“Eles sempre são neutros nas guerras”, Hester respondeu confiante.

“Isso mesmo. Gnomos jamais se envolveram num conflito, ao longo de dois mil anos. Nós mantivemos a paz entre nós e os outros, sem exceção.”

Sophie bocejou e começou a servir mais chá.

“O segundo motivo por sermos diferentes é menos conhecido e não será encontrado em livros”, disse Yuba. “Os gnomos nascem com a habilidade de mudar de sexo.”

Sophie errou sua xícara e serviu chá no colo de Hester.

“Temporariamente, é claro”, prosseguiu o gnomo, ignorando os xingamentos de Hester. “Gnomos meninos podem se transformar em gnomos meninas e meninas em meninos, conforme quiserem, até amadurecerem, quando revertem permanentemente ao sexo que nasceram.”

Agora Sophie deixou a chaleira cair em Hester.

“Não se admira que meu pai nunca tenha deixado que nos aproximássemos de gnomos, na Floresta de Sherwood”, Dot disse maravilhada, enquanto Hester batia em Sophie, com uma almofada. “Provavelmente achou que eles fossem contagiosos.”

“O xerife não está sozinho em seu raciocínio”, Yuba suspirou. “Contudo, essas duas propriedades de gnomos eram de profundo interesse de Merlin, o maior aluno que estudou na Escola do Bem e do Mal. Em seu tempo livre, e frequentemente nessa mesma caverna, ele fazia experiências e estudava a biologia dos gnomos tão intensivamente que suas notas sofriam as consequências. Foi por isso que ele acabou sendo um Auxiliar do pai de Arthur, em lugar de um herói de sua própria fábula.”

“Mas por que Merlin daria importância ao fato de gnomos serem pacíficos, ou mudarem de sexo?”, perguntou Agatha.

“Porque ele acreditava que as duas coisas estavam ligadas”, disse Yuba. “Ele acreditava que o breve período de transformação permitia aos gnomos serem mais sensíveis e conscientes que outras criaturas. Se houvesse uma maneira de os humanos terem essa experiência, mesmo que por um momento, vocês também seriam tão pacíficos e amorosos quanto os gnomos. Todas as guerras seriam evitadas, todos os conceitos de Bem e Mal dissolvidos... a humanidade aperfeiçoada.” Yuba parou. “Ele era um sujeito tão fervoroso que eu não tive como deixar de acreditar nele.”

Agora Sophie e Hester estavam prestando atenção.

“Então, você o ajudou a encontrar um feitiço?”, perguntou Agatha. “Um feitiço para transformar humanos meninos em meninas, e meninas em meninos?”

“Um feitiço temporário, que funcionaria para qualquer espécie”, disse Yuba. “Melhor fazer sob minha supervisão do que tentar um feitiço tão perigoso sozinho.” O gnomo engoliu em seco, tristonho. “Muito tempo depois de ter ido embora da Escola do Bem e do Mal, ele voltava para trabalhar comigo, na fórmula. Na verdade, por isso que eu ainda tinha a receita, pois eu sempre passava meu tempo livre aprimorando e testando em mim mesmo, antes de sua visita seguinte. Nós levamos vinte anos para aperfeiçoar o feitiço – até que Arthur fez uso dele para atacar Lancelot, por todos os motivos errados. Sabotagem, subterfúgio, vingança... Em vez de trazer a paz, o feitiço de Merlin agora espalhava maldição pelos reinos e destruía os homens de todas as épocas.” As lágrimas brotavam nos olhos de Yuba.

“Merlin fugiu pouco antes que os exércitos viessem atrás dele, mas eles queimaram uma vida inteira de trabalho que ele tinha deixado para trás. Sem a esposa e seu amado conselheiro, Arthur sucumbiu à bebedeira e à mágoa. Ninguém mais voltou a ver Merlin.”

Yuba pousou sua xícara. “Mais tarde, o professor Sader obliterou o episódio de suas histórias, com receio do constrangimento que isso poderia causar ao filho de Arthur. Mas a Reitora não tem essa consideração por um menino.”

“Nem nós”, disparou Sophie, levantando. “Aquele *menino* está planejando nossa execução, enquanto falamos...”

“E o feitiço de Merlin é nossa única maneira de entrar em seu castelo”, insistiu Agatha.

“Portanto, por favor, nos dê”, disse Sophie bufando na direção de Yuba, “para que eu e minha amiga possamos ir para ca...”

Ela parou, no meio dos passos, piscando.

“Agatha, querida? Sem querer ser indelicada, mas como, exatamente, o feitiço de Merlin pode nos ajudar? Não tenho a intenção de dizer que nossa noite foi uma corrida atrás do próprio rabo, ou que você planejou isso muito mal, mas o que possivelmente fazemos com um feitiço tão grotesco que transforma meninos em meninas, e meninas em...”

Os olhos de Sophie subitamente se arregalaram.

“Lá vem”, Dot murmurou.

Sophie virou-se para Agatha. “Mas... mas você não vai querer que a gente... você não estava falando de...”

“E se você encontrar o Storian...”, o gnomo disse à Agatha, “haverá paz?”

Agatha deu um sorriso triste. “Foi um pedido que começou essa guerra, Yuba. Agora, um pedido pode acabar com ela.”

“Um MENINO?”, Sophie deu um gritinho, pondo a mão na barriga. “AGATHA, VOCÊ QUER QUE EU SEJA UM... *MENINO*?”

“É o único jeito de fazermos o pedido, uma pela outra, sem que Tedros nos descubra”, disse Agatha, finalmente olhando para ela.

“Mas... m-me-meninos? Dois... *m-m-me-meninos?*”

Yuba limpou a garganta atrás delas. “Receio que apenas uma possa ir.”

“O quê?”, disse Agatha, girando...

“Eu deixei minhas anotações na sala de aula de Sheeba, quando as borboletas me ouviram colhendo os ingredientes”, disse Yuba, curvando-se acima do vaso de plantas com hortênsias. Ele enfiou a mão na terra e tirou um vidrinho em formato de gota, cheio com um líquido fluorescente lilás. “Mais tarde, quando eu

voltei, a receita tinha sumido. Estou velho, com a memória ruim, e não consigo remontá-la, por mais que eu me esforce. Essa é minha última dose de poção.” Ele olhou para as duas meninas. “É o suficiente para que uma de vocês fique no castelo dos meninos por três dias.”

Agatha empalideceu. “Mas como você vai lecionar... como vai ficar nesta escola...”

“Estou disposto a arriscar minha vida, se isso significa a paz”, respondeu Yuba.

Nem Sophie, nem Agatha disseram nada, por um momento, olhando a poção enfumaçada na mão dele.

“Eu irei”, disse Agatha, bruscamente pulando na direção do frasco.

“Não! Eles vão matá-la!”, gritou Sophie, agarrando-a. “Nós não podemos nos separar agora... não depois de tudo...”

“Alguém tem que trazer a caneta de volta...”, disse Agatha, se soltando dela.

“Mande a Hester!” Sophie deu um gritinho, empurrando a bruxa tatuada à frente.

“Eu?”, rugiu Hester, empurrando-a para trás. “Agora eu estou sendo arrastada para isso?”

“Olhe, isso é ideia minha. Então, eu irei”, Agatha bradou.

“Ou a Dot!”, disse Sophie, empurrando Dot à frente. “Ela está sempre tentando ser útil...”

“Eu não quero ser um menino!”, Dot gritou, e saiu correndo ao redor do sofá, com Sophie em seu encalço.

“Vamos fazer um sorteio!”, Sophie resfolegou, agarrando um dos cadernos de Yuba, desesperadamente arrancando as páginas...

Yuba segurou a mão dela. “Há vidas em jogo, duas escolas em guerra... e você quer tirar a sorte? Não, não, não”, disse ele, enfiando o frasco no casaco. “Eu que deveria ir, é claro, mas os meninos certamente irão desconfiar de um gnomo em seu meio, devido a nossa inclinação pela paz. E se eu não puder ir, só há *uma* forma de resolver isso. Um desafio apropriado, exatamente como essa escola exige. E certamente não há motivo para que Hester ou Dot deixem de ir, ou até Anadil vá, já que vocês sem dúvida contarão tudo que se passou aqui, esta noite.”

As meninas olharam-no, boquiabertas.

“Amanhã, nós escolhemos nosso menino”, disse Yuba, botando todas elas para fora. “Os Grupos Florestais existem precisamente para distinguir os que podem sobreviver nas mais desoladoras condições dos que estão destinados a

fracassar.”

Enquanto as meninas saíam de sua toca forrada de fragmentos de folhas, em direção ao túnel, Sophie ficou radiante de alívio. “Está vendo? Hester vai pegar a caneta! Hester ganha tudo...”

“Nunca mais farei amizade com Sempre”, disse Hester, furiosa, empurrando Agatha com força, conforme ela caminhava por entre as árvores.

Agatha observou-a se afastando, sentindo-se culpada. “Eu que deveria ir”, ela disse a Sophie. “Como ele pode deixar isso por conta de um desafio? Isso não faz sentido algum...”

Dot entrou no meio delas, lambendo verdura dos dedos. “Isso é porque vocês não ouviram falar das Cinco Regras.”

“Eu acho que devemos fracassar de propósito”, bufou Anadil.

“E acabarmos virando uma salamandra, durante a trilha? Não, obrigada”, resmungou Hester, e as duas bruxas de preto seguiam Sophie, Agatha e as meninas de uniformes azuis que saíam dos portões, para os Grupos Florestais. “O que eu não entendo é como você ou eu vamos trazer o Storian de volta. A torre do Diretor da Escola segue para qualquer lugar que a caneta vá. Se nós a roubarmos, a torre irá nos seguir...”

“Imaginem se eu ganhar?”, disse Dot, aflita, alcançando-as. “Eu derrotei todo mundo, na eliminatória de elaboração de maçãs envenenadas, hoje de manhã!”

“É porque teve a ver com comida”, murmurou Anadil.

Cantarolando uma canção alegre, Sophie notou que Agatha ainda estava abatida, depois da noite passada. “Agatha, é realmente a melhor solução”, Sophie cochichou para ela, quando algumas borboletas vieram voando acima. “Hester vai pegar a caneta num instante. Nós escreveremos FIM antes que a Reitora desconfie de alguma coisa!”

Apesar de sua inquietação quanto a envolver as bruxas nisso, Agatha sabia que Sophie tinha razão. Se houvesse uma pessoa em quem se podia confiar para cumprir rapidamente uma missão, era Hester.

“Mas é a última poção de Yuba”, Agatha disse, preocupada. “Como ele irá sobreviver aqui?”

“Acho que ele ficará muito bem”, Sophie fungou.

Agatha seguiu seus olhos até o mar de meninas, sentadas na frente da ponte do Riacho Azul, que um dia tinha sido feita de pedras, e agora havia sido substituída por placas frágeis suspensas por duas cordas grossas. As meninas olhavam, em silêncio, vendo o velho gnomo em pé sobre uma ponte de corda, de

vestido lilás e saltos bambos, com o rosto totalmente oculto por bolhas vermelhas, seus cabelos escondidos por baixo de um lenço horrendo, amarrado embaixo do queixo.

“Isso é uma doença altamente contagiosa e de duração indeterminada, portanto, eu aconselho que mantenham distância”, Yuba disse, em sua melhor voz de Helga. “Bem, já que vocês logo devem precisar sobreviver em meio aos meninos, talvez seja hora de todos lembrarmos das Cinco Regras.” Ele lançou um olhar para Agatha, Sophie e as bruxas, enquanto escrevia no ar, com sua varinha de fumaça:

1. Meninas abrandam. Meninos endurecem.
2. Meninas refletem. Meninos reagem.
3. Meninas expressam. Meninos reprimem.
4. Meninas desejam. Meninos caçam.
5. Meninas têm cautela. Meninos ignoram.

Agatha fez uma careta. “Essas regras são sexistas e subestimam...”

“Diz a menina ignorada, reprimida e caçada por seu príncipe”, respondeu Sophie.

Agatha calou.

“Como todas vocês sabem, por conta de suas aulas de história do ano passado, Ingertrolls são trolls do sexo feminino e são mais encontradas embaixo de pontes, em Netherwood e Runyon Mills”, disse Yuba. “E, só por hoje, embaixo da nossa própria árvore.”

As meninas olharam embaixo da árvore e viram o outro grupo de meninas soltando uma troll ossuda e de olhos vendados, com pele frouxa, de escamas rosadas, como a de um salmão. Ela sentou agachada como uma criança, balançando a língua tolamente, coçando as axilas peludas e engolindo moscas.

“Ingertrolls são bastante afeiçoadas a jovens rapazes e farão qualquer coisa para separá-los de suas amadas”, prosseguiu Yuba, franzindo o rosto para Yara, conforme ela entrou e sentou na fileira da frente. “Se um casal passar em sua ponte, uma Ingertroll irá jogar a menina da ponte e deixar que o menino passe ileso. Então, para o desafio de hoje, cada uma de vocês tentará atravessar nossa ponte sem ser arremessada – façanha que nenhuma garota, Sempre ou Nunca, jamais conseguiu realizar nessa escola.” Ele olhou para Hester, confiante. “Mas a aluna verdadeiramente excepcional, conseguirá.”

Enquanto todas as garotas formavam uma fila na ponte, Agatha questionou

como 120 garotas poderiam ter seus turnos individuais, até a hora em que a aula terminasse – e obteve sua resposta quando Yara deu seu primeiro passo e foi atirada grasnando em direção às árvores, antes que pudesse dar o segundo. Uma menina após a outra, mal conseguia passar a primeira tábua, era jogada à esquerda ou à direita pela Ingertroll, que estalava as gengivas e sacudia o traseiro.

"Usem as regras!", Yuba berrou, apertando seu lenço.

Mas as regras também não adiantaram. Dot foi lançada aos pinheiros Periwinkle, Anadil foi parar no Riacho Azul e Hester aterrissou no campo de samambaias, antes que Agatha fosse lançada, mais depressa que todas as outras, na Mata Turquesa.

"Pelo menos, você chegou à segunda tábua", Agatha suspirou para Hester, arrancando os espinhos de seu traseiro. "No fim das contas, parece que é você."

"*EEEIIIIII*!!!"

Elas olharam acima e viram Sophie gritando, agarrada à corda como uma vaqueira, enquanto a Ingertroll tentava arremessá-la. Sophie teria alegremente permitido, exceto por um pequeno problema.

"MEU SAPAAAAATOOOO!", berrou ela, puxando freneticamente o salto de seu sapato, preso na tábua. "ESTÁ PRESOOO!"

"E você diz que ela mudou?", Hester franziu o rosto.

"A velha Sophie teria impedido que o Tedros me beijasse", disse Agatha, retraindo-se, quando Sophie disparou um monte de palavras nada femininas.

"E você acreditou nela? Que outra pessoa causou seus sintomas? Que agora ela é do Bem?"

"Duvidar de Sophie foi o maior erro que eu já cometi. Coloquei todas as nossas vidas em risco", disse Agatha, enquanto a troll sacudia a ponte e Sophie continuava gritando, de cabeça para baixo. "Agora, eu acredito no que vejo, Hester, e aquela é uma amiga tentando fazer tudo para que eu chegue em casa a salvo."

Hester parou, assimilando isso. "Olhe, eu vou aturar esse feitiço medonho e levar vocês duas para casa. Mas só se isso realmente for o que vocês desejam, dessa vez."

Agatha se virou, surpresa. Por um instante, ela se esqueceu da menina lobo uivando atrás dela.

"Ficar com a Sophie lhe fará mais feliz do que com um príncipe?", disse Hester.

Agatha desviou o olhar, tensa. "Houve uma época em que tudo que precisava

para ser feliz era ter uma amiga, Hester. Então, eu achei que precisasse de mais. Esse é o problema com contos de fadas. De longe, eles parecem perfeitos. Mas, de perto, são tão complicados quanto a vida real."

Hester encarou-a. "Você será mais feliz com ela ou com um príncipe?"

"Tedros nunca me amou. Se me amasse, teria confiado em mim."

"*Ela* ou um *príncipe*."

"Aqui não é meu lugar. Meu lugar não é com um príncipe..."

"Agatha..."

"Isso já não é mais uma escolha, Hester!", Agatha gritou, com a voz falhando. "Não existe Tedros!"

Hester ficou sem palavras.

Agatha se recuperou, conseguindo dar um sorriso. "Além disso, quem poderia me amar tanto quanto a Sophie?"

"AGATHAAAAA, SOCOOOORROOOOO!" Miava a voz de Sophie, e as duas meninas viraram para vê-la montada nas cordas da ponte como uma bailarina desvairada.

"Não faço ideia de como essa menina sai da cama de manhã", suspirou Agatha.

Finalmente, a Ingertroll parou de balançar a ponte e tentou arrancar o pé de Sophie do sapato... para receber uma bela bofetada.

"Que grosseira!", Sophie ralhou e assustou a troll. "Até o príncipe da Cinderela pediu permissão!" Sophie soltou o sapato e deu uma sapatada na troll. "E isso é por causar problemas aos pares perfeitamente felizes", disse ela, sorrindo para Agatha, enquanto a troll inflava vermelha de fúria, prestes a golpeá-la. Sophie olhou-a, de cima para baixo. "Sabe de uma coisa? Eu era igualzinha a você."

A troll murchou, confusa.

"Mas agora eu tenho a minha amiga de volta", sussurrou Sophie. "Uma amiga que me faz ser do Bem." Ela afagou a cabeça da troll. "Espero que um dia você também encontre uma amiga."

Ela deixou a criatura boquiaberta e caminhou em frente, acomodando-se numa rocha para substituir seu sapato. "Agora eu vejo por que Agatha usa aqueles sapatos horrendos que..."

Sophie percebeu onde estava e ergueu-se, de um salto.

Yuba estava de olhos arregalados do outro lado da ponte de cordas.

"Não, não, não...", Sophie gritou, acenando para descartá-lo.

"Cada uma das regras foi desobedecida com tanta maestria que você

conseguiu convencer o mais sagaz dos monstros de que você não tem nada de menina!”, Yuba gritou.

Um número “1” de ouro explodiu acima da cabeça de Sophie, como uma coroa. “Isso... isso foi um acidente!”, ela gritou, acenando, quando todas as classificações das outras meninas surgiram.

Mas o gnomo estava indo alegremente em direção à sua toca. “Tem aparência de menina, age como menina... quem poderia saber!”, ele tagarelou, sorrindo para Sophie, enquanto subitamente uma fumaça sutil começou a erguer de sua vareta, subindo pelo ar...



Sophie ficou verde. Ela lentamente olhou para baixo e viu Agatha e as bruxas ainda mais pasmas que o restante da turma.

Porque a única menina que elas nunca, jamais poderiam imaginar sobrevivendo como um menino, estava prestes a se transformar em um.

16
Um menino com um nome qualquer

“Isso é o que você sempre quis, não? Um papel grande o suficiente para ser compatível com você!”, disse Agatha, como quem fala com uma criança, passando com Sophie pelo Túnel de Árvores. “E quem melhor para interpretar esse papel do que você?”

Segurando a capa fechada com mais força, Sophie corria na frente, adentrando a Clareira agora salpicada de neve, pouco iluminada por duas tochas no portão da Floresta Azul. Ela insistira para que as bruxas ficassem no castelo, esta noite. Ter um gnomo e sua melhor amiga presentes *já era humilhação suficiente.*

Yuba havia escolhido as 9 horas cuidadosamente, pois a maioria das meninas estava no banho, em reuniões de clubes, ou ocupada, estudando para a próxima eliminatória para a Prova, enquanto as borboletas tendiam a pousar nas balaustradas do vestíbulo, inertes em relação a tudo, exceto o ruído mais notório. Com Beatrix na aula de fluência em elfo e a Reitora em seu escritório, elas tinham tempo suficiente para revisar o plano. Como Agatha explicaria o desaparecimento de sua amiga, Sophie perguntava, repetidamente, mas a amiga rebatia suas perguntas – sem dúvida porque ela não tinha as respostas.



“Talvez você até goste de ser menino”, Agatha prosseguiu falando, enquanto as botinhas trituravam a neve. “Pense nisso como uma fantasia... pense nisso como um espetáculo...”

“Só que a plateia está tentando me matar”, Sophie rugiu.

Ela tinha ouvido as botinas da amiga pisando lentamente atrás dela.

“Como posso deixá-la sozinha com ele?”, sussurrou Agatha, tremendo em sua capa.

Sophie ficou imóvel, ouvindo o relógio da torre da Coragem batendo suas badaladas e parando, os flocos de neve derretendo junto ao seu pescoço. “Tudo de bom em mim é por sua causa, Agatha. Não será hora para que também faça algo do Bem, por você?”

Ela virou-se para ver Agatha, coberta de neve, sob a luz da tocha, com o sorriso torto que ela tinha, naqueles primeiros dias de amizade, tão surpresa por Sophie querer passar um tempo com ela.

“Eu vou lhe dever essa, está bem?”, disse Agatha, com os olhos brilhando. “Mesmo que eu tenha que assinar seu musical.”

Sophie retribuiu com um sorriso.

Elas duas notaram a vareta branca de Yuba apontando para fora da toca, a distância, remexendo impacientemente.

“Ouça, tente conseguir ficar de guarda na torre... *é* assim que você conseguirá pegar a caneta...”, Agatha tagarelou de novo, ao pegar a mão de Sophie e puxá-la para dentro da Floresta. “E fique atenta a algum feitiço estranho... isso que o Tedros usou contra mim...”

Mas Sophie não conseguia mais ouvir a voz de Agatha. Somente as batidas de seu próprio coração, sabendo que havia chegado a hora.

“Alguma pergunta sobre o plano, depois que Sophie se transformar?”, Yuba

cochichou para Agatha, com o rosto limpo das espinhas mágicas que ele aplicara em si mesmo, durante a aula. Ele olhou para Sophie servindo-se de um copo d'água na cozinha, e baixou ainda mais o tom de voz. *"É o meio mais garantido que ela tem para entrar no castelo dos meninos."*

"M-mas você tem certeza de que isso dará certo?", Agatha sussurrou de volta, intimidada pelo que o gnomo estava propondo. "Suponhamos que os crocodilos pensem que ela é uma..."

Ela segurou a língua, pois Sophie tinha parado de bombear a água e agora podia ouvir.

"Sophie, nós só estávamos esperando por você", Agatha logo disse, sacudindo as mãos como se estivesse abrindo uma cortina. "Lembre-se de que o feitiço só dura três dias..."

"O que dá a Sophie tempo somente até o início da Prova", disse o gnomo. "Sophie precisa pegar a caneta e o livro de história antes disso." Ele acendeu o fogo com sua vareta e sua sala ganhou um brilho quente. "Lembre-se, a torre do Diretor da Escola irá perseguir Sophie, assim que ela pegar o Storian, e os meninos saberão que foram enganados. Agatha, você precisa estar esperando, no instante em que ela regressar, pronta para fazer seu pedido. A caneta escreverá FIM em seu livro, e vocês duas terão partido antes dos ataques dos meninos."

Agatha engoliu em seco. "E Sophie pode reverter para menina, assim que ela fugir?"

"Da mesma forma que ela faria a desmogrificação. Sem qualquer efeito residual."

"Está ouvindo isso, Sophie?", disse Agatha, pendurando a capa da amiga no gancho da cortina. "Você pode reverter isso sem qualquer..."

Mas Sophie ainda estava curvada na cozinha, olhando pesarosa para seu reflexo no vaso de flores.

Agatha chegou por trás dela. "Precisamos fazer com que você chegue lá antes da hora de recolher."

Sophie deu uma última olhada em seu rosto, depois forçou um sorriso e passou por Agatha, em direção à cortina, falando com ela mesma. "Meninos sempre interpretavam meninas, no velho teatro, não é?... uma bela dose de faz de conta... um *tour de force*, até... *Brava! Brava!"*

Agatha acenou para Yuba dar a Sophie a poção, assim que possível.

Alguns instantes depois, Sophie estava atrás da cortina de bambu, segurando o frasco. "Só uma pitada de faz de conta", disse ela, começando a convencer-se disso.

“Beba em pequenos goles”, disse a voz de Yuba, do outro lado. “Isso facilitará o processo.

Respirando fundo, Sophie arrancou a rolha da garrafinha em formato de gota. Veio uma onda de sândalo, almíscar e suor que a cegou, e ela recolocou a rolha, tossindo e espirrando. Segurou o frasco distante de si e ficou olhando a poção violeta perigosamente esfumaçando. Isso não era faz de conta.

O silêncio começou a envenenar a toca do gnomo.

“Se você não conseguir, eu vou”, Agatha disse baixinho. “É só dizer.”

Sophie pensou em todos os tormentos que sua amiga tinha suportado durante o último ano – voar por entre labaredas como um pombo, sobreviver durante semanas como uma barata, arriscar a vida numa tubulação de esgoto, enfrentar o assassino do Diretor da Escola...

“Eu preciso de mais que uma amiga”, Agatha dissera ao seu príncipe.

Sophie imaginou Agatha envolvida nos braços dele para sempre, loucamente apaixonada... Sophie afastou o pensamento, em pânico. Fazer isso mostraria a Agatha o quanto ela precisava da amiga.

Fazer isso faria com que Agatha jamais voltasse a duvidar dela.

Num lampejo, Sophie arrancou a rolha e tomou a poção, em um gole só. Um gosto amargo e ácido irrompeu por ela, que segurou o pescoço em choque, ouvindo o frasco estilhaçando no chão. Ouviu Agatha gritando por ela e Yuba a impedindo, antes que suas vozes fossem engolidas por seus rugidos silábicos. A pele do rosto esticou como massa de vidraceiro, se remodelando sobre seus ossos, enquanto seu cabelo encrespava e encolhia para dentro da cabeça.

Enquanto a poção rançosa invadia seu peito, Sophie sentiu seu corpo inteiro inflar como um balão cheio de cimento, com os ombros forçando seu uniforme de menina, arregaçando as costuras. Seus antebraços estufaram com veias azuladas; seus pés incharam e arquearam, com pelinhos brotando em seus dedos dos pés; suas panturrilhas cresceram como melões, fazendo-a perder o equilíbrio. Então, veio o calor, infernal, incinerante, irrompendo por cada poro. Toda vez que ela achava que tinha terminado, a dor se espalhava mais, cada parte dela tomada e reconstruída, até que Sophie se encolhesse como uma bola, no chão, rezando para que tudo isso fosse um sonho, um sonho do qual ela despertaria numa cova vazia, enquanto sua mãe lhe dava um abraço e secava suas lágrimas, sussurrando que tudo tinha sido um equívoco.

“Sophie?”

Nada de resposta.

Agatha se soltou de Yuba. “Sophie, você está bem?”

Quando não houve nenhuma resposta, Agatha lançou um olhar preocupado ao gnomo e correu até a cortina...

Algo se remexia ali atrás e Agatha gelou.

Lentamente, surgiu uma silhueta de alguém na expectativa. Ela sentia Yuba segurando na bainha de sua camisa, espiando atrás dela. Nas pontas dos pés, Agatha lentamente estendeu a mão até o capuz e puxou. Ela deu um passo atrás resfolegando, levando o gnomo junto. Quando ela percebeu, Sophie já tinha pegado o vaso de vidro da mesa e jogado contra a parede, choramingando de medo de seu reflexo.

Ela havia se transformado numa versão poderosa dela mesma, com queixo quadrado, cabelos louros cacheados, maçãs do rosto saltadas, sobrancelhas retas e olhos profundos, em tom esmeralda. De membros longos, mas de músculos definidos, ela parecia um príncipe encantado, com orelhas bem feitas, um nariz nobre e um furinho no queixo. Suas mãos seguravam a capa pequena com os dedos grossos, seus ombros eram largos, estreitando a uma cintura esguia, e seu rosto tinha um tom corado forte.

Sophie chiava como um balão perfurado. “Eu sou... eu sou um menino...”

Só que sua voz não parecia em nada com a de um menino.

“O feitiço só tem um contratempo. Você ainda continua com a mesma voz”, Yuba suspirou. “Respire fundo e fale em tom baixo e soará bem.” Ele mordeu o lábio, observando-a. “Mas o rosto forte... o tronco sólido... saiu um belo trabalho, eu diria. Nenhum daqueles rapazes vai desconfiar de nada.”

Mas os olhos de Sophie permaneciam em seu reflexo, duvidando do gnomo. Pois quando ela tocou seu rosto e a forma por baixo da capa, ela sentiu o menino externo, rijo e resistente como uma rocha. Mas, por dentro... por dentro, ela era a menina assustada e sensível que não queria deixar a amiga. Se olhassem atentamente, os meninos a descobririam. E ela estaria morta antes do amanhecer.

Ergueu os olhos para Agatha, que a fitava emudecida, diante do rosto esculpido no reflexo do vaso.

“Até mais bonito que um menino, eu tenho de dizer”, Agatha finalmente disse, maravilhada.

Sophie jogou as flores do vaso nela e Agatha abaixou-se. Sophie deu as costas, trêmula.

“Eu não sei ser um menino”, disse Sophie, com a voz aguda, as lágrimas escorrendo em seu rosto com barba por fazer. “Não sei como andar, ou agir...”

“Você ganhou o desafio por um motivo, Sophie”, disse Agatha, atrás dela. “Eu sei que você consegue fazer isso.”

“Não sem você”, disse Sophie.

Agatha tocou as costas da amiga, sentindo os músculos desconhecidos por baixo de seus dedos. “Eu preciso que você seja um menino agora”, disse ela, com a voz calma. “Apenas seja um menino e nos leve para casa.”

Sophie assentiu, em seu corpo estranho, e tentou parar de tremer. A fé de Agatha lentamente foi penetrando nela, acalmando seu coração. Elas já tinham passado por muita coisa, tentando continuar juntas... mas somente agora ela poderia levá-las ao FIM. Sua amiga estava certa. Agora ela era um menino e tinha que agir como um.

Respirando fundo, ela se preparou e virou para a luz.

“Eu preciso de roupas”, disse, com a voz baixa.

Agatha olhava o rosto endurecido de menino e, pela primeira vez, viu um estranho. Deu seu velho sorriso torto.

“Você precisa é de um nome.”

Hort abraçou seu travesseiro, ainda de cuecas, virando de um lado para o outro, em sua cama fedorenta, enquanto um príncipe grandalhão roncava como um gorila do outro lado do quarto.

A última semana tinha sido terrível. Com a Prova se aproximando, os professores tinham assumido e estavam determinados que os meninos recuperassem a Escola do Bem e do Mal. Não que Hort ainda ligasse para isso. Amanhã seria o primeiro dia das eliminatórias oficiais para a Prova. Ele ainda não tinha recebido um uniforme novo, os príncipes o chamavam de Verruga, os grandalhões estavam sempre roubando seu almoço e, sem Dot ali, ele não tinha mais com quem conversar.

Por que ele estava ali, naquele lugar horrível? O que o Diretor da Escola vira nele? Ele era um mau vilão, e um filho pior ainda.

Hort esfregou os olhos, pensando no corpo de seu pai, no Jardim do Bem e do Mal, com uma fila quilométrica de outros cadáveres, à espera de ser sepultado. Hort não podia sequer pagar um caixão, então seu pai estava à mercê de abutres que circulavam, e o Mantenedor da Catacumba estava a anos-luz de chegar até ele.

Hort cerrou os dentes. Se ganhasse a Prova, ele teria o tesouro para dar ao pai o mais belo caixão da Floresta. Se ganhasse a Prova, ele se vingaria da garota que partira seu coração. Ninguém jamais voltaria a questioná-lo por ser molenga...

Um ronco o tirou do transe e Hort pôs o travesseiro em cima da cabeça, tentado a se asfixiar e morrer. Não haveria tesouro algum. Não haveria vingança.

Porque aquele príncipe de peito estufado e peludo, na outra cama, ia entrar para a equipe da Prova e ele, todo magricela, não entraria.

Se eu tivesse ao menos um amigo aqui, Hort rezou pedindo. Um amigo que pudesse fazer com que ele se sentisse algo além de um fracassado. Fungando, ele encolheu os joelhos e se aproximou da janela, puxando as cobertas por cima da cabeça...

Hort deu um pulo e sentou, olhando pela janela, boquiaberto.

Havia um corpo na margem dos meninos, com as roupas rasgadas e manchadas de sangue. O luar surgiu por trás de uma nuvem, iluminando o antebraço claro do menino e, por um segundo, Hort viu os dedos mexerem.

Resfolegando, ele arrancou as cobertas e saiu correndo da cama.

Certamente, a melhor forma de fazer um novo amigo era começando por salvar sua vida.

“Qual é o seu nome?”, rosnou uma voz familiar.

Os olhos de Sophie se abriram, sua barriga definida junto ao chão, suas mãos grossas algemadas. Seus músculos novos doíam e uma névoa embaralhada embaçava sua visão. Ela se lembrava pouco de como havia chegado – apenas imagens fugazes da toalha de mesa esfarrapada de Yuba se transformando em uma túnica grande o suficiente para cobrir seu novo porte vigoroso (“Eu tenho ombros de elefante”, resmungou ela), seguindo sem jeito, atrás de Agatha e do gnomo, na direção da costa das meninas (“Por que tudo é tão rijo!?”) e conseguindo dar um tchau teatral (“Até logo, dignidade! Até logo, feminilidade!”), antes que Yuba a derrubasse, com um feitiço de aturdimento.

Ela tinha fingido não ouvir o plano, quando ele e Agatha o repassaram, mais cedo – o plano de que o gnomo e sua melhor amiga flutuariam seu corpo pelo lago das meninas, na direção do fosso vermelho cheio de crocodilos, sabendo que a correnteza a levaria até a margem dos meninos. O gnomo prometeu a Agatha que os crocodilos não fariam mais que dar uma mordiscada num menino, mas ambos acharam mais sábio que Sophie não estivesse acordada durante a experiência, e Sophie certamente não viu motivo para discutir. Ela olhou para baixo, para as marcas de dentes serrilhados e respingos de sangue em sua túnica, e ficou grata porque as primeiras horas de sua vida de menino haviam sido passadas inconscientemente.

“Qual é o seu *nome*?”

Sophie lentamente ergueu os olhos para Cástor, em pé, na frente dos professores masculinos, todos os rapazes de robes vermelhos e pretos, olhando para o novo menino diante deles.

Sophie ajoelhou, com o coração disparado. O regresso dos professores não foi sua única surpresa.

A escola ao redor deles tinha sido completamente limpa. O regime de gorilas, com os meninos pendurados em vigas, portas grafitadas, e fedor pútrido tinha sido banido. O saguão do Mal tinha sido repintado de vermelho vivo, as paredes foram decoradas com cabeças de serpentes. As três escadas na antessala tinham recebido uma nova camada de tinta preta, as balaustradas enroscadas pintadas de vermelho, como cobras de barriga vermelha. No alto da escada, mais de duzentos meninos olhavam para baixo, para o recém-chegado – dúzias de meninos Sempre e Nunca, junto com novos belos príncipes, todos de banho tomado, limpos, e uniformes de couro vermelho e preto.

A boca de Sophie se abriu. Ela sempre sonhou em algum dia estar num castelo cheio de meninos lindos e viris.

Ela devia ter sido mais específica.

"SEU NOME, GAROTO", rugiu Cástor, agarrando-lhe o pescoço com a pata.

Agatha achou uma péssima ideia. Dar a ela mesma o nome de menino que seu pai sempre quisera. O filho que não nasceu e a quem seu pai sempre amara mais que a ela.

Mas Sophie recusou qualquer outro.

"Filip", ela disse, com a voz rouca.

Dizer o nome em voz alta revolveu algo dentro dela. Ela ergueu o olhar, para Cástor, mais endurecida.

"Filip de Mount Honora", ela repetiu, com a voz grave e forte. "Perdi meu reino para uma bruxa horrenda. Vim por uma chance ao tesouro."

Murmúrios irromperam pelos garotos que olhavam o príncipe encantado.

"Esse é um reino Sempre?", ela ouviu Manley sussurrar para Espada.

"Um enclave de Maidenvale, eu creio", disse Espada, com o bigode tremulando.

"E como você chegou aqui, Filip de Mount Honora?", rugiu Cástor, soltando o menino.

"Através de uma fresta no escudo", disse Sophie.

"Impossível", disse uma voz, lá no alto.

Sophie olhou acima, para Aric, e seus capangas de capuzes vermelhos, na balaustrada da Malícia, para cima de todos os outros meninos. Eles tinham chicotes enrolados em seus cintos, jaquetas vermelhas de soldados por cima da camisa e o resto dos garotos parecia temê-los ainda mais que antes. Os

professores claramente haviam encontrado os substitutos para os lobos do ano passado.

“Eu sou o único que consegue penetrar o escudo de Lady Lesso”, disse Aric, baixando o olhar para o prisioneiro. “O buraco foi bem lacrado, depois que deixei os príncipes entrarem.”

Sophie encarou seus olhos violeta. “Talvez você precisasse fazer um trabalho melhor.”

A plateia na escadaria se retesou. Aric e seus capangas pareciam lançar punhais com o olhar para esse novo garoto, menor, mais magro e se atrevendo a desafiá-los na frente da escola inteira.

Mas Cástor estava sorrindo maliciosamente para o estranho, se divertindo. “Bem-vindo à Escola de Meninos, Filip.”

Sophie respirou, aliviada. Viu o olhar fulminante e ainda mais frio de Aric.

“Daqui a três noites, nós enfrentaremos uma Prova ridícula contra meninas que ameaçam nos transformar em seus escravos”, declarou o cão, olhando para os meninos nas escadas. “Ganhando, nós nos livramos de duas Leitoras que corromperam o Bem e o Mal. Ganhando, as escolas voltarão à tradição.”

Os meninos explodiram em uivos e vivas. Sophie engoliu em seco, tentando parecer entusiasmada com a perspectiva de sua própria execução.

“Durante os três próximos dias, as eliminatórias para a Prova irão determinar quem irá lutar contra as meninas”, prosseguiu o cão. “Após as eliminatórias, os nove melhores meninos vão compor a equipe. O décimo membro da equipe será escolhido pelo líder e primeiro colocado. Que isso os incentive a fazer amizade com os novos príncipes ao redor e formar novas alianças entre Sempre e Nunca.”

Os meninos, novos e antigos, se olhavam com cautela, avaliando a concorrência.

“Como incentivo adicional”, disse Cástor, “o aluno com a maior pontuação ao final de cada dia tem a honra e o prestígio de ficar de guarda da torre do Diretor da Escola, por aquela noite.”

Os meninos murmuraram nas escadas, como se isso não parecesse nada honroso. Mas Sophie estava ocupada demais vibrando de alegria para notar. Sem querer, o cão tinha acabado de salvar sua vida e a de Agatha. Se ela ganhasse desafios suficientes hoje, ela poderia roubar o Storian esta noite! Ela estaria de volta em casa, com Agatha, antes do amanhecer!

“Não há alojamento disponível para Filip, Cástor”, disse Albemarle, o pica-pau de óculos, estudando seu livro de registros. “O castelo está com sua lotação máxima.”

Cástor olhou para o novo menino. “Coloque-o com o tampinha. Quem tirar a pior colocação entre os dois, ao final do dia, será punido.”

O sorriso de Sophie desapareceu. Os meninos da escada caíram na gargalhada, Albemarle obedientemente bicou o registro no pergaminho. Aric agora sorria para ela.

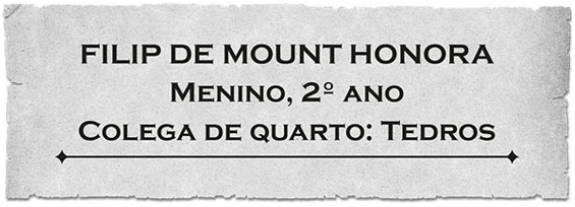
*O tampinha?, p*ensou Sophie, ficando tensa. *Quem é o tampinha?*

Cástor abriu suas algemas. “Vá se instalar antes da aula, garoto. Alguém quer mostrar ao Filip onde fica seu quarto?”

Passos desajeitados desceram a escada e Sophie estreitou os olhos para Hort, passando pelos meninos como um tolo, vestindo um uniforme dois tamanhos maior que ele. “Eu! Eu mostro ao Filip!” Ele arrancou a grade de aulas do bico de Albemarle e puxou o novo menino, ajudando-o a ficar em pé...

“Eu sou Hort e eu o salvei, então, agora nós podemos ser amigos, embora você seja um Sempre”, disse ele, entregando a programação. “Eu vou explicar as aulas, as regras, e você pode sentar comigo no almoço e...”

Mas Sophie não estava ouvindo. Tudo que ela via era o topo da folha de pergaminho, recém-bicada com letras inequívocas.



Isso respondia à pergunta quanto ao tampinha.

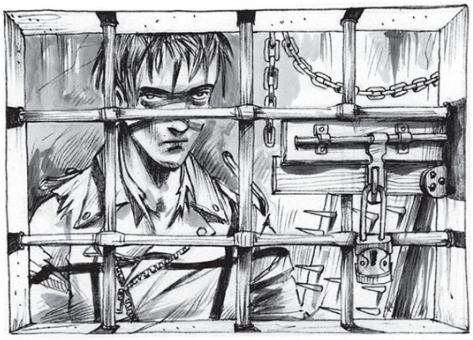
17
Duas escolas, duas missões

“Agatha?”

Ela se remexeu, com os flocos de neve derretendo em suas pálpebras. “Agatha, acorde.”

Abriu os olhos e viu Tedros, limpo e barbeado, ajoelhado em frente à sua cama, usando seu uniforme azul de Sempre e o cabelo salpicado de neve. Delicadamente, ele afastou os cabelos dela. “Venha comigo, Agatha”, sussurrou ele. “Antes que seja tarde demais.”

Seus olhos cravaram-se nos dele, inocentes, exatamente como haviam sido um dia enquanto Tedros se debruçava sobre ela... seus lábios vindo em direção aos dela... ela sentiu seu hálito morno, então, o gosto doce de sua boca...



Agatha acordou em um solavanco, suando em bicas, agarrada ao travesseiro.

Por um instante, ela ficou imaginando por que Reaper não estava encolhido ao seu lado, como ele geralmente estava. Então, tudo começou a voltar. Sentou-se como um raio ao ver, pela janela, flocos de neve matinal carregados pelo vento, passando por cima de duas camas de dosséis antes de pousarem na dela. Agatha não conseguia respirar, olhando os lençóis perfeitamente arrumados na cama de Sophie, pontilhados de neve. Sua melhor amiga estava no castelo

inimigo, como um menino, arriscando a vida para que ambas fossem para casa, e ela tinha acabado de sonhar com... com...

Agatha resfolegou e saiu da cama, afastando o pensamento. Não era nada. Só um resquício, um resíduo, um fantasma de um pedido que logo seria corrigido. Agora, o que importava era Sophie.

Ela girou freneticamente para o relógio, conforme os ponteiros marcavam 7h30. Quinze horas antes dela saber se Sophie tinha sobrevivido... 54 mil segundos. Elas tinham combinado que cada uma delas penduraria uma lamparina na janela, ao pôr do sol, para se comunicarem uma com a outra: chama verde, se estivessem a salvo, chama vermelha, se não estivessem. Até agora, tudo que Agatha tinha era a imagem de sua melhor amiga, que um dia fora aspirante a princesa, e agora era um príncipe endurecido, arrastado inconsciente até o castelo dos meninos, por Hort.

Agatha correu pelo quarto, vestindo as peças de seu uniforme, ainda meio perturbada pelo sonho. Livrar-se de Beatrix na noite anterior tinha sido relativamente fácil – algumas tossidas na hora de verificação do toque de recolher, manchas de beterraba no rosto e um lembrete do estado contagioso de Yuba fizeram sua colega de quarto sair arrastando todos os seus baús para os aposentos de Reena. Ainda assim, não demoraria até que alguém viesse checar Sophie e ela.

Agatha seguiu rumo à porta, enfiando os pés nas botinas. Ela tinha que encontrar a professora Dovey para confessar tudo. Afinal, Dovey era uma fada madrinha famosa; ela fizera seu nome resolvendo os problemas das pessoas! Mas onde será que elas poderiam se encontrar, sem serem ouvidas? As espiãs da Reitora seguiam sua professora incessantemente, e todos os melhores locais tinham provado ser vulneráveis – banheiros, o Salão de Jantar, o escritório de Sader. Se ao menos houvesse um lugar onde as borboletas a encontrassem, mas não a ouvissem... Agatha esperou que surgisse uma solução em sua mente, que a incentivasse a sair pela porta...

Despencou sentada na cama de Beatrix, sem resposta. Frustrada, Agatha chutou sua botina com força, contra o mastro da cama...

Seu calcanhar passou em algo molhado.

Olhou para baixo e viu uma pequena poça embaixo da bainha da colcha. Deitou de bruços e estendeu o braço por baixo do colchão, até tocar uma massa grossa e emborrachada. Agatha lentamente puxou a bola de roupas, que se abriu em suas mãos, revelando um uniforme de couro preto e vermelho, emaranhado junto com uma capa fina de pele de cobra.

Agatha segurou o uniforme, manchado de sangue e terra. Por que Beatrix estava escondendo o uniforme de um menino? Será que ela o teria encontrado, em algum lugar, na Floresta Azul? Por que ela não mencionara isso? Os dedos de Agatha deslizaram pelo brilho da capa com escamas pretas. Ano passado, ela tinha aprendido que capas de pele de serpente eram invariavelmente utilizadas para um propósito: invisibilidade. Mas, por que Beatrix precisaria ficar invisível em seu próprio castelo?

Um cheiro forte de lavanda emanou da capa e Agatha espirrou. Beatrix podia ter desistido de seu cabelo de princesa, mas ela certamente andara pegando o perfume de Sophie emprestado.

Agatha empurrou as roupas de volta para debaixo da cama, bem certa de que as esquisitices de Beatrix nada tinham a ver com seu dilema. O que ela e Sophie precisavam era da ajuda de um professor...

O som de um arranhar suave surgiu atrás dela. Agatha virou-se e viu um envelope, por baixo da porta. Ela o pegou nas mãos e abriu o lacre, um selo de abóbora da professora Dovey, tirando um pequeno cartão de pergaminho.

Rede de esgotos agora

Era o único lugar onde elas não seriam ouvidas.

Agatha então viu que não precisava confessar o que ela e Sophie tinham feito.

Sua fada madrinha já sabia.

“Yuba nos disse tudo”, disse a professora Dovey, junto com Lady Lesso, no escuro, dentro das galerias de água que passava rugindo, abafando a voz dela. “E nós estamos apavoradas, revoltadas e pasmas com a nulidade de um plano tão *ridículo*...”

Agatha manteve os olhos fixos no chão, corando.

“...mas também ficamos um tanto impressionadas.”

Agatha olhou boquiaberta, para suas professoras sorridentes. “*O quê?*”

“Qualquer coisa que envolva o tormento daquela tola com cheiro de perfume ganha uma estrela dourada em meu livro”, Lady Lesso disse, com a voz arrastada.

A professora Dovey ignorou a colega. “Agatha, você podia ter sacrificado sua amiga para ficar para sempre com seu príncipe. Você podia ter beijado Tedros e protegido sua própria vida. Em vez disso, você escolheu Sophie no lugar dele, mesmo sabendo dos sintomas de sua amiga. Só quando você escrever FIM com Sophie que Tedros verá que você não teve qualquer má intenção com ele. Só então, Tedros perceberá que deveria ter confiado em você.”

Agatha sentiu fragmentos de seu sonho voltando e afastou-os, alarmada.

“A lição de humildade para o príncipe se espalhará por aí”, prosseguiu a professora Dovey, “e Lady Lesso e eu acreditamos que essa será uma lição poderosa o suficiente para reaproximar meninos e meninas. O fim correto de sua história, afinal. E tudo que precisamos é que Sophie traga de volta aquela caneta para que vocês duas possam escrevê-lo.”

Agatha rapidamente assentiu, aliviada – só para lembrar-se de um problema maior. “Mas como vamos encobri-la!”

“Yuba é um professor bom demais para deixar dúvidas quanto a isso”, disse a professora Dovey, dando uma olhada para trás, para o túnel. “Vendo que os lugares de vocês duas estão garantidos na equipe da Prova, ele mandou avisar a Reitora como Helga, pedindo para treiná-la pessoalmente, na Floresta Azul, pelos três dias restantes, garantindo que isso aumentaria suas chances de vitória contra os meninos.”

Agatha arregalou os olhos. “E?”

“Para nossa surpresa, ela concordou, desde que vocês duas estejam prontas para competir na noite da Prova. Ela acha que vocês duas estão com Helga, desde essa manhã.”

“Isso resolve tudo!”, Agatha disse, aliviada.

“Não exatamente”, Lady Lesso bradou, pois a água respingou em seu vestido. “Ainda há a questão de para onde foram os sintomas de Sophie.”

“Ela disse que eles foram invocados por outra pessoa...”, Agatha defendeu.

“De fato”, disse Lady Lesso. “Mas os sintomas de uma bruxa não podem ser invocados, a menos que seja por uma magia muito mais extraordinária que a nossa. Portanto, há duas possibilidades. Primeiro, que Sophie esteja *mentindo* sobre perdoar seu pedido por Tedros e você realmente mandou uma bruxa mortal ao seu príncipe.”

“Não”, disse Agatha, vigorosamente. “A Sophie agora é do Bem. Eu sei disso.”

“Você tem certeza de que ela é do Bem, Agatha?”, disse a professora Dovey, trocando olhares com sua colega. “Isso é absolutamente crucial.”

“Depois do que ela acabou de fazer para me levar para casa?”, Agatha respondeu. “Tenho 100% de certeza.”

“Então, os sintomas certamente foram invocados por uma força poderosa”, disse a professora Dovey, “uma força que, por acaso, estava em cada um dos lugares onde surgiram os sintomas de Sophie. Uma força sobre a qual Lady Lesso e eu estamos tentando alertá-la, desde sua chegada”.

Agatha ouviu a resposta em seu tom de bronca. “A Reitora Sader?”, ela disparou. “Não pode ser! Ela quer que nós sejamos amigas...”

“Evelyn é uma mulher perigosa, Agatha”, disse Lady Lesso, retesando-se com aquele medo estranho que Agatha vira antes. “Se ela invocou os sintomas de Sophie, não há motivo para acreditar que ela queira que você e Sophie sejam amigas.”

Agatha olhou-a boquiaberta. “Mas ela jamais iria querer que eu pensasse em Sophie como uma bruxa...”

“Você não sabe nada de Evelyn Sader e do que ela é capaz”, respondeu Lady Lesso, com os olhos subitamente molhados.

“O quê? Como você...”

“Porque Clarissa e eu vimos Evelyn Sader sendo expulsa desta escola dez anos atrás!”, vociferou Lady Lesso, com o rosto vermelho. “A mesma escola que agora está do lado dela.”

Agatha olhava para ela, perplexa.

“Quem está aí?”, ecoou uma voz atrás delas. Elas viraram e viram uma sombra no túnel adiante, andando sorrateiramente pela névoa.

A professora Dovey ficou tensa e agarrou os ombros de Agatha. “Uma vez que você é banida, a escola nunca lhe deixa retornar! Mas seu conto de fadas com a Sophie, de alguma forma, deixou que ela voltasse, Agatha. Agora ela faz parte de sua história, exatamente como aconteceu com o Diretor da Escola, um ano atrás. E se ela invocou os sintomas de Sophie, ela certamente também tem um final em mente.”

Agatha sacudiu a cabeça. “Mas a Sophie vai pegar o Storian...”

“Você acha que Evelyn não pensou nisso?”, chiou Lady Lesso. “A Evelyn está sempre um passo à frente, Agatha! Ela acha que você estará na Floresta Azul durante os três próximos dias. Essa é sua chance de segui-la sem ser detectada, até que Sophie volte. Você precisa descobrir por que Evelyn invocou os sintomas de Sophie! Você precisa ter êxito onde eu e Clarissa falhamos. Gaste seu tempo de forma inteligente, entendeu? É o único jeito de garantir que você e Sophie escapem vivas! Agora, vá!

Agatha mal conseguia falar. “Eu não... eu não entendo...”

Dovey e Lesso já estavam recuando. “Não podemos mais nos encontrar com você”, ordenou Dovey.

“Eu disse *quem está aí!?*”, a voz berrou.

Agatha voltou-se para a sombra que vinha pela névoa, e então girou de volta. “Como eu...”

Mas Dovey e Lesso já tinham partido.

Segundos depois, Pólux apareceu pela margem deserta do sistema de esgoto, e subiu novamente, bufando, esquecendo-se de checar a água corrente do esgoto, onde uma menina aterrorizada estava presa à parede, submersa até o pescoço – e desejando conseguir falar com sua melhor amiga.

“Nunca achei que eu teria um príncipe como melhor amigo”, Hort tagarelava sem parar, seguindo apressado pelas tubulações do Mal.

“Para onde estamos indo? Você disse que ia me levar ao meu quarto”, disse Sophie, afastando o nervoso da voz, conforme ela ecoava acima da lama vermelha revolvendo pelos túneis úmidos. Ela se arrastava atrás dele pelo caminho estreito, vestindo seu uniforme sem mangas de couro vermelho e preto, batendo seus ombros volumosos na parede, ainda desacostumada a todo o peso extra. Na lama brilhosa, ela captou um vislumbre de seus cabelos louros e macios, o queixo bem moldado e o bíceps veioso, e rapidamente desviou os olhos.

“Tentei fazer com que eles nos colocassem juntos, mas já tinham colocado um príncipe de Ginnyvale no meu quarto”, disse Hort, dando uma olhada para trás, vendo o novo garoto. “Agora que os professores voltaram, a escola está rígida. Se você me perguntar, Aric e seus capangas fazem com que todos aqueles lobos velhos pareçam carinhosos. Mas não se preocupe. Vou manter meu melhor amigo longe de problemas.”

Sophie franziu o rosto. Por que, mesmo como um menino, ela não conseguia fugir desse roedor? Ela viu o ponto central da tubulação, ao longe, a divisão entre o lodo e o lago lacrada por rochas gigantes.

“Onde está!”, a voz de Manley rugiu a distância, acima do lodo vermelho.

“Eu lhe mostrei onde enterrei”, insistiu a voz de Tedros...

“E não está ali. Enquanto você continuar mentindo, continuará não havendo comida.”

“São aquelas duas garotas! Elas estão escondidas no castelo!”

“Você acha que nós não saberíamos se uma garota estivesse em nosso castelo?”, Manley debochou. “Aquela caneta ainda está em algum lugar na torre do Diretor da Escola, ou a torre teria se movido para segui-la. Agora, me diga onde você escondeu, ou eu vou derreter a espada do seu pai e mandar adornar as privadas com ela...”

“Eu lhe disse! Ela estava enterrada embaixo da mesa!”

O coração de Sophie parou. O Storian... desaparecido? E agora? Como ela e Agatha poderiam escrever FIM?

Subitamente, conseguir a primeira colocação nos desafios do dia era ainda mais crucial, pensou, em pânico. Se a caneta estava escondida naquela torre, ela precisaria de tempo para encontrá-la.

Com um nó na barriga, ela seguiu atrás de Hort, margeando a parede da tubulação, conforme ela se transformava na grade enferrujada de uma cela de calabouço, num breu total. Num canto, a cabeça careca de Manley e sua sombra rechonchuda encobriam a silhueta abaixo dele.

"Por favor, professor, você tem que me deixar entrar na Prova", implorava a voz de Tedros. "Eu sou o único que pode derrotar aquelas garotas!"

"Você vai morrer de fome muito antes da Prova, se nós não encontrarmos a caneta", disse Manley, virando para a porta da cela.

Ele viu o novo garoto olhando boquiaberto, através da grade. "Os meninos não gostam de mentirosos, Filip. Tedros prometeu aos meninos que beijaria Agatha. Prometeu que consertaria as escolas para serem do Bem e do Mal. E, em vez disso, o que eles receberam? Uma chance de *escravidão*. Não é de se admirar que agora os meninos o odeiem", disse Manley, com sarcasmo, puxando a porta para abri-la. Empurrou o novato para dentro da cela. "Hoje, a escola inteira está do seu lado, Filip. Ensine uma lição a esse presunçoso metido."

Sophie girou. "Es-espere..."

Hort bateu a porta da cela. "Te vejo na aula, Filip!"

"Hort! Esse não pode ser meu *quarto*!", gritou Sophie, agarrada às grades.

Mas o garoto-doninha já estava correndo atrás de Manley, tagarelando empolgado. "Ele vai dar uma sova em Tedros, professor. Você vai ver..."

Sophie lentamente virou-se para a masmorra pútrida, iluminada por uma única vela. Uma coleção arrepiante de objetos de tortura pendia pelas paredes, em gaiolas de ferro, acima de duas camas metálicas sem colchões ou travesseiros. Ela não conseguia respirar, pensando no que aconteceu ali, um ano antes, com a Fera. O lugar que a tornou do Mal. O lugar que fez com que ela perdesse o controle. Sophie virou o rosto, em pânico...

Dois olhos injetados de sangue brilhavam num canto.

Sophie cambaleou para trás.

"É verdade?", disse a voz de Tedros, na escuridão.

"O quê?", disse Sophie, ofegante, mantendo a voz baixa.

"Que o pior de nós durante as eliminatórias para a Prova será punido, a cada noite."

"Foi isso que o cão disse."

Tedros lentamente se ergueu na sombra. Estava pelo menos dez quilos mais

magro, vestido com o uniforme dos meninos todo sujo, seus olhos azuis inflamados.

“Então, nós não seremos *amigos*, seremos?”

Sophie recuou quando o príncipe veio lentamente em sua direção, mostrando os dentes.

“Eu vou entrar naquela Prova, está me ouvindo, garoto?”, zombou ele, com a saliva voando. “Aquelas duas garotas tiraram tudo que eu tinha nesse mundo. Meus amigos, minha reputação, minha honra...” Ele pegou o novo menino pelo pescoço e bateu contra a grade. “Não vou deixar que você, nem ninguém tire a minha chance de lutar contra elas.”

Sufocando nas mãos dele, Sophie ergueu a mão em rendição. Ela tinha que sair dali! Ela tinha que sair daquele corpo! Ela não duraria muito tempo como um menino...

Subitamente, uma onda de ira desconhecida percorreu seu sangue, afastando o medo. Sua mente ficou estranhamente clara, focando no menino que a segurava... o menino que havia tomado seus sonhos de princesa... o menino que quase levara sua melhor amiga... o menino que agora estava tentando tirar sua vida e a vida de sua amiga. Uma força estranha irrompeu em seus novos *músculos*, com uma fúria hormonal. Antes que ela percebesse, ela empurrou o príncipe para trás com um rugido.

“Um provocador e tanto, você, para alguém que perdeu sua princesa para uma garota”, rosnou ela, perplexa pelo tom sinistro em sua voz.

Tedros afrouxou o seu aperto, igualmente pasmo, e ficou olhando seu colega de cela pegá-lo pelo colarinho. “Estou vendo porque ela escolheu Sophie”, o estranho disparou para ele. “Sophie deu a ela amizade, lealdade, sacrifício, amor. Todos os poderes do Bem. O que você tem para dar a ela? Você é fraco, vazio, imaturo e *chato*. Tudo que você tem é seu rostinho bonito.” O novo garoto puxou o príncipe para perto, até que seus narizes se tocaram. “E agora, eu vejo o que há por baixo.”

Tedros ficou vermelho como um pimentão. “Vejo um elfo grande demais com cabelo bufante que não sabe nada de mim...”

“E você, sabe o que eu vejo?” Os olhos esmeralda do estranho perfuravam os dele. “*Nada*.”

A disposição para a briga sumiu do rosto de Tedros. Por um momento, ela parecia um garoto.

“Q-quem é você?”, ele gaguejou.

“Para você, o nome é Filip”, disse Sophie, fria, e o soltou.

Tedros deu as costas, recuperando o fôlego. Sophie viu seu rosto abalado, no reflexo da cama metálica e conteve um sorriso.

Subitamente, ela gostava de ser um menino.

Chaves tilintaram lá fora. Os dois meninos viraram para o capanga encapuzado de Aric abrindo a porta da cela.

“Hora da aula”, rugiu ele.

Duzentos meninos competindo pelo primeiro lugar do dia. Duzentos meninos entre ela e o Storian. Sophie andava desajeitada para acompanhar a horda de colegas, meninos uniformizados, seguindo em direção às salas de aula do Mal. As probabilidades não eram boas.

Limpou o suor das axilas, irritada por seu corpo novo suar tanto. Se ela soubesse que os meninos sentiam esse calor insuportável, o tempo todo, ela teria trazido um leque, ou um balde de água fria. Com a barriga roncando, ela se distraiu pensando no almoço. Pelo tamanho desses garotos, eles só podiam ter um banquete planejado: coxas de peru assado, bacon, presunto suculento, filé malpassado... Salivando, já até sentia o gosto na boca...

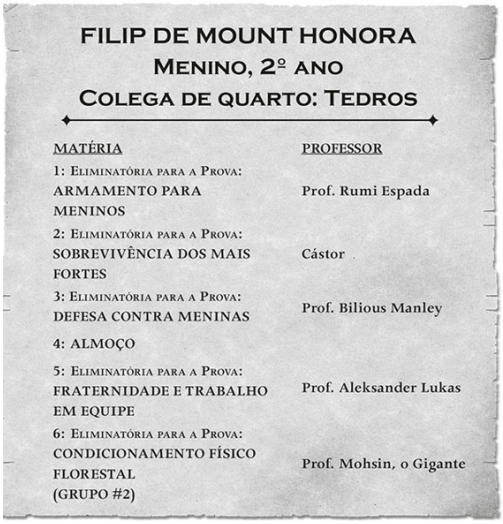
Sophie empalideceu, limpando a baba. Desde quando ela pensava em carne? Desde quando ela pensava em *comida*? Ela cambaleou e deu um encontrão em Ravan. “Caminhar não é difícil”, ele ralhou, passando por ela empurrando.

Sophie manteve o olhar abaixo, seus cabelos cheios caindo sobre os olhos. Nada em seu corpo parecia dobrar... como se ela fosse uma marionete de madeira, com as cordas esticadas demais. Deu uma olhada adiante, para Aric, de peito estufado, com um andar afetado de garanhão, e tentou imitá-lo da melhor forma que pôde.

Sophie deu uma olhada para Tedros, atrás da multidão, sozinho e sem amigos. Manley disse que os meninos tinham se virado contra ele por ter arriscado a liberdade deles nas condições da Prova... mas Sophie ficou se perguntando se não tinha mais algo naquilo. Meninos adoravam destruir coisas que faziam, seja um castelo de areia ou um príncipe. E, em grande parte dos dois últimos anos, Tedros havia sido rico, popular e o capitão absurdamente lindo dos Sempre, o que todos os meninos queriam ser. Agora que Manley o punia pelo Storian desaparecido, eles alegremente se deliciavam com sua queda, como um leão enfraquecido deixado às hienas. Sophie observava-o tremendo ligeiramente na brisa fria da sacada, seu porte mais magro e sofrendo pelas refeições negadas. Não tinha sequer um pingo de pena dele.

“Filip! Filip, você se esqueceu de sua programação!” Hort enfiou um pedaço amassado de pergaminho nas mãos dela. “Você está comigo o dia todo...”

Sophie soprou os cabelos dos olhos e leu.



FILIP DE MOUNT HONORA
MENINO, 2º ANO
COLEGA DE QUARTO: TEDROS

MATÉRIA	PROFESSOR
1: ELIMINATÓRIA PARA A PROVA: ARMAMENTO PARA MENINOS	Prof. Rumi Espada
2: ELIMINATÓRIA PARA A PROVA: SOBREVIVÊNCIA DOS MAIS FORTES	Cástor
3: ELIMINATÓRIA PARA A PROVA: DEFESA CONTRA MENINAS	Prof. Bilious Manley
4: ALMOÇO	
5: ELIMINATÓRIA PARA A PROVA: FRATERNIDADE E TRABALHO EM EQUIPE	Prof. Aleksander Lukas
6: ELIMINATÓRIA PARA A PROVA: CONDICIONAMENTO FÍSICO FLORESTAL (GRUPO #2)	Prof. Mohsin, o Gigante

“Eles vêm preparando o restante de nós há semanas, para as eliminatórias, com exercícios físicos, palestras e leitura, portanto, você vai precisar de um pouquinho de sorte”, disse Hort, com uma piscada maliciosa. “Principalmente do jeito que você anda se arrastando. É como se você tivesse passado a vida inteira andando de saltos altos gigantescos, ou algo parecido.”

Sophie começou a suar copiosamente. Ainda não conseguia andar como um menino, e agora teria que derrotar a todos eles numa competição de guerra?

Dez minutos depois, o professor Espada estava no Salão do Mal, com sua turma de quarenta meninos, uma mesa comprida à sua frente, coberta por um lençol escuro.

“Nós informamos à Reitora Sader, na escola das meninas, que as regras da Prova de Contos seguirá sua tradição”, disse ele, com seus cabelos lisos tão negros quanto seu bigode torcido. Seu sorriso virtuoso e estreito lembrou Sophie do Ancião mais jovem – o que a manchara com seu próprio sangue.

“Dez meninas e dez meninos entrarão na Floresta Azul ao anoitecer. As equipes precisam se defender não somente uma da outra, mas também das armadilhas dos professores. O lado que tiver mais participantes na Floresta ao amanhecer será declarado o vencedor. Se os meninos ganharem, Sophie e Agatha serão entregues para execução e as escolas voltarão a ser do Bem e do Mal. Se as meninas ganharem, nós entregaremos nosso castelo e nos tornaremos seus escravos.”

Enquanto os meninos murmuravam entre si, Sophie agora sentia suas costas largas coberta de suor.

“Como de costume, cada competidor receberá uma bandeira de rendição”, prosseguiu o professor Espada. “Caso vocês se vejam em perigo mortal, soltem-

na no chão e vocês serão resgatados ilesos da Floresta Azul. Para se proteger, cada competidor terá permissão de portar uma arma para a Prova. O desafio de hoje testará a que é mais utilizada...”

Ele puxou o lençol da mesa, revelando uma fileira de armas e punhais de tamanhos diferentes, cada um parecendo mais afiado que as lâminas habituais de treinamento.

“Nos últimos anos, as espadas eram cegas para a competição na Prova. Devido ao que está em jogo na Prova deste ano, nós não vemos motivo para ofertar essa cortesia”, continuou Espada, com os olhos miúdos cintilando. “Uma espada exige rapidez e força, portanto vocês precisam usar as duas coisas para serem eficazes. Mirem sua espada no coração de uma menina e ela imediatamente soltará sua bandeira de rendição.”

Ele ergueu dois lenços, um vermelho e um branco. “Agora, vamos ver qual de vocês solta a sua bandeira.”

Sophie ficou tensa. Ela nunca tinha empunhado uma espada na vida.

O professor Espada chamou duplas de meninos que pegaram suas lâminas e se enfrentaram até que um deles se rendesse. Com meninos Sempre e os novos príncipes bem treinados com um fraco espírito esportivo, os duelos eram enfrentamentos irascíveis: Chaddick ganhou de Hort, com a ponta da espada em sua garganta, Ravan ganhou de Avonlea com um joelho na virilha, Aric ganhou de Vex com um simples olhar...

“Tedros e Filip, vocês são os próximos”, anunciou Espada.

Sophie lentamente ergueu os olhos para Tedros acima dela, olhos fumegantes. Ele não havia se esquecido do que ela lhe dissera no calabouço.

“FI-LIP, FI-LIP, FI-LIP”, entoavam os meninos, enquanto Espada entregava as bandeiras aos dois oponentes. “Escolham suas armas.”

Os olhos de Sophie embaçaram com o suor; suas mãos grandes tremeram quando ela pegou uma lâmina longa e fina da mesa...

Hort deu-lhe uma cotovelada. “Isso é o amolador seu idiota!”

Sophie pegou a lâmina estreita que estava ao lado e virou-se para Tedros, mas o príncipe vira seu equívoco. Tedros de dentes cerrados, narinas tremulando, ergueu sua espada imensa.

“Preparar... e... já!”, Espada gritou.

“AAAAHHHHH!”, berrou Tedros, partindo para cima de Filip como um touro.

Sophie não conseguia manobrar seu corpo de menino, muito menos uma espada, e capotou para trás, contra a parede, remexendo a mão, em busca de sua

bandeira. Seus dedos longos e grossos entraram em seu bolso e ela ergueu os olhos freneticamente, com Tedros vindo como um trovão em sua direção, de arma erguida. Com um grito, Sophie arrancou o lenço para soltá-lo...

Tedros tropeçou e se esborrachou aos pés dela.

Sophie baixou o olhar, para ele, depois ergueu os olhos para Hort, sorrindo orgulhosamente, com a bota no caminho de Tedros.

Tedros tentou agarrar sua espada, mas Chaddick chutou-a para longe. O príncipe cambaleou ao se erguer e Ravan lançou-lhe um feitiço de choque, derrubando-o. Enquanto Tedros gritava de dor, Sophie viu Hort acenando e apontando para o lenço de Tedros. Sophie calmamente ajoelhou-se e o tirou do bolso do príncipe, e o soltou no chão.

“Filip ganhou!”, decretou Espada, e os meninos irromperam em rugidos, enquanto Sophie curvou-se, agradecendo.

“Mas... mas isso é injusto...”, Tedros gritou.

“Um menino inteligente forma alianças”, disse Espada, retribuindo com um sorriso malicioso.

Um número “20” preto, fedendo a fumaça de cocô, surgiu acima da cabeça de Tedros. Sophie ergueu os olhos, para o “1” dourado acima da sua cabeça e ficou radiante.

Até o pôr do sol, com as aulas do dia concluídas, Sophie voltou caminhando afetadamente à Sala de Condenação, como o menino mais bem colocado da escola. Ela não tinha ganhado um único desafio por mérito, mas a escola inteira tinha conspirado para ajudar Filip a derrotar Tedros repetidamente – manchando suas minhocas, na Sobrevivência, afugentando seus dois Peixes do Desejo, em Defesa contra Meninas, recusando-se a fazer parceria com ele em Fraternidade e colocando uma aranha escondida em suas calças, antes do teste de Condicionamento Físico Florestal.

Era certamente estranho que todos os meninos se juntassem para ajudar na colocação dela, pensou Sophie – até os novos príncipes –, como se ninguém quisesse o primeiro lugar. Mas ela não ia olhar os dentes do cavalo dado. Quanto aos professores, eles ficaram cegos como Espada, ávidos para ensinarem uma lição a Tedros, primeiro, por roubar o Storian. Manley estava tão encantado que, diante de todos, entregou a Filip uma chave da sala no calabouço, para que ele pudesse ir e vir como lhe aprouvesse – privilégio negado ao “tampinha”.

Sophie destrancou a cela e entrou, corada e recém-banhada, de barriga cheia do jantar de feijão ensopado e pato recheado, e ansiosa para cumprir seu turno na torre do Diretor da Escola. *Quem dera Agatha pudesse me ver agora*, ela sorriu,

pois ela não só tinha comido feijão, como também havia terminado sua missão vitoriosa. Teria a noite inteira para encontrar o Storian. Tedros logo enfrentaria a punição. E amanhã, ela e sua melhor amiga estariam de volta em casa, a salvo da Prova mortal...

Ela chutou a porta da cela para fechá-la, cantarolando uma melodia. Até que ser Filip não era tão ruim, no fim das contas. Seu caminhar estava se adaptando, a voz vinha ficando mais natural, o peso extra subitamente dando uma sensação de força e inspiração... Estava até se acostumando com seu novo rosto, pensou Sophie, se olhando na lança reluzente em sua prateleira de tortura, vendo seu maxilar quadrado, o nariz de realeza, e os lábios macios e fartos. Agatha estava certa. Ela era bonita, não era..?

"Você trapaceou."

Sophie virou-se para Tedros, sentado sozinho no canto mofado e sujo.

"Eu não me importo em ter que ser punido, ou por não poder jantar, ou que todos me odeiem", disse o príncipe, encarando-a. "O que me importa é que você trapaceou."

Sophie abriu a porta para sair. "Infelizmente, eu estou ligeiramente ocupado para ficar de papo..."

"Você não é melhor que Agatha."

Sophie subitamente parou.

"Eu a amei tanto", ele murmurou atrás dela, quase para ele mesmo. "Eu tentei fazer com que o desejo dela se tornasse realidade. Tentei consertar a história, como um príncipe deve fazer. Matar a bruxa, beijar sua princesa. Assim que funcionam os contos de fadas. Esse foi o fim que ela pediu." A voz dele falhou. "Mas eu teria deixado Sophie viver, se isso significasse ter Agatha para sempre. Eu a teria beijado bem ali e nós teríamos o FIM. Mas ela trapaceou. Agatha trapaceou. Ela estava o tempo todo com Sophie embaixo da mesa... e ela *mentiu* para mim."

Sophie virou-se para Tedros curvado, com a cabeça mergulhada entre os joelhos.

"Como pode alguém ser tão do Mal?", disse ele, com a voz rouca.

Ao vê-lo, o rosto de Sophie lentamente se abrandou.

Uma sombra banhou o príncipe.

Tedros ergueu os olhos para Aric, rindo com sarcasmo, na porta aberta.

"Ocasião especial", disse o capitão, estalando os dedos. "Acho que eu mesmo darei a punição."

Tedros olhou para o lado, como um cão oferecendo o pescoço.

Os olhos de Aric desviaram para Filip. “Dê o *fora*.”

O coração de Sophie gelou, enquanto ela recuava pela porta de grade, Aric bateu-a em sua cara. Ela viu o capitão aproximar-se sorrateiramente do príncipe, antes que ela saísse apressada, deixando Tedros com seu torturador, tentando desesperadamente convencer-se de que ele merecia, ele merecia, ele merecia.

Distante dali, do outro lado da baía, num quarto escuro, Agatha olhava para a Escola dos Meninos, com seu corpete azul manchado de sangue, seus braços e pernas ralados e roxos.

Anda logo, Sophie, Agatha rezava.

Pois o que ela havia descoberto hoje, sobre a Reitora, era verdade. O tempo delas já estava se esgotando.

18
A história secreta de Sader

Oito horas antes, três bruxas estavam sentadas na cama de Agatha. “Conte-nos tudo que Dovey e Lesso disseram”, ordenou Dot.

“Detalhadamente”, disse Hester.

“No menor número possível de palavras”, disse Anadil, assentindo para seus três ratos pretos de sentinela no vão embaixo da porta, rangendo os dentes e de garras prontas. “Eles só conseguem matar um número determinado de borboletas, antes que elas consigam passar.”

Agatha ficou olhando para eles, com a cabeça girando. Depois de sua reunião secreta com a professora Dovey e Lady Lesso, ela esperou até que todas as meninas estivessem aqui, em suas primeiras aulas. Então, ela entregou bilhetes idênticos no quarto das bruxas e se escondeu no próprio armário, evitando borboletas passando de patrulha, e Beatrix entrando e saindo, entre uma aula e outra, até que os bilhetes fossem abertos e obedecidos. Agora, Agatha contava às bruxas o que as professoras haviam dito na tubulação, com o coração cada vez mais disparado, revivendo cada palavra...

“Elas conhecem a Reitora?”, perguntou Dot, finalmente, deixando espirrar a boca cheia de alcachofra.



Hester fechou os punhos. “Eu sabia que Dovey e Lesso estavam agindo de forma estranha, naquele primeiro mês de aula. Lesso parece um cachorrinho ferido, toda vez que a Reitora está por perto.”

Agatha não conseguia pensar numa descrição melhor dela mesma. Algo em relação a Evelyn Sader parecia deixar a professora mais aterrorizante da escola... mais humana.

“E, lembra-se de quando você disse que a Reitora puniu Dovey, por questioná-la?”, Hester acrescentou. “Pareceu que ela estava acertando contas antigas.”

“Lesso disse que Evelyn Sader foi expulsa, dez anos atrás”, prosseguiu Agatha. “E que se você é expulsa, não pode voltar nunca mais.”

“Isso porque só o Diretor da Escola pode admitir alunos ou professores da Escola do Bem e do Mal”, disse Hester. “Se ele a baniu, isso é irrevogável... a menos que ele próprio a deixe voltar. E isso seria difícil, já que ele está *morto*.”

“Se um menino invadiu o lado dos príncipes através do escudo protetor, por que Evelyn não poderia também fazê-lo?”, disse Agatha.

“Mesmo que ela o fizesse, o castelo a expulsaria no instante em que ela entrasse”, disse Anadil. “Além disso, eu ainda acho difícil acreditar que um menino tenha arrombado aquele escudo. Certamente, quem o ajudou conhecia os feitiços de Lady Lesso.”

“Mas se Sader não tem permissão para entrar no castelo, como ela está aqui?”, perguntou Agatha, ainda confusa.

“A questão não é como – é por quê. Lembre-se do que Dovey e Lesso lhe disseram. De alguma forma, ela faz parte de seu conto de fadas – disse Hester. Portanto, o que você sabe, com certeza, sobre Evelyn Sader? Primeiro, ela é irmã do professor Sader. Segundo, ela ouve coisas. Terceiro, o beijo entre você e Sophie fez com que ela voltasse para essa escola. Em algum lugar, no meio disso

tudo, está o motivo para que ela esteja em *sua* história."

Agatha viu Dot pensando com afinco, mordiscando um pedaço de alcachofra. "Dot?"

"Quando eu escrevi para o meu pai, ano passado, sobre História dos Vilões e como era chata a professora Sader, eu me lembro que ele respondeu dizendo pensar que ela tinha partido há muito tempo", disse Dot. "Meu pai estudou aqui há séculos, portanto, eu imaginei que ele tivesse se confundido. Porém, agora eu me pergunto..." Ela virou-se para as meninas. "Vocês acham que Evelyn já foi *professora* aqui?

Hester já estava arrancando um livro da bolsa. "Capítulo 28, sobre Videntes Notáveis, em nosso livro de história: menciona August Sader e sua família. Lembro-me que achei estranho que um professor escrevesse sobre seus próprios parentes..."

"Só você, mesma, olharia os capítulos que não foram designados como estudo", murmurou Anadil.

"Porque eu não quero ir parar num forno, como a minha mãe, nem espetada num barril, como a sua!" Hester retrucou, folheando as páginas, até chegar à que ela queria...

"É claro. 'Capítulo 28: Notáveis Videntes Mulheres', rugiu Hester, e bateu a capa, fechando o livro *A história revisada da floresta, por um aluno*. "Yuba estava certo quanto a ela adulterar os livros." Ela olhou para Agatha. "A melhor forma de evitar que alguém descubra nossa história é reescrevê-la, vocês não acham?"

"O que eu não entendo é o seguinte", disse Anadil. "Dovey e Lesso dizem que ela causou os sintomas de bruxa de Sophie?"

"Elas disseram que foi ela ou Sophie, e nós sabemos que não foi Sophie", respondeu Agatha, igualmente intrigada. "Mas, por que a reitora gostaria que eu achasse que minha amiga era uma bruxa?"

"A menos que sempre tenha sido seu desejo que você fosse até Tedros", refletiu Hester, mordendo o lábio.

Até os ratos ficaram quietos.

Hester virou-se para Agatha. "Olhe, nós estamos presas nas eliminatórias da Prova, pelos próximos três dias. Mas as professoras estão certas. Você precisa seguir Sader e descobrir o que ela está tramando. Vamos voltar a nos reunir no Clube do Livro, para conversarmos sobre o que você descobriu."

"Mas como?", Agatha pressionou. "Como eu poderia seguir a Reitora, sem ser..." Sua voz foi sumindo e seu olhar desviou à cama de Beatrix.

“O que foi?”, perguntou Hester.

Chiados agudos irromperam junto à porta e todas as meninas viraram para ver os ratos devorando as borboletas que tentavam entrar no quarto. “Depressa”, Anadil estrilou com as bruxas, “a Reitora saberá que está havendo alguma coisa!”

“Desculpe não podermos ajudá-la”, Hester lamentou a Agatha, empurrando Dot em direção à porta.

“Vocês podem me ajudar a usar isso”, disse a voz de Agatha, atrás delas.

As bruxas viraram e viram Agatha segurando uma capa brilhosa de pele de serpente.

“Parece que Beatrix anda guardando segredos”, disse Agatha, erguendo as sobrancelhas.

Os lábios de Hester se curvaram num sorriso largo.

Embora as borboletas tivessem visto quatro pessoas deixando o quarto, testemunhas no corredor depois diriam a Pólux que só haviam visto três.

Com a Reitora lecionando sua versão de História no Salão do Bem, durante a maior parte do dia, Agatha desviou a rota até a Biblioteca da Virtude, torcendo para encontrar mais coisas sobre a história de Evelyn Sader.

Sob sua nova capa invisível, ainda com cheiro de lavanda, Agatha passou pelo Refúgio de João e Maria – pela sala de aula da professora Sheeks, passando por uma eliminatória de encolhimento de espada para cortar a lâmina de um menino com um encanto; ela passou pela professora Dovey, que pareceu dar uma olhada em sua direção, enquanto forçava as meninas, numa eliminatória de Diplomacia com Meninos, a convencer fantasmas sedentos de sangue com compaixão e bom senso.

Agatha correu até a escada dos fundos, rumo à entrada da biblioteca, onde o relógio solar reluzia sobre dois andares de prateleiras, em vermelho fogo e dourado, na luz do começo de tarde. Ela passou pela mesa da bibliotecária... e gelou.

Em dois anos aqui, pela primeira vez, a tartaruga estava acordada. Parada em cima de seu imenso diário de registros bibliotecários, o réptil lentamente enfiou uma salada pastosa de tomates e pepinos na boca, com a ponta emplumada de sua caneta, derramando um bocado em seu colo. Entre a idade avançada, os membros com artrite e a natureza nada apressada da tartaruga, cada mastigada demorava o tempo de um jantar de três pratos. Impaciente, Agatha passou por ela, pé ante pé, tomando cuidado para cronometrar seus passos às mastigadas da tartaruga, e seguiu apressada de volta ao primeiro andar, onde ficavam

guardados os livros de História.

Tinha de haver alguma coisa ali, pensou Agatha, enquanto olhava as prateleiras, e algumas borboletas circulavam acima. Algo sobre a história da escola, que Evelyn não tivesse falsificado, nem omitido. Porém, enquanto lia as lombadas dos livros, Agatha murchou:

A história dos fracassos principescos

Rapunzel: a verdadeira assassina gigante?

Uma crônica de resgates principescos fraudulentos

O macho frágil: o declínio de uma espécie redundante

A história oculta do divórcio de Branca de Neve

Agatha amuou-se no chão. A Reitora havia encoberto suas pegadas até melhor do que ela imaginara.

Agatha olhou para cima, desanimada, e viu a tartaruga olhando diretamente para onde ela estava sentada. Agatha não se moveu, sabendo que ela não poderia vê-la, sob a capa – ainda assim, seus olhos brilhosos se mantiveram fixos exatamente onde ela estava, piscando com pálpebras pesadas, e seu corpo de réptil imóvel. Ainda observando-a, a tartaruga lentamente estendeu-se para trás, com braços curtos e grossos, e tirou seu casco mosqueado. Dali de dentro, ela silenciosamente tirou um livro grosso e colocou em cima da beirada da mesa. Então, ela recolocou o casco e continuou mastigando, de olho no restante de seu almoço.

Boquiaberta, Agatha olhava o livro iluminado pelo sol que entrava pelas janelas do segundo andar.

Risadinhas ecoavam lá fora, junto com passos que se aproximavam. Agatha instantaneamente levantou-se, num salto, e correu até a mesa, enfiando o livro embaixo de sua capa, bem na hora em que Arachne e Mona entraram fofocando, distraídas demais para notarem a brisa soprando em seus cabelos.

Sob a pele de cobra invisível, Agatha disparou escada acima, até o telhado da Honra, e fechou a porta de vidro jateado atrás dela. Enfrentando o vento gélido, ela passou pelas cercas vivas de Guinevere, pontilhadas por pombos, até encontrar a última, a cena do lago perto da sacada, oculta por trás de uma parede de espinheiros roxos. Ela sentou em sua margem e tirou o livro da capa.

A história da floresta, por um aluno

AUGUST A. SADER

Agatha soltou uma bufada de ar e segurou o velho livro de história junto ao peito. *Deixe por conta da bibliotecária, para encontrar o livro que ela precisava*, pensou ela, silenciosamente agradecendo à tartaruga. O que ela queria

encontrar nessas páginas? Agatha acarinhou a capa de seda prateada do livro, com o emblema do glorioso Storian entre dois cisnes, um preto e um branco.

Abriu o livro grosso e não viu nada escrito, mas um arco-íris familiar de pontinhos erguidos em fileiras caprichadas, pequenas como cabeças de alfinetes. Embora o professor Sader fosse cego e não conseguisse escrever história, ele a *vira* e descobriu um meio para que seus alunos fizessem o mesmo. Enquanto Agatha passava os dedos nas fileiras de pontinhos, cenas fantasmagóricas se desenrolavam por encanto, em cima de cada página, em três dimensões, interpretando segundo a narrativa de Sader – as mesmas cenas que a Reitora havia revisado, em sua nova edição, para que as meninas não soubessem mais o que era verdade e o que não era.

Agatha passou os dedos pela página, adiantando as cenas, até que encontrou a página que queria:

"Capítulo 28: 'Videntes Notáveis'", rugiu a voz terna e profunda do professor Sader.

Uma pequena cena silenciosa surgiu acima da página do livro – uma visão de três velhos, com barbas até o chão, em pé, na torre do Diretor da Escola, de mãos dadas. Agatha se curvou sobre ela, para observar a cena, enquanto a voz desencarnada de Sader prosseguia:

"Como aprendemos no Capítulo 1, com as Três Videntes da Floresta Sem Fim, os videntes comumente compartilham três traços: eles vivem o dobro do tempo dos humanos comuns; envelhecem dez anos, como punição, se responderem a uma pergunta sobre o futuro; e seus corpos podem hospedar espíritos, com efeitos mortais..."

As mãos de Agatha percorriam o capítulo, passando de cena em cena, até que seus dedos subitamente pararam no meio de uma página, encontrando algumas fileiras de pontos polidos que pareciam mais novos e brilhantes que o resto.

Curiosa, ela tocou o primeiro ponto.

Instantaneamente, o belo rosto de um homem surgiu no meio da névoa – um rosto que Agatha reconheceu imediatamente, com cabelos grisalhos e olhos castanhos. Ela sentiu um aperto na garganta ao olhar para seu antigo professor de história da Escola do Bem, piscando para ela, com seu brilho azulado fantasmagórico. Agatha engoliu em seco e forçou seus dedos a prosseguirem...

"*Os Sader são da mais antiga e bem-sucedida linhagem de videntes. O membro da família Sader falecido mais recentemente é o filho caçula, August, que pereceu durante* A Fábula de Sophie e Agatha.

“Após a Grande Guerra entre os dois Diretores das Escolas do Bem e do Mal, August Sader há muito acreditava que o irmão do Bem havia criado um feitiço contra seu irmão gêmeo antes de morrer – um meio de provar que o equilíbrio entre o Bem e o Mal ainda permanecia intacto – e escondido o feitiço nos emblemas dos uniformes dos alunos. Quando o irmão do Mal destruiu esse equilíbrio matando um aluno sob sua proteção, o feitiço foi desencadeado, trazendo o fantasma do irmão do Bem de volta à vida. Como vidente, Sader sacrificou seu corpo ao fantasma, permitindo que o irmão do Bem matasse seu gêmeo do Mal e recuperasse o equilíbrio da Floresta.”

A mão de Agatha ficou paralisada na página e seu coração apertou. Por isso que o pontilhado era novo. Ele acrescentara sua própria morte, antes que acontecesse. Ela observava o rosto fantasma de Sader, paralisado acima do livro, sorrindo suavemente para ela, da forma como ele fazia, logo que ela entrou na Escola do Bem. Talvez ele tivesse previsto que morreria por ela, mesmo antes de sua chegada. E ele ainda sorria para ela. Ele ainda ajudou-a.

Agatha sentia o queixo tremendo. Nunca havia lamentado não ter tido um pai. Nunca cultivara nenhum pensamento... não até aquele momento, quando ela percebeu o que deveria representar ter um.

Uma lágrima caiu sobre a visão nebulosa, dissipando o rosto de seu professor morto.

Agatha limpou seus olhos e forçou a mão a continuar se movendo pelos novos pontos.

“Adicionalmente, acredita-se que August Sader seja responsável pela chegada das Leitoras não encantadas à Floresta Sem Fim. Depois que o Diretor da Escola do Mal matou seu irmão do Bem, de modo a controlar o Storian, a caneta mágica reagiu fazendo com que o Bem vencesse todas as histórias novas – um eterno lembrete de que o Mal era incapaz de amor verdadeiro. Para encontrar uma arma ainda mais forte que o amor, o Diretor da Escola do Mal buscou todos os videntes da Floresta, até que encontrou August Sader que, em troca de um cargo no corpo docente da Escola do Bem e do Mal, revelou que a arma desejada pelo Diretor da Escola viria de Além da Floresta. A previsão de Sader se tornaria conhecida como a Profecia da Leitora, a mais famosa profecia a emergir da linhagem de videntes masculinos dos Sader.”

Agatha sentou-se ereta. *Uma linhagem de meninos?* Ela releu a frase espantada. *Como August Sader poderia ter uma irmã, numa linhagem de meninos?*

Ela folheou as páginas ansiosamente, os pontos já não eram novos,

percorrendo a densa árvore genealógica da família Sader e as visões dos irmãos e sobrinhos do professor Sader... até que chegou a uma página em branco, sinalizando o fim do capítulo e fim da trilha.

Aparentemente, Sader não achava que sua irmã fosse digna de ser mencionada, pensou Agatha, fazendo uma careta. Frustrada, ela estava prestes a jogar o livro no lago, quando subitamente notou uma fileira de novos pontinhos minúsculos, no rodapé da página em branco.

Olhando mais de perto, praticamente com o nariz no livro, ela tocou o primeiro ponto e um retrato bidimensional se fundiu à névoa amarelada, num pequeno selo de postagem. Uma mulher arrebatadora, de dentes separados, sorria no retrato, com seus cabelos castanhos esvoaçantes, lábios fartos e olhos de um tom verde cor de floresta.

O pulso de Agatha acelerou e seus dedos também.

"*Há mais um membro da família Sader que merece menção. Como condição ao Diretor da Escola, por responder sua pergunta, August Sader pediu para lecionar história na Escola do Bem – e que sua meia irmã, Evelyn, lecionasse história na Escola do Mal. Contudo, como filha ilegítima de Constantin Sader, Evelyn Sader não se considerada parte da linhagem Sader, nem possuía os poderes de vidente.*

"Evelyn Sader lecionou por dois meses, antes de ser expulsa da escola para sempre, pelo Diretor da Escola, por crimes contra os alunos.

"August Sader assumiu as turmas dela na Escola do Mal, até sua morte."

O retrato da Reitora pairava na névoa, enquanto a mão de Agatha tremia no último ponto da página, e as palavras de seu antigo professor ecoavam em seus ouvidos.

Crimes contra os alunos.

Crimes tão terríveis, tão imperdoáveis, que um Diretor da Escola do Mal precisou banir uma professora de *seu próprio lado*.

O coração de Agatha parou.

O que Evelyn Sader havia feito?

Subitamente, o retrato do fantasma da Reitora cintilou em vermelho, acima do livro, e seu rosto virou diretamente para Agatha...

"LIVRO NÃO AUTORIZADO!", ela estrilou. "ESTE LIVRO NÃO É AUTORIZADO..."

Instantaneamente, a página ficou afiada como uma lâmina e voou com um grito agudo para fora do livro, atingindo o peito de Agatha e deixando um terrível corte de papel. Aterrorizada, Agatha tentou fazer seu dedo acender,

porém, mais folhas afiadas se soltavam do livro e vinham de todas as direções, para cortá-la. Agatha recuou junto à cerca viva, abanando as folhas para afastá-las, tentando focar no brilho de seu dedo, mas agora eram dúzias de folhas, cortando seus braços, barriga, pernas, até que seu corpo inteiro estivesse ardendo. Resfolegando, ela tentava gritar pedindo socorro, mas só via centenas de páginas se soltando do livro e voando ao seu rosto, afiadas como facas, prontas para matá-la. Com um grito, Agatha finalmente sentiu seu dedo acender em dourado e apunhalou as folhas...

Mil páginas brancas se transformaram em margaridas brancas em pleno ar e desceram flutuando até o lago.

Ofegante, Agatha olhava as flores flutuando, respingadas com seu próprio sangue.

Um ruído de explosão veio da Biblioteca da Virtude, abaixo, espalhando os pombos na cerca viva. Os olhos de Agatha se arregalaram. Ela vestiu sua capa invisível e saiu cambaleante pela porta de vidro jateado, mancando escada abaixo, e entrou na biblioteca...

Mas a bibliotecária tinha sumido de sua mesa, sua caneta de pena havia sido deixada para trás, com um almoço meio comido pingando em seu diário. No centro da sala, Mona e Arachne estavam sentadas à uma mesa, pálidas, com pergaminhos e livros espalhados diante delas, boquiabertas com a visão da janela do segundo andar.

Agatha lentamente acompanhou o olhar das duas, em direção a um buraco gigantesco aberto no vidro estilhaçado... no formato de uma tartaruga.

Sons baixinhos raspados vieram de trás dela e Agatha virou para ver a caneta de pena magicamente escrevendo no diário, arrastando e respingando a cada movimento, como se sentisse dor, antes de desmoronar na mesa, totalmente imóvel.

Com o coração veloz, Agatha se aproximou mais, até que ela pôde ler as últimas palavras da tartaruga.

CUIDADO COM A PROVA



Ande logo, Sophie, Agatha rezava.

Sentada em sua janela, ela olhou para a Escola dos Meninos, ao anoitecer, seu corpete azul manchado de sangue, seus braços e pernas ralados e roxos. Ao seu lado, uma chama verde reluzia dentro de uma lamparina circular que ela

fizera com pergaminho.

Agora, Sophie acenderia a dela a qualquer momento, em verde, se ela também estivesse a salvo, vermelho, se não estivesse.

Agatha ficou olhando o relógio: 19h15... 19h30... mas nada de luz da Escola dos Meninos.

Agatha ainda sentia seu coração disparado e o alerta da tartaruga tatuado em seu crânio.

Dois dias para a Prova.

Dois dias.

Ela e Sophie tinham que sair desta escola agora.

Seus olhos desviavam ao relógio... 19h45... 19h50...

Nada de luz no castelo dos meninos.

...19h55...

Sophie estava sozinha lá dentro, com seu príncipe...

Seu príncipe do Mal...

Seu príncipe do Mal a quem ela sonhou beijar, essa manhã, sem parecer nada de ruim...

Cale a boca, Agatha repreendia a si mesma, olhando de volta para o relógio.

...agora eram 20 horas...

Ouviu um burburinho aumentando pelos corredores, as meninas voltando do jantar...

Agatha começou a suar. Onde quer que Sophie estivesse, ela estava com problemas! Ela partiu rumo à porta, ofegante de dor... ela tinha que salvar sua amiga!

Agatha gelou. Lentamente, olhou de volta para a janela e seus olhos se arregalaram.

Lá no alto do céu, do outro lado da baía, uma chama verde acendeu por trás das nuvens finas. Agatha se aproximou, estreitando os olhos para a névoa que se abria. A luz verde não vinha de uma sacada, nem de uma torre do castelo dos meninos.

Estava vindo da torre do Diretor da Escola.

Agatha perdeu o ar. Ela acenou na frente de sua lamparina, tremulando a chama.

Lá longe, Sophie fez o mesmo.

Os olhos de Agatha saltaram de alívio. Sophie já estava na torre! Ela libertaria o Storian, a qualquer minuto!

Sem ar, Agatha vestiu sua capa e saiu correndo do quarto, deixando para trás

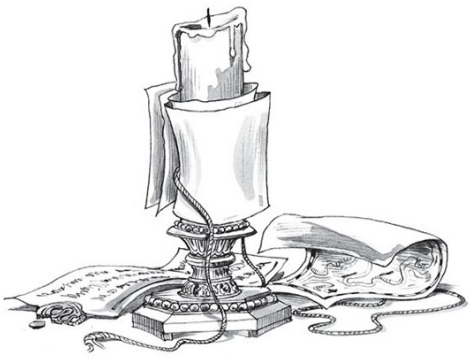
os sintomas, os sonhos com beijos e Evelyn Sader. Enquanto descia correndo os degraus, ela sentia a caneta se aproximando, FIM saindo de seu bico. Ela ficaria perambulando pela margem, à espera do regresso de Sophie, um pedido aguardando na ponta de suas línguas. A torre a perseguiria, os meninos viriam em turba, prontos para guerra, só para verem as duas meninas estilhaçarem na luz e desaparecerem, de mãos dadas... uma Prova impedida, um final feliz recuperado, duas amigas de volta em casa, mais fortes que antes...

Mas a noite veio e se foi nas rajadas de vento, e Sophie não voltou.

19
Dois dias restantes

Os meninos na fila para o café abriram um grande espaço, quando Filip passou por todos, coberto de terra e cinza, olhos vermelhos e com hematomas, cheirando como um celeiro no verão.

Enquanto as panelas encantadas do Salão de Jantar do Mal serviam ovos mexidos e uma montanha de bacon em seu balde enferrujado, Sophie conteve as lágrimas, lembrando a si mesma que meninos não choram. A essa hora, ela deveria estar em casa, de volta em sua própria pele, com Agatha ao seu lado, o FIM escrito e selado. No entanto, ali estava ela, com seus ombros de elefante, suas pernas peludas e crises hormonais, deixando que as panelas despejassem bacon gorduroso que o menino que sequestrou seu corpo mal podia esperar para comer. Na noite anterior, Manley a esperava, quando ela subiu para cumprir seu dever com o Storian. “Já procurei mil vezes”, ele debochou. “O Cástor acha que nós precisamos de olhos jovens.”



Depois que ele saiu, Sophie fez uma careta diante da bagunça; um monte de tijolos quebrados, livros de fábulas, poeira e fuligem – mas ela ainda tinha esperanças de que seria bem-sucedida no que eles haviam falhado. Ela passou a

noite toda vasculhando os aposentos do Diretor da Escola, quebrando tijolos soltos, usando o muque para puxar estantes de livros, sacudindo volumes caídos pelo chão, enquanto seu livro com Agatha parecia olhar de esguelha para ela, de cima de uma mesa de pedra. No fim, quando Cástor apareceu, ao raiar do dia, ela o encarou de mãos vazias, assim como o restante.

"Um príncipe inútil. Mas que surpresa", estrilou o cão, chutando alguns tijolos soltos com a pata. "A caneta tem que estar nesta sala, ou a torre não continuaria aqui." Ele olhou pela janela, vendo o castelo de vidro do outro lado da baía. "Pólux teria adorado um bom jogo de esconde-esconde. Duas cabeças são melhores do que uma, para esse tipo de coisa." Seus olhos grandes e pretos pareceram marejar.

"Deixe-me continuar a procurar", Sophie disse rapidamente, sacudindo a poeira de *O patinho feio*.

"Você teve sua chance, Filip", rugiu Cástor, empurrando-a em direção à janela.

Sophie assentiu e montou na corda de cabelos louros, sabendo que ela tinha fracassado em sua missão.

"Diga ao Tedros que é bom que ele reze para acharmos", disse Cástor, atrás dela. "Se o Storian cair nas mãos da Reitora, todos nós estaremos condenados."

Sophie deslizou silenciosamente pelos cabelos iluminados pelo sol.

Dolorida de tanto andar agachada e cavar, largou-se numa mesinha de ferro redonda, devorando montes de bacon e ovos, já sem controle de suas mãos ou de suas maneiras. Será que o Tedros tinha mentido para o Manley, escondendo a caneta de Agatha e dela? Ou ele estava dizendo a verdade, que outra pessoa a encontrara e escondera? Nesse caso, quem? E onde?

"O Storian não é problema seu, cara", disse Chaddick sentando na mesa, ao lado dele, com os ovos cobertos de molho chili. "Os professores experimentaram durante uma semana. Agora só estão usando os meninos como escravos."

"Por que você acha que os novos príncipes o ajudaram a trapacear também?", palpitou Nicholas, mastigando bacon crocante, ao sentar. "Ninguém quer o dever de procurar o Storian."

"Mas valeu a pena ver a cara feia de Aric, quando você ganhou no primeiro dia", Ravan riu, debochado, se espremendo para sentar com Vex e Brone. "Por sorte, ele estará na sua equipe. Já está planejando assassinar as meninas na Prova, em vez de fazê-las se renderem."

Sophie ficou tensa quando viu Aric na cabeceira da mesa, com seus capangas, todos comendo porções triplas. Dois dias até que ela e Agatha

entrassem na Prova, contra esses brutos. Ela tinha que encontrar a caneta esta noite.

“Aposto que o Tedros não esperava uma equipe de lutadores, ontem”, Vex disse a ela, remexendo as orelhas pontudas. “Todos nós garantimos que você lhe desse uma bela coça.”

“Que tal um repeteco, hoje?”, Sophie deu um sorriso afetado e ansioso.

Chaddick fungou. “Em primeiro lugar, repeteco? Nunca tinha ouvido isso da boca de um menino que não fosse frutinha. Segundo, acho que já está na hora de você se virar sozinho. Não quero você na Prova, se não merecer estar lá... com escravidão em jogo e tudo mais.”

Sophie ficou vermelha. Como ela poderia voltar ao turno do Storian, se não tivesse ajuda? Ela enfiou os ovos mexidos na boca, tentando evitar fazer mais asneiras.

“Oi, Filip!”

Ela ergueu os olhos e viu Hort tentando sentar ao seu lado.

“Não tem lugar”, disse Chaddick, chegando para o lado para impedi-lo.

Nadando em seu uniforme, fazendo bico e com o queixo trêmulo, Hort parecia uma criança expulsa de sua própria festa de aniversário. Ele deu uma choramingada de doninha e saiu andando.

Os olhos de Sophie faiscaram. “Hort, sente-se aqui!”

Hort virou, radiante, e sentou-se pesadamente ao lado dela, ignorando os resmungos de todos os outros meninos. “Você quer o meu bacon?”, perguntou ele, estendendo seu balde a Filip. “Não posso tocar nesse negócio. Meu pai me deu um porquinho, uma vez, e disse que eu teria de matá-lo, um dia... é o que a maioria dos pais do Mal fazem, obrigam seus filhos a comerem seus bichos de estimação...”

“Tedros talvez me vença hoje, Hort”, Sophie sussurrou, tentando parecer sincera. “O que eu faço?”

“Pra isso que servem os melhores amigos, Filip”, Hort sussurrou de volta, com ar travesso. “É... e para dizer que você cruza as pernas como uma garota...”

“Você vai me ajudar?”, Sophie ficou animada, respirando aliviada.

“Da mesma forma que você vai me ajudar, quando chegar a hora”, disse Hort, subitamente parecendo muito sério.

Sophie sorriu tensa e mergulhou no bacon, rezando para que ela e sua melhor amiga de verdade já tivessem partido há muito tempo, antes que ela pudesse descobrir o que aquele bobão esperava em troca.

Eu só posso ter deixado de olhar algum canto, ontem à noite, pensou Sophie,

passando apressada pelo esgoto, enquanto mordia uma maçã. O Storian era tão fino e afiado que poderia estar escondido nas frestas dos tijolos prateados, ou até no tecido da lombada de um livro. E, no entanto, quem não ouviria sua agitação, debatendo-se, em algum lugar?

Com as têmporas latejando, Sophie contornou um canto passando pelo fosso de água vermelha agitada. Esta noite, ela procuraria com mais afinco. Abriu a porta da Sala da Condenação, desesperada por alguns minutos de sono, antes da aula de...

Tedros ergueu os olhos, de sua cama, fazendo-a parar na hora.

Seus olhos estavam estufados e vermelhos, cheios de olheiras. Sua pele tinha passado de bronzeada a uma palidez fantasmagórica, com as veias aparecendo, e Sophie viu que ele estava tremendo, com os músculos retesados sobre os ossos saltados. Ele não tinha hematomas. Nenhum ferimento, nem vergões. E, no entanto, tudo em seus olhos dizia que ele havia sido torturado além do limite que qualquer menino poderia suportar.

“O que foi que o Aric fez com você?”, Sophie perguntou baixinho.

Tedros curvou-se, com o rosto nas mãos.

Sophie caminhou até ele e estendeu sua fruta meio comida. “Por favor...”

Tedros arrancou-a de sua mão e jogou num canto imundo. “Saia de perto de mim”, ele sussurrou.

“Você precisa comer alguma coisa...”

“SAIA DE PERTO DE MIM!”, ele berrou no rosto dela, com o rosto vermelho vivo.

Sophie saiu da cela o mais depressa que pôde, com os ecos de Tedros perseguindo-a por todo o caminho.

“Eu não posso fazer isso. Não posso trapacear”, Sophie disse a Hort, enquanto eles seguiam até o Salão do Mal, para Treino de Armamento. “Não, se significa que ele será torturado outra vez.”

“Bem, você quer que Aric torture *você*?”, Hort estrilou.

Sophie caiu em silêncio, olhando para trás, para onde Tedros estava segurando o próprio braço, mal conseguindo andar. A culpa subiu por sua garganta...

O que há de errado comigo?!, ela ralhou consigo mesma, virando-se. Por que ela estava preocupada com Tedros? Por que estava preocupada com um garoto que a queria *morta*?

“Tudo bem, mantenha o plano”, ela disse a Hort.

“Esse é meu melhor amigo”, Hort disse, radiante. “Nós faremos uma grande

dupla na Prova, não é?”

Sophie franziu o rosto. “Hort, você não está nem perto de conseguir entrar na equipe da Prova...”

Mas o doninha já estava assoviando e seguindo em frente.

Nas três primeiras eliminatórias, a destreza de Hort em trapacear e as habilidades de Sophie como atriz ajudaram-na a ganhar o primeiro lugar, sem que nenhum dos professores ou os meninos notassem. Hort magicamente moveu a flecha dela na direção do coração da princesa fantasma, na eliminatória de arco e flecha, fez uma charada nas respostas da prova oral de *Você conhece bem os seus monstros?*, e experimentou as folhas das plantas dela, durante o desafio de sobrevivência em *Venenosa ou Apetecível?*, para que ela saísse ilesa. Até a hora do almoço, Sophie flagrou todos os meninos olhando para Filip de Mount Honora com um novo respeito, como se ele realmente merecesse uma vaga na equipe da Prova. Até os olhares de Aric pareciam menos malignos, como se um colega de equipe como Filip fosse o motivo para que ele tivesse trazido os novos príncipes pelo escudo protetor.

Mas Tedros sabia que Filip ainda estava roubando. Ele não disse uma palavra aos meninos ou aos professores, mas Sophie via que ele a encarava, cada vez mais sinistro, após cada eliminatória, como se ele nunca tivesse visto ninguém tão pernicioso. Até a terceira eliminatória, ele nem estava mais tentando. Até a última, quando Mohsin, o gigante peludo que liderava os Grupos Florestais jogou Tedros e Filip dentro de um ringue para uma eliminatória de boxe, numa briga de mano a mano, sem regras... Tedros simplesmente caiu de joelhos e admitiu a derrota, antes que eles começassem, olhando para Filip com um olhar fulminante.

Os meninos vibravam ruidosamente, consagrando o novato como vencedor, pelo segundo dia. Mas Sophie olhava nos olhos frios de Tedros, que via tudo, e não se sentia nem um pingo vitoriosa.

Por que a Sophie ainda não está de volta?, pensou Agatha, passando apressada pela passarela roxa da Caridade, sob sua capa invisível. Na noite anterior, a lamparina de Sophie tinha ficado acesa e a salvo, lá na janela do Diretor da Escola – e, no entanto, ela não tinha regressado com a caneta. O que só podia significar uma coisa...

Ela não conseguiu encontrá-la.

A respiração de Agatha estava ofegante. Cada segundo trazia Sophie e ela para mais perto da Prova. Se Sophie não conseguisse encontrar aquela caneta... Agatha sentiu um aperto por dentro, lembrando-se do alerta da tartaruga.

Ela tinha que descobrir o que a Reitora estava tramando. Passara a manhã escondida embaixo da capa, esperando Evelyn do lado de fora do Salão do Bem, torcendo para poder segui-la entre suas lições de história. No começo de cada uma de suas aulas, Agatha espiava pela porta, para vê-la levar um grupo de meninas para dentro de Barba Azul, uma fábula repulsiva sobre um marido que assassinava todas as suas oito esposas, e que deixava as meninas com cara de nauseadas.

“Eu lhes mostro essa história, não para assustá-las”, a Reitora dizia à turma, a cada vez, “mas para lembrá-las o quão cruéis os meninos serão, durante a Prova. Não esperem que eles aguardem que vocês soltem seus lenços, ou que se contentem com sua rendição.” Ela sorriu brevemente. “Nem vocês devem conceder-lhes essas cortesias.”

Conforme a Reitora saía rebolando do salão de bailes, entre uma aula e outra, Agatha tentava segui-la, mas as manobras invisíveis pelos corredores lotados exigia muita agilidade e graça, e nenhum dos dois atributos eram seus pontos fortes. Depois de se perder da Reitora quatro vezes, Agatha ficou colada à parede, desanimada.

“Realmente, Pólux, eu sou inteiramente capaz de pegar meu almoço sozinha”, disse professora Dovey, bufando atrás dela.

Agatha olhou e viu a cabeça peluda de Pólux colada ao corpo de uma velha coruja, voejando atrás da professora de vestido verde.

“Coisas esquisitas andam acontecendo, ultimamente”, Pólux resfolegou. “Vozes nas galerias de água, borboletas comidas por ratos, fantasmas dando encontrões nas meninas, pelos corredores... a Reitora me aconselhou a ficar de olho, tanto em você, quanto em Lesso, até a Prova.”

“Talvez, se Evelyn não tivesse tomado o meu escritório, fosse mais fácil me encontrar”, disparou a professora Dovey, apressando-se pelos degraus abaixo, deixando a coruja de Pólux para trás.

Agatha arregalou os olhos.

Com meia hora restante para a aula, ela correu subindo a escada espiral de vidro da Caridade, até o antigo escritório da professora Dovey, a única porta em mármore branco, no sexto andar, que antes exibia um besouro verde e agora ostentava uma borboleta azul. Agatha olhou para baixo, para o vão da escada, assegurando-se de que ninguém estava subindo.

Tentou a maçaneta prateada, mas estava trancada. Então, lançou um feitiço de choque no buraco da fechadura, com seu dedo aceso, depois um feitiço ainda mais inútil de derretimento, e um feitiço desesperado de congelamento...

O trinco estalou.

Ansiosa diante de sua sorte, Agatha agarrou a fechadura e viu que só abria pelo lado de *dentro*. Em pânico, ela abaixou junto à balaustrada da escada, enquanto a porta foi escancarada.

Uma menina botou seu nariz comprido e o rosto sardento para fora, os olhos ariscos olhando à direita e à esquerda, antes de sair apressada e fechar a porta, e espertamente deslizar pelo corrimão, até o andar debaixo.

Agachada, Agatha ficou boquiaberta com os cabelos ruivos da garota sumindo de vista.

O que Yara estava fazendo no escritório da Reitora?

Subitamente, Agatha ouviu um rangido atrás dela e girou a tempo de ver a porta se fechando, prestes a bater e trancar...

Com um salto, ela conseguiu segurá-la, bem na hora.

O professor Manley veio até a Sala de Condenação duas vezes, antes do jantar, prometendo alimentar Tedros, se ele contasse onde estava o Storian. Tedros implorou piedade... mas não tinha uma nova resposta. Manley deixou o príncipe faminto, mais uma vez.

A luz costumava entrar pelas galerias ao pôr do sol, quando o reflexo dos raios solares acima da baía lançavam filetes que se espalhavam em laranja avermelhado, vindo dos túneis do Bem, entrando nos túneis do Mal. Agora, o príncipe estava sentado no esqueleto metálico de sua cama, em perpétua escuridão, ouvindo o revolver do fosso batendo de encontro às rochas que bloqueavam os dois lados, um do outro. Fazia seis dias que ele tinha comido. Sua barriga vazia doía tanto que ele nem conseguia ficar em pé. Seus dentes tinham começado a bater, mesmo dentro dos túneis sufocantes.

Ele não sobreviveria à punição desta noite.

A porta da cela foi destrancada e rangeu, mas o príncipe não ergueu o olhar. Não até sentir o cheiro de carne.

Filip empurrou um balde de costeletas de carneiro assadas e purê de batatas à sua frente e recuou.

“Eu disse ao Manley que era para o Cástor”, disse ele, em sua voz baixa estranha e afetada. “E disse ao Cástor que era para o Manley.”

Tedros olhou para o príncipe encantado, tão forte e tão delicado, como um menino que não tinha certeza de como sê-lo. Ele sorria demais, ficava perto demais dos outros garotos, brincava excessivamente com os próprios cabelos, dava garfadas pequenas demais, estava sempre tocando o rosto, como se procurasse espinhas... E o mais estranho de tudo eram seus olhos... Os olhos de

Filip eram às vezes cor de esmeralda, às vezes frios, às vezes profundos e vulneráveis, como se oscilassem entre o Bem e o Mal. Houve uma vez que Tedros havia sido tomado por olhos exatamente como aqueles.

Ele tinha aprendido sua lição.

Tedros agarrou o balde e arremessou a comida contra a parede de pedra, deixando Filip todo respingado de gordura. Jogou o balde no chão fazendo um tilintar horrível e sentou de volta em sua cama, ofegante.

Filip não disse nada e sentou-se na beirada de sua própria cama.

Os dois companheiros de cela ficaram curvados, próximos um ao outro, em silêncio profundo... até que a porta rangeu abrindo, mais uma vez, e uma sombra escura banhou os dois.

“Não...”, Filip resfolegou, erguendo os olhos para Aric, que tinha um chicote no cinto. “Você vai matá-lo!”

“Você está atrasado para seu turno com o Storian, *não está*?”, Aric disse, zombando.

“Olhe para ele!”, Filip pressionou, com a voz falhando. “Ele não vai conseguir sobreviver...”

Mas os olhos violeta de Aric desceram em direção ao balde vazio perto da cama de Tedros. “Estou vendo que andou roubando comida.” Ele olhou de esguelha para o príncipe, passando os dedos no chicote. “Talvez comecemos com uma punição extra, esta noite.”

“Não!”, Filip gritou. “É culpa minha! Tedros, conte a ele!”

Tedros o silenciou com um olhar fulminante e virou-se, friamente.

Tedros ouviu Filip parar de respirar atrás dele, percebendo que não era desejado. A sombra de Filip pairou na parede, por mais um instante, então, ele finalmente saiu da sala.

“Mãos na parede”, Aric ordenou ao príncipe.

Tedros virou-se e pousou as mãos no alto da parede apodrecida.

Ele ouviu um estalo quando Aric tirou o chicote do cinto e as batidas de pânico em seu próprio coração, que lhe dizia que uma daquelas chicotadas iria matá-lo. Não queria morrer – não daquele jeito. Nem de modo pior que seu pai. Com as lágrimas minando, os membros trêmulos, ele ergueu os olhos para a sombra de Aric na parede, desenrolando o chicote.

A mão se ergueu e golpeou com força total, e a primeira chicotada zuniu em direção às suas costas...

A sombra de Aric bateu contra a parede e o chicote estalou horrendamente na pele de outra pessoa.

Tedros girou para ver.

Filip segurava Aric pelo pescoço, contra a parede de tijolos. O chicote estava enrolado ao antebraço sangrando de Filip.

“Diga aos professores que se alguém tentar feri-lo novamente, terá de passar por mim”, Filip rugiu.

Tedros olhava e piscava, incerto se estava vivo ou morto.

Na pegada apertada de Filip, Aric parecia nervoso – antes de conseguir dar um sorriso cruel e se soltar. “Exatamente o que precisamos na Prova. Alguém que põe a lealdade em primeiro lugar”, disse ele, saindo rapidamente. “Eu vou pedir aos professores para lhe arranjarem um quarto mais adequado.”

“Aqui está ótimo!”, Filip gritou às suas costas, enquanto ele saía.

Agora, os olhos de Tedros pareciam bolas de gude. Virou-se lentamente para Filip, que mostrou os dentes, com o rosto vermelho e furioso.

“Ou você come agora, ou eu mesmo vou matá-lo”, Filip disparou.

Dessa vez, Tedros não discutiu.

Agatha olhou para o relógio de pedestal acima, no canto do escritório.

Faltavam dez minutos para o intervalo da próxima aula.

Olhou ao redor do escritório da Reitora, que era estranhamente pobre. Onde antes a mesa da professora Dovey tinha uma porção de canetas de pena, livros de registros de notas e pergaminhos sob pesos de papel em formato de abóboras, Evelyn Sader mantinha a mesa de mogno limpa e vazia, exceto por uma vela alta e fina no canto, da cor do papel de pergaminho.

Por que Yara tinha estado ali dentro?, Agatha se perguntava. Tinha certeza de que ouvira Yara falando com a Reitora, naquela dia, na Galeria. Algo em relação a deixar que Yara ficasse... Agatha afastou o pensamento. Ela deveria estar focada na Reitora, não numa garota maluca qualquer, que podia ou não falar.

Agatha curvou-se na poltrona vigorosa de madeira atrás da escrivaninha vazia, com os minutos passando.

A Reitora tinha chegado no dia em que a Escola do Bem e do Mal se tornou Escola de Meninos e Escola de Meninas. O que significava que seu conto de fadas com Sophie tinha matado o Diretor da Escola... e depois permitiu que professora do Mal que ele banira regressasse.

Mas, por quê?

Agatha lembrou-se do que Dovey e Lesso haviam dito. Os sintomas de Sophie tinham vindo de Evelyn, ou da própria Sophie. Não havia outros suspeitos. Evelyn já tinha sido condenada por crimes contra alunos. Evelyn

estivera na sala, em todos os sintomas de Sophie... a Fera... a verruga... o Mogrif corrupto... *Por que estou pensando nisso?*... Claro que tinha de ser Evelyn... *era* Evelyn...

No entanto... se não fosse Evelyn...

Agatha fechou os olhos, deixando que o sonho voltasse... Ele parecera tão calmo, tão feliz, seus cabelos louros cobertos de neve... Podia ver seu sorriso torto, o cordão aberto em sua camisa, como estava no dia em que ele a convidou para o baile, naquela mesma escola... como se, desde então, tudo tivesse dado errado na história deles... como se tudo isso tivesse sido um grande erro... Ela novamente sentia o gosto de seus lábios, enquanto ele a segurava, seu coração disparado junto ao dele, batendo com mais força do que nunca...

Os olhos de Agatha se abriram no escritório frio e vazio.

Dessa vez, era mais que um sonho.

Seu coração ainda pedia por Tedros.

Pedia com mais força ainda.

Agatha ficou vermelha como um pimentão. Ela ainda estava pedindo por seu príncipe, acima da amiga? Sua amiga leal, que estava arriscando a vida para salvá-las do mesmo menino a quem ela desejava? Zangada, Agatha afastou-se da mesa, odiando a princesa fraca e tola dentro dela, a princesa que ela não conseguia silenciar...

Então, Agatha lentamente sentou-se outra vez.

Havia uma estranha ruga na textura da vela. Ela estendeu a mão e tocou, esperando sentir a cera – mas só sentiu papel. Ela puxou a vela para mais perto e viu um pergaminho camuflado ao redor, amarrado com uma cordinha branca. Agatha tentou estabilizar suas emoções, sabendo que a Reitora estaria de volta, a qualquer momento. Ela cuidadosamente desamarrou o pergaminho, soltou-o da vela e o abriu na mesa.

Eram três páginas.

A primeira era um mapa da Floresta Azul, o mesmo mapa que as alunas recebiam todo ano, nos Grupos Florestais, com todas as áreas em destaque assinaladas: O Campo de Samambaias, a Mata Turquesa, o Riacho Azul.

Então, Agatha notou que uma dessas áreas estava circulada com tinta vermelha, a única marcação na página, estranhamente evidente. Ela ficou olhando o círculo.

As Cavernas Cyan

Os professores nunca mencionaram as cavernas, nem levaram os alunos até lá, supostamente porque não havia como subir pelo caminho no penhasco, nem

qualquer motivo para explorar as cavernas vazias. Por que a Reitora tinha marcado o local?

Agatha passou à folha seguinte: uma carta com um lacre em cera vermelha, com uma serpente, rompido. Estava datado daquele mesmo dia.

Cara Evelyn,

Já que não há espaço para ambiguidade, aqui estão as regras para a Prova.

1. Amanhã, ao meio-dia, eu irei encontrá-la no portão da Floresta Azul. Como Reitores atuantes em nossas escolas, cada um de nós sairá trinta minutos mais cedo para colocar as armadilhas na arena. Conforme sua solicitação, as Cavernas Cyan estão fora do percurso.
2. Devido aos grandes riscos envolvidos, a tradicional averiguação local da floresta, que antecede à Prova, será cancelada para ambos os lados.
3. Participarão dez competidores de cada escola e cada um deles poderá ter uma arma de sua escolha. Nenhum outro poderá entrar, e a Floresta ficará velada para espectadores. Serão permitidos todos os feitiços e talentos mágicos.
4. Se tanto os meninos quanto as meninas ainda estiverem na Floresta quando o sol raiar, a Prova prosseguirá, até restarem somente meninos, ou somente meninas.
5. Independentemente do desfecho, as condições originais de Tedros serão obedecidas. Se as meninas vencerem, os meninos se rendem à sua escola, como escravos. Se os meninos vencerem, as Leitoras nos serão entregues para execução e as escolas voltam a ser do Bem e do Mal.

Qualquer violação dessas regras violará os termos da Prova e darão início à guerra.

Boa sorte.

Professor Bilious Manley

Reitor em exercício, Escola de Meninos

Agatha franziu o rosto, cheia de perguntas. Por que Evelyn queria o cancelamento do reconhecimento do local da Prova? E por que ela tinha circulado as cavernas, se elas estavam fora da área em vigor? Ela virou a terceira página, ainda silenciosamente furiosa por sequer pensar em Tedros, muito menos

desejar que...

Seu coração parou.

Em suas mãos, estava uma longa lista, com letras miúdas descrevendo os ingredientes de uma poção, seguida por uma série ainda mais longa de instruções precisas de como fervê-los, preenchendo cada pedacinho de uma folha surrada.

Uma folha que Yuba disse ter perdido numa sala de aula, semanas atrás.

Agora, enquanto Agatha olhava para ela, ali, na sala da Reitora, uma pergunta fervia em sua mente, afastando todas as outras coisas.

Só que a pergunta não era como Evelyn Sader tinha encontrado a receita do gnomo para o feitiço perdido de Merlin.

A pergunta era o que ela tinha feito com ele.

20
Um passo à frente

De joelhos, Tedros pegou outra costeleta do chão e devorou feito um leão, arrancando a carne e jogando o osso numa pilha com outros. Depois de comer mais seis, ele pôs as mãos na barriga, ligeiramente verde, tentando segurar tudo no estômago.

A porta da cela rangeu abrindo e ele olhou para cima, vendo Filip molhado de suor, o antebraço marcado com sangue seco, carregando duas canecas fumegantes.

“Eu sabia que você ia comer demais”, disse Filip, pousando uma caneca de um líquido espumoso à sua frente. “Um pouquinho de arroz cozido em água quente acalma o estômago. Seria bom se tivéssemos um pouco de hortelã ou gengibre... dá um caldo digestivo...”

Sophie viu Tedros a encarando. Limpou a garganta com um grasnar de “macho”. “Beba tudo.”

Tedros enfiou a língua no chá e pousou a caneca, franzindo o rosto. “Atrasado para o turno do Storian, não está, Filip?”



“Eu disse ao Manley que o interrogaria primeiro”, disse Sophie, séria, sentando de frente para ele.

Foi por isso que eu salvei a vida dele, ela ralhou consigo mesma, recostando os ombros vigorosos na parede. Porque Tedros lhe diria onde estava o Storian. *Por isso*. Não porque ela desse a mínima para ele. Ela o olhou fixamente, músculos retraídos, voltando a focar no objetivo.

“Diga-me onde está, Tedros.”

“Pela última vez, Tristan e eu o enterramos para protegê-lo de Sophie e Agatha”, ele estrilou. “Nós o enterramos embaixo de um tijolo solto. Não sei como pode ter saído dali.” Ele viu Filip o observando e pendeu a cabeça. “Olhe, eu não mentiria para você, Filip. Não depois do que você fez por mim.”

“Mas, então, quem pegou?”, disse Sophie, com um nó no estômago. “Eles interrogaram Tristan?”

“Pffft, ele seria o primeiro a entregá-lo a um professor”, disse Tedros, tirando as botas e as chutando longe. “Além disso, ninguém vê aquele rato há dias. Provavelmente partiu antes que as aulas começassem. Nunca gostou dos outros meninos.”

“Mas o Cástor disse que estamos todos condenados, se não encontrarmos...”

“Porque a caneta reflete a alma de seu mestre”, Tedros murmurou, curvando-

se ainda mais amuado. “Se ela for parar nas mãos da Reitora Sader, você pode apostar que haverá muitos meninos morrendo, no fim das histórias. Começando pela minha.”

Minha. A palavra foi um golpe mais forte em Sophie do que a perspectiva da morte na Floresta. Ela sempre pensara nisso como *sua* história com Tedros, o vilão em seu caminho. Contudo, agora ela percebia: Tedros pensava nisso como seu conto de fadas... e que ele merecia um final feliz, tanto quanto ela.

“O pedido de Agatha por você”, Sophie disse baixinho. “Como você soube?”

Tedros parou, contraindo o maxilar. “Eu tinha 9 anos, quando a minha mãe foi embora. Foi no meio da noite e eu estava dormindo, na ala oposta do castelo. Lembro-me de sentar como um raio, encharcado de suor, e seguir cambaleando até a janela, sem saber o motivo, como se meu coração estivesse sendo arrancado do meu peito. A última coisa que vi foi minha mãe sentada em meu cavalo favorito, galopando em direção à Floresta.” Ele traçou o espaço entre os tijolos, com o dedo. “Eu acordei do mesmo jeito, quando senti o pedido de Agatha. Ela queria que eu ouvisse, Filip.” Os olhos dele se encheram de água. “E eu acredito que era verdade.”

Sophie remexia nas unhas imundas. “Talvez tenha sido verdade”, disse, quase que para si mesma. “Talvez alguma coisa simplesmente... tenha atrapalhado.”

Tedros esfregou os olhos e sentou-se mais ereto. “Você é um bom amigo, Filip. Não precisava me ajudar.”

Sophie sacudiu a cabeça. “Eu não poderia deixar você morrer”, disse ela, sem conseguir olhar para ele. “Não podia.”

“Sophie disse a mesma coisa, ano passado. Jurou me proteger na Prova... e depois me deixou lá para morrer sozinho”, disse Tedros, mexendo num buraco em sua meia suja. “Acho que essa é a diferença entre uma menina e um menino.”

Sophie finalmente ergueu os olhos, piscando.

Tedros assentiu. “Confie em mim, eu sei, Filip. Ela era tão do Mal quanto diz o livro.”

Sophie engoliu em seco. “Você pode... me falar dela?”

“Ela era a garota mais bonita que eu já tinha visto... cabelos louros como os seus... e agora que estou pensando nisso, olhos verdes, também como os seus”, disse Tedros, olhando para Filip. Seu companheiro de cela desviou o olhar, constrangido, e Tedros rapidamente baixou o olhar. “Mas não havia nada por baixo. Toda vez que eu lhe dava uma nova chance, eu via mais decepção. Era

como se ela quisesse um príncipe só para ter um, sem dar a mínima para quem fosse. Eu nunca soube o que Agatha via nela, que valesse salvá-la."

"Talvez você não conheça Agatha da forma como Sophie a conhece."

"Eu sei que Agatha era uma boa alma que merecia a felicidade com um príncipe", respondeu Tedros. "Agora ela desistiu do amor verdadeiro por algo que se faz passar por isso. Sophie fez isso com ela. Sophie *arruinou-a*."

"Só porque você obrigou sua princesa a *escolher*", Sophie disparou de volta, com seu rosto principesco corando. "Você é responsável por seu próprio destino, Tedros. Não Agatha. Nem Sophie."

Tedros fez uma cara feia, mas não disse nada.

"Por que uma garota não pode ter ambos?", Sophie perguntou baixinho. Ela olhou para seu rosto de menino, refletido na moldura da cama. "Por que ela não pode ter o amor de seu príncipe e o amor de sua melhor amiga?"

"Porque nós crescemos, Filip", Tedros suspirou. "Quando você é jovem, acha que seu melhor amigo é tudo. Mas depois que você encontra amor de verdade... isso muda. Sua amizade nunca pode ser o mesmo que isso. Porque não importa o quanto você tente manter ambos, sua lealdade só pode ficar com um." Ele sorriu triste, para seu colega de cela. "Esse foi o maior erro de Agatha. Ela não consegue ver que ela e Sophie estavam condenadas, no instante em que ela se permitiu me amar."

Sophie sentiu a parede de músculos que abrigava seu corpo amolecendo, como se Tedros tivesse colocado as palavras na verdade que ela vinha refutando. Naquela noite, Agatha devia ter beijado Tedros e vivido seu Felizes Para Sempre. Naquela noite, ela própria devia ter voltado para casa sozinha, e sua única amiga seguiria em frente, com um menino.

Mas ela havia reescrito a história delas. Ela tinha impedido a melhor amiga.

E a que custo?

"É tarde demais", Tedros disse, pousando a testa sobre os braços cruzados. "Nunca mais vou amar ninguém."

"Talvez Sophie precise de Agatha mais do que você precisa dela", pressionou o colega de cela, com lágrimas nos olhos. "Talvez Agatha seja o mais próximo do amor que Sophie irá chegar. Talvez Sophie tenha feito o Bem, no fim das contas!"

Tedros ergueu a cabeça, olhando furioso.

"Você não vê, Tedros? Você vai encontrar outra pessoa", disse *Filip*, com a voz trêmula. "Sophie, não."

"Você é tão ruim quanto uma Leitora, Filip", disse Tedros, sinistramente. "Só

existe um amor verdadeiro. Só um.”

Os meninos se olharam sérios, antes de virarem o rosto e ficarem em silêncio, duas silhuetas sob a luz da tocha que se apagava.

Filip levantou e seguiu rumo à porta. “Venha.”

“O quê?”, Tedros disse. “Eu não tenho permissão...”

“É a diferença entre você e eu.” Filip o encarou, de cima. “Você é um príncipe que age segundo as regras, eu não.”

Tedros ficou olhando seu novo amigo esperando impacientemente.

“É preciso ser um garoto e tanto para ficar mandando em mim”, Tedros murmurou, levantando.

Filip segurou a porta aberta.

“Você não faz ideia.”

No palco de ensaio, no Salão de Jantar, Pólux latia para seu elenco de cinco garotas Nunca perplexas, cheias de maquiagem branca de palhaço, e vestidos de estilo tradicional chinês malfeitos. “Pela última vez, vocês são a metáfora viva para a Prova... uma encarnação de eras de submissão e objetivação feminina... um monumento a uma Prova mortal que pode nos custar vidas...”

“Essa peça parece mais mortal do que uma Prova”, Dot murmurou para Yara, que ignorou-a e alegremente aprontou as burcas e os adereços de cabeça feitos de plumas de cisne, para o ato seguinte. Dot olhou para Hester e Anadil, do outro lado da sala, cochichando enquanto pintavam um dos cenários, com um vão estranho entre elas que Dot imaginou que deveria ser Agatha. “Se eu soubesse que o Clube do Livro daria nisso, eu teria feito um teste para o coral”, ela suspirou, transformando uma pena de cisne em rúcula, antes de seguir até elas e participar da conversa.

“O que a Reitora poderia estar fazendo com o feitiço de Merlin?”, dizia Anadil.

“Será que ela própria já usou?”, disse Agatha, puxando o capuz da capa, para que elas pudessem ver seus imensos olhos castanhos.

“Primeiro de tudo, nós teríamos notado se a Reitora tivesse se transformado em homem”, respondeu Hester. “Segundo, ou você fica invisível, ou não fica. Seus olhos estão grandes e sentimentais demais para serem levados a sério.”

“Bem, eu não sabia que todo mundo estava sendo voluntário para a equipe de palco”, Agatha estrilou, enquanto os ratos de Anadil se revezavam ao se banharem em tinta e rolarem pelo set.

“Você não pareceu ter nenhuma ideia melhor de onde deveríamos nos reunir...”

“Porque estou ocupada demais tentando não *morrer*...”

“E você acha que nós não estamos?”, Anadil respondeu. “Nós temos nos matado, tentando entrar para a equipe da Prova, caso tudo vá pro inferno...”

“Você acha que a Reitora enviou uma menina para dentro do castelo dos meninos?”, Dot perguntou casualmente, mastigando vagens.

As outras meninas se viraram para ela.

“Se mandou, isso pode explicar por que Sophie ainda não encontrou o Storian”, disse Dot. “A Reitora pode ter feito com que uma das meninas se transformasse em menino e escondesse a caneta, para que vocês não possam fazer seu pedido. Sabe, para garantir que a Prova prossiga como planejado.”

Anadil piscou, olhando para ela. “Talvez eu deva começar a comer legumes.”

“E quem seria a garota escondendo o Storian?”, Hester olhou, maliciosamente, parecendo irritada por ela não ter tido essa ideia.

“Beatrix”, Agatha respondeu, puxando o capuz para trás, para revelar seu rosto. “Essa capa é dela, não é? E ela também estava com aquele uniforme dos meninos, embaixo da cama! Ela adora a Reitora! Só pode ser ela!”

“Olhem, vamos ver o que conseguimos arrancar dela”, disse Anadil, apressando-se para encobrir o rosto de Agatha. “Mas só restam duas noites, Agatha. Sophie tem que encontrar o Storian até amanhã. Onde estava a lamparina dela, essa noite?”

“Não dá para ver nada lá fora, hoje. Está completamente nebuloso”, disse Agatha, tristonha. “Deixei minha lamparina na minha janela, mas só poderei ver a dela quando limpar o tempo.”

“Ela precisa trazer aquela caneta de volta, Agatha”, Hester pressionou. “*Ou todas nós entraremos naquela Prova.”*

Como se Agatha não estivesse amedrontada o suficiente, o medo no rosto de Hester fez seu estômago virar geleia.

“A Reitora também tinha um mapa da Prova...”, Agatha gaguejou. “Ela marcou as Cavernas Cyan...”

“As Cavernas Cyan?”, debochou Hester, trocando olhares com Anadil. “Elas são apenas uma decoração, perto do portão sul. As Cavernas não têm mais que 15 metros de profundidade. O que poderia ter dentro delas?”

“Bem, ela cancelou o reconhecimento de área pré-Prova, portanto, nem podemos dar uma olhada”, Agatha disse, novamente desaparecendo por baixo do capuz.

“A menos que ela já tenha lhe dado permissão para isso.”

Agatha ergueu os olhos para Hester, olhando furtivamente para sua amiga

invisível.

"Até onde a Reitora sabe, você está na Floresta Azul, com um gnomo."

Conforme o relógio marcou meia-noite, Agatha seguiu, à espreita, em meio à nebulosa Floresta Azul, em direção ao portão sul, encoberta por sua capa. Nunca tinha visto um nevoeiro como aquele, revolvendo nuvens brancas de cerração que obscureciam cada fiapo de capim. Ela estreitou os olhos na névoa, olhando a Escola de Meninos, mas não conseguiu ver um único tijolo.

Certamente era uma coincidência, pensou Agatha, mas seu único meio de comunicação com Sophie havia sido interrompido pelo clima estranho.

O alerta de Lady Lesso veio flutuando à mente de Agatha... "*Evelyn está sempre um passo à frente*."

Agatha afastou o pensamento e entrou mais fundo na Floresta, deslocando-se lentamente, caso colidisse com alguma árvore ou animais igualmente cegos pela neblina. No silêncio lúgubre, ela começou a sentir os pensamentos sobre Tedros fluindo mais depressa do que ela conseguia contê-los. Quanto mais ela o negava, mais forte ele parecia ficar, como um monstro à porta. Com os nervos à flor da pele, ela esforçava-se mais para focar no caminho enevoado. Assim que chegasse em casa, no cemitério, ela queimaria todos os livros de contos de fada que encontrasse. Gavaldon seria, de fato, um mundo sem príncipes.

Sentiu o caminho começar a se inclinar, o que significava que ela estava além do caminho das abóboras, aproximando-se do portão sul. A noite do dia seguinte seria a da Prova, apresentando a peça infernal de Pólux e o comunicado da equipe. Até lá, a Reitora Sader e o professor Manley teriam pontilhado a Floresta com suas armadilhas. Eles haviam concordado que as Cavernas Cyan estariam fora da área do percurso... Então, o que a Reitora estava escondendo ali?

Um coelho branco passou correndo sobre suas botinas, carregando seu filhote aterrorizado na boca, e sumiu na névoa branca, como se tivesse sido apagado de uma página. Agatha prosseguia cautelosamente, passo a passo, até que ela viu a parede de rochas azul esverdeado à sua frente.

Sepultadas no alto de um despenhadeiro do canto sudeste e encobertas por pinheiros azuis gigantes, as Cavernas Cyan formavam um conjunto de três buracos circulares de tamanhos diferentes, em tom verde-mar. Agatha levantou o olhar, para as cavernas no topo da borda, incerta de como sequer chegar até elas. Ela não podia mogrificar e perder sua capa mágica, portanto, sua única opção era escalar um dos pinheiros azuis e pular na direção do penhasco. Por sorte, os galhos do pinheiro eram grossos e firmes, e Agatha subiu rapidamente, grata

pelas agulhas pontudas para guiar suas mãos através da névoa. Por fim, ela chegou ao ramo mais alto, respirou fundo e pulou abaixo, invisível, sobre a rocha acidentada, com apenas um leve ruído ao aterrissar.

Agatha ficou olhando a fileira de cavernas à sua frente: três círculos de tamanhos diferentes que pareciam pertencer à história de Cachinhos de Ouro – a primeira caverna era grande demais, a segunda era pequena demais e a terceira era do tamanho ideal. Ela sentia o pescoço empolando por baixo da gola da capa. Algo lhe dizia que, seja lá o que houvesse naquelas cavernas, responderia à sua pergunta quanto a Evelyn Sader estar em seu conto de fadas... e como ela pretendia que ele terminasse.

Com as pernas bambas, Agatha entrou na primeira caverna gigante, sentindo seu dedo reluzir em dourado, como uma tocha. As paredes cavernosas eram de um tom água-mar vitrificada, refletindo levemente o brilho de seu dedo e seu rosto tenso. Passo a passo, ela avançou pela entrada espelhada, olhando cada centímetro, sem ver nada, exceto algumas minhocas e besouros, até chegar a uma ponta sem saída.

Franzindo o rosto, Agatha voltou para tentar a segunda caverna. Contudo, o buraco era pouco maior que um prato raso, e Agatha não conseguiu encaixar mais que a cabeça para o lado de dentro. Pior ainda, essa caverna era até mais rasa que a primeira. Com as pontas de seus dedos iluminando somente as paredes nuas e alguns pedaços de limo, Agatha recuou irritada.

O que estou fazendo aqui?, ela repreendeu a si mesma, ao entrar marchando na terceira caverna. Ela devia estar esperando por Sophie no castelo, pensou ela, acendendo a entrada deserta de tamanho médio. A qualquer momento, sua amiga estaria de volta com aquela caneta... Ano passado, ela mesma fora a rocha, a decisiva, a que faria qualquer coisa para que elas chegassem em casa. Agora era Sophie. Por isso que Sophie vencera o desafio de ser um menino, não ela. Dessa vez, Sophie era o príncipe. Sophie não a decepcionaria.

Apagando sua luz, Agatha se apressou de volta à entrada da caverna – e parou de repente. Um estranho ruído ecoou atrás dela, como um coro de sussurros zangados. Virou-se devagar, ouvindo o zumbido ficar cada vez mais alto. Ergueu o dedo aceso, tremulando de pavor...

Surgindo da escuridão, um enxame de borboletas colidiu contra ela, cobrindo seu corpo invisível como se fossem abelhas e rasgando sua capa invisível até deixá-la em farrapos. Elas se moviam deliberadamente, em velocidade implacável, estripando a pele de serpente e empurrando-a de volta para a beira do penhasco. Por baixo das asas tremulantes, Agatha pôde ver sua pele e suas

roupas ressurgindo sob o luar, pedacinho por pedacinho, até que elas finalmente arrancaram-lhe o que ainda restava da capa e saíram num enxame, com uma rajada violenta de vento que a soprou para fora da borda. Agatha despencou do rochedo com um grito, debatendo-se na neblina, e aterrissou com seu traseiro num arbusto emaranhado. Com hematomas e dolorida, ela olhou para cima e viu a nuvem de borboletas sumindo na neblina, soltando os últimos filetes negros da capa acima da Floresta, como se fossem cinzas.

Agatha não conseguia respirar, sentindo o alívio de estar viva dar lugar ao pânico pelo que acabara de acontecer.

A Reitora havia plantado aquele mapa em seu escritório para que ela o encontrasse. O que significava que a Reitora sabia que ela não esteve com Yuba, na Floresta Azul, nos dois últimos dias...

Nem com Sophie.

Um alarme soou em seu cérebro e ela já estava correndo.

Ela disparou pelo caminho enevoado abaixo, esquecendo-se da dor, tentando lembrar onde ficava a casa de Yuba. Conforme ela rastejava na terra, galhos e espinhos rasgavam sua roupa, enquanto ela olhava o vale entre o Campo de Samambaias e a Mata – até que ela viu filetes de fumaça preta subindo de um buraco no chão, adiante. Ela deitou de bruços e enfiou a cabeça pela pequena abertura...

Mas era tarde demais.

A casa de Yuba havia sido incinerada, com cada pedacinho transformado em cinzas, exceto por suas pétalas de hortênsias, espalhadas por cima das brasas... o gnomo não estava em nenhum lugar à vista.

Com um aperto na barriga, Agatha recuou e ficou em pé, na Floresta Azul, vendo a névoa magicamente se dissipar, como se o seu trabalho tivesse sido feito. A neblina se reduziu a um filete que recuou de volta à Escola das Meninas, desaparecendo no escritório mais alto.

Agatha ergueu os olhos para Evelyn Sader, na janela, cercada pelas borboletas que retornavam, e seu sorriso com dentes separados reluzia na escuridão, como o do gato Cheshire.

Um sorriso que dizia que Evelyn sabia exatamente onde Sophie estava naquele momento...

Porque ela sempre esteve um passo à frente.

Lentamente, Agatha virou e viu a névoa evaporar ao redor da Escola de Meninos, deixando-a limpa e clara na noite.

Nada de luz verde, em janela alguma.

Nenhum sinal de sua amiga.

“Você não deveria estar procurando o Storian?”, perguntou Tedros, no corredor escuro, tentando seguir o cabelo louro e farto de Filip, passando pelos dormitórios dos professores. “Agora já passa de meia-noite...”

“Primeiro, eu quero lhe mostrar uma coisa”, disse Filip, passando por duas colunas rochosas estreitas.

“Para onde estamos indo?”, reclamou Tedros, com a barriga ainda inchada pelo banquete no calabouço. “Tudo que eu quero fazer é tomar um banho e ir para ca...” Ele caiu em silêncio.

Eles estavam na sacada dos professores, que ficava acima da Floresta Azul, proporcionando-lhes uma visão panorâmica do terreno. Uma névoa estranha se abriu no ar, como se uma neblina densa tivesse acabado de passar.

Conforme o ar foi ficando mais claro acima da Floresta, Tedros viu as folhas e gramas que reluziam num tom fluorescente, um resplendor azul ártico. O vento soprava em ondas sobre a folhagem e as flores, parecendo sopros oceânicos contínuos. Próximo ao portão norte, o Campo de Samambaias tinha um pontilhado de prata, espalhado por cima de um caminho estreito, a oeste; acima do caminho do leste, os salgueiros perdiam mais de suas folhas safira a cada rajada de vento, enquanto a Cavernas Cyan, ao sul, lançavam uma sombra arredondada acima do canteiro das abóboras azuladas.

Tedros tinha visto muita beleza viajando com seus pais, quando era pequeno – as Montanhas Murmurantes, os lagos de sereias, em Avonlea, o oásis de Peixes do Desejo, nos Desertos de Shazabah... Porém, ali do alto, o príncipe olhava essa pequena Floresta intrincada, inocente aos perigos do mundo, e sabia o que poderia ser o céu. Dali a duas noites, ele seria aquele que o transformaria em inferno.

Ele subitamente percebeu um movimento perto do portão... uma sombra humana saindo da Floresta...

Tedros olhou mais atentamente.

“Você vai me acompanhar?”, disse Filip, atrás dele.

Tedros virou-se e viu que ele estava sentado sobre o beiral de mármore, balançando as pernas cima da Floresta.

“Ou ainda quer tomar aquele banho?”, disse seu companheiro de cela, maliciosamente.

Tedros subiu no beiral e sentou ao lado de Filip, mais perto do que faria em circunstâncias comuns. Ele não era muito fã de altura.

“Como está seu braço?”, disse Tedros, inspecionando o corte ainda sensível.

“Não quero que infeccione...”

Filip afastou o braço, olhando a Floresta. “Como você pode dormir, sabendo que está condenando duas garotas à morte? Duas garotas que amaram você?”

Por um momento, Tedros não disse nada. “Nos contos de fadas, sempre há três pessoas, Filip. Os verdadeiros amantes e um vilão. No fim, alguém tem que morrer. No instante em que Agatha escondeu Sophie em minha torre, no momento em que Agatha me atacou, ela me transformou em vilão.” Ele olhou para Filip, fixamente. “E eu não tenho problema algum em interpretar meu papel, se isso salvar a minha vida.”

Tedros viu seu colega de cela olhando boquiaberto, com o rosto ficando cada vez mais vermelho... De repente, Filip começou a rir convulsivamente, às gargalhadas.

“Meu Deus, mas o que há de errado com você?”, Tedros franziu o rosto.

“Todo mundo queria encontrar o amor, e agora, todos querem matar uns aos outros”, Filip deu uma risadinha, limpando os olhos. “Ninguém mais sabe o que é verdade.”

“Com todo respeito, Filip, que diabo você sabe?”

Filip riu e chorou ainda mais, mergulhando o rosto nas mãos.

“Você é pior que uma garota”, murmurou Tedros.

Filip uivava de rir, porém, quando viu o rosto de Tedros, suas risadas se transformaram em arquejos, depois, em silêncio.

Em algum lugar abaixo, os grilos cantavam fora de ritmo. Tedros baixou o olhar, para uma cegonha que nadava no Riacho Azul, enquanto dois esquilos corriam, um atrás do outro, sobre a amurada da ponte. Amanhã, Manley e a Reitora das meninas iriam encher a floresta de armadilhas, e os animais ficariam escondidos, até que a Prova terminasse e os perigos passassem.

“Então, como é o seu castelo, Filip?”

Seu colega de cela piscou. “Castelo?”

“Você é um príncipe, não é? Imagino que você não more numa cabana de bambu, mora?”

“Ah, sim... é... bem, pequeno, um pequeno castelo. Em formato de... casinha.”

“Parece aconchegante. Nunca gostei de morar num grande castelo. Você passa a maior parte do dia tentando encontrar as pessoas. Sua família inteira mora com você?”

“Só meu pai”, disse Filip, amargo.

“Pelo menos você tem um pai”, suspirou Tedros. “Eu não tenho a quem

encontrar, quando voltar para casa, depois de terminar a escola. Só meu castelo vazio, empregados ladrões e um reino decadente.”

“Você acha que voltará a ver sua mãe?”

Tedros sacudiu a cabeça. “Também não quero. Meu pai colocou um mandado de morte para ela. Quando eu fizer 16 anos, me tornarei rei. E terei que honrar o mandado de meu pai, se eu a encontrar.”

Filip virou para ele, em choque, mas Tedros rapidamente estreitou os olhos para o céu. “Você deveria procurar o Storian, Filip. Logo estará claro.”

“Como você poderia ferir sua mãe?”, perguntou Filip, espantado. “Eu faria qualquer coisa para ver a minha novamente. Qualquer coisa. Esse seria o meu Feliz Para Sempre.” Ele suspirou e se curvou. “Mas eu não sou como Agatha. Ninguém ouve os meus pedidos.”

“Conte-me como ela era... sua mãe.”

“Seu nome era Vanessa. Significa ‘borboleta’. Ainda me lembro de seu rosto, quando elas apareciam voando pela minha rua, toda primavera, em grandes nuvens azuis... Ela costumava dizer que um dia eu também voaria como elas... encontraria uma vida maior que a dela, em algum lugar onde todos os meus sonhos se tornariam realidade. ‘Não deixe que ninguém o impeça de ser amado’”, disse Filip, com a voz falhando. “Lagartas não podem conhecer uma borboleta.”

Tedros tocou seu ombro. Filip recostou nele e finalmente se permitiu chorar.

“A única amiga dela levou o único menino que ela amou, Tedros”, disse Filip. “Eu não quero acabar como ela. Totalmente sozinho.”

O silêncio pesou entre os dois meninos.

“Nunca conheci um menino que quisesse ser uma borboleta”, Tedros disse, com suavidade.

Filip ergueu o olhar. Os dois meninos olharam nos olhos um do outro, as pernas encostadas, sobre o beiral.

Tedros engoliu e pulou na sacada. “Vou voltar. Vá encontrar aquela caneta.”

“Tedros, espere por mim...”

Mas o príncipe saiu correndo por entre as colunas, antes de sumir na sombra.

A mão de Sophie lentamente pousou no lugar do beiral, onde Tedros estava sentado.

Disse a si mesma que deveria apressar-se até a torre prateada, para encontrar a caneta nas horas que lhe restavam e levar Agatha para casa – *Levante, agora*...

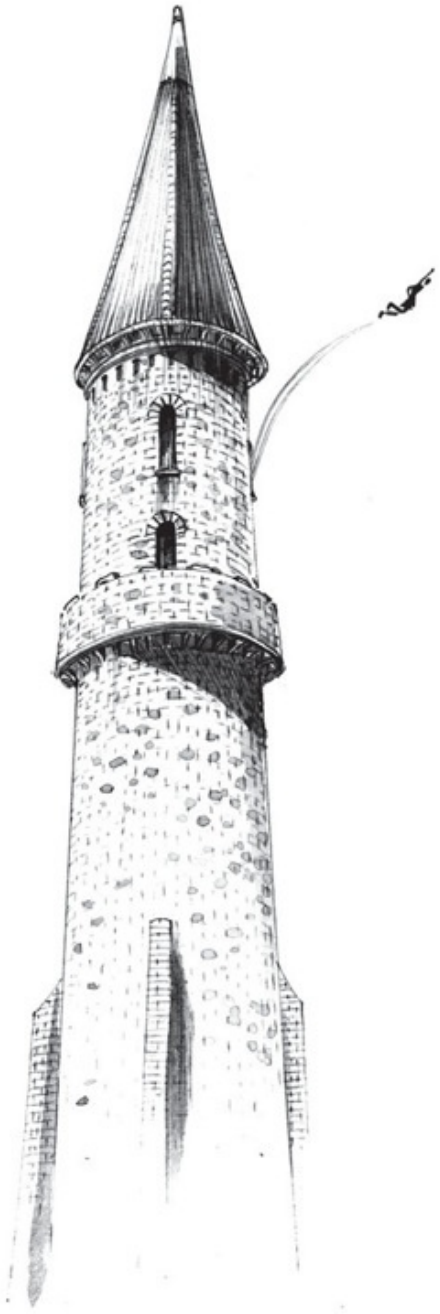
Contudo, em vez disso, ela simplesmente ficou ali, sozinha, acima da Floresta, até que a luz da manhã dissipou a escuridão.

21
Luz vermelha

A essa altura, as três bruxas consideravam Agatha uma boa amiga, apesar da fraca habilidade que elas tinham para fazer amizade. Consequentemente, seria de se esperar que Hester, Anadil e Dot sorrissem, acenassem ou, pelo menos, abrissem espaço para Agatha, quando ela entrou no Salão do Bem para a aula de história, no último dia antes da Prova. Porém, quando Agatha espremeu-se ao lado delas, com seu uniforme escolar, com olhos vermelhos e sem dormir, as bruxas agiram como se ver a nova amiga fosse a pior coisa do mundo.

“O que você está fazendo *aqui*?”, chiou Hester. “E por que nós podemos vê-la...?”

“Ela sabe”, Agatha também chiou.



As bruxas viraram-se para ela. “Sabe?”, Dot disparou.

“Quanto?”, Hester disse, num suspiro.

As portas duplas foram escancaradas atrás delas, e a Reitora entrou, com o livro revisado nas mãos, e deu um sorrisinho travesso para Agatha, ao subir no palco.

“É um prazer ver que nossa capitã regressou de seu treinamento. Tenho certeza de que foi um tempo bem empregado”, ela disse, delicadamente. “Ouvi

dizer que Sophie não está se sentindo *como ela mesma*!”

Agatha resistiu à agulhada e encarou-a. “Ela está procurando algo, neste momento.”

Todas as meninas do salão viraram-se para a Reitora, confusas com a conversa.

“Oh, céus. O tempo urge com a vida de vocês duas em risco amanhã”, respondeu Evelyn, inocentemente. “Imagino que seja algo que ela não consiga encontrar?”

“Ela vai encontrar”, Agatha disparou, enquanto as meninas viraram-se de volta para ela. “Você não conhece a Sophie.”

“E você a conhece, claro”, disse a Reitora, com os olhos brilhando. “*Verrugas* e tudo.”

Agatha empalideceu, enquanto as meninas confusas no salão tagarelavam ao seu redor.

“Tudo”, disse Hester. “Ela sabe... *tudo*.”

“Esta noite, no jantar, nós teremos nossas festividades da noite da Prova, apresentando nossa peça, o anúncio da equipe da Prova e um banquete apropriado para desejar sorte às nossas combatentes contra os meninos”, declarou a Reitora, junto ao antigo apoio de livros de madeira que havia sido de seu irmão. “Mas essa manhã, nós ainda temos uma lição de história para nos preparar para a Prova...”

“Ela não tem como saber que Sophie é um menino”, Dot sussurrou para Agatha e para as bruxas. Avistou duas borboletas pousadas no ombro de Anadil e transformou-as em couves de bruxelas. “Tem uma coisa: como ela pode saber que nós usamos o feitiço de Merlin?”

“Ela nos ensinou sobre o feitiço de Merlin, não foi?”, disse Agatha, ao lembrar-se do sorriso enigmático da Reitora naquele dia. “Ela praticamente nos desafiou a encontrá-lo.”

“Talvez isso sempre tenha sido parte de seu plano”, ecoou Anadil. “Separar Agatha e Sophie, depois esconder o Storian, para que elas tenham que participar da Prova.”

“Ela poderia ter simplesmente trancado as duas em algum lugar”, disse Hester, sacudindo a cabeça. “Por que ter todo esse trabalho para colocar Sophie no castelo dos meninos?” Seus olhos negros se estreitaram, sinistros. “A menos que...”

“Você conversou com Beatrix?”, Agatha pressionou Anadil, vendo mais borboletas saírem voando do vestido da Reitora em direção a elas. “Ela tem de

nos dizer onde está a caneta!”

“Acho que não foi ela quem escondeu”, Dot palpitou. “Eu fingi que estava estudando para as eliminatórias, com algumas garotas Sempre, e perguntei a ela sobre as propriedades da pele de cobra. Ela não tinha a menor ideia de que a pele pode torná-la invisível. Nenhuma das Sempre sabia. Quem usou aquela capa em seu quarto tem que ser uma Nunca.”

Hester ergueu os olhos para ela, como se subitamente estivesse interessada no que ela tinha a dizer, mas Agatha acenou descartando Dot. “Beatrix está mentindo”, Agatha insistiu. “*Tem* de ser ela!”

“Bem, a Carequinha não nos disse nada e esta noite é sua última chance de fugir com a Sophie”, estrilou Anadil.

“E você tem 100% de certeza de que a Evelyn é responsável pelos sintomas de Sophie?”, disse Hester franzindo o rosto para Agatha.

“Se você visse a cara de Sophie quando ela ficou com as pernas peludas e um pomo de adão, você iria parar de questionar se ela é do Bem”, respondeu Agatha.

Hester coçou seu demônio, resmungando.

“Olhe, nós estamos discutindo por nada”, Agatha disse. “Sophie esteve dentro da torre do Diretor da Escola, lembra? Ela acendeu sua lamparina lá, duas noites atrás! Deve estar bem perto de descobrir o Storian, enquanto falamos.”

“Então, por que ela não acendeu a lamparina de lá, ontem à noite?”, cutucou Hester. “Por que não acendeu de qualquer lugar?”

Agatha ignorou-a, enquanto observava a Reitora abrir seu livro para a lição do dia. Ela quase não pregara os olhos, fazendo essa mesma pergunta.

“Você já é quase líder de equipe da Prova!”, Hort disse radiante, apressando Filip para a primeira aula. “Portanto, lembre-se. Eu ajudo você e você me ajuda. Combinado?”

Sophie não respondeu, suas pernas estavam pesadas, a respiração ofegante, e estava plenamente ciente da espinha que nasceu em sua testa. Quando amanheceu, ela tinha voltado ao calabouço e só conseguiu dormir uma hora de um sono suado, antes que Tedros viesse acordá-la, de banho tomado, com uma camiseta de mangas cortadas e segurando um pedaço de pão com manteiga.

“Achei que o Aric arrancaria a minha cabeça por aparecer no café da manhã, mas ninguém disse nada. Acho que todos estão com medo de Filip, o bárbaro, depois de ontem à noite”, disse o príncipe, sorrindo para o companheiro de cela. “Vamos, garoto borboleta. Coma logo.”

Com olhos sonolentos, Sophie olhou para a camada oleosa de manteiga no

pão. Seu estômago cavernoso estava rugindo como sempre, exigindo qualquer coisa comestível. Porém, mesmo como um menino, ela tinha seus limites. Gemeu e puxou as cobertas por cima do cabelo curto e macio.

“Bem, depois não reclame”, disse Tedros, dando uma mordida no pão. “É melhor se mexer se quiser tomar banho, Fil. Só faltam dez minutos para a aula.”

Sophie gemeu como um gorila ferido.

“Eu sei que fui meio babaca, logo que nos conhecemos, mas agora estou contente por sermos colegas”, ela ouviu Tedros dizer, do outro lado do quarto. “E contente porque você não vai mais trapacear meus desafios. Preciso ganhar hoje para entrar naquela torre, essa noite. Se eu encontrar o Storian, talvez o Manley me dê uma vaga na equipe da Prova.”

Por baixo das cobertas, Sophie sentiu-se nauseada. “Pra que você possa matar Sophie.”

“Pra que eu possa proteger *você* dela.”

Sophie sentou de olhos arregalados.

“Assim como a todo mundo”, disse o príncipe, enquanto vestia a camisa do uniforme.

Sophie viu as costas nuas de Tedros viradas para ela por um momento, a pele novamente saudável, um pouquinho mais de carne que ontem. Ela subitamente notou os músculos em seus ombros... o bronzeado dourado e sem sardas... seu cheiro mentolado do banho...

“Filip!”

A voz nasalada de Hort arrancou-a de seu torpor.

“Estamos combinados?”, ele a coagiu, enquanto eles seguiam rumo ao Salão do Mal.

As bochechas de Sophie ardiam em fogo. Agatha estava esperando por ela, as vidas das meninas dependiam dela e ela estava sonhando acordada com seu futuro assassino?

“Combinado”, Sophie disse a Hort, forçada, puxando suas calçolas apertadas do uniforme. “Você precisa me ajudar a voltar ao turno do Storian, esta noite.”

“Esse é o meu Filip. Os meninos estão espalhando boatos de que você teria poupado Tedros da punição de ontem à noite, e eu sabia que não podia ser verdade. Foi o Tedros que nos colocou nessa Prova, incluindo *você*. O mínimo que podemos fazer é dar uma lição ao príncipe bonitão...”

“Não. Isso tem a ver com a minha classificação e de ninguém mais. Deixe-o em paz.”

Hort parou no meio do corredor. “Você o poupou, mesmo, ontem à noite!”

Sophie virou-se para Hort com seu maxilar moldado e seu rosto principesco gélido. “Francamente, não pense que isso é da sua conta.”

Hort olhou boquiaberto, como se tivesse levado uma facada. Então, ele engoliu e forçou um sorriso. “M-mas... mas nós ainda somos melhores amigos, certo, Filip?”

Sophie riu afetada. “É claro”, disse, seguindo na frente sem olhar para ele.

“Bom homem”, disse Hort, efusivo, dando um pulinho para alcançar o passo. “Só estou me assegurando de que você sabe quem é seu verdadeiro amigo.”

Sophie assentiu distraída, tentando focar em Agatha, Agatha, Agatha, embora só conseguisse pensar no príncipe.

“Para nossa última lição antes da Prova, eu pensei em talvez dar-lhes um vislumbre de minha própria história”, disse Evelyn Sader, com a voz ressonando pelo Salão do Bem.

Agatha e Hester pararam de cochichar e olharam para o palco, surpresas. A última pessoa do passado da Reitora que elas esperavam vir à luz era a própria Reitora.

“O Storian nunca escolheu escrever a minha história, uma omissão que, sem dúvida, será corrigida a tempo. Pois é minha própria sobrevivência sobre um menino selvagem que me trouxe de volta para liderar todas vocês”, prosseguiu Evelyn, dominando a plateia de meninas. “Agora, pela primeira vez, a história vai refletir a verdade.”

Ela correu os dedos no livro aberto no pedestal e sua voz tórrida e desencarnada ecoou pelo salão:

“Capítulo 28: ‘Notáveis videntes femininas’.”

Uma imagem tridimensional fantasmagórica da antiga Escola do Bem e do Mal pairou acima da página do livro, em meio à névoa.

“Acho que nós deveríamos ter continuado a leitura”, Hester murmurou para Agatha.

A Reitora sorriu para suas alunas. “Bem-vindas ao meu conto de fadas.”

Ela soprou a cena fantasma, que estilhaçou em mil pedaços recaindo sobre as meninas. Agatha protegeu os olhos da claridade e novamente sentiu-se caindo pelo ar, antes que seus pés pousassem suavemente no chão. Ela abriu os olhos e se viu novamente no Salão do Bem, as três bruxas e todas as outras meninas de sua escola tinham sumido. Agora, o ar no salão de teto alto estava diáfano e espesso, como um filme obscuro por cima da cena; as paredes eram menos arenosas e os bancos estavam repletos de meninas de vestidos com aventais cor-de-rosa, e os garotos com o uniforme azul dos meninos Sempre.

Agatha lentamente ergueu os olhos e viu Evelyn, junto ao suporte de livros de madeira, dez anos mais jovem, com o rosto animado e terno. Só que as borboletas tremulantes de seu vestido, em vez de serem azuis, agora estavam em um tom vermelho vivo.

“Era uma vez um tempo em que lecionei na Escola do Bem, enquanto meu irmão, August, lecionava na Escola do Mal”, sua voz presente narrava a cena.

Agatha fechou a cara, incrédula. O professor Sader alegava exatamente o oposto em seu livro – que Evelyn havia lecionado na Escola do Mal, e só porque ele pediu ao Diretor da Escola que deixasse.

“Mas meu irmão há muito tinha inveja dos meus poderes”, decretou a voz da Reitora, “e tramou para tomar minha escola para ele”.

Agatha franziu ainda mais o rosto. “*Isso é tudo mentira*”, pensou ela. No entanto, quando ela olhava para as belas e atenciosas futuras princesas sorridentes, absorvidas pela lição, o momento parecia muito... verdadeiro.

“Não tardou para que meu irmão lançasse seu ataque...”

As janelas do salão estilhaçaram-se e uma névoa esverdeada invadiu e lançou as alunas para fora dos bancos. Apavoradas, as Sempre fugiram pelas portas, enquanto a fumaça enlaçava Evelyn e a expulsava pela janela, com suas borboletas vermelhas voando atrás dela...

“E eu jurei voltar quando ele morresse”, declarou Evelyn, “prometendo que, um dia, as meninas estariam a salvo das mentiras e brutalidades dos homens...”

A garganta de Agatha apertou-se, enquanto as alunas do Bem gritavam e partiam do salão, em uma cena cada vez mais visceral. Ela pensou na forma como Dovey e Lesso tinham rotulado August Sader como delirante e perigoso durante o primeiro ano que ela passou na escola... Teria ele feito essas mudanças no livro da tartaruga para encobrir sua própria história? Será que ele era quem mentia o tempo todo?

Conforme plumas verdes encheram o salão invocado, fantasmas dos Sempre fugindo, passando por ela, Agatha fechou os olhos, com a cabeça revidando, cega ao que era real e ao que não era mais...

Até que algo muito real pinicou a ponta de seu nariz.

Ela abriu os olhos e viu uma única pena branca de cisne flutuando e passando por ela, em meio à fumaça, e o estampido dos Sempre na direção do mural da parede dos fundos do Salão do Bem.

Agatha seguiu a pena branca até o mosaico da pintura do Diretor da Escola e de sua máscara prateada, e viu o Storian pairando acima de sua mão estendida. A pena de cisne flutuou parede adentro e grudou no Storian pintado, como uma

caneta de pena esperando para ser usada. Agatha estendeu a mão instintivamente e seus dedos passaram pela pena... o azulejo embaixo da pena recuou acentuadamente para dentro da parede e desapareceu. De uma só vez, os ladrilhos da coluna abaixo também sumiram, revelando uma fileira vazia na parede, grande o suficiente para que ela passasse. Com o coração disparado, ela se espremeu pelo buraco...

... e descobriu um gabinete menor, com uma porta de mármore branco, esperando por ela. Agatha abriu a porta e viu uma passagem menos iluminada e uma porta branca menor, depois mais passagens menos iluminadas, menores, mais escuras, menores... até que na última, ela rastejou de joelhos, passando por uma portinha e mergulhando no breu total.

Agatha cambaleou no escuro infinito e frio, segurando seus braços arrepiados. Ela focou em seu medo crescente e sentiu a ponta do dedo esquentar, tremulando e acendendo.

“Onde estou?”, ela disse, arfando.

“Na parte da lembrança de Evelyn que ela não quer que ninguém veja”, respondeu uma voz que ela conhecia.

Lentamente, Agatha ergueu o dedo aceso como um holofote.

O professor August Sader sorriu para ela.

Com sua última chance de encontrar o Storian em risco, Sophie sabia que precisava ganhar a maioria dos cinco desafios do dia.

Sentiu um alívio palpável depois de vencer os dois primeiros, com Hort magicamente quebrando a lâmina de seu oponente, no concurso de machadadas, depois distraindo as pessoas para longe do esconderijo de Sophie, no grande jogo de Esconde-Esconde Pela Sobrevivência. Contudo, mesmo com a ajuda de Hort, ela quase não conseguiu vencer Tedros que, de volta à força total, conseguiu o segundo lugar em ambos.

Quando Sophie entrou na sala chamuscada do professor Manley, focada no desafio seguinte, sentiu o príncipe apoiar o braço sobre seus ombros largos.

“Estou vendo que você está roubando de novo, Filip.”

“Talvez, se eu achar o Storian, eu pare sua Prova imbecil”, Sophie disparou em resposta.

“Você certamente fez um bom trabalho em encontrar o Storian, ontem à noite”, bufou Tedros.

“E o mantive vivo, não foi?”, Sophie respondeu.

“Tedros, Filip, parem de flertar”, rugiu Manley, chegando por trás deles.

Todos os garotos olharam para os dois, que ficaram estranhamente tensos e

se separaram.

Agitada, Sophie ficou atrás de Tedros nos dois desafios seguintes, distraída por pensamentos quanto ao príncipe estar, de fato, flertando com ela...

Claro que ele não estava flertando comigo, ela ralhou consigo mesma. *Eu sou um garoto, sua idiota! Um menino!*

"Ele está ganhando seu primeiro lugar, Filip", Hort resmungou, enquanto eles seguiam para a última aula. "Quem ganhar a última eliminatória é o vencedor do dia. Você pode perder seu posto de líder da equipe, Filip! Nós temos que sabotá-lo..."

"Eu disse *não*", Sophie falou com tanta rispidez que Hort deu um pulo.

Com a Floresta Azul fora do circuito, até a Prova, na noite seguinte, os oitenta meninos em Condicionamento Físico Florestal se reuniram no Salão do Mal, e encontraram Albemarle pendurado em um lustre apodrecido.

"Uma simples corrida ao redor do castelo", orientou o pica-pau, olhando-os abaixo, por cima dos óculos.

Sophie observou uma luz amarelada fluorescente magicamente lançada pelo piso de tijolos, passando pelo meio de suas pernas, saindo pelo corredor e escada abaixo.

"O primeiro que seguir a estrada de tijolos amarelos de volta até esse salão ganha o primeiro lugar." Albemarle tirou um livrinho de registro de debaixo da asa e olhou atentamente. "Baseado nos registros, Filip tem uma ligeira vantagem acima de Aric e Chaddick, para a vaga de líder da equipe e o direito de escolher o décimo membro da equipe da Prova. Mas a disputa ainda pode ser de qualquer um."

Sophie olhou para Aric, Chaddick e o restante de meninos furiosos, todos agachados para uma arrancada no corredor.

"Preparar...", Albemarle disse. "Apontar..."

Sophie sentiu a pegada de Hort em seu bíceps e o hálito molhado em seu ouvido. "*Corra, Filip. Corra pela sua vida...*"

"Vai!"

Setenta e nove meninos dispararam como touros, em direção à porta...

Sophie, no entanto, continuou no mesmo lugar, lustrando suas unhas escabrosas, até ouvir um som ensurdecedor de colisão. Ela saiu descontraidamente pela massa de corpos gemendo junto à porta, imaginando como meninos sobreviviam tanto tempo assim, na natureza, se eles nem sequer possuíam o bom senso de se alternarem para descer uma escada. Até que os primeiros meninos se recuperassem, Sophie já tinha voltado à linha de chegada,

nem chegando a suar.

“Parece que o Filip realmente quer o turno do Storian, não é?”, Cástor disse debochado, entrando logo atrás do último menino gemendo.

Sophie suspirou aliviada, soprando seu cabelo para cima. De alguma forma, ela encontraria aquela caneta esta noite. Ela ia desenterrar cada tijolo, se fosse preciso.

“No entanto, Filip não apareceu para seu dever, ontem à noite”, o cão deu um sorriso rápido de escárnio para ela. “Se você acha que algo é mais importante do que encontrar a caneta que mantém nosso mundo vivo, Filip, por favor, pode ir atrás.”

Sophie endireitou a postura. “Não... eu só...”

“Vex, você estava mais perto da porta. Você assumirá o turno do Storian”, estrilou Cástor.

“Não, não, não!” Sophie gritou, consternada. “Eu farei!”

“Está vendo, o Filip vai fazer”, disse Vex, claramente sem entusiasmo quanto a uma noite sem sono, à procura de...

“Não, se o Filip for o líder da equipe”, Cástor rugiu, olhando os registros de Albemarle. “Isso é até mais um motivo para que Filip precise de descanso essa noite, se não quisermos ter essa bando feito de escravos.” Ele olhou ameaçador para seu novo líder de equipe, com seu rosto principesco. “Tente sair da cama essa noite e eu vou acorrentá-lo a ela.”

Sophie conteve um grito, com o coração explodindo. O Storian! Ela tinha acabado de perder sua chance de achar o Storian!

Ela girou e se afastou do cão, quase sem ar. *Como poderemos ir para casa?*

A adrenalina irrompia por seus músculos de menino. Ela tinha que chamar Agatha. A luz vermelha na janela e Agatha saberia como chegar ali, naquele momento. Sophie se esforçava para respirar, com o suor escorrendo por suas costelas. *Não entre em pânico!* Agatha encontraria um jeito. Agatha sempre a salvara. Elas fugiriam juntas desse castelo e se esconderiam na Floresta, até que fosse seguro voltar... seguro encontrar o Storian e ir para casa...

“Mais uma coisa, Filip”, disse Cástor. “Como líder oficial de equipe na Prova, você conquistou o direito de escolher um amigo para se juntar a você na luta contra a equipe de Sophie...

Sophie já não conseguia mais ouvir o cão... somente seu coração disparado, suplicando por Agatha...

“Todos aqueles meninos que acham que foram bons amigos para Filip, para merecerem uma vaga na Prova, deem um passo à frente, agora”, rugiu Cástor.

Meninos Sempre e Nunca, e príncipes estrangeiros confabulavam, mas somente um menino deu um passo saindo da massa.

Sophie ricocheteou em atenção, vendo o sorriso idiota de Hort.

Claro. Esse era o acordo que o doninha queria.

Sophie inspirou, tentando desacelerar seu batimento cardíaco. Por ela, o cretino podia entrar. Ela jamais participaria dessa Prova. Uma lamparina vermelha e Agatha estaria aqui, para que elas fossem para casa. Ela começou a assentir para Hort, desesperada para sair desse salão e acender o alarme...

Até que outro menino deu um passo à frente.

“Eu também gostaria de ser considerado”, disse Tedros.

“Professor Sader?”, disse Agatha, com o dedo reluzindo ainda mais, conforme ela caminhava em sua direção, no vácuo do breu.

Vestindo seu habitual terno de trevo, o professor de história a encarava com olhos castanhos, como se ainda estivesse vivo. “Nós só temos alguns minutos, Agatha, e eu tenho muita coisa para lhe mostrar.”

“Mas, como... como você está aqui...”, Agatha disse.

“Evelyn cometeu o erro de deixar que você entrasse em suas lembranças manipuladas”, disse o professor Sader, aparentemente flutuando na escuridão. “Assim que você duvidou da verdade, você abriu a porta para o que estava por trás delas.”

“Então, o que eu vi no livro da tartaruga estava certo?”

“Nenhuma história tem a verdade completa, Agatha. E depois de seu tempo nesta escola, você deverá ser bem mais inteligente e não confiar no que encontra em qualquer livro. Mesmo no meu.”

“Mas, por que você fez com que o Diretor da Escola trouxesse sua irmã para lecionar aqui, há dez anos? E por que ele a expulsou...?”

“Nós não temos tempo para perguntas, Agatha”, disse o professor, sério. “O que você está prestes a ver são as lembranças de Evelyn, sem adulterações, sem diluições, e mergulhadas tão fundo que ela certamente saberá quando elas forem acessadas. Mas nós temos que correr esse risco, pois essa é sua única chance de entender o motivo para que ela esteja em seu conto de fadas. E o único meio de entender a verdade sobre a inimiga que você enfrenta.”

Agatha não conseguia dizer nada, seus olhos ardiam em lágrimas. Ela não queria ver nada. Só queria ficar ali na escuridão com ele, onde ela se sentia muito segura...

“Agora, eu tenho que deixá-la, Agatha”, seu professor disse baixinho. “Mas saiba que estou assistindo você, cada passo de sua história. E há um longo

caminho, antes que você chegue ao fim dela.”

“Não, por favor...”, Agatha disse, sufocando. “Não vá embora!”

O professor Sader reluziu em um lampejo de luz silencioso e Agatha protegeu o rosto... antes de sentir que cambaleava por uma claridade que a cegava, até que seus pés tocaram o chão.

Agatha abriu os olhos e se viu diante de uma estante lotada de livros, o ar mais limpo do que nas histórias corrompidas de Evelyn, os tons mais ricos e vibrantes, como se a névoa tivesse finalmente se erguido da verdade. Ela olhava as lombadas coloridas dos livros – *João e Maria, A princesa e a ervilha, O pé de zimbro* – e logo soube onde estava.

Agatha girou e viu o Diretor da Escola debruçado sobre o Storian, enquanto este magicamente pintava a última página de um livro, sobre a mesa de pedra branca. Agatha o via franzindo cada vez mais o rosto, enquanto a caneta encantada concluía seu final. As vestes azuladas pendiam sobre seu corpo, sua máscara prateada cobria o rosto todo, exceto por seus olhos azuis brilhantes, lábios cheios, e cabelos brancos fartos e fantasmagóricos. A visão dele era tão presente, tão viva, que arrepiou o cabelo da nuca de Agatha, mesmo sabendo que ele não podia vê-la.

O Diretor da Escola olhava mais atentamente, enquanto a caneta terminava sua última pincelada, completando a visão de um gigante repulsivamente esfaqueado por um príncipe, segurando sua princesa clara...

“FIM”, ele rugiu, e magicamente atirou o livro contra a parede.

Com um sopro de fumaça, o Storian elaborava uma nova história que saía de sua ponta, virava a capa de madeira verde, abrindo na primeira página, e o Diretor da Escola o olhava iniciar um novo conto.

“Era uma vez uma menina chamada Polegarzinha...”

Sombras de borboletas caíram sobre a página, e ele virou-se para ver um enxame de asas vermelhas flutuando janela adentro e magicamente congelando para dentro de Evelyn Sader, dez anos mais jovem. Só que, ao contrário da Evelyn de expressão bondosa e alegre, em sua história falsa, essa Evelyn tinha a mesma malícia e maldade nos olhos que Agatha reconheceu.

“Aqui é proibido para você, Evelyn”, estrilou o Diretor da Escola. Ele perfurou o dedo, apagando o pedaço do piso sob ela, com pinceladas brancas...

“Meu irmão está mentindo para você”, disse Evelyn, calmamente.

O Diretor da Escola congelou seu feitiço, deixando Evelyn num pedacinho de chão de pedra, cercada pelo vazio branco.

“Eu sei que você é do Mal, mestre. Tanto quanto seu irmão era do Bem”,

disse Evelyn, inabalável sob seu olhar. “E eu vim lhe dizer que você escolheu investir no futuro do professor Sader errado.”

O Diretor da Escola lentamente baixou o dedo e o chão foi preenchido em volta de Evelyn, colocando-a em solo firme.

“Eu sei o que está buscando Mestre”, Evelyn prosseguiu, aproximando-se dele. “Um coração que reverta o feitiço no Mal... que venha a cometer qualquer pecado, em nome do seu amor... um coração que seja digno de um Nunca Mais...”

Ela pousou a mão no peito, com os olhos verdes fixos nos dele.

“E esse coração é o *meu*.”

O Diretor da Escola a encarava, ainda imóvel... antes que seus lábios se curvassem e ele desviasse dela. “Vá embora, Evelyn. Antes que você faça um papel de tola ainda maior.”

“August lhe diz que você busca aquela que é de Além da Floresta. Por isso você polui nossa escola com essas leitoras vis.”

O Diretor da Escola retesou-se, de costas para ela.

“É uma armadilha mortal, Mestre”, disse Evelyn. “Eu conheço o coração do meu irmão. Ele não o conduz ao verdadeiro amor, mas àquele que irá matá-lo.”

O Diretor da Escola voltou-se para ela. “Você só está com inveja dos poderes de seu irmão, como um capanga de terceira categoria. Você não tem poderes para enxergar o futuro...”

“Eu tenho o poder de ouvir o presente e isso é muito mais forte”, disse Evelyn, destemida. “Eu consigo ouvir palavras, desejos, segredos – até os seus, Mestre. Eu sei o que as pessoas buscam, o que elas desejam, pelo que dariam suas *vidas*. Eu posso mudar o curso da história de qualquer um e terminá-la do jeito que eu quiser.”

“As leis de nosso mundo proíbem a interferência nos contos do Storian, sem que isso incorra em nossa própria destruição”, disse o Diretor da Escola, fazendo uma cara feia para a caneta. “Essa é uma lição que não tenho a intenção de aprender *duas vezes*.”

“Porque você ainda acredita no poder da caneta. Você tenta acabar com a matança do Mal sem tomar uma atitude. Você tenta controlar uma caneta que só busca puni-lo por matar seu irmão.” O rosto de Evelyn perdeu o tom de dureza. “Mas eu conheço seu coração, Mestre, e você certamente conhece o meu. Pois somente nós sabemos do que o Mal é verdadeiramente capaz... um Mal muito maior que qualquer história já conheceu. Beije-me e você terá o amor ao seu lado, um amor tão odioso quanto o Bem é verdadeiro. Um Nunca Mais tão

duradouro, tão venenoso que o Bem não possuirá armas para nos derrotar. Beije-me e nós destruiremos o Bem, uma história por vez... até que a caneta não tenha mais poder algum."

O Diretor da Escola ergueu seus olhos azuis brilhantes para ela. "E você acredita, sem dúvida, que é meu verdadeiro *amor*?", disse ele, lentamente aproximando-se... "Que você é aquela a quem minha alma busca?"

Evelyn corou em suas mãos, pronta para um beijo.

"Com todo o meu coração sombrio."

Os lábios do Diretor da Escola pararam a um centímetro dos dela. Ele sorriu maliciosamente. "Então, prove."

O coração de Agatha gelou, enquanto a cena evaporava à sua volta, substituída pelo campo gramado aberto da Clareira, na hora do almoço. Contudo, em lugar de seu decoro tranquilo, com Sempres sentados juntos de um lado e Nunca do outro, daquela vez os Nunca olhavam boquiabertos de perplexidade, enquanto os Sempre se agrediam em uma guerra civil – meninos Sempre socando e batendo uns nos outros, com varas, meninas Sempre brigando, puxando cabelos, arranhando, enquanto professores, lobos e fadas faziam tentativas inúteis de separá-las – e borboletas vermelhas enxameavam acima da cena. Agatha viu a professora Dovey com uma aparência mais jovem, passando correndo por ela, abordando Lady Lesso, que tinha acabado de chegar do Túnel de Árvores do Mal.

"É a Evelyn", disse ofegante, a professora Dovey. "Suas borboletas estão espionando as conversas dos meus alunos e sussurrando-as nos corredores! Cada pequeno desentendimento, insulto ou inveja é divulgado exclusivamente para incitar o caos!"

"Uma das lições que leciono aos Nunca é que eles não devem insultar uns aos outros. Que evitem tais dramas", ronronou Lady Lesso.

"Você é a Reitora do Mal! É sua responsabilidade controlar as..."

"E a disciplina dos Sempre é *sua* responsabilidade, Clarissa", bocejou Lady Lesso. "Talvez você deva falar com o irmão dela. Ele é o responsável pelas substituições aqui."

"August recusa-se a falar com ela, ou responder minhas perguntas. Por favor, Lady Lesso!", suplicava a professora Dovey. "É só uma questão de tempo, até que Evelyn intrometa-se com seus alunos também!"

Lady Lesso franziu o rosto para a colega do Bem, deliberando...

A cena se desfez, e Agatha se viu na antiga sala de aulas congelada de Lady Lesso, com Evelyn Sader em pé, diante da Reitora do Mal, em sua escrivaninha

esculpida em gelo.

“Eu não vou lhe pedir de novo”, disse Lady Lesso, em tom glacial. “Você vai parar de espionar os alunos, do Bem ou do Mal, ou será retirada dessa escola.”

Evelyn deu uma risadinha mostrando os dentes separados. “Espera que eu receba ordens que venham de *você*? Uma Reitora que visita a Floresta sorrateiramente, para ver o filho que esconde?”

Lady Lesso empalideceu, arregalando seus olhos violeta. “O que disse?”

“Ele sente sua falta, sente?” disse Evelyn, aproximando-se dela. “Talvez ele cresça para ser um fraco como a mãe.”

Lady Lesso pareceu perplexa, por um momento, antes de se recuperar com um rosnado frio. “Eu não tenho filho.”

“Isso foi o que você disse ao Diretor da Escola, não foi?”, respondeu Evelyn, chegando ainda mais perto. “Você sabe que há uma maldição no Mal, na Floresta. Você faria qualquer coisa para se manter segura, aqui na escola. Mas nenhum professor do Mal tem permissão para manter ligações fora desses portões – e certamente não uma *Reitora*. Portanto, você também jurou que abriria mão de seu filho e dedicaria sua alma para seguir o Mal de sangue frio.” Evelyn estava acima de Lady Lesso, cravando as unhas douradas em sua mesa congelada. “Mas toda noite você vai escondida até aquela caverna, onde o mantém. Toda noite, você finge que ele sempre terá uma mãe amorosa, em lugar de contar-lhe a verdade. Mas guarde as minhas palavras, Lady Lesso... um dia, seu filho irá odiá-la ainda mais, por causa disso. Porque logo você irá escolher entre você e ele. E nós duas sabemos quem você irá escolher.”

“Saia!”, Lady Lesso ergueu-se, de um salto, vociferando. “SAIA!”

Mas Evelyn já estava indo embora rebolando, com as borboletas seguindo-a num borrão vermelho.

Lady Lesso ficou sentada sozinha na sala de aulas vazia. Suas bochechas ficaram vermelhas, enquanto ela começava a tremer descontroladamente, com as lágrimas minando. Ela ouviu vozes e rapidamente limpou as lágrimas, antes que entrasse a próxima turma dos Sempre...

Agatha mal conseguia respirar, enquanto a cena se dissolvia, levando-a de volta à torre do Diretor da Escola. Dessa vez, ele estava sozinho com August Sader.

“Lady Lesso e a professora Dovey insistem que sua irmã seja expulsa imediatamente”, disse o Diretor da Escola. “E por causa da habitual inabilidade de minhas reitoras concordarem em alguma coisa, em algum momento, eu acredito que deva atender aos seus pedidos.” Ele olhou pela janela, para suas

escolas. “Vou precisar que você assuma as turmas de Evelyn, no Mal, assim que ela se for.”

“Como queira, Mestre”, respondeu o professor Sader, atrás dele.

O Diretor da Escola virou-se. “E você não oferta qualquer defesa de sua irmã? Você, que tanto insistiu para que ela viesse lecionar aqui?”

“Talvez ela apenas esteja aqui antes de sua hora”, disse o professor Sader, com um sorriso misterioso. “Agora, se me der licença, eu tenho uma aula para dar.”

Olhando-o cautelosamente, o Diretor da Escola ergueu o dedo. O professor Sader começou a desaparecer em filetes brancos... para logo depois ressurgir.

“Uma última coisa, August”, disse o Diretor da Escola, chamando-o novamente. “Aquela que eu busco... você jura por sua própria vida que ela não é do nosso mundo?”

O professor Sader nem piscou. “Eu juro pela minha vida.”

O Diretor da Escola sorriu e deu as costas. “A propósito, diga à Lady Lesso que seus privilégios de viajar para além dos portões da escola foram revogados.”

O professor Sader foi apagado de sua torre, atrás dele, num lampejo.

Agatha cobriu os olhos até que a luz branca diminuísse e espiou por entre os dedos, para ver Evelyn de volta, diante do Diretor da Escola.

Evelyn olhava além dele, vendo centenas de alunos reunidos nas janelas do Bem e do Mal, junto com professores de ambas as escolas, como uma plateia aguardando uma execução.

“E você escolheu meu irmão, acima de mim?”, disse ela, zombando da massa espectadora. “Você escolhe um homem que irá destruí-lo, acima de uma mulher que irá salvá-lo?”

“Seu irmão não mente”, disse o Diretor da Escola, baixinho.

Evelyn virou-se para ele. “Ele sacrificaria mais que a verdade para vê-lo morto. Ele sacrificaria a própria vida.”

O Diretor da Escola olhava para o Storian, pensativo. “Meu irmão colocou um pedaço de sua alma nos emblemas dos alunos, garantindo que eles sejam protegidos de mim”, disse ele, finalmente. “Eu também prefiro não correr riscos sem segurança.”

Ele virou de volta para Evelyn. “Mas receio que seu tempo nesta escola tenha chegado ao fim, por hora.”

Evelyn o agarrou pelos ombros. “E se você estiver errado? E se eu for seu verdadeiro amor?”, ela suplicava, frenética. “E se você morrer por seu erro?”

O Diretor da Escola baixou o olhar para as mãos dela que o seguravam. “Tal

dedicação...” Ele sorriu para seus olhos verdes. “Eu certamente não posso negar-lhe *toda* esperança.”

Lentamente, ele levou a mão ao emblema em seu peito e puxou um filete de fumaça azul radiante, como uma fatia reluzente de seu coração. Segurando-a no punho fechado, ele o pousou em cima do coração de Evelyn e viu o filete ser sugado para dentro. Evelyn olhou, chocada, enquanto todas as borboletas vermelhas em seu vestido ficaram magicamente azuis.

“É meu seguro, Evelyn.” O Diretor da Escola acariciou seu rosto, entretido. “Pois se eu estiver errado, então, um dia, você poderá regressar a essa escola.” Ele recuou subitamente. “E trazer seu verdadeiro amor *junto com você*.”

Evelyn resfolegou.

O Diretor da Escola mandou-a para fora da torre, num cometa de luz azul que passou rugindo acima da Floresta e seguiu rumo ao horizonte.

Agatha ficou olhando os olhos azuis letais do Diretor da Escola, enquanto a cena subitamente evaporava, numa nuvem de fumaça...

Agatha tossiu, abanando as mãos contra a névoa perniciosa, enquanto alunos Sempre passavam por ela gritando. Ela estava de volta ao Salão do Bem fantasma e enevoado... de volta à história manipulada de Evelyn...

O que só poderia significar uma coisa.

Agatha notou Evelyn Sader vindo como um raio em sua direção, do outro lado do Salão do Bem, e seu rosto estava vermelho de ira. Só que essa Evelyn estava dez anos mais velha. As borboletas dessa Evelyn eram azuis, em vez de vermelhas. Essa Evelyn não tinha nada de fantasma, avançando letalmente rumo à menina que tinha acabado de invadir suas lembranças...

“Por isso que você está em nosso conto de fadas... você está nos usando, de alguma forma...”, Agatha gritou, recuando. “Você está... você o está trazendo de v-volta...”

Evelyn a atingiu com um clarão de luz azul, enquanto o salão se dissolvia de volta ao presente, as bruxas correndo na direção de Agatha, esta desmoronando no chão, tarde demais para salvá-la.

Agatha.

Agatha.

Agatha.

Sophie olhava para Tedros e Hort, ambos pedindo para serem seu colega de equipe na Prova contra *ela mesma*.

Eu preciso de Agatha, agora, pensou Sophie, trêmula. Ela não podia chegar nem perto daquela Prova.

Cástor chutou Hort à frente, com sua pata. “Cada um de vocês tem uma chance de dizer ao Filip por que vocês merecem ser a escolha dele.”

Hort olhou fulminante para Tedros, com uma expressão tão horrenda que pareceu que ele explodiria em chamas. “Eu devo lutar com Filip porque não sou um amigo só de momentos bons, que só é legal com ele quando não sou chicoteado.” Ele fez um bico para Sophie, com os lábios pálidos trêmulos. “Além disso, eu sou o melhor amigo de Filip. Ele mesmo disse isso.”

Sophie olhava para Hort, que agora tinha perdido toda sua fúria e só parecia um rato de dar pena.

“Bem, talvez eu não seja o melhor amigo de Filip”, disse uma nova voz, atrás dele. “Mas vou mantê-lo vivo.”

Sophie lentamente ergueu os olhos.

“O que eu tive com Agatha foi o amor mais profundo que já senti”, disse Tedros, quando os olhos dos dois se fixaram. “Mas Filip me mostrou algo ainda mais profundo, como o elo de um irmão que eu sempre quis. Ele não é como nós, príncipes – ásperos, melindrados e presunçosos. Ele é honesto e sensível, e pensa muito, tem sentimentos verdadeiros. Meninos nunca têm sentimentos verdadeiros... pelo menos, não os que eles descartam ou escondem. Mas ele é um menino do jeito que verdadeiros meninos devem ser, feito de honra, coragem e coração. E, talvez pela primeira vez, ele me fez compreender por que só a morte irá separar Agatha de Sophie.” Tedros olhava para o rosto estarrecido de Filip. “Porque nunca me senti tão leal a alguém, menino ou menina, como me sinto em relação a ele.”

Ninguém no Salão do Mal fazia qualquer som.

Os olhos de Sophie se encheram de água, olhando aquele que um dia fora seu príncipe. Por toda sua vida, ela só quisera que um menino a quisesse. Como ela poderia saber que seria quando ela própria fosse um menino?

“Tedros ou Hort, Filip?”, disse Cástor, entrando no meio dos dois meninos.

Sophie tirou os olhos de Tedros. O que ela estava fazendo! Ela tinha que chamar Agatha agora mesmo!

“TEDROS OU HORT?”, rugiu Cástor, olhando de cara feia.

Sophie estabilizou sua respiração, silenciando o eco das palavras de Tedros. Agatha logo estaria a caminho.

Não importa o que você diga, não vai acontecer. A Prova não vai acontecer.

Mas se acontecesse... se, de alguma forma, acontecesse... o príncipe cuja missão era matá-la, agora pedia permissão para *entrar*!

Hort.

HORT.

DIGA HORT.

O nome veio tranquilamente, sonoro em sua língua, e ela respirou aliviada, recuando para acender a lamparina e chamar sua melhor amiga...

Mas quando ela olhou para Hort, o sorriso de doninha sumiu, substituído por uma expressão de pavor e traição que Sophie soube que não fora seu nome que ela havia dito.

Sophie virou lentamente.

Tedros retribuiu o sorriso para seu melhor amigo, radiante de gratidão e afeto – radiante com a promessa de proteger Sophie, o menino, de Sophie, a menina.

Só que não foi o brilho de Tedros que parou o coração de Sophie.

Foi o brilho acima de seu ombro...

... da janela do pavilhão dos meninos...

... ofuscante, do outro lado da baía, na torre das meninas...

... o brilho de uma lamparina vermelha, acesa com o alarme...

E foi quando Sophie soube que havia cometido um erro terrível.

22
Entrando por último

“Que sensação de lar.”

O barulho da água vinha por trás das palavras dos meninos, como os acordes de uma harpa dentro de uma canção.

Agatha abriu os olhos sob o sol batendo na superfície de um lago familiar, a água tremulando e brilhando na brisa morna.

Ela parou por um breve instante, refletindo seu vestido preto maltrapilho e seu rosto branco fantasmagórico, ao lado de um menino de cabelos louros, de casaco azul dos Sempre.

“C-como viemos parar aqui?”, Agatha disse, olhando para ele.

“Aí está minha princesa”, disse Tedros, olhando a água. “A velha Agatha teria ficado vermelha como um pimentão, perguntando ‘Onde está Sophie?’”



Agatha ficou vermelha como um pimentão. “Onde está ela? Ela está bem?”, disparou, virando para um clarão de luz dourada, apagando tudo em volta do lago. “Ela está aqui...”

“Eu estava querendo lhe perguntar”, disse Tedros, jogando um fiapo de capim na água. “Desde o momento em que nos conhecemos, você me desprezou... me chamou de assassino, de pavão empinado, de bunda-mole e sabe-se de mais o quê...”, ele jogou outro capim, sem olhar para ela. “O que fez com que você mudasse de ideia?”

“Eu não entendo... onde nós estamos...?”, disse Agatha, ansiosa, olhando as paredes douradas de luz que os envolvia, como as paredes negras de vento que um dia esconderam o fantasma de seu príncipe. “O que aconteceu com nossa história...?”

“Isso é o que nós dois estamos tentando descobrir, não é? Por isso que eu preciso da resposta, Agatha”, disse Tedros, ainda olhando à frente. “Eu preciso saber o que você viu em mim.”

O rubor sumiu do rosto de Agatha. Houve um dia em que ela esteve ali, naquela mesma margem, jogando fósforos, em vez de capim, perguntando à Sophie o que sua amiga via nela.

“Foi um momento”, Agatha disse baixinho. “Só isso.”

O príncipe finalmente olhou em seus olhos.

“Foi o jeito como você olhou para Sophie, depois que ela o abandonou na Prova do ano passado”, disse ela. “A mágoa em seu rosto. Como se tudo que você quisesse fosse que alguém o protegesse da forma como você a protegia.”

Tedros resmungou e desviou o olhar. “Você me faz parecer uma garota.”

Agatha sorriu para si mesma. “Foi o que me fez ver um menino.”

Os ombros do príncipe se contraíram.

“Um menino tão vulnerável quanto forte”, disse Agatha, observando-o.

“Ainda assim, você acha que eu sou fraco o suficiente para magoá-la”, disse ele, baixinho. “Você, a única pessoa que viu quem eu realmente sou.”

Tedros virou com um olhar penetrante, de súplica.

“Parece que ainda falta uma peça, você não acha?”

A parede dourada atrás dele se abriu, engolindo-o junto com a luz, antes que Agatha pudesse estender os braços para ele. O gramado subitamente ficou azul-marinho em volta dela, as árvores se transformaram em litorinas, o lago flamejava em labaredas, erguendo ondas de fogo...

Agatha abriu os olhos no escuro, com a cabeça latejando. Estrelas prateadas piscavam para ela no céu límpido. Ela levantou em um tranco, envolvida em cobertas com estampa de cachorrinhos, no calor da lareira estalando ao seu lado, os rostos sombreados de duas garotas olhavam para ela na Clareira deserta.

“Você está acordada”, disse Kiko. “Ela está acordada!”

Reena engasgou com um pirulito de chocolate. “E-eu vou buscar a Reitora”, ela gaguejou, e seguiu rebolando o traseiro grande pelo escuro.

Agatha sentiu as palavras enroladas, murchando em sua boca. Seus membros estavam gélidos, suas têmporas latejavam, enquanto sua mente revolvia imagens de pânico... O lindo rosto suplicante de Tedros, junto ao lago... o rosto petrificado de Sophie como menino... o rosto de Evelyn vindo em sua direção...

“O Diretor da Escola... tem de dizer a Dovey...”, Agatha disse ofegante, frenética, com seus últimos momentos acordada voltando embaçados. “Ela o está trazendo de volta à vida...”

“Ai, Deus. A Reitora disse-nos que você ficaria ligeiramente agitada quando acordasse”, disse Kiko, pousando a palma da mão na testa de Agatha. “Mmmm, está com uma febre terrível, como se você tivesse assado alguma coisa perto de uma fogueira.”

“Tem um fogo bem ali”, Agatha resmungou.

“A Reitora disse que você teve uma reação ao fantasma de fumaça”, Kiko matracava, obviamente. “Porque você é leitora, tem imunidade sensível e tudo mais. Hester, Anadil e Dot ficaram delirando, dizendo que a Reitora tinha feito alguma coisa a você, mas todos acham que elas também inalaram fumaça demais. Da última vez que eu vi, a Hester estava acenando uma lamparina vermelha na janela, parecendo uma doida. A única coisa pior que uma bruxa tatuada é uma bruxa tatuada maluca. Ainda assim, passar o dia inteiro no frio é patético, Agatha, com ou sem imunidade. Você perdeu tudo: o comunicado da equipe, o grande banquete, a peça – embora tenha terminado cedo, porque o adereço de cabeça de Mona tentou devorá-la. Se quiser minha opinião, eu acho que Hester pôs um feitiço no negócio...”

Agatha agarrou-lhe o colarinho. “Ouça, seu canário com cérebro de minhoca!”, ela rugiu, ainda embaralhada. “A Reitora é perigosa! Eu tenho que falar com a Dovey e a Lesso, antes da Prova...”

“Agatha.” A voz de Kiko foi dura e firme. “A Prova começou há duas horas.”

“O quê?”, Agatha soltou-a, em choque. “Mas isso... isso...” O pavor pontuava sua voz.

Ela lentamente olhou para baixo e puxou as cobertas de cachorrinho, revelando seu corpo vestido com a túnica azul safira da Prova, feita de uma malha fina de armadura com uma capa por cima, de lã com capuz combinando, bordada com brocado prateado. No bolso da frente da capa, que tinha o emblema de uma borboleta azul, havia um lenço branco de seda, reluzindo o encantamento

na borda.

Agatha virou para os portões da Floresta Azul, imensos acima dela, magicamente acesos por chamas, lacrando os que estavam do lado de dentro, enquanto uma névoa cinza encobria as árvores, através dos portões, bloqueando a visão da Floresta. Agatha esticou-se para a enorme chapa de madeira acima do portão da direita, reluzindo com vagalumes que compunham cada palavra:

PROVA DE CONTOS: MENINAS

SOPHIE
HESTER
DOT
BEATRIX
ANADIL
MONA
ARACHNE
MILLICENT
YARA

“Essas são as que estão na Floresta, neste momento”, disse Kiko. “Estão mandando pares, a cada dez minutos: uma menina e um menino. Já são nove pares, falta mais um. Ninguém está soltando a bandeira, portanto, ninguém se rendeu ainda...”

Mas Agatha ainda estava olhando o quadro boquiaberta. “*Sophie?* A Sophie está... lá *dentro*?”

“Ela entrou com o primeiro par, a Reitora disse. O negócio é que ninguém a *viu* entrar. Mas as libélulas acenderam seu nome, o que significa que ela tem que estar na Floresta! Graças a Deus, porque nós não podemos ganhar sem vocês duas. A Reitora nunca duvidou que você acordaria...”

“Mas como a Sophie pode estar na Prova!?”, Agatha disse, cuspindo e cambaleando em direção aos portões. “Quando foi que ela voltou? Por que ela não me ajudou? Eu preciso ver a Dovey ou a Lesso, ou...”

Uma saudação explodiu acima dela.

“A-GA-THA! A-GA-THA! A-GA-THA!”

Agatha ergueu o olhar, para as sacadas do castelo azul, abarrotadas com alunas que agora tinham uma visão direta dela, através das árvores nuas da Clareira. Elas berravam seu nome e tocavam buzinas, jogando confete, acenando cartazes: *Vamos, Meninas! Meninos = Escravos! Sophie e Agatha: Salvem o dia!*

Agatha estreitou os olhos para a sacada mais alta, na Caridade, onde todas as professoras se aglomeravam, embora quase não desse para ver os rostos. Mas ela

viu as silhuetas rijas da professora Dovey e de Lady Lesso, boquiabertas de pavor – e Pólux de guarda na porta atrás delas, a cabeça num gigantesco corpo de urso.

“Está vendo, Bilious, eu lhe disse que ela estaria pronta”, disse uma voz.

Agatha virou e viu a Reitora contornando o portão no canto oeste, com o cabeça de pera do professor Manley, acompanhados por duas ninfas de cabelo verde. Manley rugiu para Kiko, que fugiu como um carneirinho, antes de rosnar ainda mais ameaçador, quando viu Agatha.

“Sorte a sua”, disse ele, debochando. “Chegou bem na hora.”

“Sorte, mesmo”, disse a Reitora, com um sorriso que dizia que Agatha não estava com sorte alguma.

Manley seguiu marchando ao portão leste. “Evelyn, mais alguma gracinha e será temporada de caça para todas vocês”, ele vociferou. “Estamos mandando nosso último garoto, em dois minutos, se a Leitora estiver pronta ou não.”

Assim que ele desapareceu, Agatha girou para a Reitora, vermelha quase roxa. “Como você colocou a Sophie na Prova, sua bruxa? Você a prendeu em uma cilada, quando ela voltou para me procurar? Você também lhe deu um choque?”

A Reitora seguiu na direção dela, os lábios curvando-se num sorriso. “Sabe, Agatha, em sua versão da história, eu sou a vilã. Em sua versão, eu que causei os sintomas de Sophie... eu que coloquei Sophie na Prova... eu que trouxe de volta um fantasma...”, disse ela, com a voz manhosa. “Mas, será que até agora, você ainda não aprendeu?” Ela segurou o rosto de Agatha entre as mãos de unhas douradas afiadas. “Sua versão da história está geralmente *errada*.”

Agatha mostrou os dentes no rosto dela. “*É mesmo?* Por favor, conte-me, se não é você que está fazendo todas essas coisas, então, quem é?”

A Reitora deu um sorriso sinistro. “Como era mesmo que meu irmão costumava dizer? Às vezes, a resposta está perto demais para enxergar. Às vezes a resposta...”, ela pressionou seus lábios frios na orelha de Agatha “...está bem *debaixo de seu nariz*.”

“Você não passa de um monte de mentiras”, Agatha fumegava, empurrando-a, mas a Reitora só sorria mais abertamente, como se saboreasse um segredo.

“Leve-a até os portões”, ela declarou.

As ninfas agarraram os braços de Agatha e, juntas, a suspenderam, levando-a até o portão oeste da Floresta...

“Não! A Sophie vai sair viva, está me ouvindo!?”, Agatha gritava para ela. “Nós vamos sair *vivas*!”

Mas o sorriso de gato Cheshire da Reitora diminuiu quando as ninfas carregaram Agatha, contornando o canto, passando pelos mastros cruzados em chamas, nos portões, e a torcida das meninas aumentou.

As ninfas arrastaram-na em direção de um enxame de borboletas que deliberadamente pairavam acima de uma parte do portão oeste, abaixo do placar das meninas. Debatendo-se inutilmente nas mãos das ninfas, Agatha olhou para o alto, para o castelo vermelho dos meninos, bem acima da Floresta, ao leste. Deu para ver os meninos aglomerados nas sacadas, com seus uniformes de couro, acenando placas e berrando cânticos distantes, que sumiam em meio aos das meninas. O placar dos meninos estava em ângulo virado para a escola deles, acima do portão leste, aceso por vaga-lumes. *Por ali que os meninos devem estar entrando,* pensou ela...

Como uma súbita compreensão, ela assimilou o momento. Pronto. Realmente estava acontecendo.

Ela entraria na Prova contra seu próprio príncipe. Se o vencesse, e a todos os outros príncipes e meninos sedentos de sangue, Sophie e ela talvez escapassem vivas. Se perdesse, ela e sua melhor amiga seriam executadas, juntas.

Não falta peça alguma, ela cerrou os dentes, amaldiçoando seus sonhos fracos e repletos de príncipes.

Eram Sophie e ela contra Tedros, numa Prova de morte.

Mas, quando a Sophie voltou? Será que ela encontrou o Storian?, Agatha pensava freneticamente, olhando o nome de sua melhor amiga no placar. *Será que ela lutou, ao entrar na Prova?*

E, no entanto... nenhuma das meninas tinha visto Sophie entrar, segundo Kiko dissera. Agatha franziu o rosto, confusa. Será que a Reitora teria forçado sua amiga, no fim das contas?

“O que aconteceu com Sophie?”, ela apelou às ninfas, enquanto elas a levavam para mais perto das borboletas, embaixo do placar das meninas. “Vocês a viram...”

Sua voz falhou. Porque agora ela conseguia ler os nomes no placar dos meninos, do outro lado da Floresta.

TEDROS
ARIC
PRÍNCIPE DE AVONLEA
PRÍNCIPE DE GINNYMILL
RAVAN
NICHOLAS

PRÍNCIPE DO DESERTO DE SHAZABAH

PRÍNCIPE DE FOXWOOD

Só que havia mais um nome reluzindo ao alto.

FILIP.

Agatha conteve um grito.

FILIP.

FILIP.

FILIP.

Sophie estava na Prova como um menino.

Sophie estava na Prova, lutando ao lado dos mesmos meninos que queriam matá-las.

O terror de Agatha diminuiu, todas as perguntas de como tudo aconteceu foram se dissipando. *Se Sophie era um menino, ela estaria a salvo de Tedros, não? Contanto que Sophie continuasse Filip, Tedros não poderia encontrá-la*, pensou Agatha, com o batimento cardíaco diminuindo, enquanto as ninfas a pousavam na frente das borboletas. *E se ele não puder encontrá-la, ele não poderá matá-la*. Talvez sua amiga tivesse tomado uma atitude genial, no fim das contas.

Agatha sentiu um nó no estômago.

Três dias. Yuba disse que o feitiço de Merlin só duraria três dias... até o início da Prova.

O feitiço em Sophie reverteria, e ela voltaria a ser menina, a qualquer segundo.

Bem no meio de um bando de meninos que a matariam na hora.

O sangue escorreu pelas pernas de Agatha, fazendo-a correr.

Ela tinha que encontrar Sophie *agora*.

Dos placares dos meninos e das meninas veio a detonação, em vermelho e azul, das chamas rumo ao céu. Vagalumes montaram o nome de Agatha no placar das meninas como sua última combatente, e o de Vex, no placar dos meninos...

As borboletas azuis zuniram rumo ao portão, formando uma porta diante das grades em chamas. Através dessa porta, as chamas instantaneamente se dissolveram em água, abrindo uma pequena cortina de chuva para dentro da Floresta. Agatha semicerrou os olhos ao passar pelo aguaceiro, vendo um caminho estreito de terra, adiante, serpenteando por entre samambaias azuladas.

Um ano atrás, ela e Sophie tinham lutado juntas, nessa Prova, e saíram vivas.

Esse ano, elas teriam que se encontrar.

Agatha só torcia para que Tedros não encontrasse Sophie primeiro.

Estou chegando, Sophie.

As ninfas empurram-na portão adentro, e ela sentiu a chuva morna e envolvente. Então, Agatha ouviu o rugir das chamas atrás dela e soube que estava do lado de dentro.

23
Morte na Floresta

Cada músculo do corpo de menino de Sophie congelou quando ela viu o nome de Agatha acendendo no placar das meninas, acima da Floresta Azul.

Ela está lá dentro.

Agatha está lá dentro.

Todo o medo e a autoaversão que Sophie vinha acumulando no último dia, desde que viu a luz vermelha na lamparina da amiga, desde que ela se prendeu nessa Prova abominável, sumiram com o vento, e seus joelhos quase dobraram. O que quer que ela tivesse feito para trazer as duas até ali, pelo menos ambas estavam vivas e no mesmo lugar.

Como pude escolher Tedros!?, ela se martirizava. Naquele momento de absoluta estupidez, pensando que ele talvez até pudesse voltar a gostar dela, Sophie se esquecera de duas coisas. Primeiro, Tedros queria matá-la e matar a melhor amiga dela. E, segundo... *ele acha que eu sou um menino. UM MENINO!*

Sophie olhou para a Floresta densa à sua frente, que estava acesa para a Prova, com um brilho branco azulado, como um país das maravilhas psicótico de inverno. Tudo nela queria gritar para Agatha, para que ela corresse e se escondesse com ela...



“Ande logo, Filip”, Tedros franziu o rosto, olhando para trás, ao adentrar a Mata Turquesa, empunhando o escudo redondo e a espada Excalibur, o T

bordado na gola de sua capa preta e vermelha, manchada de sangue. “Você já quase matou nós dois. Tente me acompanhar.”

Sophie apressou-se para segui-lo, com a espada na bainha batendo em sua coxa vigorosa, o F de sua inicial em seu uniforme manchado com mais sangue ainda. Vinte minutos após o início da Prova, eles se depararam com um stymph ferido, seu corpo descarnado caído no Campo de Mirtilo, uma das asas ossudas esmagada. Tedros disse para deixá-lo, pois os stymphs atacam os Nunca, não príncipes... só para vê-lo avançar para cima de Filip e engolir seu escudo inteiro. Tedros saltou em defesa do amigo, enquanto Filip uivava e corria feito um idiota, e o stymph quase comeu os dois, antes que Tedros finalmente o decapitasse. Desde então, ele vinha lançando olhares atentos.

“Não é culpa minha que o pássaro seja dementado”, Sophie insistiu, pela quarta vez, tentando parecer o mais principesca possível.

O último dia na Escola de Meninos tinha passado numa onda de pânico. Desesperada para responder ao alarme de Agatha, Sophie esperou até o cair da noite, torcendo para evadir-se ao castelo das meninas, mas Cástor ficou bem na porta da Sala de Condenação, para garantir que o líder da equipe dos meninos ficasse em sua cela e descansasse. Não que Sophie pudesse descansar, se quisesse... Tedros passou a noite inteira desenhando mapas detalhados da Floresta Azul, afiando a espada de seu pai, que Manley devolvera contrariado, e gritando estratégias como fizera um dia, quando era capitão do exército do Bem.

“Nós seremos nosso próprio grupo, Fil. Deixe que Aric e os outros príncipes fiquem com as outras meninas, enquanto nós seguimos direto para Sophie e Agatha. Sem dúvida, elas estarão lutando juntas, assim como eu e você”, disse ele. “Nós precisamos matá-las na hora, ou elas nos matarão primeiro.”

“Não podemos simplesmente nos esconder embaixo da ponte do Riacho Azul, até amanhecer?”, Sophie gemeu, com o travesseiro em cima dos cabelos macios.

“Isso é o que eu esperaria que uma menina dissesse”, Tedros debochou.

Agora, aquela menina, presa num corpo de menino, seguia seu futuro assassino por uma mata azulada e emaranhada. Tedros olhava para o alto, para cada carvalho turquesa, antes de pular no tronco mais alto de todos.

“O que você está fazendo?”, Sophie chiou.

“Agatha acabou de entrar pelo portão oeste”, disse Tedros, escalando a árvore como um macaco. “A primeira coisa que ela fará será atravessar o Campo de Samambaias e encontrar Sophie. Venha, nós teremos uma boa visão dos arbustos aqui de cima.”

Sophie nunca tinha subido numa árvore – “Só meninos podiam desfrutar de uma forma de diversão tão baixa”, ela dizia – mas pensar em ver Agatha fez com que ela subisse no carvalho até mais depressa que Tedros. Ela conseguiu apoiar o pé no galho mais alto, a brisa gelada anestesiando seu rosto, e tentou estreitar os olhos acima da copa densa da árvore, enquanto o príncipe escalava até seu lado.

“Não dá para ver nada”, ela reclamou.

“Aqui, pegue a minha mão.”

Sophie ficou olhando para a mão aberta de Tedros.

“Relaxe, companheiro, eu não vou deixá-lo cair”, disse ele.

Sophie colocou sua mão grande na pegada forte, enquanto ele se inclinava à frente, em direção à folhagem mais rala, puxando o colega de cela atrás. O rosto mal barbeado de Sophie ficou vermelho em fogo quando ela se lembrou da sensação de Tedros segurando sua mão, como ele fizera há um ano, quando eles se apaixonaram... quando ele a convidou para o Baile, bem ali, na Floresta... inclinando-se à frente, sob o luar, exatamente assim... estendendo os lábios aos dela...

“Você sua como um porco, Filip”, Tedros fungou, soltando a mão suada.

Sophie saiu do transe, gritando mentalmente com ela mesma, e agarrou um galho, meio desequilibrada.

“Não consigo ver nenhuma das meninas”, Tedros disse. “Você consegue?”

Sophie espiou por entre as folhas, para uma visão ampla do norte da Floresta. O Campo de Samambaias, os Arbustos de Pinheiros e a Mata Turquesa estavam amplamente iluminados com a mesma luz invernal, mas ela não conseguia enxergar nenhum dos uniformes safiras das meninas – apenas algumas capas sombrias de meninos espreitando por entre os arbustos. Ela sentiu uma forte tristeza por não ver Agatha, depois alívio, porque Tedros também não via.

“Ela e Sophie devem estar escondidas, com medo”, disse Tedros. “Nós vamos esperar até que uma delas se mexa...”

Uma rajada de fogos de artifício foi disparada ao céu, vinda do sul da Floresta, sinalizando a primeira rendição. Tedros e Filip giraram, quase caindo do galho, e viram copas de árvores remexendo, ao longe, perto do canteiro das abóboras. Gritos ecoaram, de menino e menina, junto com chiados agudos de monstro, enquanto abóboras azuladas voavam acima das árvores como bolas chutadas, seguidas por uma saraivada de fogos vermelhos e brancos, numa detonação longa e assustadora.

Então, tudo ficou em silêncio.

“O que aconteceu?”, Sophie resfolegou.

“Uma das armadilhas dos professores”, disse Tedros. “Só que, seja o que for, pegou gente dos dois lados.”

Sophie voltou-se para os placares. *Por favor. Não seja Agatha*.

Vex, Ravan, Mona e Arachne foram todos apagados.

Sophie suspirou aliviada – depois se retesou. “Não matou nenhum deles, matou?”

Tedros sacudiu a cabeça. “Os fogos são diferentes se alguém morre ou se rende. Eu perguntei ao Manley.”

Sophie sentiu uma onda aguda de náusea. A ideia de que Tedros realmente a mataria nunca chegou realmente a ser assimilada. Mas ele fazer essa simples pergunta ao Manley, subitamente tornou tudo muito real.

Passos estalaram na mata abaixo, e os dois meninos olharam e viram um par de príncipes no caminho, um parrudo e outro magrinho, à espreita, ambos armados com machados de batalha.

“Os Nunca são uma porcaria para lutarem com monstros... estão acostumados demais a terem todos eles do seu lado”, disse o príncipe parrudo. “Mesmo com nossa ajuda, aqueles garotos Nunca soltaram suas bandeiras como maricotas.”

“Ah, bem, mais chance de nós conseguirmos o tesouro”, disse o magrinho, rangendo os dentes de frio. “Nem sinal daquelas garotas Leitoras, e nós vasculhamos todo o sul da Floresta.”

“Elas provavelmente estão escondidas na Ponte do Riacho, como covardes. Vamos.”

Sophie ficou olhando, enquanto eles seguiam, com o coração ainda mais apertado.

“Filip?”, disse Tedros, vendo o rosto do amigo.

“Transformando príncipes em assassinos? Ofertando tesouros pela vida de duas meninas?”, Sophie murmurou, pálida e amedrontada. “Isso não é você, Tedros. Não importa o que você pense que aconteceu”, disse ela, em voz baixa, falhando. “Você não é um vilão.”

Lentamente, o rosto do príncipe foi suavizando, como se ele finalmente estivesse vendo a si mesmo, através dos olhos do amigo. “Você não me conhece”, disse ele, baixinho.

Sophie sentiu o galho tremer, depois percebeu que era o tremor de suas próprias pernas. “E se tudo isso for um equívoco?”, disse ela. “E se Sophie quiser apenas voltar para casa, com sua amiga?”

Tedros contraiu o maxilar ao virar o rosto, relutante.

“E se ela apenas quiser de volta o final feliz que tinham?”, disse Sophie.

O corpo de Tedros murchou mais, como uma concha prestes a se abrir...

Então, seu rosto ficou sério outra vez, como uma máscara.

Sophie seguiu seus olhos passando além dela, ao topo de uma torre das meninas, acima da Floresta Azul, diretamente alinhada com a árvore deles. Tedros estreitou os olhos para o telhado aberto da Honra, iluminado por tochas e fogos de artifício dissipando pelo céu.

“Venha, vamos”, Sophie disse, rapidamente, sabendo o que havia no telhado da Honra...

Mas Tedros não se mexeu, olhando a cerca viva um dia dedicada ao pai que ele reverenciara... agora refeita, à imagem da mãe que o abandonara.

“Tedros, o que quer que seja, não vale a pena olhar”, disse Sophie.

Tedros arrancou uma imensa folha azul da árvore e a transformou em gelo, com o brilho dourado de seu dedo. Erguendo aos olhos, ele magicamente derreteu a borda do gelo, transformando-a numa lente de aumento, ampliando sua visão.

“Tedros, por favor”, Sophie rogava.

Mas ele já tinha encontrado a última escultura perto da sacada, emoldurada por uma parede de espinheiros roxos. A visão de sua mãe afogando o príncipe bebê com uma ira implacável. Uma mãe que só queria seu filho morto.

“Não é verdade”, disse Sophie, baixinho, vendo através da lente. “Você sabe que não é.”

Tedros não disse nada, olhando a cena, respirando ofegante, embaçando o ar.

“Você quer saber por que aquelas garotas têm que morrer?”, disse ele. “Pelo mesmo motivo que meu pai deixou um preço pela cabeça da minha mãe.”

Ele virou para o amigo, com os olhos molhados. “Porque esse é o único final feliz que restou.”

A esperança sumiu do rosto de Sophie, como uma luz se apagando. “Agora, você realmente fala como um vilão”, disse ela.

Os dois meninos se encararam, peitos tocando no galho, lágrimas nos olhos dos dois.

Tedros passou por Filip e começou a descer da árvore.

“Vá se esconder, se você quiser”, disse ele. “Mas eu vou encontrar aquelas garotas.”

Sophie olhou-o firme, o suor frio escorria pelas costas. Tudo dentro dela queria correr e se acovardar embaixo da ponte, até que amanhecesse, para salvar a própria vida.

Mas ela não podia deixar que ele encontrasse Agatha.

De pernas bambas, ela seguiu o príncipe.

Agatha sabia muitas coisas sobre Sophie, desde sua cor predileta (rosa claro), até a marca de nascença em forma de morango em seu tornozelo, e o jeito que ela sempre ficava vermelha antes de rir. Porém, acima de tudo, Agatha sabia que Sophie teria apenas uma tática para sobreviver a essa Prova.

Esconder-se debaixo da ponte.

Sabendo que Tedros estaria à sua caça, desde o instante em que ela entrasse na Floresta – até espionando de uma árvore, pelo que ela sabia – Agatha se mogrificou em um lince preto e carregou sua roupa na boca, enquanto passava pelo Campo de Samambaias. Quando ela chegou ao Riacho Azul, com a água borbulhando baixinho, por baixo da ponte de rochas cinzentas, ela reverteu à forma humana e se vestiu nos arbustos azulados, antes de se esconder na margem sombreada do riacho. A água sob a ponte era preta como piche, mas ela não podia deixar o dedo acender, por medo de atrair os meninos.

“Sophie?”, Agatha sussurrou, entrando até os joelhos na água gélida, sentindo os peixes fugindo dela. Até onde sabia, Sophie tinha se transformado em arraia pintada. “Sophie, sou e-eu”, dizia ela, batendo os dentes.

A mão fria a agarrou pela nuca e a puxou para dentro da água. Resfolegando para a superfície, Agatha abriu a boca para gritar por ajuda – e viu Hester, Anadil e Dot olhando para ela, com os rostos camuflados com lama, escondidas até a cintura na água, sob uma parte oca da margem. Agatha quase desmaiou de alívio.

“Eu disse que ela viria para cá”, Dot bufou para as bruxas, antes de ofertar um punhado de sardinhas transformadas em espinafre e acelga suíça. Agatha tinha a tendência de pensar em legumes como comida de coelho, mas estava faminta demais para ligar. “Onde está Sophie?”, ela perguntou, com a boca cheia de espinafre.

“Achei que ela estivesse com você”, disse Anadil, franzindo o rosto, com os ratos espiando para fora de sua gola, com os focinhos peludos camuflados também. “Em vez disso, estamos todas aqui, tentando não morrer, enquanto aquela piranha está por aí, lutando do lado errado.”

“Não por muito tempo. O feitiço de Yuba vai passar a qualquer segundo”, disse Agatha, ficando tensa. “Nós temos que encontrar Sophie, antes que ela se transforme em menina novamente.”

Agora, até o demônio de Hester parecia preocupado.

“Tem mais”, disse Agatha, em tom agourento.

Mantendo a voz baixa, ela relatou tudo que vira na memória de Evelyn, até que as bruxas estivessem praticamente sem ar.

“Trazendo o Diretor da Escola de volta?”, Dot deu um gritinho. “*Como?*”

“Mantenha a voz baixa, sua imbecil!”, brigou Anadil. “Olhem, isso não faz sentido. Nem mesmo um vidente pode trazer de volta um fantasma dos mortos, por mais que alguns segundos...”

“A menos que ela tenha encontrado outro meio”, disse Hester, erguendo os olhos para Anadil. “Só que ela precisa de ajuda para fazer isso.”

A coluna de Agatha pinicou, quando ela se lembrou das palavras sinistras de Evelyn, antes da chegada das ninfas, insinuando que a Reitora não era a única pessoa do Mal nessa história. Mas, então, quem mais poderia ser? Quem poderia ajudá-la a realizar um plano tão mortal? Quem acabaria sendo o *vilão*?

Ela pensou na mensagem da tartaruga, alertando-a quanto a essa Prova... a receita, no escritório da Reitora, ostentando um feitiço que as levara a... o sorriso perverso de Evelyn, sabendo exatamente onde Sophie estava, o tempo todo...

“Ela queria que Sophie e eu viéssemos separadas para essa Prova”, disse Agatha, subitamente entendendo. “Esse sempre foi seu plano. Ela queria que Sophie viesse com os meninos.”

“Mas, por quê?”, perguntou Dot. “Por que ela iria querer que Sophie lutasse ao lado de Tedros?”

Hester tinha novamente aquela expressão pensativa, antes de olhar fixamente para Agatha. “Essa é a última vez que eu vou lhe perguntar, Agatha. Você tem certeza de que a Sophie é do Bem?”

Agatha ergueu os olhos para o placar dos meninos, o nome de Filip reluzindo aceso pelos vagalumes.

“A velha Sophie estaria escondida aqui, para salvar a própria pele. Todas nós sabemos disso”, disse, quase que para si mesma. “Porém, em vez disso, Sophie está por aí, junto com os meninos...” Agatha ergueu os olhos para Hester. “Para garantir que eles não me encontrem.”

Hester suspirou, finalmente convencida. “Então, você precisa encontrá-la, antes que ela se transforme de volta em menina, certo? Encontre a Sophie e se esconda com ela, até o dia amanhecer. Deixe a luta com os meninos por nossa conta. Se você ganhar a Prova, nós teremos outra chance de encontrar o Storian. Tem que estar em algum lugar daquela torre...”

Ela parou de repente, estreitando os olhos.

Agatha também ouvia as vozes.

“Millie, nós não devemos nos esconder aqui”, disse Beatrix, da margem

acima delas.

Sua careca surgiu à vista, quando ela entrou com a sapatilha azul na água, e foi se deslocando tremendo, com o manto safira boiando atrás, como uma capa. “Os meninos vão pensar que estamos aqui como covardes”, disse Beatrix. “Se esperarmos embaixo da margem, nós podemos atacá-los primeiro.”

Millicent entrou logo atrás, com o cabelo ruivo sujo amarrado no alto. “Eu ainda sou da opinião que devemos nos mogrificar e nos esconder em uma árvore.”

“E acabarmos nuas na floresta, se tivermos que nos reverter?”, disse Beatrix, olhando as margens, em busca de um esconderijo. “Isso não será *notado*...”

Ela perdeu a voz quando viu seu reflexo no riacho escuro. Só que havia algo refletido ao seu lado... um par de olhos... não, dois pares... três...

Ela olhou para cima, com um ofego – Agatha pôs a mão sobre sua boca e a prendeu contra a margem, junto com Anadil, enquanto Hester e Dot seguravam Millicent.

“Onde está o Storian?”, rugiu Agatha, soltando seu pescoço.

“Caso você não tenha notado, nós estamos na mesma *equipe*”, Beatrix cuspiu as palavras.

“Onde você o escondeu!?”, Agatha rugiu. “Por que a Sophie não conseguiu encontrá-lo!?”

“Pra começar, eu não faço ideia do que você está falando. Segundo, desde quando a Princesa Agatha virou um capanga provocador?”

“A capa de pele de cobra, embaixo da sua cama... o uniforme dos meninos.. você esteve *dentro* do castelo dos meninos...”

“A única coisa embaixo da minha cama é um baú de maquiagem e apliques de cabelo, dos quais sinto muita falta, se é que tenho de ser honesta...”

“Você está *mentindo*”, Agatha atacou. “Nós sabemos que a Reitora mandou você!”

“A Reitora mal me conhece, não importa o quanto eu puxe seu saco”, Beatrix retrucou. “Entrei nessa Prova com ótima colocação e ela nem deu a menor atenção. Imagino que se eu ganhar a Prova, ela talvez descubra o meu *nome*.”

Agatha encarou-a, surpresa. Ficou analisando o rosto de Beatrix, até finalmente afrouxar o aperto e Beatrix soltar-se.

“Vamos, Millie. Vamos caçar meninos”, Beatrix estrilou, avançando pelo riacho, com sua amiga sardenta apressando-se para alcançá-la.

Agatha tinha o olhar vidrado nas águas, perdida em pensamentos. Olhou para Hester, com a pele pálida.

“Hester, se aquele uniforme de menino não era de Beatrix... então, de quem era?”

Mas Hester não estava ouvindo, nem Anadil, ou Dot. Todas elas, boquiabertas, paralisadas, olhavam além dela.

Agatha se virou lentamente.

Adiante, na correnteza, um príncipe corpulento segurava seu machado junto ao pescoço de Beatrix, e um magro estava com sua lâmina no pescoço de Millicent. Aric levantou-se entre elas, sorrindo para Agatha e as bruxas, com um punhal enferrujado nas mãos.

“Deixe que elas se rendam, Aric”, disse Agatha, com a voz rouca, tentando ficar calma. “Deixe que elas soltem suas bandeiras.”

“Essas são as regras da Escola do Bem e do Mal?”, Aric sorriu para Agatha com olhos violeta tempestuosos. “Mas que pena que eu não sou *aluno*.”

“Então, você não tem lugar aqui”, Agatha disse de cara feia, com a voz começando a tremer, conforme Beatrix e Millicent gemiam mais alto. “Assim como os príncipes que você trouxe.”

“Sabe, minha mãe costumava me dizer que os vilões verdadeiros só possuem um Nêmesis. Uma pessoa que atrapalha o caminho de sua felicidade.” Com seu punhal enferrujado, Aric penteou seu cabelo preto espetado, parecendo bicos de corvos. “Só que, no fim das contas, meu Nêmesis está na sua escola. E se a guerra não me leva até eles, então, um ligeiro massacre talvez possa trazê-los até mim.”

“Seu *Nêmesis*? *Por isso que você está aqui*?”, Agatha disparou, horrorizada, vendo os machados dos príncipes já marcando as gargantas das duas meninas. “M-mas quem? Quem dessa escola poderia justificar que sejam feridas pessoas inocentes?”

Aric parou, olhando diretamente para ela. “Esse é o perigo dos contos de fadas.” Ele olhou para o castelo das meninas, seus olhos roxos enevoando com uma estranha tristeza. “Às vezes, uma história abre outra.”

Ele virou de volta para os príncipes. “Matem-nas.”

Os príncipes ergueram seus machados. Beatrix e Millicent arquejaram, prestes a morrer...

“*NÃO!*”, Hester berrou. Sua tatuagem de demônio explodiu de seu pescoço inchando, vermelha, do tamanho de um sapato. Bem na hora em que as lâminas dos machados iam encostando nos pescoços de Beatrix e Millicent, sufocando, o demônio de Hester arrancou as bandeiras brancas dos bolsos de seus mantos e os jogou no chão. As duas garotas Sempre instantaneamente desapareceram,

enquanto os machados cortavam o ar, e fogos brancos explodiam no céu, partindo de seus corpos desaparecidos, chamuscando os príncipes e lançando-os uivando ao chão.

Enfurecido, Aric arremessou sua faca dentada à Hester e a viu transformar-se em pleno ar numa cenoura e depois num bumerangue, atingindo seu rosto e derrubando-o.

“Corram!”, Dot gritou para Agatha e para as bruxas...

Todas as garotas viraram para fugir, mas havia mais seis garotos encapuzados saindo do Campo de Samambaias, vindo na direção delas, empunhando armas. Os olhos de Agatha se arregalaram. Nenhum deles era Filip... ou Tedros.

“Vá procurar a Sophie!”, Anadil rugiu para Agatha, aproximando-se de Hester e Dot.

“Eu vou lutar com vocês!”, Agatha respondeu.

“Agatha, vá!”, disse Dot, com os meninos a menos de dez metros de distância. “A Sophie precisa de você, antes que seja tarde demais!”

“Não! Eu não posso deixá-las para morrer!”, Agatha gritou...

“Será que você não entende?”, Hester virou-se para ela, com os olhos em brasa. “Um *coven* não têm quatro bruxas. Nós *não queremos você*!”

Com as lágrimas brotando, Agatha saiu correndo pelas árvores azuladas, olhando para trás, e viu que Hester a observava, com o rosto pálido de medo. Então, Hester virou e seu dedo acendeu em vermelho, quando os garotos se juntaram e Agatha não viu mais nada.

No alto da sacada dos professores, Lady Lesso e a professora Dovey cerravam os dentes, assistindo os placares de meninos e meninas acenderem, como a única pista que tinham para o que estava acontecendo na escuridão da Floresta.

De canto de olho, a professora Dovey observava as borboletas circulando acima das professoras, e Pólux guardando a porta. Não havia sinal de Evelyn, em nenhuma das sacadas, ou na Clareira, abaixo.

Uma saudação ruidosa surgiu da Escola dos Meninos, comemorando o apagamento dos nomes de Beatrix e Millicent dos placares. As duas meninas tinham reaparecido na Clareira, grasnando e chorando, antes que ninfas as levassem de volta ao castelo, para tratamento mágico.

Enquanto os meninos irrompiam em um cântico presunçoso e as meninas se resumiam a seis competidoras, a professora Dovey se aproximou de Lady Lesso. “Seu escudo protege o portão sul”, sussurrou ela, rapidamente. “Você pode

rompê-lo e entrar...”

“Pela última vez, Clarissa, se uma professora entrar na Prova, as condições são anuladas”, estrilou Lady Lesso. “Todos os meninos e príncipes invadiriam nosso castelo. Seria um massacre.”

“Só você pode passar por aquele escudo! A menos que você possa ajudá-las, Sophie e Agatha irão morrer!”

Lady Lesso girou. “Eu interferi por sua insistência, uma vez, por causa de Evelyn”, ela disse, acusando. “Você jamais saberá o preço que eu *paguei*.”

A professora Dovey caiu em silêncio, por um longo momento, antes de voltar a falar.

“Ela atacou Agatha, Lady Lesso. Bem ali, em sua sala de aula, na escola que deveria ser nossa, para protegermos. E agora, nossa usurpadora ameaça nossa única esperança de paz, e você sugere que Agatha se defensa *sozinha*? Isso não é do Mal, Lady Lesso. Isso é covardia”, disse a professora Dovey, com a voz baixa. “Dessa vez, não há Diretor de Escola para nos salvar de Evelyn Sader. Só há você. E qualquer que seja o fim de Evelyn, vale qualquer preço para impedi-lo.”

Lady Lesso cruzou com o olhar veemente da colega. Então, ela rapidamente limpou a garganta e desviou os olhos. “Como sempre, você está exagerando, Clarissa. Agatha tem minhas melhores bruxas do seu lado, para protegê-la. Hester e Anadil são mais que aliadas capazes.”

Centelhas passaram voando pelas cabeças delas, vindas da Floresta, numa detonação de fogos que banhou a sacada escura com uma chuva de luz branca. As professoras viram o nome de Hester sendo apagado do placar e a bruxa tatuada se materializando na Clareira, seu rosto e a capa azul lambuzados de sangue. Ela tentou ficar em pé, mas seus joelhos dobraram.

“O que aconteceu?”, gritou a professora Sheeks, passando pelo urso de Pólux e entrando no castelo, seguida pela professora Anêmona e alguns líderes de Grupos Florestais.

A professora Dovey olhava o rastro de sangue de Hester, pela grama morta, enquanto as ninfas ajudavam-na a entrar no túnel. Com as mãos trêmulas, ela virou-se para Lady Lesso.

Mas Lady Lesso já tinha partido.

Agatha viu o nome de Hester desaparecer do placar, os fogos brancos sinalizando sua rendição, e sentiu um alívio palpável. Hester ainda estava viva.

Disparou por entre as tulipas azuis fluorescentes, fazendo as contas das meninas que ainda restavam na Floresta... *Anadil, Dot, Yara, Sophie*...

E, no entanto, Sophie não estava naquele grupo de garotos que atacou as bruxas... *nem Tedros*.

O coração de Agatha disparou ainda mais. Será que Sophie estava com Tedros, nesse momento? Por que Sophie estaria perto dele, se podia se transformar de volta em garota a qualquer instante?

Uma pontada de pavor surgiu na barriga de Agatha. Ela ignorou.

Claro que ela estava com Tedros. Ela está se assegurando que ele não me encontre, se tranquilizou. *Ela está me protegendo*.

Mas agora, o pavor estava aumentando, se aprofundando...

Uma capa de pele de cobra e um uniforme de menino, embolados embaixo de uma cama...

Um punho cheio de marcas de spirick, duas semanas antes...

Uma amiga tão desesperada para voltar para casa...

Agatha parou de repente, nos arbustos dos pinheiros.

Um feitiço rosa.

Seu peito retumbava, quando ela se lembrou de Tedros afastando-se dela, na torre, caçando loucamente alguém que não estava lá.

Não... impossível...

Sophie não poderia ter estado lá! A nova Sophie não, a melhor amiga, tão fiel quanto Agatha foi com ela! Não a Sophie do Bem, arriscando sua vida e a própria pele por ela, nesse exato momento! Essa Sophie não poderia ter separado ela e Tedros, depois fingido estar do seu lado. Nem mesmo a Bruxa de Além da Floresta poderia ser tão desvirtuada, tão... do Mal.

Agatha começou a suar em bicas.

Será que ela poderia?

Os gritos dos meninos ecoaram perto, seguidos por gemidos de ogro e explosões de fogos vermelhos, acima da Mata Turquesa. Os vagalumes que acendiam os nomes de Chaddick e Nicholas foram apagados do placar dos meninos.

Agatha desviou rumo ao portão sul, mais desesperada que nunca, para encontrar Sophie.

“Portão sul?”, Sophie seguiu Tedros por entre salgueiros cintilantes nevados, suas botas de menino minúsculas diante das pegadas imensas, deixadas por um troll ou alguma outra criatura infernal. Com o caminho acidentado, as panturrilhas doloridas e as calçolas apertadas entrando em seu traseiro, ela cambaleava pelo caminho, como um recém-nascido. “O que tem perto do portão sul?”

“O canteiro de abóboras”, disse Tedros, mais à frente, cortando alguns galhos do caminho. “É a parte mais aberta da Floresta. Nós podemos ver Sophie e Agatha, se elas passarem escondidas. Quer dizer, se você algum dia me acompanhar.”

Sophie fez uma careta, deliberando meios de proteger sua melhor amiga de Tedros, quando ele a encontrasse. Ela teria que dar um choque no garoto, antes que ele pudesse ferir Agatha. Teria que roubar sua bandeira vermelha e jogar no chão...

O coração de Sophie subitamente bateu mais depressa, vendo um lampejo da seda vermelha, no bolso da capa de Tedros... ele estava de costas...

Essa era sua chance.

Sophie sentiu seu dedo rosa esquentar, começando a reluzir. Com o peito disparado, ela lentamente ergueu o dedo, apontando para as costas largas de Tedros...

“Embora você seja uma porcaria de guerreiro, eu estou contente que esteja comigo, Fil”, disse Tedros, adiante. “Eu sempre quis um melhor amigo para ser meu parceiro, sabe, como aquelas duas garotas.”

O dedo de Sophie foi apagando.

Tedros se virou com uma sobrancelha arqueada. “Mas, sério, será que vou precisar carregá-lo?”

O coração de Sophie apertou, enquanto ela seguia em frente, tentando forçar seu caminhar para ficar parecido com o de um menino. “É estranho que nós não tenhamos encontrado nenhuma das armadilhas dos professores...”

“*Pfft*, derrotar monstros é fácil, Filip. O diabo que você *conhece* é o que deve ser temido.”

Sophie parou, vendo Tedros sendo acariciado pelos galhos longos e cintilantes dos salgueiros, como se saudassem o cavaleiro à guerra.

O príncipe sentiu o silêncio e virou. “O que foi, agora?”

“Você já matou alguém, Tedros?”

“O quê?”

Sophie encarou-o, a três metros de distância. “Você já *matou* alguém?”

Tedros se retesou, olhando seu amigo de olhos claros. “Eu matei uma *gárgula”*, ele bufou.

“Isso é uma defesa, Tedros. Isso aqui é vingança”, disse Sophie, friamente. “Isso é assassinato.” Seu rosto principesco ficou obscuro pela dor. “Não importa o quanto você tente ser do Bem depois, porque nunca mais poderá fugir disso. Isso irá assombrar seus sonhos e torná-lo amedrontado de si mesmo. Isso irá

persegui-lo como uma sombra negra horrenda, dizendo que você sempre será do Mal, até que simplesmente passe a ser... parte de você.”

Tedros eriçou-se. “Certo. Como você sabe? Filip de Mount Honora, que mal consegue lutar contra um *stymph*.”

Os olhos de Sophie se fixaram aos dele. “Porque eu já matei de um jeito muito pior do que você jamais saberá.”

Tedros encarou o amigo, espantado.

O luar passava por entre as árvores azuladas, iluminando os garotos, suas respirações criando neblina entre os dois.

Tedros inclinou a cabeça, vendo Filip sob a luz. “Que estranho. Seu rosto parece diferente.”

“Hã?”

“Parece mais... liso”, disse Tedros, curioso, aproximando-se do amigo. “Como se você tivesse feito a barba...”

Sophie resfolegou. *O feitiço!* Ela tinha ficado tão acostumada a ser menino que se esqueceu do feitiço! Ela voltaria a ser menina a qualquer segundo! Ela tinha que se afastar dele!

“É só a luz”, disse ela, incitando Tedros a seguir em frente. “Vamos, antes que um troll venha nos comer.”

Um gemido suave ecoou acima de suas cabeças, e Tedros parou de repente. “O que foi isso?”

“Não estou ouvindo na..”

Mas veio novamente, um som chiado como o de um balão perfurado.

Os dois meninos lentamente ergueram o olhar, para o salgueiro.

“Quem está aí?”, Tedros perguntou.

Por entre os galhos estreitos e as folhas azuis, eles identificaram o contorno de algo se escondendo no alto da árvore. Tedros estreitou os olhos, ajustando a visão ao escuro, até que viu uma sombra... uma sombra humana...

... de manto azul safira.

“Uma menina”, ele zombou.

Fogos irromperam atrás deles, e os meninos giraram ao ver uma luz branca cruzar o céu, enquanto mais dois nomes de meninas eram apagados do placar.

Dot.

Anadil.

Sophie exalou de alívio. As duas bruxas tinham sobrevivido tempo suficiente para soltarem suas bandeiras.

Então, ela viu as pupilas de Tedros fixas na árvore, olhando sinistramente.

Porque se aquelas duas garotas tinham se rendido, então, era provável que essa garota encurralada na árvore, nesse momento, fosse...

“Eu vou pegá-la!”, Sophie gritou, pulando na árvore...

Mas Tedros foi mais rápido, passando pelo amigo como uma pantera, em direção à menina escondida. Sophie subiu pelos galhos, atrás dele, sabendo que tinha que chegar até Agatha primeiro. Ela avançou por entre galhos emaranhados e puxou a gola da capa de Tedros. O príncipe ricocheteou para trás, vendo seu amigo passar.

“O que está fazendo!”, Tedros gritou.

Sophie usou toda a força de seu corpo para subir pela árvore até a menina escondida. Bem na hora em que ela chegou perto, Tedros lhe deu um puxão por trás.

“Ela é minha, Filip”, ele rugiu, empurrando o amigo para o lado. Em pânico, Sophie bateu a botina nas costas dele e Tedros caiu de cara num galho mais baixo.

Enquanto Filip passava por ele, Tedros subiu e o agarrou, mas Filip lhe deu uma bofetada. Os dois meninos se engalfinharam pelos galhos densos, mordendo e chutando um ao outro, como animais, até que Tedros empurrou Filip para trás, e assim eles chegaram à garota encurralada. Ofegante, com o rosto vermelho, o príncipe cerrou os dentes, ergueu a espada acima de sua presa e puxou seu capuz com um rosnado...

Então, ele lentamente baixou a espada.

“Quem é você?”

Sophie chegou ao lado dele e olhou para a menina de cabelos ruivos, escondida no meio das folhas, gemendo baixinho, com os olhos quase fechados, seu nariz longo, seu rosto sardento terrivelmente pálido.

“*Yara*?”

“Você a conhece?”, perguntou Tedros, irrequieto.

“Ouvi alguém chamar seu nome, na Clareira, antes que ela entrasse”, Sophie rapidamente mentiu, lembrando que nenhum dos meninos nunca tinha visto Yara.

“Bem, encontre sua bandeira branca e solte”, rugiu Tedros. “Nós precisamos seguir procurando por Sophie e Aga...”

Ele parou de falar quando notou uma mancha de sangue seco no queixo de Yara. Tedros lentamente puxou a capa e revelou um corte profundo e sujo de ferrugem, no pescoço dela, já tendo sangrado muito.

“Aric”, disse Tedros, vendo Yara ofegante e gemendo, com a traqueia

cortada. “Essa marca é da faca dele.”

Sophie olhou para ele, e os rostos dos dois meninos estampavam o mesmo medo impotente. Yara estava prestes a morrer.

Sophie segurou a cabeça de Yara, enquanto Tedros remexia apressadamente em seus bolsos, sem encontrar nada. “Nós precisamos mandá-la de volta às suas professoras, Yara”, ele pressionou. “Onde está sua bandeira branca?”

Sophie sacudiu a cabeça, desolada. “Ela não fala.”

“Yara, nós precisamos ajudá-la!”, Tedros disse aflito, pegando-a pelos ombros...

“Eu lhe disse, Tedros...”

“*YARA*!”, Tedros gritou.

Yara se remexeu nos braços dele, com os olhos ainda fechados. “Eu... não sou... Yara”, sussurrou ela.

Sophie e Tedros olharam surpresos.

Lentamente, os olhos azuis de Yara se forçaram a abrir e olharam nos de Tedros. Ela sorriu, como se procurasse seu melhor amigo. “Eu... eu... eu nunca fui.”

O príncipe a soltou, pois o rosto de Yara começou a mudar. Suas bochechas ficaram mais rijas e surgiu uma sombra de barba ruiva, um maxilar quadrado. O nariz comprido foi afilando, e seus cabelos ruivos ondulados recuaram para dentro do crânio, até ficarem bem curtos. Sophie ficou pálida, vendo se desfazer o feitiço que ela conhecia muito bem. Tedros ficou mais pálido ainda, olhando um garoto que ele conhecia até melhor.

“T-T-Tristan?”, disse Tedros, estarrecido. “Mas isso é impossível... como pode... como...”

“Eu... lamento...”, disse Tristan, resfolegando, já de volta em seu corpo de menino. “A escola delas... era tão... bonita. E os meninos eram tão cruéis... exceto você, Tedros... Você era meu único amigo...”

Com os olhos molhados, Tedros não conseguia falar. Ele só olhava Tristan, depois olhava para Filip, tão confuso.

“Tristan, nós precisamos de sua bandeira”, disse Sophie.

“Ela me deixou ficar na Escola das Meninas...”, disse Tristan, tremendo. “Ela disse que eu poderia ficar, contanto que... contanto que eu...

“Quem o deixou ficar?”, Tedros perguntou, ainda atordoado.

“A Reitora... contanto que eu escondesse isso para ela... por isso que eu tirei de debaixo da m-mesa...”

“Shhh”, disse Sophie, tocando o rosto dele. “Apenas me diga onde está sua

bandeira.”

Os olhos de Tristan cruzaram com os dela e subitamente piscaram ao reconhecer. Ele olhou mais fundo no rosto dela e deu um sorriso fraco. “É você.”

O coração de Sophie explodiu.

Tedros olhou para Tristan, intrigado. “Mas o Filip chegou à nossa escola depois que você partiu. Como você...”

“Ele está delirando”, Sophie disse rapidamente, depois segurou Tristan com mais força, mostrando-lhe o F em sua gola. “Eu sou Filip, Tristan. Filip, de Mount Honora. E preciso de sua bandeira... *por favor*...”

“O Storian”, disse Tristan, ainda sorrindo para ela. “Eu... eu o escondi em seu livro de história... como ela me disse que fizesse... ela sabia que você nunca procuraria ali...”

“Do que ele está falando?”, Tedros perguntou, nervosamente.

“Não faço a menor ideia”, Sophie mentiu, com o coração disparado.

“Está... em seu livro...”, Tristan engasgou. “Ela está... vindo... buscar... ela... ela precisa... que você termine...”

Mas Tristan não tinha mais ar. O garoto ruivo teve uma convulsão, depois parou, com o coração finalmente parado, e seus olhos lentamente se fecharam, mais uma vez.

Aos pouquinhos, ele começou a brilhar como um halo de luz, cada vez mais quente, até ficar da cor de ouro derretido. Num lampejo, seu corpo estilhaçou em luz e disparou rumo ao céu, desenhando o rosto de Yara numa constelação de estrelas de tom de ouro alaranjado, antes que as luzes se apagassem e caíssem sobre a Floresta, como uma chuva de fogo. Então, o nome de Yara escureceu no placar das meninas e Tristan se foi.

Tedros passou por Filip e desceu da árvore, cambaleante. Saltou para a sombra na grama azulada e curvou-se, vomitando. “Como Aric pôde matá-la!? Como Aric pôde matar uma garota!?”, ele gritou. “E não era uma garota... era o T-T-Tristan! Um menino como qualquer um de nós, mas ninguém falava com ele, ninguém era legal com ele – não se admira que ele quisesse ficar na escola delas...” Tedros não conseguia respirar, caindo de joelhos. “Ele só queria ser feliz!”

Sophie pousou a mão nas costas dele.

“Ele deve ter ficado com tanto medo, Filip”, Tedros sussurrou. “Sozinho, naquela árvore... morrendo...” Ele mergulhou o rosto nas mãos. “Não posso ver mais ninguém morrendo. Por favor. Assim, não.” Ele fungou e limpou os olhos. “Você está certo. Eu não posso... não posso mais ferir ninguém...”

Sophie ajoelhou-se diante dele. “Você não precisa.”

“Aquelas garotas vão me matar, se eu não as matar primeiro!”

“Não, se você me prometer”, Sophie disse baixinho. “Prometa que você deixará que elas vivam.”

Tedros ergueu os olhos para ela, com o rosto molhado. Ele sacudiu a cabeça, como se estivesse sonhando. “A cada segundo você parece diferente, Filip. Mais suave, gentil...”, ele desviou, corando. “Por que eu fico desejando que você fosse uma princesa? Por que fico vendo uma princesa em seu rosto?”

“Prometa que você vai deixar que Sophie e Agatha sigam para casa”, Sophie implorou, com a voz forçada. “Uma promessa de príncipe.”

“Sob uma condição”, disse Tedros, e seus olhares se fixaram. “Que você não volte para o seu reino, Filip. Que você fique aqui comigo.”

Sophie ficou vermelha, olhando boquiaberta. “O q-quê?”

Tedros a pegou pelos ombros. “Você me mantém agindo no Bem, Filip. Por favor. Eu não posso acabar como Aric, raivoso e do Mal. Você é a única coisa que me mantém no Bem.”

Sophie sentiu seu corpo inteiro mole, olhando para o único menino que ela amou, pedindo que ela ficasse com ele para sempre.

Como um menino.

Sophie lentamente sentiu-se afastar dele.

“Ouça-me, Tedros”, disse ela. “A Sophie precisa ir para casa viva, com Agatha. Esse é o único modo de terminar isso. É a única forma de impedir que mais gente morra.”

“E eu preciso do *meu* melhor amigo”, disse Tedros, segurando-a com mais força. “Você mesmo disse, Filip. Você não quer acabar sozinho como sua mãe.” Seus olhos azuis abrandaram. “E eu não quero acabar sozinho como meu pai.”

“Eu tenho alguém me esperando, Tedros”, disse Sophie. “Alguém que conhece meu verdadeiro eu. Alguém que eu não trocaria por nenhum menino do mundo.”

“Eu gostaria que você fosse uma menina”, disse Tedros, deslizando a mão nas costas do amigo. “Por isso que eu fico vendo uma menina em seu rosto.”

“Prometa que você deixará que elas partam”, Sophie pressionou, com o coração disparado.

“Você é tudo o que me resta, Filip”, Tedros pediu. “Não me deixe sozinho, por favor.”

“Apenas me prometa...”, Sophie suspirou.

“É até mais estranho”, disse Tedros, meio desnorteado. “Agora, você

também soa como uma garota.”

Sophie estendeu a mão para impedi-lo, mas Tedros pegou a mão dela. Sophie olhou em seus olhos grandes e confusos, enquanto ele se aproximava, encostando os lábios aos dela...

“Oh, meu Deus”, gritou uma voz, por trás deles.

Os meninos giraram, em choque.

Era Agatha.

24
Vilões desmascarados

Tedros se afastou de Filip e deu um pulo para trás, e seu rosto estava vermelho em brasa. “Não, não, não...”, ele gaguejou, voltando-se para Agatha. “Foi um acidente...”

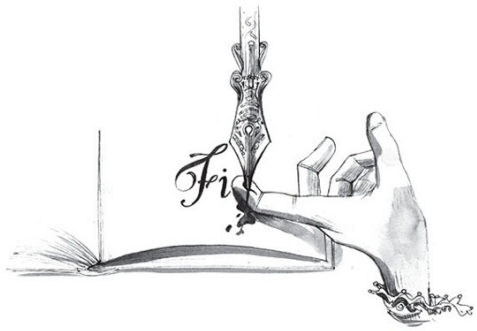
Mas Agatha já estava com o dedo erguido, aceso em dourado reluzente, apontado para o garoto príncipe de cabelos macios, ao lado dele.

“Agatha, ouça”, implorou Filip, recuando junto a um salgueiro azul...

“Sua cobra”, Agatha disse, aproximando-se dele. “Sua cobra mentirosa.”

Tedros instintivamente protegeu Filip, também apontando seu dedo aceso para Agatha. “Deixe o Filip em paz, Agatha. Sua briga é comigo.”

Mas Agatha ainda não estava olhando para ele. Ela fulminava Filip, lançando punhais com o olhar, com seu dedo reluzindo ainda mais. “Você tentou beijá-lo! Você tentou ficar aqui com ele e me mandar para casa!”



“Não é verdade!”, gritou Filip.

Tedros voltou-se para o amigo de queixo quadrado. “Vocês se conhecem?”

“*Você* estava lá na torre do Diretor da Escola, naquela noite. *Você* nos atacou. *Você* o colocou contra mim!”, Agatha cuspia as palavras para Filip.

“E você me prometeu que não iria vê-lo!”, Filip disparou, com seu tom

oscilando. “Eu não podia perdê-la, Agatha! Não, sem tentar ganhá-la de volta!”

“Então, você tentou nos levar para casa com uma mentira?”, Agatha disse.

“Por que a minha princesa e meu melhor amigo estão conversando?”, disse Tedros, pasmo, delirando.

“Eu precisava lhe mostrar que seu pedido estava errado”, Filip disse a Agatha, relutando contra as lágrimas. “Que uma melhor amiga vale *mais* que um menino.”

Agatha sacudiu a cabeça zangada, pensando nos sonhos que ela amaldiçoou, o coração que ela havia ferido, o tempo todo tentando dizer a verdade sobre sua amiga. “Você não vê?”, disse ela, com a voz fria. “Quanto mais você tenta nos impedir, mais o meu desejo por ele se torna verdadeiro.”

Filip recuou um passo, apunhalado no coração.

“Eu realmente não entendo o que está acontecendo”, disse Tedros, de olhos arregalados.

“Você escolheria ele, acima de mim?”, Filip perguntou a Agatha, com o queixo de covinha tremendo. “Depois que eu arrisquei a minha vida para nos salvar?”

“Beijá-lo foi isso?”, Agatha debochou. “Uma tentativa de nos *salvar*?”

“Ele me beijou!”, Filip gritou.

“E-espere aí... foi um mal momento...”, disse o príncipe. “Nós somos amigos... como você e S-Sophie...”

“E que amiga”, disse Agatha, fulminando Filip.

“Você tem de acreditar em mim, Agatha”, Filip enfatizou. “Eu escolhi você, mesmo se Tedros me quisesse, mesmo que eu pudesse ser dele para sempre...”

“Estava tão escuro... e o rosto dele pareceu tão diferente...”, Tedros gemeu, amuando em uma rocha. “Qualquer menino teria cometido o mesmo erro...”

“Você disse que queria se esquecer deste lugar”, Filip defendeu. “Você disse que queria nosso final feliz de volta!”

“*Feliz*! Por sua causa um menino está *morto*!”, Agatha berrou. “Por sua causa, nós ainda podemos morrer!”

“Eu só queria que a gente voltasse a ser como éramos antes. Antes de virmos para cá. Antes de conhecermos um príncipe!”, Filip implorava. “Eu só queria que nós voltássemos a ter nossa amizade de verdade.”

“Amigos de verdade deixam o outro crescer”, Agatha disse furiosa, com o pescoço vermelho. “Amigos de verdade não ficam impedindo que o outro tenha amor. Amigos de verdade não *mentem*.”

Tedros pulou de sua rocha. “Pronto!”, ele cuspiu para Agatha. “Não me

importa como vocês dois se conhecem, se são primos que se perderam, se são amigos por correspondência, ou camaradas de caminhadas em Mount Honora, mas o Filip não é mais da sua conta, está bem?", ele disse, enfurecido. "Portanto, vá procurar sua amada Sophie, antes que eu mude de ideia quanto a matar você."

Agatha ficou olhando para ele, antes de soltar uma gargalhada.

"O que é tão engraçado!?", Tedros rugiu.

"Você realmente não percebeu, não é?", Agatha disse, perplexa. "Você ainda acha que ele é seu amigo."

"Meu *melhor* amigo", respondeu o príncipe. "E, pela primeira vez, eu finalmente entendo por que você escolheria Sophie, em vez de mim. Porque o Filip me *conhece*. Ele me apoia e luta por mim de um jeito que nenhuma garota jamais poderia fazer. Eu sempre achei que o amor tinha a ver com uma menina... mas uma amizade como a de Filip é mais profunda que o amor. Porque eu escolheria um bom amigo como ele, acima de você, por quantas vezes fosse necessário."

"Deixe-me contar sobre Filip", disse Agatha, murchando. "O Filip é tão bom amigo quanto o Lancelot foi para seu pai."

Tedros mostrou os dentes e sacou a espada. "O que você disse?"

Agatha olhou seu rosto, abrandando. "Você nunca conseguiu distinguir o Bem do Mal, não é?"

O corpo inteiro de Tedros se retesou, e ele sentiu um pavor percorrê-lo. Virou-se para ver Filip recuando, passando por Agatha, fora da grama sombreada, junto a um salgueiro. Agora, sob a luz cintilante, Tedros poderia finalmente ver o rosto de seu melhor amigo aterrorizado, tremendo...

Só que não era mais o rosto que ele conheceu.

A cada segundo, cada poro de Filip passava por uma mudança, trocando de feições, com mudanças minúsculas, como uma escultura de areia, de grão em grão. O nariz curvo de Filip suavizou-se e passou a ser um narizinho redondo e arrebitado; seus cílios engrossaram e alongaram-se, suas orelhas encolheram e se aproximaram da cabeça, suas sobrancelhas arquearam-se como pinceladas delicadas. As mudanças se espalharam por seu corpo, cada vez mais rápidas, como um feitiço se desfazendo pelas costuras. Os músculos e veias saltados de Filip encolheram para uma pele macia e clara, seus cabelos desleixados fluíram em cachos louros, suas pernas troncudas afinaram-se e seu quadril recuperou as curvas... até que ali, sob o luar gelado, uma linda garota loira agachou-se e sacudiu-se em uma capa vermelha e preta de menino, olhando lamentosa, como um gato assustado.

Tedros desmoronou junto a uma árvore. “Por que todo mundo mente para mim?”, ele sussurrou. “Por que tudo é sempre mentira?”

“Nem tudo”, Agatha disse, baixinho.

Sophie afastou-se de Tedros, tentando sorrir.

“Não me m-mate, Tedros”, ela gaguejou. “Está vendo? Ainda sou Filip, seu amigo... apenas diferente...”

Ela viu Tedros a encarando com seus olhos azuis vidrados, como se estivesse revivendo cada momento da cena que acabou de se desenrolar, medindo cada palavra. Aos pouquinhos, um brilho dourado pairou sobre ele, com uma ternura despertando por dentro, derretendo a escuridão.

Sophie relaxou aliviada.

Então, ela viu que Tedros não estava olhando para ela.

Ele estava olhando para sua fantasmagórica princesa de cabelos negros sob um salgueiro cintilante.

“V-você... você me amou, o tempo todo?”, ele disse, baixinho.

Agatha assentiu, com as lágrimas escorrendo por seu rosto.

“E tudo o que você disse na torre era verdade?”, perguntou Tedros, com os olhos molhados.

Agatha assentiu novamente, chorando ainda mais.

“Por que eu não a beijei?”, disse Tedros, com a voz falhando. “Por que eu não confiei em você?”

“Você é... tão imbecil”, Agatha chorava aos prantos, sacudindo a cabeça. “Por que os meninos são tão imbecis?”

Tedros sorriu, por entre as lágrimas. “Talvez, um mundo sem príncipes seja uma boa ideia, no fim das contas.”

Agatha conteve uma gargalhada, finalmente deixando que seu coração batesse sem constrangimento.

Ali, em pé, entre eles, Sophie estava impotente, vendo o verdadeiro amor reunido... mais invisível do que ela jamais havia sido.

Uma explosão de luz roxa passou voando por Tedros, como um tiro de alerta...

Lady Lesso irrompeu das árvores, com o dedo enfumaçado ameaçadoramente erguido na direção de Tedros. “Agatha, Sophie, afastem-se dele agora!”, ela estrilou, recuando na direção do portão sul. “Eu vou escondê-las na Floresta até que seja seguro!”

Nenhuma das meninas se mexeu.

“O que estão fazendo?”, ela vociferou com Sophie e Agatha. “Os outros

meninos estarão aqui a qualquer momento...”

Contudo, os olhos de Lady Lesso se arregalaram, pois Agatha estava recuando para longe de Sophie, na direção do príncipe, que a recebeu em seus braços protetores. Abraçados, Tedros e Agatha olharam Sophie, que vestia seu uniforme dos meninos, em pé sob a sombra de uma árvore, sozinha.

“O que... o que está acontecendo...?”, perguntou Lady Lesso, girando a cabeça de uma garota à outra.

“Eu achei que impedir seu pedido fosse fazer o Bem, Agatha”, Sophie chorava, com a voz falhando. “Achei que eu estivesse fazendo o Bem.”

Sophie viu Lady Lesso recuar, com seus olhos violeta expressando a compreensão. “Um menino morto... alunos feridos... uma Prova de morte... por causa de *você*?”

“Ora, vamos”, disse Tedros, pegando o braço de sua princesa. “Deixe que ela se defenda.”

“Eu não queria ser como minha mãe. Eu não queria acabar sozinha”, Sophie suplicava para Agatha, com o rosto molhado. “Nunca tive a intenção de magoar ninguém.”

“Vamos, Agatha”, Tedros disse, mais firme.

Agatha ergueu os olhos para seu príncipe, tão puro e dedicado quanto havia sido em seus sonhos... depois, para Sophie, que chorava copiosamente, do outro lado do vale de salgueiros.

Chega de truques. Chega de segredos.

O jato vermelho de um foguete atravessou o vale, fazendo com que Agatha e Tedros cambaleassem para trás, em uma nuvem de fumaça vermelha. Confusos, eles giraram e viram fogos vermelhos e brancos estourando no céu, vindos de todas as direções, ricocheteando fora de controle, como uma chuva de meteoros. Instantaneamente, os vagalumes do placar dos meninos entraram em combustão e ergueram labaredas, chamuscando os nomes restantes, incluindo o de Tedros e Filip... Com um estouro ensurdecedor, o placar explodiu em uma bola de fogo. Do outro lado da Floresta, o placar das meninas detonou outra explosão, lançando nuvens de fumaça preta acima do portão oeste.

“O que está acontecendo?”, perguntou Agatha, com os ouvidos zunindo.

Ela e Tedros sentiram um rugir baixinho, vindo de trás deles, que ficava cada vez mais alto... e mais alto...

Com os rostos pálidos, eles lentamente olharam para cima.

A névoa encantada acima dos castelos abriu-se como uma neblina, revelando as escolas dos meninos e das meninas, que foram sendo atropeladas por corpos

que rugiam e as invadiam como formigas. Meninas no ataque pulavam na ponte quebrada, a Ponte do Meio do Caminho, empunhando armas e acendendo dedos, gritando, à beira do vão aberto. Do outro lado da baía, centenas de meninos raivosos e príncipes mercenários irrompiam na ponte, vindos do lado oposto, letalmente armados e clamando sangue.

“Eles sabem que eu estou aqui”, disse uma voz atrás de Agatha e de seu príncipe.

Agatha ergueu o olhar para Lady Lesso, com seus olhos violeta fixos nos castelos.

“Eu infringi as condições”, disse a professora. “Acabou a Prova.”

Agatha engoliu em seco. “O que isso quer dizer?”

Eles olharam para cima, para quatrocentos meninos e meninas, que se preparavam para matar uns aos outros, separados apenas pelo buraco na ponte.

“Guerra”, disse Tedros. “Isso quer dizer guerra.”

Acima de suas cabeças, os galhos do salgueiro começaram a reluzir com mais intensidade, como ouro azul, até que o brilho detonou como uma nuvem de tempestade, caindo sobre as árvores. Sob a luz do luar, eles viram que os pontos cintilantes eram borboletas, milhares de borboletas azuis, que cediam aos salgueiros seu brilho em neon. Como gafanhotos, elas enxameavam o campo, como um temporal violento. Agatha protegeu o rosto, enquanto Tedros golpeava inutilmente contra elas, com sua espada, até que tropeçou caindo no chão...

Um rumor ruidoso passou voando, e Agatha girou para ver Lady Lesso sendo puxada do chão por uma nuvem de borboletas.

“Evelyn...”, disse Lady Lesso, apavorada. “Ela ouviu tudo...”

“Espere!”, gritou Agatha, tentando se segurar nela...

Em pânico, Lady Lesso pressionou os lábios ao ouvido de Agatha, enquanto as borboletas arrastavam-na. “Beije-o, Agatha!”, ela sussurrou. “Beije-o, quando chegar a hora!”

E foi levada embora, com as borboletas seguindo de volta para a escola, e com seu último pedido feito a Agatha abafado pelos urros daquela guerra.

Agatha congelou no vale iluminado pela lua, engolindo golfadas de ar.

“O que ela falou?”, perguntou uma voz.

Agatha olhou para baixo, para Tedros, que cambaleava com seu cabelo louro todo empapado.

“Agatha?”, disse outra voz.

Agatha virou-se e viu o restante da fumaça vermelha infernal se dissipando em meio às árvores, e Sophie sendo revelada por trás dela.

“O que Lady Lesso disse?”, perguntou sua amiga, com o rosto tenso.

Agatha olhou para Sophie, do outro lado do campo, como se estivesse em um palco iluminado pela lua, com os gritos de meninos e meninas ecoando ao longe, como um coro.

Acima, as copas das árvores subitamente começaram a farfalhar e a balançar, com sons estalados indo ao encontro delas...

Agatha se encolheu em choque quando a torre do Diretor da Escola desmoronou no meio dos salgueiros. A torre móvel deslizou ao luar e freou, rompendo o solo com sua força, e deixando Tedros de um lado, Sophie do outro e Agatha montada no estreito de terra da falha sísmica entre eles.

Da janela da torre, uma última horda de borboletas veio atrás dos três alunos, congelando magicamente ao tocarem o chão. Como uma atriz no tempo cronometrado, Evelyn Sader entrou na luz da Clareira, com suas longas unhas segurando um livro vermelho de história, que Agatha conhecia.

Era seu conto de fadas com Sophie.

“‘Prova’”, ronronou a Reitora. “Mas que palavra tão deliciosa. Tantos significados relevantes. Uma experiência a serviço de uma conclusão, por exemplo. Ou um teste de fé e resistência. Ou um momento difícil que se tem na vida. E, no entanto... eu prefiro a definição mais formal.” Ela fez uma pausa dramática olhando para Sophie e Tedros, em lados opostos, com as sobrancelhas escuras franzidas acima dos olhos verdes. “Uma corte formal diante de testemunhas para que seja determinada a culpa.”

Seus olhos desviaram para Agatha, no meio. A Reitora sorriu sinistramente. “Agora começa a *verdadeira* Prova.”

Com sua unha afiada, Evelyn abriu a costura da capa da lombada do livro. O Storian reluzente saiu livre, brilhando furiosamente em vermelho, enquanto “A história de Sophie e Agatha” flutuava magicamente para fora das mãos da Reitora e rumo ao luar. A caneta abriu o livro com sua ponta afiada como lâmina, despejando tinta nas páginas, enquanto cenas coloridas preenchiam os vácuos da história. Por fim, a caneta desacelerou na última página, lentamente pintando Agatha entre Tedros e Sophie...

Só que essa Sophie não se parecia com a Sophie que estava diante de Agatha agora.

A Sophie na página era uma velha bruxa careca com verrugas.

Abaixo da bruxa, a caneta escreveu somente uma frase: “A vilã estava escondida todo esse tempo”.

Agatha e Tedros lentamente ergueram os olhos para Sophie, linda, no campo

enluarado.

“Está vendo, Agatha? Você achou que eu tivesse invocado os sintomas de Sophie. Achou que *eu* fosse a vilã.” Evelyn sentou-se em um toco de árvore, na margem do campo escuro. “Quando não era eu, na verdade, era?”

“Agatha, eu não sou uma bruxa... você sabe que eu não sou uma bruxa...”, Sophie zombou.

Mas Agatha deu um passo para longe da amiga, atravessando para o lado de Tedros no campo. O rosto de Sophie corou de surpresa.

“Você acha que eu ainda posso ser do Mal?”, Sophie perguntou. “Que eu poderia feri-la?”

As mãos de Agatha tremiam. “Bruxas estragam contos de fadas, Sophie. Bruxas mentem para conseguir seus finais.”

Sophie apelou para Tedros. “Eu fui uma boa amiga para você, não fui? Uma amiga que jamais poderia ser uma bruxa! Diga a ela!”

“Uma boa *amiga*? Uma amiga que se baseia em mentiras não é uma amiga”, Tedros gritou do outro lado da falha. “O Diretor da Escola foi aos confins da Terra para encontrar alguém tão do Mal quanto ele. Agora, nós vemos porque ele escolheu você, Sophie. Você sempre será do Mal enquanto viver.”

“Eu não sou do M-Mal! Eu estou tentando ser do Bem! Será que vocês não veem? Eu estou *tentando*!”, gritou Sophie. “O Diretor da Escola estava errado! Ele estava errado quanto a mim!”

Agatha ficou olhando a bruxa aterrorizante no livro de história, enquanto ela recuava na direção de Tedros. “O Storian não mente, Sophie...”

“Não... Agatha, por favor...”, disse Sophie. “Você sabe a verdade...”

Devastada, ela correu para Agatha, do outro lado do campo rachado, mas uma dor terrível em seu pescoço fez com que ela gritasse, antes que mais dores surgissem em seu punho e antebraço.

Agatha e Tedros recuaram, de olhos arregalados, e Sophie sentiu um gelo na barriga. Sophie lentamente ergueu o braço e viu que estava pontilhado de verrugas pretas horrendas. Mais verrugas surgiam, enquanto sua pele ia enrugando como leite talhado, salpicada por pontos mais vivos.

“Não... é ela... é a Reitora...”, Sophie gritou, mas ela não conseguia ver Evelyn, na beirada. “É ela que está fazendo isso comigo!”

Agatha ficou ao lado de Tedros, ambos com os dedos erguidos para Sophie, com o mesmo brilho dourado. Enquanto o cabelo louro de Sophie ia caindo em tufos, suas costas se curvaram em uma corcunda, e suas pernas se transformaram em varetas ossudas.

Agatha sacudiu a cabeça, dividida entre pena e raiva. “Foi você, Sophie. Sempre foi você.”

“Eu lamento... por tudo o que fiz...”, Sophie chorava em dor profunda. “Mas *isso não sou eu*!”

“Você não pode mais ficar aqui, Sophie”, disse Agatha, com os olhos marejando. “Nós só seremos felizes separadas.”

Tedros olhou para sua princesa pasmo.

“Agatha, *não*!”, Sophie gritou.

O Storian subitamente ficou mais vermelho, pressentindo o FIM.

Agatha hesitou, enquanto os dentes da amiga enegreciam e se soltavam das gengivas, seus cabelos caíam cada vez mais depressa. O rosto de Agatha abrandou com a angústia...

“Nós seremos felizes enquanto vivermos, Agatha”, disse Tedros. “Mas temos de fazer isso agora.”

Agatha concordou, com lágrimas nos olhos.

“VOCÊ TEM QUE ACREDITAR EM MIM!”, Sophie implorou.

“Eu não posso, Sophie”, disse Agatha, de mãos dadas com Tedros. “Não posso mais acreditar em você.”

“NÃO!”, Sophie gritou, correndo para ela, porém mais dor fez com que ela se dobrasse.

Agatha segurou mais forte na mão de Tedros, enquanto Sophie uivava e se encolhia, com seu couro cabeludo cheio de verrugas, o rosto todo enrugado como o de uma bruxa velha...

“Agora, Agatha”, disse Tedros, pois Sophie estava rastejando na direção deles, até o outro lado da fenda.

“Agatha, eu não quero ser como ela”, Sophie pedia. “Eu não quero terminar como a minha mãe!” Ela estendeu a mão enrugada para sua única amiga...

Agatha olhou em seus olhos com uma tristeza profunda. Depois, desviou o olhar.

Sophie se encolheu, vendo Agatha nos braços de Tedros. “Não... isso, não...”, Sophie engasgou...

Os olhos azuis de Tedros penetraram nos de Agatha com uma promessa: “Para sempre”.

Agatha ouviu seu pedido por ele, ecoando mais alto a cada pulsar do coração, implorando que ela o pegasse.

Dessa vez, ela ouviu.

Agatha se entregou ao seu príncipe.

“Para Sempre.”

Tedros segurou seu rosto e a beijou, e seus lábios se tocaram pela primeira vez. A cabeça de Agatha ficou leve, um brilho cegante percorreu suas veias. Conforme o calor se espalhava por ela, Agatha ouviu o grito animalesco de Sophie diminuir e ficar mais brando, mais brando, até o silêncio. Abraçada a Tedros, Agatha sentiu seu coração flutuar, o tempo se expandir, o medo reduzir-se a cinzas, como se ela finalmente tivesse encontrado o seu Felizes Para Sempre, como se ela finalmente tivesse encontrando um final que não lhe seria tirado...

Seus lábios se afastaram, e príncipe e princesa estavam ofegantes. Eles olharam o livro aberto sob a luz da lua, uma visão do beijo estava estampada na página, uma bruxa sumia da história... e havia uma última palavra logo abaixo...

FI

Evelyn Sader estava com a ponta do dedo embaixo do bico afiado da caneta, com sangue pingando, como se ela tivesse furado o dedo na ponta...

A letra M não havia sido escrita.

Os olhos de Agatha lentamente desceram ao chão, à sua frente.

Uma bruxa careca olhava boquiaberta para ela e para Tedros, da grama, com seu rosto apodrecido todo coberto de lágrimas. Então, tão rapidamente quanto tinha acontecido, Sophie se transformou de volta, com sua linda pele jovem, e a bruxa se foi, sendo substituída por uma menina traída e magoada.

O coração de Agatha ficou preso na garganta, olhando a amiga que ela havia deixado para trás... que estava ainda bem ali, à sua frente. Uma amiga que tinha acabado de presenciar um beijo que havia fracassado em bani-la para casa, sem amor e sozinha.

Mas não existia súplica nos olhos de Sophie, não havia perdão. Somente uma distância inexpressiva, como se ela já não conhecesse a princesa de cabelos escuros que estava diante dela.

Com a sensação de desgraça crescente, Agatha olhou para a Reitora.

“Alguns talvez considerem a invocação de sintomas de bruxa e a acusação de uma pobre garota inocente como condutas impróprias para uma Reitora. Mas, por outro lado, eu tenho sim uma queda pelos bons finais”, Evelyn riu afetada, enquanto uma nuvem de borboletas pegou o Storian agitado de seu dedo e o restringiu, em pleno ar. Ela sugou o sangue da ponta do dedo, olhando a caneta parada. “É um negócio engraçado, quanto aos finais, sabe? A história não termina até que o Storian escreva FIM. E, como vocês podem ver, a história de vocês ainda precisa, realmente, de uma última letra. O que significa que nós não

chegamos ao FIM, afinal de contas.” Evelyn sorriu para Agatha. “E agora que você já teve seu final, cara princesa, parece que Sophie deve ter uma chance justa, você não acha? Afinal, este também é o conto de fadas dela.”

Sophie olhou para cima com seus imensos olhos cor de esmeralda.

“Dê-nos a caneta”, cuspiu Tedros, puxando a espada.

Evelyn apontou o dedo para ele, e um salgueiro magicamente o agarrou com os galhos e o lançou contra o tronco.

Tedros relutou, furioso. “O que você...?” Um galho o enforcou.

“Está vendo, Agatha? Minhas borboletas às trouxeram de volta para a escola, porque eu ouvi um pedido digno para finalizar seu conto de fadas. Mas não foi o seu pedido”, disse a Reitora, contornando Agatha. “Foi o pedido de Sophie.”

“O q-quê?”, Sophie disse.

“Ah, sim, você também fez um pedido, querida”, disse a Reitora. “Você não se lembra?”

Uma borboleta saiu voando de seu vestido, enquanto uma voz desencarnada falava, com as asas pulsando em neon, a cada palavra:

“*Eu gostaria de vê-la de novo”*, ecoou a voz de Sophie. *“Eu faria qualquer coisa. Qualquer coisa*.”

Agatha se lembrava dessas palavras... ditas perto de um túmulo... com as duas abraçadas...

“Minha m-mãe?”, Sophie suspirou, subitamente animada. Então, a luz em seu rosto murchou. “Mas minha mãe está morta... nada pode trazê-la de volta...”

“E, no entanto, você está em seu próprio conto de fadas, querida”, disse a Reitora. “Pedidos são coisas poderosas se você está disposta a fazer qualquer coisa por eles.”

O coração de Agatha parou. Ela ficou encarando a Reitora com seus olhos grandes de inseto arregalados.

“A vilã esteve escondida todo esse tempo.”

Mas não era Sophie. Nem Evelyn. Era...

“NÃO!”, Agatha avançou na direção de Sophie, “Sophie, *não*! Ela está usando vo...”

Os braços do salgueiro agarram-na, sufocando a princesa, com seu príncipe no tronco.

Sophie ignorou os gritos falsos de Agatha. Seus olhos voltaram-se aos da Reitora. “O que eu tenho que fazer?”

Evelyn aproximou-se com suas unhas afiadas acariciando o rosto de Sophie. “Apenas ser verdadeira em seu pedido, Sophie. Estar disposta a pagar qualquer

preço para voltar a vê-la.”

Agatha gritava mesmo com a boca tampada, mas não conseguia se fazer ouvir...

“Que preço?”, Sophie franziu o rosto.

“Agatha beijou um príncipe, Sophie. Ela tentou banir você para sempre e fez com que você *assistisse*”, Evelyn disse, sinistramente. “Você não tem mais ninguém. Nada de príncipes. Nada de amigos. Nada de pai. Ninguém para quem voltar para casa. Ninguém em quem confiar.”

Sophie olhou nos olhos dela, abatida.

“Será que ver a única pessoa que ama você não vale qualquer preço?”, Evelyn a persuadiu.

Sophie não se mexeu, ouvindo os gritos abafados de Agatha atrás dela.

“Eu posso mesmo *vê-la novamente*?”, perguntou Sophie.

“Seu pedido pode finalizar seu conto de fadas tanto quanto foi com o de Agatha”, respondeu Evelyn. “Tudo o que você tem a fazer é pedir honestamente.”

Agatha se debatia junto ao salgueiro, com os galhos machucando seus braços...

“Estou pronta”, Sophie concordou, engolindo em seco.

Evelyn sorriu, mostrando os dentes. Levando a mão ao peito, ela magicamente puxou um longo filete de luz azul que acendeu o céu noturno. Ao fazê-lo, as borboletas de seu vestido ficaram vermelhas...

Agatha uivou de terror, mas os olhos de Sophie permaneceram na luz azul, que serpenteava em uma órbita hipnótica flutuante.

“Agora, feche os olhos e faça seu pedido em voz alta”, incentivou a Reitora.

Sophie fechou os olhos. “Eu farei qualquer coisa para ver minha mãe outra vez”, disse ela, com a voz rouca, tentando ignorar os gritos de Agatha.

“Diga com sinceridade”, disse a Reitora, com um ar de lobo. “O pedido só dá certo se for honesto.”

Sophie cerrou os dentes. “*Eu farei qualquer coisa para ver minha mãe outra vez*.”

Então, veio o silêncio, pois até Agatha havia se aquietado.

Sophie deu uma espiada, abrindo rapidamente os olhos, e viu a órbita começar a girar em pleno ar, soltando um facho de luz azulada misteriosa. Aos pouquinhos, a luz foi se transformando e assumindo outra dimensão, até que Sophie cambaleou para trás, vendo um fantasma humano ganhar forma. Dois pequenos pés delicados flutuaram acima do gramado. Os olhos de Sophie

lentamente foram subindo pelo robe azul, os membros claros em ângulo nas mangas surgiram, o pescoço branco e longo de cisne apareceu... e um rosto que poderia ser um espelho, com uma pele perfeita de baunilha, um nariz arredondado, olhos verdes claros tomou forma. O fantasma sorriu amorosamente para ela, e Sophie caiu de joelhos.

“Mãe?”, ela sussurrou. “É você, mesmo?”

“Me dê um beijo, Sophie”, disse sua mãe, com a voz distante e enevoada. “Me dê um beijo, e traga uma vida de volta. Esse é o único preço que eu peço.”

“Trazer uma v-vida de volta?”, Sophie gaguejou.

Atrás dela, Agatha gritou até perder a voz...

“Da mesma forma que, um dia, você voltou à vida pelo beijo de sua amiga. Um beijo de amor”, disse a mãe de Sophie. “Mas aquele final não durou, durou? Agora, é sua vez de encontrar seu *verdadeiro* amor.”

“Mas ninguém me ama”, disse Sophie. “Nem mesmo a Agatha.”

“Eu te amo, Sophie, mas você não precisa acabar como eu”, sua mãe a consolou. “Pois existe alguém que a ama mais que Agatha jamais amou. Alguém que a ama pelo que você realmente é.”

Agatha mordia freneticamente a mordaça feita de galho.

“É você? Você é meu verdadeiro amor?”, Sophie perguntou à mãe, com os olhos arregalados.

Sua mãe sorriu. “Você simplesmente terá que confiar em mim.”

“Eu confio, sim, em você”, disse Sophie, com as lágrimas correndo. “Você é a única pessoa que sabe quem eu sou.”

“Então, me beije, Sophie, e não rompa o beijo”, alertou a mãe de Sophie. “Se romper o beijo, você perderá sua última chance de amor.”

Agatha mordeu o galho que a amordaçava com mais força, tentando arrebentá-lo.

Sophie deu um passo na direção do fantasma da mãe, com o coração disparado.

Agatha sentiu o galho partir.

“Beije-me agora, Sophie”, disse sua mãe. “Antes que seja tarde demais.”

Agatha cuspiu a mordaça. “SOPHIE, NÃO FAÇA ISSO!”, ela berrou.

Porém, sob o luar fraco, Sophie pressionou os lábios nos lábios da mãe, e o rosto de Sophie foi abrandando, reluzindo com a fé de que a felicidade estava chegando... de que esse, seu primeiro beijo, finalmente lhe traria o final que ela merecia...

Mas o beijo foi ficando frio, mais frio, e Sophie viu o fantasma da mãe

murchar e apodrecer, como se estivesse ficando com mil anos, a pele descamar como a de um girino, o crânio manchar. Alarmada, Sophie quis romper o beijo, mas lembrou-se do aviso da mãe, e manteve os lábios no gelado, rezando para que o amor nunca a deixasse, um amor mais profundo que o de um príncipe, ou o de uma amiga. Lentamente, a pele começou a firmar-se sobre o mármore branco, enquanto o rosto foi perdendo seu brilho fantasma, e foi ficando mais jovem, e rejuvenesceu até que Sophie deu um salto com o reconhecimento, e cambaleou para trás, vendo os lábios reais de um menino se afastarem dos seus.

Com pés descalços e pele branca de marfim pisando no chão no gramado azulado escuro pinicando entre seus dedos, o Diretor da Escola ergueu a cabeça sem máscara. Ele vestia seu robe azul e tinha o rosto bem talhado e jovem, assombrosamente claro, e os cabelos de um branco chocante e espesso.

Agatha e Tedros tremeram, sem ar, junto à árvore, encontrando a mão um do outro por baixo das amarras.

Sophie ergueu os olhos para o Diretor da Escola, que havia sido trazido de volta à vida, mais bonito que qualquer menino que ela já tinha conhecido. “Você... você fez tudo isso...?”

“Por você”, sussurrou o Diretor da Escola. Ele tocou seu rosto com os dedos longos e glaciais. “Eu lhe disse, Sophie. Você sempre será minha.”

“Você não o quer!”, Agatha gritou da árvore. “Ele é do Mal, Sophie! Puro Mal! Você ainda pode retirar o pedido! Ainda não é o FIM!”

Sophie finalmente olhou para ela, com as lágrimas caindo. Quando seu olhar cruzou com os olhos amedrontados de Agatha, refletindo uma vilã venenosa, o momento subitamente era real. Sophie balançou a cabeça, de coração partido. Agatha estava certa... Ela tinha que impedir isso, tinha que retirar essa promessa do Mal, tinha que pegar tudo isso de volta...

Mas, então, Sophie viu a pequena mão da amiga na mão forte e morna de um príncipe. E ela soube que não havia mais Agatha.

Conforme o Diretor da Escola puxou-a para mais perto, para dentro de seus braços firmes e gélidos, Sophie não se moveu.

Agatha empalideceu de surpresa.

“E quanto a mim?”, disse uma voz.

O Diretor da Escola virou-se para Evelyn, corando ansiosamente. “Trouxe seu verdadeiro amor de volta”, disse ela, orgulhosamente. “Exatamente conforme o seu pedido, Mestre.”

“Realmente. Sem dúvida, seu irmão previu que você seria útil para esse propósito.” O Diretor da Escola sorriu com seus olhos azuis gélidos, cruzando

com os dela. “Garantindo que meu verdadeiro amor regressasse, *sã e salva.*”

Evelyn orgulhosamente retribuiu o sorriso dele. Mas, então, seu rosto começou a mudar... à medida que os olhos do Diretor da Escola foram ficando vermelhos, queimando profundamente na direção dos seus, Evelyn pôs a mão no coração, como se ele tivesse parado de bater, dando um último arquejo, sem ar.

“E agora esse propósito foi realizado”, disse o Diretor da Escola, segurando Sophie com mais força.

Evelyn caiu no chão, estilhaçando-se em mil borboletas vermelhas. O enxame que prendia o Storian tremeu e mergulhou também, derrubando a caneta nas mãos do Diretor da Escola, que aguardavam prontas.

Ele ergueu os olhos para Agatha e para Tedros, que estavam amarrados juntos a uma árvore.

“Agora, onde estávamos?”

Ele soltou o Storian, vendo a caneta dar piruetas até o livro de história suspenso no ar, e apagar as últimas palavras abortadas, embaixo do beijo de Agatha e Tedros. Instantaneamente, ele elaborou uma nova página, preenchendo com uma pintura do beijo de Sophie e do Diretor da Escola, e reescrevendo a palavra que antes estava em negrito, e havia sido apagada...

FI...

“Sophie, *não*!”, rugiu Agatha.

O Storian entalhou a letra final e inequívoca, e o livro de história foi fechado, caindo delicadamente na grama, quase sem fazer barulho.

Agatha lentamente ergueu os olhos e viu o Diretor da Escola olhando-a de esguelha, com o braço em volta da cintura de Sophie.

“Um...”, ele sorriu.

As duas escolas acima da Floresta apodreceram subitamente em tom enegrecido, indistinguíveis uma da outra, ambas mais escuras, e mais assustadoras que o Mal da antiga...

“Dois...”

O vão da Ponte do Meio do Caminho instantaneamente foi consertado, e os meninos e meninas avançaram uns nos outros, de armas em punho, acelerando rumo à guerra...

O Diretor da Escola sorriu para Agatha. “Três.”

Agatha instantaneamente começou a apagar, prestes a desaparecer.

“*Espere*!”, Tedros gritou em sua mordaça.

“Ele está me mandando para casa!”, Agatha gritou para seu príncipe, com o corpo sumindo mais depressa. “O beijo de Sophie! Ele está me mandando de

volta para casa...” Ela girou para Sophie, ouvindo as badaladas do relógio da cidade se aproximarem, chegando cada vez mais perto... “Sophie, me ajude a ficar! Pegue minha mão e me ajude a ficar!”

Mas Sophie permaneceu ao lado do Diretor da Escola, com os olhos cheios de dor e tristeza.

“Ele me escolheu, Agatha”, disse ela, baixinho. “E você, não.”

Agatha gritou de pavor, com o corpo quase translúcido...

“Eu acredito que devo, sim, um favor à sua querida amiga”, o Diretor da Escola sorriu, soltando Sophie. “Afinal, Agatha levou o *meu* verdadeiro amor um dia.”

O Diretor da Escola pegou a espada de Tedros no chão. Aterrorizado, Tedros se debateu nas amarras.

Agatha engasgou, em choque.

“Muito apropriado”, disse o Diretor da Escola, entretido, inspecionando a Excalibur. “Morrer pela espada de seu pai.” Ele ergueu-a no alto, acima do príncipe, e o apunhalou, com os olhos faiscando em vermelho.

“NÃO!”, Agatha gritou, estilhaçando na luz.

Conforme a lâmina rasgou a camisa de Tedros, Agatha pegou a mão de seu príncipe e o puxou, e a espada cortou o ar, deixando Tedros a salvo nos seus braços.

Desaparecendo e indo para casa com seu príncipe perplexo, Agatha viu o Diretor da Escola escarnecendo-a, agarrando Sophie com suas mãos frias, para depois flutuarem, seguindo em direção à sua torre, no céu. Sophie e Agatha se olharam pela última vez, mas nenhuma das duas gritou pela outra.

As duas, que um dia compartilharam um amor verdadeiro, agora se separavam como estranhas, cada uma nos braços de um rapaz, o Bem com o Bem, o Mal com o Mal...

Ambas com seus pedidos concedidos.

Copyright © 2014 Soman Chainani (texto)
Copyright © 2014 Iacopo Bruno (ilustração)
Copyright © 2015 Editora Gutenberg
Esta edição foi publicada de acordo com a HarperCollin's Children's Books,
uma divisão da HarperCollin's Publishers.

Título original: The School for Good and Evil # 2: A World Without Princes

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PUBLISHER
Alessandra J. Gelman Ruiz
EDITORA Silvia Tocci Masini
ASSISTENTES EDITORIAIS
Carol Christo
Felipe Castilho
REVISÃO
Patrícia Sotello

CAPA
Carol Oliveira
ILUSTRAÇÃO
Iacopo Bruno
DIAGRAMAÇÃO
Christiane Morais
Andresa Vidal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Chainani, Soman
A Escola do Bem e do Mal 2 : um mundo sem príncipes / Soman Chainani ; tradução de Alice Klesck ; ilustrações Iacopo Bruno. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015.
Título original: The School for Good and Evil # 2: A World Without Princes.
ISBN 978-85-8235-296-0
1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Klesck, Alice. II. Título.
15-05113 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

A GUTENBERG é uma editora do GRUPO AUTÊNTICA

São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034-4468

Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214-5700

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br